



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucimara Alves da Conceição Costa

**REFLEXÕES SOBRE A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NA
LEXICOGRAFIA CORRENTE NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DAS
BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O DICIONÁRIO DE
LEXICOGRAFIA BRASILEIRA**

São José do Rio Preto
2015

Lucimara Alves da Conceição Costa

**REFLEXÕES SOBRE A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NA
LEXICOGRAFIA CORRENTE NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DAS
BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O DICIONÁRIO DE
LEXICOGRAFIA BRASILEIRA**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor (a) em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração - Linguística Aplicada do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto/Brasil, em cotutela com a Universidad Pompeu Fabra/IULA, Barcelona- Espanha.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Zavaglia
Orientadora (cotutela): Profa. Dra. Maria Teresa Cabré Castellví

São José do Rio Preto

2015

Costa, Lucimara Alves da Conceição.

Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira / Lucimara Alves da Conceição Costa -- São José do Rio Preto; Barcelona, 2015

303 f. : il., tabs.

Orientador: Claudia Zavaglia

Orientador: Maria Teresa Cabré Castellví

Tese (doutorado com dupla titulação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e Universidad Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada

1. Linguística aplicada. 2. Língua portuguesa - Lexicografia. 3. Língua portuguesa - Português escrito - Brasil. 4. Língua portuguesa - Variação. 5. Linguística de corpus.

I. Zavaglia, Claudia. II. Cabré Castellví, Maria Teresa. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

IV. Universidad Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada. V. Título.

CDU – 469.0-13

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Trabalho realizado em parceria de cotutela entre a Universidade Estadual Paulista/IBILCE SJRP/Brasil e a Universidad Pompeu Fabra/IULA -Barcelona/Espanha. Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior – CAPES, bolsa CAPES PROPG, processo no 33004153069P5 e por meio da bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior -PDSE - referente ao processo no 3366/13-8.

Lucimara Alves da Conceição Costa

**REFLEXÕES SOBRE A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NA
LEXICOGRAFIA CORRENTE NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DAS
BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O DICIONÁRIO DE
LEXICOGRAFIA BRASILEIRA**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor (a) em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração - Linguística Aplicada do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto/Brasil, em cotutela com a Universidad Pompeu Fabra/IULA, Barcelona- Espanha.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. **Claudia Zavaglia**

UNESP- São José do Rio Preto (orientadora)

Profa. Dra. **Maria Teresa Cabré Castellví**

Universitat Pompeu Fabra - UPF

Profa. Dra. **Maria da Graça Krieger**

Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS

Profa. Dra. **Paula Tavares Pinto**

UNESP- São José do Rio Preto

Profa. Dra. **Maria Cristina Parreira da Silva**

UNESP- São José do Rio Preto

*“À minha família: minha luz, alicerce e porto seguro!”
"Ao meu irmão Leonardo Alves da Costa (in memoriam)"*

Agradecimentos

O agradecimento é uma forma de reconhecer e valorizar quem lhe estendeu a mão em algum momento de sua vida e tornou sua caminhada mais fácil.

É ter humildade para saber que muitos contribuíram para que seus sonhos e objetivos se tornassem reais. Eu, particularmente, tenho muito a agradecer.

Agradeço:

A Deus pelo dom da vida e por me conceder força e serenidade para concluir mais um projeto;

À minha família pelo apoio recebido, pela confiança e amor incondicional;

À minha orientadora Claudia Zavaglia pela orientação firme e constante; pela ajuda nos momentos difíceis; pelo apoio e defesa nos momentos de necessidade; pelas oportunidades concedidas e por ser uma parte fundamental na minha trajetória profissional e pessoal;

À minha orientadora e tutora no exterior M. Teresa Cabré por dar-me a oportunidade de conhecer esse grande exemplo de profissional e mulher. Pela orientação firme e constante, pela acolhida e carinho durante todo o meu estágio, pelas longas horas de conversas, pela força nos momentos difíceis e por me ensinar a crescer com humildade e respeito a mim mesma e ao próximo;

À CAPES pela concessão das minhas bolsas, no Brasil e no exterior;

Aos meus amigos e companheiros de jornada, pelos longos e infinitos desabafos, pelas risadas fáceis e por todos os momentos compartilhados durante esses quatro anos;

Às minhas amigas e companheiras durante o estágio no exterior, pela acolhida e força durante o período em que estive no IULA, pela ajuda e conselhos profissionais e pessoais, pelas conversas e momentos agradáveis e por me apresentarem um pouco dessa grande riqueza cultural;

Aos diretores, coordenadores e funcionários administrativos do IBILCE e do IULA por se empenharem e tornarem possível essa parceria de cotutela;

Aos professores que fizeram parte de minha trajetória, desde as disciplinas cursadas até a avaliação e correção da tese.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente, tornaram possível a realização desse “sonho”, meu muito obrigada!!

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o fenômeno da variação terminológica em uso na Lexicografia no Brasil. Tendo como base os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), entendemos que os termos, como unidades inseridas em um contexto e discurso especializado, são mutáveis e passíveis de variação, tanto na denominação (variação denominativa), quanto no conceito (variação conceitual). Entretanto, neste trabalho, detemo-nos apenas na variação denominativa sem e com consequências cognitivas. Para análise dos dados, elaboramos um corpus especializado constituído de 300 textos de tipologia variada do domínio da Lexicografia, escritos em português do Brasil. Por meio da utilização dos programas computacionais Wordsmith Tools e Terminus, foi-nos possível extrair os candidatos a termos do corpus, selecionar os contextos definitórios apresentados dos mesmos e analisar como se verificava o fenômeno da variação. Por fim, organizamos e apresentamos as informações obtidas na proposta do Dicionário de Lexicografia Brasileira – DLB -, que tem como objetivo apresentar uma organização macro e microestrutural que possa auxiliar as atividades de compreensão, produção e comunicação de um público-alvo direcionado a estudantes e especialistas dessa área de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia brasileira, Terminologia, variação terminológica, variação denominativa, dicionário de Lexicografia Brasileira.

ABSTRACT

This research aims at reflecting on the phenomenon of terminological variation in use in Lexicography, in Brazil. Relying on the premise of the Communicative Theory of Terminology (CTT), we understand that the terms, as units inserted in a specialized context and discourse, are mutable and prone to variation, both in terms of denomination (denominative variation), and concept (conceptual variation). However, our study focuses only on the denominative variation with and without cognitive consequences. In order to analyze the data, we have built a specialized corpus constituted of 300 texts, with varying typology in the domain of Lexicography, written in Brazilian Portuguese. By resorting to computational softwares such as Wordsmith Tools and Terminus, it was feasible to retrieve eligible terms in our corpus, and select their defining contexts and analyze how the phenomenon of variation unfolds. Lastly, we organized and showed the obtained information as a proposal for a Dictionary of Brazilian Lexicography – DBL -, which aims at showing a macro and microstructural organization as a resource for comprehension, production and communication activities of a target audience made up of students and experts in this field of study.

KEYWORDS: *Brazilian Lexicography, Terminology, Terminological Variation, Denominative Variation, Dictionary of Brazilian Lexicography.*

RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo reflexionar acerca del fenómeno de la variación terminológica en uso en la Lexicografía de Brasil. Basándonos en los postulados de la Teoría Comunicativa de la Terminología (TCT), entendemos que los términos, unidades insertadas en un contexto y discurso especializado, son cambiables y susceptibles a la variación, tanto en la denominación (la variación denominativa), como en el concepto (la variación conceptual). No obstante, en ese estudio nos detendremos únicamente en la variación denominativa sin y con consecuencias cognitivas. Para análisis de los datos elaboramos un corpus técnico compuesto por 300 textos de tipología variada del dominio de la Lexicografía, escritas en portugués de Brasil. A través de la utilización de los programas computacionales WordSmith Tools y Terminus, ha sido posible extraer los candidatos a términos del corpus, seleccionar los contextos definitorios presentados y analizar cómo se verificaba el fenómeno de la variación. Por fin, hemos organizado y hemos presentado las informaciones obtenidas en la propuesta de Diccionario de Lexicografía Brasileña - DLB-, que plantea presentar una organización macro y micro estructural que auxilie en las actividades de comprensión, producción y comunicación direccionado a un público de estudiantes y expertos en esa área de estudio.

PALABRAS CLAVE: *Lexicografía brasileña, Terminología, Variación Terminológica, Variación Denominativa, Diccionario de Lexicografía Brasileña.*

Lista figuras, quadros e anexos

Figura 1. Léxico lematizado nos dicionários – Wooldridge (1977).....	73
Figura 2. Léxico lematizado no DLB (adaptado de Wooldridge 1977, p. 83).....	74
Figura 3. Mapa conceitual- DLB.....	78
Figura 4: Organização do Córpus de acordo com o programa Terminus.....	108
Figura 5: Organização do Córpus de acordo com o programa Wordsmith Tools.....	109
Figura 6: Nomenclatura provisória 1- termos mais frequentes do córpus.....	118
Figura 7: Nomenclatura provisória 2- termos mais frequentes do córpus.....	119
Fugura 8: nomenclatura provisória 3- termos-núcleo do córpus.....	120
Figura 9: Nomenclatura provisória 4- termos selecionados por frequência.....	120
Figura 10: Nomenclatura provisória 5- termos seleccionados por padrão sintático- substantivos+adjetivos).....	121
Figura 11: Nomenclatura definitiva do Dicionário de Lexicografia Brasileira- DLB).....	122
Figura 12: Microestrutura abstrata- Ficha terminológica- Terminus.....	130

Quadros

Quadro 1: Características do DLB.....	70
Quadro 2: Critérios para traçar o perfil de usuário de um dicionário- Bergenholtz e Tarp (2010).....	193
Quadro 3: Critérios para traçar o perfil de usuário do DLB.....	194
Quadro 4: Perfil do usuário do DLB.....	195
Quadro 5: Necessidades ou funções que devem ser supridas pelo DLB.....	196

Anexos

Córpus DLB.....	294
-----------------	-----

Lista de tabelas

Tabela 1: Peculiaridades da microestrutura do dicionário terminológico e do dicionário geral.....	87
Tabela 2: Comparação entre Lexicografia e Terminologia/Terminografia – Bergenholtz e Tarp (1997).....	92
Tabela 3: Paralelo entre Lexicografia e Terminologia.....	92
Tabela 4: Diferenças e semelhanças entre Lexicografia e Terminologia- Alberts.....	94
Tabela 5: Comparação entre Lexicografia e Terminologia – Drame (2006).....	95
Tabela 6: Classificação do córpis segundo sua extensão(adaptado de Berber Sardinha, 2000, p 185).....	107
Tabela 7: Classificação do córpis_DLB.....	112
Tabela 8: Autores presentes no córpis.....	114
Tabela 9: Nomenclatura do DLB organizada considerando a relação entre as variantes denominativas.....	123
Tabela 10 Relações entre realidade, objeto, conceito e termo – Cabré (2008, p. 24).....	135
Tabela 11: Tipologia das variações terminológicas denominativas.....	136
Tabela 12: Causas da variação denominativa- Freixa (2002).....	138
Tabela 13: Fatores que originam a variação denominativa.....	138
Tabela 14: Critérios para classificação dos termos de acordo com suas tipologias.....	143
Tabela 15: Contextos definitórios artigo lexicográfico e verbete.....	145
Tabela 16: Contextos definitórios – dicionário especializado e dicionário terminológico	147
Tabela 17: Contextos definitórios - marca de uso e marca lexicográfica.....	148
Tabela 18: Contextos definitórios - rótulo e rubrica.....	149
Tabela 19: Relação conceitual entre as unidades artigo lexicográfico e verbete.....	150
Tabela 20: Relação conceitual entre as unidades dicionário especializado e dicionário terminológico	150
Tabela 21: Relação conceitual entre as unidades marca de uso, marca lexicográfica, rótulo e rubrica.....	150
Tabela 22: Contextos definitórios - entrada e palavra-entrada.....	152
Tabela 23: Contextos definitórios - lema e signo-lemma.....	152
Tabela 24: Relação conceitual entre as unidades entrada, palavra-entrada, lema e signo-lemma.....	154

Tabela 25: Contextos definitórios - definição circular e circularidade.....	156
Tabela 26: Relação conceitual entre as unidades definição circular e circularidade.....	158
Tabela 27: Contextos definitórios - dicionário geral e dicionário padrão.....	159
Tabela 28: Contextos definitórios - dicionário de língua e dicionário semasiológico.....	160
Tabela 29: Semelhanças e diferenças entre as UTs dicionário geral, dicionário padrão, dicionário de língua e dicionário semasiológico.....	161
Tabela 30: Relação conceitual entre as unidades dicionário de língua e dicionário geral.....	163
Tabela 31: Relação conceitual entre as unidades dicionário de língua e dicionário semasiológico.....	163
Tabela 32: Relação conceitual entre as unidades dicionário geral e dicionário padrão.....	163
Tabela 33: Relação conceitual entre as unidades dicionário padrão e dicionário semasiológico.....	164
Tabela 34: Contextos definitórios - Lexicografia Pedagógica e Lexicografia Didática.....	164
Tabela 35: relação conceitual entre as unidades Lexicografia Pedagógica e Lexicografia Didática.....	166
Tabela 36: Contextos definitórios - lexicógrafo e dicionarista.....	167
Tabela 37: Relação conceitual entre as unidades lexicógrafo e dicionarista.....	169
Tabela 38: contextos definitórios - Lexicografia Especializada e Terminografia.....	170
Tabela 39: relação conceitual entre as unidades Lexicografia Especializada e Terminografia	172
Tabela 40: Contextos definitórios - macroestrutura e nomenclatura.....	173
Tabela 41: Relação conceitual entre as unidades macroestrutura e nomenclatura.....	175
Tabela 42: Contextos definitórios - dicionário bilíngue e dicionário bidirecional.....	178
Tabela 43: Contextos definitórios - dicionário bifuncional e dicionário bifocal.....	178
Tabela 44: Relação conceitual entre as unidades dicionário bilíngue e dicionário bidirecional.....	181
Tabela 45: Relação conceitual entre as unidades dicionário bifuncional e dicionário bifocal.....	181
Tabela 46: Contextos definitórios – cabeça do verbete.....	183
Tabela 47: Contextos definitórios – comentário de forma.....	184
Tabela 48: Contextos definitórios – front matter.....	185
Tabela 49: Contextos definitórios – middle matter.....	185
Tabela 50: Contextos definitórios – back matter.....	186

Tabela 51: Contextos definitórios – Lexicografia.....	187
Tabela 52: Contextos definitórios – Terminologia.....	188
Tabela 53: Contextos definitórios – léxico.....	189

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I –FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
1. 1. Lexicografia, Terminologia ou Lexicografia Especializada: em que lugar se insere um dicionário de Lexicografia brasileira?.....	23
1. 1. 1. Lexicografia: origem e transformações no decorrer do tempo.....	25
1.1.1.2. Lexicografia brasileira: breve histórico.....	34
1.2. Terminologia: definição, surgimento e a Teoria Comunicativa da Terminologia - (WÜSTER, 1955).....	40
1.2.1. Críticas à Teoria Geral da Terminologia e justificativas de sua insuficiência.....	50
1.2.2. Teoria Comunicativa da Terminologia- TCT – (CABRÉ, 1999/2005).....	56
1.3. O dicionário como produto lexicográfico e terminológico.....	59
1.3.1. Língua comum e língua de especialidade.....	59
1.3.2. Dicionário: definição, função e estrutura.....	63
1.3.2.1. Estrutura e componentes de um dicionário.....	71
1.3.2.1. 1. Macroestrutura.....	71
1.3.2.1.2. Microestrutura.....	80
1.3.2.1.3. Organização dos verbetes.....	81
1.3.3. Peculiaridades entre a microestrutura do dicionário geral e a microestrutura do dicionário especializado.....	84
1.4. Terminologia <i>versus</i> Lexicografia: diferenças e similaridades.....	89
1.4.1. Terminografia <i>versus</i> Lexicografia Especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados.....	96
CAPÍTULO II- METODOLOGIA DA PESQUISA	102
2.1. Critérios de seleção dos textos e constituição do <i>cópus</i>	102
2.1.1. Descrição, classificação e catalogação do <i>cópus</i>	107
2.2. O sub <i>cópus</i> : constituição do <i>cópus</i> de variação.....	117
2.3. Processo de extração dos termos e seleção da nomenclatura do DLB.....	117
2.3.1. Extração dos termos utilizando o programa Wordsmith Tools.....	119
2.3.2. Extração dos termos utilizando o programa Terminus.....	119
2.4. Criação da macroestrutura e organização microestrutural dos verbetes.....	130

CAPÍTULO III- ANÁLISE DOS DADOS: A VARIABILIDADE NA TERMINOLOGIA LEXICOGRÁFICA BRASILEIRA.....	132
3.1. Variação terminológica.....	132
3.1.1. Variação denominativa.....	136
3.1.1.2. Variação denominativa sem consequências cognitivas.....	139
3.1.1.3. Variação denominativa com consequências cognitivas.....	140
3.1.1.4. Tipos de variações terminológicas denominativas encontradas no córp ^u s e seus critérios de análise.....	142
3.2. Análise dos dados: variação denominativa sem consequências cognitivas e suas possíveis causas.....	143
3.3. Variação denominativa com consequências cognitivas e suas possíveis causas	154
3.3.1. Variação denominativa de acordo com as definições.....	155
3.3.1.2. Variação denominativa de acordo com o que expressam literalmente as denominações.....	177
3.4. Outros exemplos de variação denominativa encontrados no córp ^u s: por escolas ou tendências lexicográficas e casos polissêmicos.....	182
CAPÍTULO IV - O DESAFIO LEXICOGRÁFICO: ORGANIZAÇÃO DO MODELO DOS PARADIGMAS INFORMACIONAIS DO DICIONÁRIO DE LEXICOGRAFIA BRASILEIRA.....	191
4.1. Perfil hipotético do consulente do DLB.....	191
4.2. Elementos que irão compor a microestrutura do DLB.....	197
4.3. O modelo do banco de dados do DLB.....	199
4.3.1. Banco de dados_DLB.....	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	273
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	279
ANEXOS.....	294

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa ou trabalho científico surge por meio de inquietações e questionamentos, muitas vezes pessoais, que nos impulsionam a estudar e buscar formas de esclarecer dúvidas que nos atormentam, e com este projeto não foi diferente. A proposta deste trabalho, a princípio intitulado como “Dicionário de Lexicografia Brasileira: uma proposta para o Português do Brasil”, foi resultado de uma preocupação e uma série de incertezas que consistiam em buscar entender:

1. Por que existe tanta variação de nomenclatura nas unidades lexicais especializadas utilizadas na área da Lexicografia?
2. Por que existem diferentes definições para uma mesma unidade lexical?
3. O que motiva todas essas variações? Existe uma explicação lógica que justifique a escolha de determinados autores em utilizar uma ou outra designação?
4. Os termos tratados muitas vezes como sinônimos, de fato o são?
5. Existe algum dicionário, no Brasil, que possa auxiliar a dirimir as dúvidas e, dessa forma, auxiliar na compreensão e no trabalho de estudantes e profissionais da área da Lexicografia?
6. Caso não exista, como deveria ser essa obra? É possível criá-la? Por que ainda não existe esse tipo de obra no Brasil?
7. Como deveria ser uma obra adequada para atender a esse objetivo?
8. Se nos propusermos a criar tal obra, como deveria ser nosso dicionário? Seria ele de fato adequado?

Esses questionamentos foram a mola propulsora que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que, o que “nasceu” como uma necessidade pessoal, tornou-se um desafio e objetivo principal da pesquisa, ou seja, refletir sobre a variação da terminologia lexicográfica corrente no Brasil e propor a criação de uma obra que pudesse dirimir as

dúvidas de estudantes e pesquisadores da área da Lexicografia, a respeito das denominações e definições das unidades lexicais especializadas utilizadas nesse âmbito. Nesse sentido, nesta tese, propusemo-nos a apresentar o banco de dados elaborado e os paradigmas informacionais selecionados que poderão ser utilizados na construção do *Dicionário de Lexicografia Brasileira*, doravante DLB.

Ao propormos tal projeto, tivemos em mente as inúmeras transformações pelas quais passaram as pesquisas lexicográficas e terminológicas nos últimos anos. De fato, essas mudanças influenciaram, enormemente, na concepção dessas ciências, a saber, a Lexicografia e a Terminologia.

Por um lado temos a Lexicografia, que a exemplo do que apontam autores como Porto Dapena (2002) e Borba (2003), poderia ser considerada a parte aplicada da Lexicologia, equivalendo a uma técnica, prática ou mesmo arte na produção de dicionários. Uma tarefa laboral, mas sem grande preocupação ou reflexão teórica.

Nessa mesma linha de raciocínio, teríamos a Terminografia como parte aplicada da Terminologia e, dessa forma, a Lexicologia seria o embasamento teórico da Lexicografia, ao passo que a Terminologia seria responsável pelos pressupostos teóricos da Terminografia.

Entretanto, em nossa concepção, esse paralelismo não se sustenta, uma vez que consideramos a Lexicologia e Lexicografia como ciências independentes, de modo que trabalhos e produtos lexicológicos não precisam ser necessariamente lexicográficos e vice-versa. Por outro lado, não entendemos que essa separação seja tão clara em relação à Terminologia e à Terminografia, dado o fato de que seus processos e produtos estão sempre interrelacionados.

Por outro lado, temos a Terminologia, ou seja, uma disciplina ou área de conhecimento interdisciplinar que foi criada, de acordo com a concepção de Wüster, para ser

uma “ciência” independente das ciências da linguagem, cujo escopo era uniformizar e padronizar a linguagem especializada.

Segundo a Teoria Geral da Terminologia – TGT,¹ os termos deveriam ser relacionados biunivocamente, quer dizer, um único termo só corresponderia a uma única denominação e vice-versa.

Entretanto, graças ao avanço da forma de se entender e conceber a Terminologia, em especial à vertente moderna, a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT,² idealizada por Cabré, em 1999, os termos passaram a ser considerados e estudados em toda a sua riqueza e complexidade e, dessa forma, passaram a ser entendidos como unidades dinâmicas e passíveis de mudança e evolução, inseridas em um contexto de discurso especializado.

Com isso, a Terminologia passou a ser examinada considerando aspectos cognitivos, comunicativos e sociais, o que ocasionou a compreensão de que a diversidade e a variação dos termos podem e devem ser aceitas e estudadas nas pesquisas terminológicas.

Por muito tempo, cultivou-se na mente de alguns estudiosos, permanecendo e perpetuando-se e nas universidades e pesquisas científicas, o fato de que Lexicografia e Terminologia eram ciências díspares, sem nenhum ponto em comum, o que justificaria o fato de que ambas deveriam se entendidas e estudadas completamente afastadas umas das outras.

Partindo dessas premissas, pesquisas como a que propomos, seriam totalmente impossíveis, já que pretendemos oferecer um entremeio entre Terminologia e Lexicografia, uma vez que nos pautamos nos pressupostos teóricos das duas ciências, para o desenvolvimento do trabalho.

Entendemos que Terminologia e Lexicografia são ciências complementares e que um trabalho, confluindo essas duas áreas de estudo, melhoraria em muito a qualidade dos dicionários gerais e especializados. Acreditamos que a diferença fundamental entre a

¹ Doravante utilizaremos a sigla TGT para nos referirmos a Teoria Geral da Terminologia.

² Doravante utilizaremos a sigla TCT para nos referirmos a Teoria Comunicativa da Terminologia.

Lexicografia e a Terminologia consista no tratamento dado ao léxico utilizado por cada uma delas, ou seja, enquanto a Lexicografia repertoria, estuda e analisa o léxico geral de uma língua natural, a Terminologia recolhe, reflete e examina apenas uma parte desse léxico, ou seja, aquele empregado em determinado âmbito ou domínio da linguagem, sendo, portanto, especializado.

Com efeito, a exemplo de Cabré (1993, 1999, 2005), concebemos a linguagem especializada como sendo um subconjunto da língua natural, que adquire o status de especializado de acordo com o contexto no qual se encontra inserido. Desse modo, por extensão, podemos inferir que a Lexicografia e a Terminologia não são ciências tão díspares, visto utilizarem-se do mesmo material para sua pesquisa, a saber: o léxico de uma língua natural.

Nosso trabalho pode ser classificado como uma pesquisa terminológica, uma vez que trabalhamos com unidades lexicais terminológicas ou termos³ e temos como produto um dicionário especializado, mas também pode ser considerado como uma pesquisa lexicográfica, já que utilizamos fundamentos e procedimentos metodológicos da Lexicografia, na estruturação e organização da macro e microestrutura, para a elaboração do DLB.

Sendo assim, acreditamos que, muito mais importante que classificações e divisões denominativas e estruturais que se têm feito entre Lexicografia e Terminologia, esteja a melhoria na qualidade dos trabalhos que poderiam ser desenvolvidos a partir da união das duas ciências. E é justamente isso o que procuramos demonstrar nesta pesquisa.

No desenvolvimento deste projeto muitas outras questões e pormenores foram surgindo, pois, mesmo existindo um consenso por grande parte dos autores e estudiosos dessa área a respeito da necessidade da criação de uma obra lexicográfica com tal finalidade, projetar e executar tal empreendimento não consistiu em uma tarefa fácil, afinal de contas não

³ Neste trabalho, utilizamos como sinônimos: “unidades lexicais terminológicas - ULT”, “termos” ou “unidades lexicais especializadas” para nos referirmos às unidades léxicas de nossa pesquisa.

se trata apenas de compilar e fornecer informações e definições apresentadas por diferentes autores.

Trata-se, antes de mais nada, de discutir teorias, buscar motivações, entender posicionamentos e, acima de tudo, propor algo diferente e inovador, respeitando o conhecimento e a contribuição de pessoas com uma gama enorme de conhecimentos e que foram responsáveis por criar e solidificar a tradição lexicográfica em nosso país, como é o caso dos autores que fazem parte de nosso *córpus* de análise.

Para composição do *córpus* selecionamos 300 textos especializados, escritos por autores brasileiros e estrangeiros que se voltam para a produção lexicográfica no Brasil, num recorte temporal de 1980 a 2013. Com base nesses textos, extraímos a nomenclatura do futuro dicionário e recolhemos os contextos definitórios para fundamentar nossa análise e constituir nosso sub*córpus* de variantes e o banco de dados do DLB.

O número de entradas apresentadas no banco de dados é de 50 unidades, selecionadas entre as mais frequentes no *córpus* escolhidas para compor a nomenclatura do dicionário, das quais, analisamos 38 variantes, classificadas em: (i) variantes denominativas sem consequências cognitivas, (ii) variantes denominativas com consequências cognitivas, (iii) variantes influenciadas por tendências ou escolas lexicográficas e casos polissêmicos.

A respeito da variação terminológica, destacamos que, embora a tradição lexicográfica no Brasil não seja muito recente, pode-se constatar que há ainda uma grande variação conceitual e denominativa nos termos utilizados no âmbito da Lexicografia em uso no país. Esse é um dos fatores que provam que mesmo com o grande número de trabalhos já produzidos, há ainda muito a se fazer nesse domínio.

Ao refletir sobre os fatores ou causas da variação, a princípio, consideramos as seguintes hipóteses para justificar a variação terminológica na Lexicografia em uso no Brasil:

1. Acreditamos que a variação ocorra por influência dos autores estrangeiros que se dedicam à Lexicografia no Brasil;

2. Os termos variam de acordo com escola lexicográfica seguida pelo autor que a utiliza;

3. A variação está relacionada ao fator tempo, ou seja, essa mudança pode ser justificada por uma evolução temporal;

4. A variação está relacionada ao aspecto individual (opção do autor), isto é, a motivação é subjetiva, relacionada a um desejo ou necessidade do autor.

Sendo assim, neste trabalho consideramos dois objetivos principais:

1. Analisar e discutir a variabilidade de termos e definições utilizados por autores brasileiros ou estrangeiros que se voltam para a produção lexicográfica brasileira, visando observar e refletir sobre os sentidos atribuídos por eles às unidades selecionadas para compor a macroestrutura de um dicionário de Lexicografia brasileira.

2. Oferecer as bases informacionais ou banco de dados, ordenada alfabeticamente, visando refletir sobre o fenômeno da variação presente na Lexicografia em uso no Brasil, de forma a estabelecer os paradigmas para a construção de um dicionário que possa auxiliar as atividades de compreensão, produção e comunicação de um público-alvo direcionado a estudantes e especialistas dessa área de estudo. Arrumar se tem a bolinha ou não

Tendo como base o exposto, para melhor compreensão do desenvolvimento deste trabalho, apresentamos, a seguir, a organização e estruturação dos capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica na qual nos embasamos, a saber: (i) os fundamentos da Lexicografia, com um recorte voltado para a Lexicografia brasileira; (ii) os pressupostos da Teoria Geral da Terminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia; (iii) o dicionário como fruto de um trabalho lexicográfico e terminológico e

(iv) a relação entre Lexicografia e Terminologia e Lexicografia Especializada e Terminografia, para criação de dicionários especializados.

No capítulo 2, descrevemos a metodologia de trabalho utilizada na pesquisa: seleção e a constituição do *cópus*, construção do *sucópus* de variantes, seleção da nomenclatura e a organização da macroestrutura do futuro dicionário.

No terceiro capítulo discutimos sobre a variabilidade terminológica na Lexicografia em uso no Brasil, e procedemos a análise dos dados, isto é, os termos variantes que apresentam variação denominativa com e sem consequências cognitivas e suas possíveis origens e causas e também, apresentamos os variantes influenciados por tendências lexicográficas e os casos polissêmicos.

No capítulo 4, apresentamos a organização do modelo do Dicionário de Lexicografia Brasileira, o perfil dos usuários e a estruturação e organização dos elementos que irão compor a microestrutura do DLB e, por fim, os paradigmas ou bases informacionais do futuro dicionário. Passamos, em seguida, às considerações finais e referências empregadas.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, temos por objetivo: (i) apresentar a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa; (ii) refletir sobre o processo de criação de obras lexicográficas e especializadas e as teorias que orientam esse processo (Terminologia/ Terminografia/ Lexicografia Especializada e Lexicografia) e (iii) discutir as dicotomias Terminologia *versus* Lexicografia e Terminografia *versus* Lexicografia Especializada e seus pontos de intersecção

1.1. Lexicografia, Terminologia ou Lexicografia Especializada: em que lugar se insere um dicionário de Lexicografia brasileira?

Ao refletir sobre o processo de criação de dicionários é necessário antes de tudo discorrer sobre a ciência que dá origem a eles, ou seja, a Lexicografia, quando nos referimos aos dicionários de língua geral e a Terminografia ou Lexicografia Especializada quando nos encontramos no âmbito dos dicionários especializados.

Segundo Borba (2003, p. 15), a Lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: como técnica de montagem de dicionários e como teoria. Concebida como técnica, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, estruturas para verbetes, critérios para remissões, para registros de variantes, entre outras coisas. Quando vista como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para descrever e apresentar as informações pertinentes.

Para Casares (1950), a Lexicografia nada mais é que uma aplicação da

Lexicologia, nesse caso, o lexicógrafo pode ser concebido como um técnico que, sem deixar de se embasar nos pressupostos da Lexicologia, tem como meta compilar o repertório léxico de uma língua. Segundo o autor, essa concepção pode ser explicada observando a origem dos sufixos *-logia* e *-grafia*:

Vemos que as terminações *-logia* e *-grafia* definem claramente uma diferença de grau entre essas duas atividades conexas. *Logos*, em grego, é “a palavra” “o discurso”, “a revelação divina”, “o verbo”..., conceitos todos da mais elevada hierarquia, e por isso as palavras que terminam em *-logia* se acomodam a nomear uma ciência, um tratado, uma especulação ou um estudo concebido com os maiores voos e a forma mais ampla e ambiciosa. *Grafos*, por outro lado, designa propriamente uma atividade prática, uma operação material... e ainda que por tradução tenhamos passado de escrever a descrever, acrescentando uma matriz intelectual ao sentido de *grafo*, nunca nos esquecemos por completo de sua modesta condição⁴ (CASARES, 1950, p. 11)

Entretanto, em nosso trabalho, baseadas nos pressupostos de Zavaglia (2009), concebemos a Lexicografia não como uma prática, arte ou técnica, mas sim como ciência e, como tal, possui uma teoria que lhe serve de fundamento (a Teoria da Lexicografia), uma metodologia e um produto ou resultado final (o dicionário).

Concebida como técnica, conforme aponta Borba, ou como ciência, como preferimos adotar em nossa pesquisa, a Lexicografia tem, quase sempre, como produto final o dicionário que, segundo Hartmann (1983, p. 03-04), pode ser definido como um “livro de referência ou lista de palavras (normalmente em ordem alfabética), que traz

⁴ *Vemos que las terminaciones -logia y -grafia definen claramente una diferencia de grado entre esas dos actividades conexas. Logos, en griego, es “la palabra” “el discurso”, “la revelación divina”, “el verbo”..., conceptos todos de la más elevada jerarquía, y por ello las voces que terminan en -logia se acomodan especialmente a nombrar una ciencia, un tratado, una especulación o un estudio concebidos con los mayores vuelos y en la forma más amplia y ambiciosa. Grafos, en cambio, designa propiamente una actividad práctica, una operación material ... y aunque por traslación hemos pasado de escribir a describir, añadiendo un matriz intelectual al sentido de grafo, nunca nos olvidamos por completo de su modesta condición.*

consigo informações sobre estas unidades léxicas, tais como: significado, pronúncia e, em alguns casos, equivalentes em outras línguas”.

Para nós, muito mais que um simples livro de consulta e instrumento linguístico utilizado para resolver as dúvidas pontuais e específicas de seus consulentes, o dicionário é, acima de tudo, um instrumento social, pois descreve o léxico de uma língua e ao mesmo tempo, transmite as convicções, crenças e ideologias de um povo, por meio da seleção do léxico registrado.

Quanto aos dicionários especializados, cuja característica é apresentar e descrever unidades terminológicas de determinado âmbito de especialidade, podemos dizer que são produtos da Terminografia ou Lexicografia Especializada. Embora essa concepção não seja partilhada por outros estudiosos, como discutiremos melhor posteriormente, há consenso entre lexicógrafos e terminógrafos de que o dicionário, independentemente de sua tipologia, deve estar adequado aos propósitos para os quais foram criados e preparados para atender às necessidades do público a que se destina.

No caso de nossa pesquisa, cujo tipo de obra focalizada é um dicionário especializado das unidades lexicais utilizadas na área da Lexicografia, consideramos que, dado o fato de que uma mesma unidade lexicográfica possui uma grande variância de definições, de acordo com diferentes autores, torna-se particularmente difícil compreender as causas e justificativas dessa variação e como podemos explicá-la.

1.1.1 Lexicografia: origem e transformações no decorrer do tempo

Falar em Lexicografia remete-nos, primeiramente, ao conceito mental de uma ciência ou prática que tem por produto final a elaboração ou confecção de um dicionário. Mas até que ponto essa concepção é válida? Quais os critérios abordados

nessa temática? Que pontos devem ser levados em conta quando pensamos em Lexicografia?

Pensando a esse respeito, acreditamos que o primeiro aspecto a ser considerado quando nos referimos ao termo Lexicografia é a forma como a mesma é concebida, uma vez que, de acordo com diferentes autores essa unidade terminológica essencialmente polissêmica, pode ser vista como uma técnica, uma prática, uma ciência ou mesmo uma arte. Assim, conforme Welker:

Se adotarmos a seguinte definição para ciência: “Corpo de conhecimentos sistematizados que, adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, são formulados metódica e racionalmente”, [...], então a Lexicografia prática não é uma ciência. Ela é uma técnica - e também uma prática - para a qual se precisa de muita ciência (num outro sentido, a saber, “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila, um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário (WELKER, 2011, p. 30).

Nesse sentido, Welker (2006, p. 70) ressalta que se considerarmos a Lexicografia como a ciência, técnica ou prática de fazer dicionários e se essa é a chamada “Lexicografia prática”, há que se considerar a existência de uma “Lexicografia teórica”, também conhecida como “Metalexigrafia”, que por sua vez “[...] abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso do dicionário e o estudo tipológico”.

Assim como Welker, Dapena (2002, p. 20) destaca que alguns autores defendem a existência de dois tipos de Lexicografia: a chamada “Lexicografia prática”, que

corresponde à parte técnica, e outra de caráter teórico, que algumas vezes se confunde em parte com a Lexicologia e em outras, com o estudo do dicionário ou obras lexicográficas já elaboradas, o que Welker denomina “Metalexigrafia”, posição essa, defendida por autores como Krieger e Finatto (2004).

A definição de Lexicografia como arte ou técnica de fazer dicionários é defendida por estudiosos como Josselson (1966), que advoga que a Lexicologia seria uma área mais precisa que consiste no estudo geral dos materiais léxicos ao passo que a Lexicografia se preocuparia com o processo de coleta e organização desses materiais com o objetivo de elaborar dicionários.

Essa concepção é criticada por Haensch (1982), que não considera a Lexicografia como uma simples técnica, e sim como uma subdisciplina da Linguística Aplicada que, por conseguinte, tem suas próprias leis, sendo estas impostas mais pelas necessidades dos usuários e pelas possibilidades e limitações materiais do trabalho prático do que por ideias e correntes da Linguística teórica.

A respeito da concepção de Lexicografia apresentada por diferentes autores no decorrer dos tempos, Bergenholtz e Gouws (2012, p. 32- 34) apontam três posicionamentos principais:

1- O primeiro apresenta a “Lexicografia como a prática da elaboração de dicionários”. Entretanto, como atestam os autores, essa definição é bastante insatisfatória, uma vez que não prevê a fundamentação teórica por trás desse processo e tampouco deixa entrever como esse processo se constrói;

2- O segundo define a Lexicografia como o estudo aplicado do significado, evolução e função das unidades do vocabulário de uma língua com a finalidade de compilação em forma de livro, em suma, o processo de construção do dicionário. De

acordo com Bergenholtz e Gouws (2012), embora essa definição seja melhor que a primeira apresentada, ainda é insuficiente, dado ao fato de que, a exemplo da definição anterior, ignora que há uma fundamentação e aparato teórico que embasa todo o processo de criação do dicionário.

3- Um terceiro posicionamento apresenta a Lexicografia como uma disciplina acadêmica que envolve a elaboração, redação, edição ou dicionários. Sendo assim, a Lexicografia deve ser considerada uma disciplina acadêmica independente, apesar de ser um subcampo da Linguística.

De acordo com essa concepção, como atestam Bergenholtz e Gouws (2012, p. 33) a Lexicografia pode ser dividida em duas partes a saber: o ato de escrever, ou a edição de dicionários, que é conhecida como Lexicografia prática” e a análise ou descrição do vocabulário de uma língua particular, e o significado que liga certas palavras a outras em um dicionário, conhecida como Lexicografia teórica. Essa mesma divisão é apontada por autores, como Borba (2003) e Welker (2004), como já elencamos anteriormente.

A respeito dessa terceira definição, Bergenholtz e Gouws advogam que uma parte positiva desta, é a divisão apresentada entre Lexicografia prática e teórica, entretanto, um aspecto negativo é que a mesma apresenta a Lexicografia como um subcampo da Linguística e não como uma disciplina independente dela.

Nesse sentido, Tarp (2013, p. 110) destaca que, embora seja uma ciência que se utiliza do conhecimento de outros domínios do saber para a construção de seus produtos, a Lexicografia e a Linguística são duas disciplinas independentes, com objetos de estudo diferentes e específicos. De fato, a Linguística tem como objeto de estudo a língua como fenômeno genético, geral e social, já a Lexicografia tem como

objeto o “estudo e desenho dos dicionários e outras obras lexicográficas como glossários, enciclopédias, entre outras” (TARP, 2013, p. 112).

Nessa linha de raciocínio, apresentamos os pressupostos de Haensch (1982) e de Biderman (1984a), para os quais a Lexicografia é a ciência que elabora dicionários e, sendo assim, o lexicógrafo necessita de amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e os pressupostos metodológicos dessa atividade (a teoria da Lexicografia) em que repercutem os conhecimentos de todas as áreas da Linguística e as condições e exigências de trabalho: práticas, tecnológicas e socioeconômicas.

Quanto ao surgimento da Lexicografia e sua institucionalização como ciência, convém reforçar que o processo de produção de dicionários é uma prática antiga, embora seja recente a inclusão da Lexicografia como ciência ou a valorização de sua teoria.

Fernández (2003, p. 33) atesta o fato de que, embora a composição de repertórios léxicos provenha desde as mais antigas sociedades do oriente, a Lexicografia só alcançou o status de disciplina científica na segunda metade do século XX, quando o dicionário passou a ser objeto de estudo e interesse dos linguistas. Essa afirmação é novamente ressaltada por Hwang (2010):

A teoria do dicionário, ou seja, a reflexão sistemática sobre o fazer lexicográfico tem uma história relativamente recente, visto que o interesse objetivo pela atividade lexicográfica começa a surgir em meados do século XX, quando surgem as primeiras reflexões que vão dar lugar à emancipação da ciência lexicográfica. A prática lexicográfica da produção de dicionários é, no entanto, muito anterior à sua consolidação enquanto ciência. Enquanto técnica de produção de dicionários, a Lexicografia é, portanto, bem mais antiga e goza de uma longa tradição (HWANG, 2010, p. 33).

Na verdade, os dicionários sempre fizeram parte da evolução e história da língua pois, embora o cenário considerado o marco do surgimento dos dicionários bilíngues e multilíngues e, conseqüentemente, o início da Lexicografia moderna, se dê no século XVI, há registros de produtos lexicográficos muito anteriores a essa data, conforme atesta Hwang (2010, p. 33), que diz que no Ocidente a história dos dicionários modernos inicia-se já no século XVI.

Béjoint (2000) advoga que mesmo antes da invenção da escrita, em civilizações mais antigas podiam existir dicionários orais, objetos de recitação. Matoré (1968, apud BÉJOINT, 2000) retrata a existência de listas lexicais em culturas mais antigas que a civilização greco-latina.

Estas listas, criadas com o objetivo de facilitar a comunicação e o comércio entre povos de culturas e línguas diferentes, eram bastante simples e não tinham grande preocupação e requinte estético e teórico-metodológico. Com o tempo estas listas foram se aprimorando até dar origem aos primeiros dicionários bilíngues.

Nesse sentido, como aponta Verdelho (1995, p. 137), “a Lexicografia nasceu da consciência das fronteiras linguísticas e da necessidade de estabelecer a comunicação entre idiomas diferentes” e, sendo assim, “todos os dicionários das línguas modernas nasceram bilíngues”, o que justifica o fato de que a Lexicografia seja uma disciplina interlíngue, que se faz em interface com outras áreas do conhecimento como a Lexicologia, a Linguística, a Terminologia, entre outras. (VERDELHO, 1995, p. 137)

De acordo com Biderman (1984a, p. 2), a verdadeira Lexicografia só vai se iniciar nos tempos modernos com a criação dos primeiros dicionários espanhóis: o *Universal Vocabulario* de Alonso de Palencia (1490) e os *vocabulários Latino Español* (1492) e *Español Latino* (1495) de Antônio de Nebrija.

Entretanto, como destacam Biderman (2003) e Hwang (2010), as condições de produção dos registros lexicais das sociedades mais antigas, bem como a produção dos dicionários, popularizou-se na Europa graças ao surgimento da imprensa já nos séculos XVI e XVII, o que possibilitou maior rapidez na reprodução dos livros e dicionários, sendo estes, a princípio, glossários bilíngues latino-vernáculos, para em seguida passarem a ser dicionários bilíngues e só bem depois serem produzidos os dicionários monolíngues.

No decorrer dos últimos anos, inúmeras foram as transformações pelas quais passaram os métodos de trabalho e as teorias da Lexicografia. O avanço e o desenvolvimento da informática, bem como o trabalho com *córpus* deu origem a uma nova Lexicografia e também propiciou uma maior rapidez na criação de obras lexicográficas e na melhoria da qualidade das mesmas. Essa mudança influenciou, inclusive, na compreensão e concepção da Lexicografia como ciência e, por conseguinte, com princípios e teorias próprias e específicas.

A esse respeito, Tarp (2013, p. 113) atesta que, embora para muitos já se reconheça o status da Lexicografia como ciência e que, como tal, possui sua própria teoria, para autores como Landau (2001) e Béjoint (2010) não existe sequer uma teoria da Lexicografia e, sendo assim, a Lexicografia não se constitui uma disciplina, e muito menos uma ciência independente.

Para Landau (2001), a Lexicografia nada mais é que uma arte, um artesanato e, como tal, não tem e nem necessita de uma teoria que a explique. Para esse autor, não existe uma teoria da Lexicografia e tampouco acredita que possa existir, mesmo porque, de acordo com Landau, a Lexicografia não pode ser considerada uma ciência.

Essa mesma posição é defendida por Béjoint (2010). Segundo esse autor, todos os fenômenos naturais necessitam de uma teoria, mas como pode existir uma teoria para a produção de artefatos? Existem teorias de Lexicologia, mas não há uma teoria para a Lexicografia.⁵ (BÉJOINT, 2010, p. 381).

Entretanto, conforme atesta Tarp (2013), para entender o posicionamento dos autores supracitados, bem como para entender os que atestam o caráter independente da Lexicografia e seus status como ciência, assim como para defender a existência de uma teoria da Lexicografia, é necessário, antes de tudo, entender a concepção de teoria por trás de cada posicionamento.

Considerando-se a definição formulada por Buhr & Klaus (1971, p. 155, apud TARP, 2013, p. 114) de que “uma teoria é um conjunto sistematicamente organizado de enunciados sobre uma área da realidade objetiva [...] das estruturas lógicas que refletem o fato de que certas coisas têm propriedades, ou que certas relações existem entre as coisas”, pode-se dizer que, como aponta Tarp (2013), parece claro que a Lexicografia não é uma ciência e nem uma teoria. Assim:

Não resta dúvida que a produção de dicionários não é nem ciência, nem teoria, e sim, uma prática cultural milenar que com toda razão pode se considerar uma arte que, historicamente, como qualquer outra arte se desenvolveu para satisfazer certas necessidades detectadas na sociedade. Entretanto, isto não impede que a arte lexicográfica – tanto as necessidades que a motivam, seus produtos práticos (dicionários e demais obras) e o uso que se faz deles – possa se submeter a observações, estudos empíricos e generalizações teóricas⁶ (TARP, 2103, p. 114).

⁵ *All natural phenomena need a theory, but how can there be a theory of the production of artefacts? There are theories of lexicology, but there is no theory of lexicography.*

⁶ *No cabe duda de que la producción de diccionarios no es ni ciencia ni teoria, sino una práctica cultural milenaria que com toda razón puede considerarse una artesanía que históricamente, como cualquier otra artesanía, se há desarrollado para satisfacer ciertas necesidades detectadas em la sociedad. Sin embargo, esto no excluye que la artesanía lexicográfica – tanto como las necesidades que la motivan, sus productos práticos (diccionarios y demás obras) y el uso que se hace de ellos – pueda someterse a observaciones, estudios empíricos y generalizaciones teóricas.*

Nesse sentido, é perfeitamente possível observar e estudar o processo de produção dos dicionários, bem como formular uma teoria da Lexicografia coerente e aplicável aos objetivos e necessidades desta.

Entre as teorias da Lexicografia já formuladas no decorrer dos anos destacam-se:

- O esboço da Teoria geral da Lexicografia de Scerba (1940);
- A Teoria da descrição lexicográfica da língua de Wiegand (1983);
- A Teoria da Lexicografia bilíngue de Duda et al (1986);
- A Teoria do exemplo lexicográfico de Hausmann (1985) e Zöfgen (1987);
- A Teoria geral da Lexicografia de Wiegand (1998);
- A Teoria funcional da Lexicografia de Bergenholtz e Tarp (2002, 2003);
- A Teoria da forma do dicionário de Wiegand e Morán (2009).

Como pudemos ver, ao contrário do que atestam algumas vertentes teóricas, pode-se atestar a existência de uma teoria lexicográfica e, sendo assim, a Lexicografia pode ser considerada uma ciência com teorias, objetos e metodologia própria.

Para nós, a exemplo do que aponta Zavaglia (2009), a Lexicografia é uma ciência com teoria e etapas metodológicas específicas. Sendo assim, o lexicógrafo necessita de conhecimentos teóricos em relação ao seu objeto de estudo, tais como saber:

descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas; identificar e descrever relações semânticas entre elas e fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais, ou seja, suas relações pragmáticas. Além disso, suas etapas de trabalho devem estar bem delimitadas no processo de feitura de um dicionário, embasadas em critérios científicos desde a identificação da unidade lexical a ser tratada e a forma de sua recolha até a determinação da macro e da microestrutura da sua obra (ZAVAGLIA, 2009, p. 09).

Essas, entre outras atribuições, ressaltam a importância do lexicógrafo no desenvolvimento de qualquer dicionário.

1.1.1.2 Lexicografia brasileira: breve histórico

Se considerarmos a tradição lexicográfica brasileira nos moldes que a conhecemos hoje, diremos que ela é relativamente recente, uma vez que, segundo Krieger et al (2009), o marco da Lexicografia brasileira foi no século XX quando surgiram as primeiras edições de dicionários no país, passando, dessa forma, a registrar formalmente o léxico do português brasileiro. Entretanto, como apontam as autoras, afirmar que a inauguração da Lexicografia se deu apenas no século XX não significa desconsiderar as iniciativas lexicográficas pioneiras que surgiram muito tempo antes.

Nunes (1996) destaca que a produção lexicográfica brasileira deve ser considerada desde as práticas textuais do período da colonização, uma vez que há que se considerar a infinidade de línguas indígenas faladas no Brasil na época do descobrimento, em especial o Tupi, ao mesclar-se à língua dos viajantes colonizadores, deram origem aos neologismos (mais tarde brasileirismos), que solidificaram o português do Brasil. Esses brasileirismos começam a ser incluídos nos dicionários de língua portuguesa, em Portugal, no final do século XIX, dando uma nova fisionomia aos dicionários da época, o que de certa forma poderíamos definir como uma tentativa de dicionarizar o português do Brasil.

Relacionando a produção lexicográfica europeia à brasileira, Nunes (1996, p. 54) ressalta que os textos de base do saber lexicográfico são outros, uma vez que, enquanto a tradição europeia se desenvolve a partir de textos antigos que dão base aos glossários e dicionários bilíngues do latim, no Brasil o mesmo não acontece; as fontes que dão

base a formulações e considerações lexicográficas surgem dos próprios relatos dos moradores da terra, ou seja, a língua indígena vinculada à língua dos colonizadores, que solidificaram e embasaram a lexicografia local.

Nesse sentido, como atesta esse autor, os dicionários monolíngues da língua portuguesa foram resultado do processo de catequização e de instrumentação das línguas indígenas existentes no Brasil no período da colonização. Assim, os primeiros dicionários que surgiram no período colonial (XVI – XVII) foram criados pelos jesuítas.

Desse modo:

A produção monolíngue brasileira se bifurcará em dois ramos. O primeiro, confundindo-se com a tradição portuguesa, inclui os dicionários de língua portuguesa, desde o Moraes e Silva (1789). O segundo engloba os dicionários de brasileirismos, que desde o século XIX servem de “complemento” aos dicionários do português. Acrescente-se a estes dois ramos um terceiro reunindo os diversos dicionários que nesse mesmo século aparecem: de regionalismos, de termos técnicos e científicos, de sinônimos, entre outros (NUNES, 1996, p. 56-57).

De acordo com Biderman (2002, p. 71), Antônio Joaquim Macedo de Soares teria sido o primeiro dicionarista a descrever o vocabulário do português em sua vertente brasileira se sua obra tivesse sido publicada no ano século XIX; contudo, como aponta Nunes (1996, p. 57), os primeiros dicionários brasileiros de língua portuguesa produzidos no Brasil só apareceram por volta de 1930 e 1940 e são os dicionários de Lima e Barroso (1938) e de Freire (1939-1943).

Segundo Krieger et al (2006, p. 176), são consideradas obras inaugurais da Lexicografia brasileira:

- Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - 1ª edição – Civilização Brasileira S.A., 1938, de autoria de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima.

- Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa. Organizado por Laudelino Freire (1939 – 1944);
- Dicionário da Língua Portuguesa (Antenor Nascentes, 1961-1967);
- Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1975).

A esse respeito, Biderman (2003, p. 56) aponta que:

Somente em 1938 o português brasileiro passou a contar com um dicionário que registrou seu patrimônio lexical: o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa (PDBLP), obra modesta e de porte reduzido. [...] Esse dicionário teve um sucesso extraordinário para a época, constituindo-se num best-seller no Brasil atrasado e rural de então. Até a 3ª edição de 1942 vendeu 100.000 exemplares. Nessa edição Aurélio Buarque de Holanda Ferreira aparece como colaborador e redator. A partir da 6ª edição do PDBLP, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira passou a ser o principal editor, tendo trabalhado intensamente em todas as edições sucessivas. O PDBLP teve onze edições, sendo a última de 1967; sua carreira gloriosa foi interrompida quando a ditadura militar fechou a Editora Civilização Brasileira, que o publicava.

Já a respeito da sistematização sobre a ciência da Lexicografia na sua vertente brasileira, Welker (2004) afirma que até o ano de 2004, a Lexicografia carecia de uma obra que realmente fosse uma introdução à Lexicografia brasileira. Esse mesmo autor diz que o que tínhamos até então era uma sucinta introdução geral sobre os assuntos lexicográficos publicada por Biderman em 1984, com o artigo “A ciência da Lexicografia”. A esse fato podemos acrescentar que, posteriormente, surgiu o Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia dentro da ANPOLL, e a partir de 1998, passamos a contar com a coletânea “Ciências do Léxico”.

Em 2003, Borba lança uma obra intitulada “Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia”, porém, ao contrário do que diz o nome, apresenta apenas

uma discussão geral de assuntos lexicográficos, prendendo-se mais à discussão das etapas de organização do Dicionário de Usos do Português (DUPB), publicado em 2002.

Acrescidos a esses trabalhos podemos citar também as produções de:

- Maria José Bocorny Finatto – Da Lexicografia Brasileira (1813-1991), 1996. Artigo publicado na *Separata de Linguística* nº 8, ALFAL, 1996;
- Maria da Graça Krieger, Alexandra Felderkircher Muller, Andréia Roberta da Rocha Garcia e Rosinalda Pereira Batista - O século XX: cenário dos dicionários fundadores da Lexicografia Brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. Artigo publicado na revista *Alfa*, vol. 50, nº 2, 2006;
- Herbert Andreas Welker - Breve história da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. Artigo disponível em www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga19, 2006;
- Maria da Graça Krieger, Alexandra Felderkircher Muller e Rosinalda Pereira Batista - A Lexicografia Brasileira do século XX: dicionários inaugurais e temáticos. Artigo publicado no *Cadernos do CNLF*, vol. XIII, nº 4, 2009 e,
- Felix Valentim Bugeño-Miranda - Panorama da Lexicografia Brasileira de orientação semasiológica. Artigo publicado em: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Pelotas: EDUCAT, 2011.

Essas entre outras obras preencheram, em parte, essa lacuna assinalada por Welker e fizeram com que a Lexicografia brasileira passasse a ser mais conhecida e acessível nacional e internacionalmente.

Sobre a disciplina Lexicografia e os trabalhos desenvolvidos nesse âmbito ou na Metalexigrafia, Barbosa (1995) atesta que a disciplina Lexicologia e Lexicografia passou a ser oferecida na Universidade de São Paulo (USP) desde 1971 e desde então muitos trabalhos têm sido desenvolvidos nessa área.

Elencar todos os estudos desenvolvidos nesse domínio, desde a década de 70 até hoje, seria, no mínimo, uma tarefa árdua e que demandaria muito tempo. Como esse não é objetivo de nossa pesquisa, à guisa de exemplificação, apresentamos alguns desses trabalhos apontados por Welker (2006, p.02-03):

- As primeiras dissertações de mestrado defendidas no ano de 1980, na UFRGS, por Leci B. Barbisan e por Maria da Graça Krieger;
- A partir de 1983 quatro artigos foram publicados por Maria da Graça Krieger;
- Em 1984 ocorreu a publicação de um suplemento da Revista Alfa, organizado por Maria Tereza Camargo Biderman, dedicado à Lexicologia e Lexicografia;
- Nesse mesmo ano John Robert Schmitz abordou a questão dos dicionários bilíngues;
- Ainda em 1984 mais uma dissertação de mestrado foi defendida nessa área, por Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa;
- Em 1987, ocasião em que foi realizado o II Encontro Nacional da ANPOLL,⁷ apresentaram-se vários trabalhos, entretanto, o autor advoga que essas publicações eram mais voltadas para a Lexicologia que Lexicografia ou Metalexigrafia;
- No ano de 1993, foi lançada a coletânea de artigos – “Estudos sobre Lexicografia” – organizada por Devino João Zambonim;

⁷ O Grupo de Trabalho Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL passou a receber esse nome em 1988, porém, já fora criado em 1986 com o nome de Lexicologia e Lexicografia.

- As duas primeiras teses de doutorado foram defendidas no ano de 1996, de autoria de Vera Lúcia Amaral e José Horta Nunes;
- Em 1997, seguem-se as teses de Philippe Humblé e Sônia M. Martuscelli;
- No ano de 1998, um novo suplemento da Revista Alfa é publicado com o título de “O estado da arte nas ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia”.

Como exemplos de publicações mais recentes podemos citar:

- O livro “Dicionários na teoria e na prática: como e para que são feitos”, sob organização de Claudia Maria Xatara, Cleci Regina Bevilacqua e Philippe Humblé, publicado em 2011;
- O livro “Dicionários escolares: políticas, formas e usos, organizado por Carvalho e Bagno et al, 2011 e
- O livro “Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios”, de autoria de Krieger, 2012.

Ressaltamos que, como já deixamos claro ao enunciar o capítulo, este foi apenas um breve histórico da Lexicografia brasileira, sem a menor pretensão de ser uma explanação exaustiva, mesmo porque toda essa trajetória já foi muito bem apresentada por autores como Krieger e os outros que se dedicaram a essa temática.

Sendo assim, o que pretendemos foi apenas apresentar um esboço do desenvolvimento da Lexicografia brasileira no decorrer do tempo e seu estado atual.

1.2. Terminologia: definição, surgimento e a Teoria Geral da Terminologia (WÜSTER)

A constante mudança e evolução tecnológica e social, bem como as necessidades originadas por essa progressão, são os principais motivos que justificam o surgimento de novas ciências e teorias científicas. Com a Terminologia não foi diferente, uma vez que foi apenas a partir do século XIX, quando a internacionalização progressiva da ciência fez com que os cientistas passassem a se preocupar com a necessidade de se dispor de regras sistemáticas de formação de termos para cada disciplina, começou-se a delimitar os contornos do que viria a ser a Terminologia posteriormente.

Polissêmico em sua essência, o termo “Terminologia” pode remeter a três sentidos por excelência: (i) em primeiro lugar pode ser entendido como a matéria ou disciplina que se ocupa do estudo dos termos ou unidades terminológicas; (ii) por outro lado pode ser referir à vertente aplicada dessa matéria, isto é, prática da compilação, descrição, edição e normalização das unidades terminológicas, o que resulta, como produto final, nos dicionários, glossários, e outros produtos terminográficos e (iii) por último pode denominar também o conjunto das unidades terminológicas de um âmbito especializado, tais como botânica, medicina, química etc.

Para Cabré (2001, p. 65), esses diferentes sentidos atribuídos à unidade terminológica “Terminologia” deu origem a controvérsias na forma de concepção dessa matéria, o que, de certa forma, ocasionou certo atraso em sua consolidação como disciplina e também na delimitação e tratamento de seu objeto de estudo, isto é, o termo. De fato, como destaca Rey (1995), as dificuldades teóricas relacionadas à definição do que seja a Terminologia, bem como o tratamento efetivo dos termos, por

muito tempo, fez perpetuar a ideia de que esse assunto deveria ser discutido por especialistas de cada área de conhecimento, sendo estes responsáveis por organizar e padronizar esse léxico de forma que pudesse se tornar sistemático e acessível aos demais. Segundo Rey (1995):

Levando em consideração as dificuldades teóricas associadas à definição do que é terminologia e às condições gerais para a existência de termos técnicos, a conclusão que pode ser tirada é que esse assunto deve ser deixado nas mãos de especialistas de diferentes áreas do conhecimento, que têm de solucionar problemas de nomeação e de classificação sistemática, ou alternativamente, isso deveria tornar-se responsabilidade de planejadores linguísticos e organizações responsáveis pela normatização e regulação da língua⁸ (REY, 1995, p. 06).

Além desse aspecto, outro fator que pode ser acrescentado a essa ambiguidade de interpretação, é o fato de que, por muito tempo, críticas e afirmações contundentes e, de certa forma, preconceituosas, foram feitas à Terminologia. Entre elas as afirmações de que: (i) a Terminologia não é uma língua natural, (ii) o que justifica o campo da Terminologia são suas aplicações, (iii) a essência das aplicações terminológicas se baseia no caráter prescritivo (iv) a Terminologia é uma ciência autônoma e (v) esta disciplina é uma ciência (CABRÉ, 2003, p. 169).

Muitos desses pontos foram discutidos entre os diversos campos da ciência, sendo alguns deles passíveis de concordância e outros de discordância. Procurando evidenciar melhor esse assunto consideramos, por exemplo, o ponto de vista da Linguística, para a qual: (i) a Terminologia não é uma língua natural e, portanto, não faz

⁸ *Considering the theoretical difficulties associated with the definition of what is terminology and the general conditions for existence of technical terms, the conclusion might be drawn that this subject should be left in the hands of the subject experts of each field of knowledge who have to resolve problems of naming and systematic classification, or alternatively that it should become the responsibility of language planners and organisations charged with standardisation or the regulation of language.*

parte e não compartilha do mesmo objeto da Linguística. (ii) A Terminologia é apenas uma prática executada por especialistas para fixar suas denominações, (iii) o que lhe dá um caráter puramente prescritivo, excluindo qualquer possibilidade de constituir um objeto interessante dos estudos descritivos (CABRÉ, 2003, p. 169).

Como já apontamos, muitas dessas afirmações são, na verdade, apenas opiniões preconcebidas que não correspondem ao verdadeiro papel e status da Terminologia.

A respeito da primeira afirmação, destacamos que, embora a Terminologia não seja verdadeiramente uma língua natural e não faça parte do objeto de pesquisa da Linguística, as duas não divergem totalmente uma da outra, uma vez que, a nosso ver, ambas têm como objetivo principal propiciar e facilitar o processo comunicativo.

Sendo assim, o problema não consiste no fato de a Terminologia ser ou não uma língua natural, nem no fato de seu objeto de estudo ser ou não parte da Linguística, e sim no fato de não sabermos compreender as implicações existentes no processo comunicativo, pois, como ressalta Cabré (1993, p. 11):

A dificuldade que experimentamos com a "terminologia", tanto em seu estudo como matéria Linguística como em sua mediação prática, reside em uma ignorância perdoável, que consiste em não ter em consciência do quão pouco sabemos sobre o que é a informação e sobre a complexidade de qualquer processo de comunicação⁹ (CABRÉ, 1993, p. 11).

Em segundo lugar, concordamos com a importância do caráter prático e aplicado da Terminologia e, embora, já em 1990, Sager tenha apresentado a Terminologia como

⁹ *La dificultad que experimentamos con la "terminologia", tanto en su estudio como materia lingüística como en su mediación práctica, reside en una ignorancia perdonable, que consiste en no tener conciencia de cuán poco sabemos sobre lo que es la información y sobre la complejidad de cualquier proceso de comunicación.*

uma série de práticas com metodologias próprias, entendidas apenas como meios para um fim e, portanto, não constituíam uma disciplina, para nós, a Terminologia não é apenas uma prática executada por especialistas para fixar ou impor suas denominações, uma vez assim que, assim como outras ciências, teorias ou disciplinas científicas, a Terminologia é embasada por regras, critérios e metodologias que fundamentam e orientam essas aplicações.

A esse respeito, recorreremos, novamente, aos postulados de Cabré (1993), ao afirmar que:

Ao fim do século XX, quando a ciência e a tecnologia formam e determinam uma parte essencial de nossa existência com um impacto nunca antes experimentado, parece existir um acordo geral de que as terminologias - as palavras e frases usadas no discurso especializado - constituem um elemento da linguagem de crescente importância. Existe, por outro lado, um acordo menos unânime sobre a necessidade das terminologias. De fato, a terminologia constitui, para os especialistas, o vocabulário essencial para uma comunicação eficaz; porém, para o grande público, não é mais que um jargão de especialistas usado para enganar, confundir ou impressionar com conhecimentos superiores ou com uma linguagem misteriosa que protege os mistérios do saber; para muito poucos, enfim, é uma das chaves do progresso que permite aceder ao mundo das ciências e das técnicas ¹⁰ (CABRÉ, 1993, p. 11).

¹⁰ *A fines del siglo XX, cuando la ciencia y la tecnología forman y determinan una parte esencial de nuestra existencia con un impacto nunca antes experimentado, parece existir el acuerdo general de que las terminologías - las palabras y frases usadas en el discurso especializado - constituyen un elemento del lenguaje de creciente importancia. Existe, en cambio, un acuerdo menos unánime sobre la necesidad de las terminologías. En efecto, la terminología constituye para los especialistas el vocabulario esencial para una comunicación eficaz; pero para el gran público no es más que una jerga de especialistas para engañar, confundir o impresionar con conocimientos superiores, o con un lenguaje arcano que protege los misterios del saber; para muy pocos, en fin, es una de las llaves del progreso que permite acceder al mundo de las ciencias y las técnicas.*

Compartilhamos da ideia de que a Terminologia é a chave, isto é, o meio que nos permite conhecer, compreender e participar dessa complexa engrenagem que é a comunicação especializada.

Porém, em consonância com a autora, não concordamos com o caráter puramente prescritivo da Terminologia, pois isso seria considerar que a Terminologia não evoluiu com o tempo e que ainda conserva as características que lhe foram atribuídas, em seu surgimento.

Há muito passamos dessa concepção inicial da Terminologia, uma vez que consideramos os termos como unidades que atuam e propiciam o processo comunicativo no mundo especializado e, sendo assim, não visam à padronização ou unificação linguística. Desse modo, entendemos que a Terminologia permita muito mais que a codificação, ela permite o processo de decodificação e compreensão dos termos e dos contextos em que estão inseridos.

Foi apenas a partir do século XIX, quando a internacionalização progressiva da ciência fez com que os cientistas passassem a se preocupar com a necessidade de se dispor de regras sistemáticas de formação de termos para cada disciplina, que se começou a delimitar os contornos do que viria a ser a Terminologia posteriormente.

Conforme aponta Cabré, no prefácio da obra "Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica"(CABRÉ, 1998, p. 11), a característica principal da TGT é que ela centra sua energia nos conceitos e orienta os trabalhos terminológicos para a normalização dos termos e noções.

De acordo com o pensamento de Wüster, a língua podia e devia ser normalizada e pensar contrário a isso era como querer transferir os insucessos da língua geral ao

campo das línguas especializadas, isto é, considerar os termos (próprios de um âmbito) como palavras comuns (da língua geral):

Durante muitos anos, a normalização terminológica foi combatida com o slogan "a língua não pode ser normalizada". Essa atitude negativa parte da atitude de querer transferir para a terminologia as experiências acumuladas no âmbito da linguagem geral. Entretanto, por outro lado, um número cada vez maior de linguistas renomados trataram com seriedade dos métodos, recentes para eles, de padronização terminológica em suas obras¹¹ (WÜSTER, 1998, p 23).

Sendo assim, tendo como base o fato de que a normalização da língua não só era possível, mas também necessária, Wüster desenvolveu trabalhos e criou organismos científicos visando esse fim, como é o caso de sua tese de Doutorado sobre a normalização internacional da terminologia técnica, de 1931, além de diversos trabalhos de documentação, da criação de organismos internacionais, tais como o CT/37 de ISA, ISO e Infoterm e da elaboração da Teoria Geral da Terminologia, cujos postulados foram criados a partir da confecção do dicionário técnico multilíngue, destinado à comunicação de caráter internacional intitulado *The Machine Tool*, em 1968.

Entretanto, podemos dizer que esse dicionário, tendo sido criado a partir de um objetivo pré-fixado, a saber, a padronização terminológica, foi um trabalho direcionado para esse fim e, sendo assim, as unidades eram conceitualmente uniformes para todas as línguas, isto é, cada conceito correspondia somente a uma denominação em cada língua.

O principal desejo de Wüster era erradicar a ambiguidade da comunicação científica e técnica e, dessa forma, obter uma linguagem unívoca, pois, para o autor, na

¹¹ Durante muchos años, la normalización terminológica se ha combatido con el eslogan "la lengua no se puede normalizar". Esta actitud negativa parte de la actitud de querer transferir a la terminología las experiencias acumuladas en el ámbito del lenguaje general. Entretanto, sin embargo, un número cada vez mayor de linguistas reconocidos han ido tratando seriamente los métodos, nuevos para ellos, de la normalización terminológica en sus obras.

Terminologia, a atribuição linguística deve ser sempre biunívoca, isto é, cada conceito deve vir relacionado a uma só denominação ou termo, e vice-versa.

Destarte, as relações linguísticas são sempre consideradas em um enfoque sincrônico da língua e, por conseguinte, não deveriam existir denominações ambíguas ou múltiplas para um mesmo conceito, o que dá "a falsa impressão de que existe mais de um conceito, com a carga inútil que isso representa para a memória" (WÜSTER, 1998, p. 137).

Para Wüster, os termos, objetos de estudo da Terminologia, são unidades planas e unívocas em seu conteúdo, uso e função e, sendo assim, seu valor só se define por sua relação com o âmbito no qual se insere, isto é, um termo só pertence a um campo especializado e cada campo especializado possui seus próprios termos.

Contudo, sabemos que essa afirmação não se confirma, pois, como bem destaca Rey (1995, p. 91), a existência da monossemia absoluta, bem como a ausência da sinonímia e ambiguidade são apenas ilusões e "aspirações recomendáveis", mas que de forma alguma corresponde à realidade.

Outra característica da TGT era a aparente autonomia e independência desta, pois, ao criar a Terminologia, Wüster pretendeu dar-lhe um caráter totalmente autônomo, separando-a das disciplinas mais próximas a ela, como a Teoria da Linguagem, contrariando o modo como a concebemos atualmente, uma vez que, hoje sabemos que as unidades terminológicas podem ser descritas por meio de uma teoria da linguagem e isso não teria sido possível, como reforça Cabré (2009, p.11-12), sem os avanços e mudanças pela qual passou a Linguística nos últimos anos. Tais como:

- Concepção e desenvolvimento da Linguística Cognitiva;
- Crescente papel do léxico na Gramática;

- Desenvolvimento renovado da Semântica;
- Integração de aspectos pragmáticos nos modelos gramaticais;
- Desenvolvimento da Linguística Textual e da Análise do Discurso;
- Revalorização da Linguística Aplicada;
- Importância da Linguística de Córpus;
- Desenvolvimento da Linguística Computacional.

A respeito do status da Terminologia, Cabré (2005, p. 22) ressalta que existem três posições distintas a respeito da concepção da Terminologia como matéria de estudo:

a) A primeira posição defende que a Terminologia é uma disciplina autônoma e autosuficiente, dotada de fundamentos próprios, embora esteja relacionada historicamente a outras disciplinas. Como ressalta a autora, esta é a posição defendida pela Teoria Geral da Terminologia.

b) A segunda posição atesta que a Terminologia não é uma disciplina autônoma e sim parte de outra disciplina, como a Linguística ou a Filosofia, entretanto, consoante Cabré, aceitar essa posição é o mesmo que aceitar que a Terminologia não possui nenhuma autonomia e seria como uma simples extensão ou anexo de outra disciplina.

c) A terceira proposta defende que a Terminologia é uma disciplina autônoma e de caráter interdisciplinar, que configurou sua própria especificidade selecionando materiais das disciplinas com as quais se relaciona para construir seu próprio âmbito científico.

Conforme aponta Cabré (2005, p. 22), é nessa terceira posição que se centra a Teoria Comunicativa da Terminologia e é esta a posição que consideramos em nosso trabalho, ou seja, consideramos a Terminologia uma interdisciplina, constituída por

elementos de base linguística, ontológica e das especialidades, que se relaciona, necessariamente, a outras áreas do saber, mas que possui seu próprio âmbito científico.

Embora se possa constatar a autonomia da Terminologia, consideramos que esta não possa ser concebida uma ciência, uma vez que seus estudos e produtos práticos sempre estão relacionados a outras áreas do saber. Dessa forma, a exemplo de Cabré (2005), consideramos a Terminologia como uma disciplina dado ao fato de que:

É uma disciplina no sentido que possui bases teóricas delimitadas e um objeto de estudo definido. Como disciplina tem, como qualquer outra matéria, uma vertente teórica e uma vertente aplicada e gera aplicações específicas. Sua vertente teórica responde a um modelo determinado, que coincide, em parte (ainda que só em parte), com o da Linguística. Não é, portanto, uma disciplina original em seu sentido mais pleno, e sim uma disciplina devedora de outras matérias das quais toma determinados fundamentos. Entretanto, é uma disciplina original em um duplo sentido: primeiro, porque seleciona de cada uma das matérias fontes, bases específicas com a exclusão de outras (isto é, não considera todos os elementos da Linguística, nem sequer todos os da Lexicologia, nem tampouco os da morfologia ou da semântica léxica); em segundo lugar, porque reconfigura estes fundamentos construindo um espaço próprio e diferenciado de outros campos científicos, original quanto ao objeto, original quanto a teoria, original, em resumo, quanto ao método e os objetivos visados¹² (CABRÉ, 2005, p. 22-23).

Para Krieger (2006, p. 156), assim como já afirmara Sager (1990), "A Terminologia é uma área de interfaces, especialmente com a Tradução e a

¹² *Es una disciplina, en el sentido de que posee unas bases teóricas delimitadas y un objeto de estudio definido. Como disciplina tiene, como cualquier otra materia, una vertiente teórica y una vertiente aplicada y genera unas aplicaciones específicas. Su vertiente teórica responde a un modelo determinado, coincidente, en parte (aunque sólo en parte), con el de la Linguística. No es, por lo tanto, una disciplina original en su sentido más pleno, sino una disciplina deudora de otras materias fuente unas bases específicas con la exclusión de otras (es decir, no toma todos los elementos de la Linguística, ni siquiera todos los de la lexicología, ni tampoco todos los de la morfología o la semántica léxica); en segundo lugar, porque reconfigura estos fundamentos construyendo un espacio propio y diferenciado de otros campos científicos, original en cuanto al objeto, original en cuanto al marco, original, en suma, en cuanto al método y a los objetivos que persigue.*

Documentação, razão por que o mundo contemporâneo oferece muitas possibilidades de aplicações terminológicas, bem como cresce o interesse nos estudos terminológicos".

Considerando o exposto, podemos constatar que o crescente avanço e mudança, tanto na concepção quanto no tratamento da Terminologia no decorrer do tempo comprova o fato de que a Terminologia, da forma como foi idealizada e constituída por Wüster, assim como os princípios sob os quais foi fundamentada, há muito não conseguem descrever ou explicar o real caráter da Terminologia.

Sobre os preceitos da Terminologia em sua fase inicial, Temmerman (2000, p. 4) aponta que a (i) a Terminologia estuda os conceitos antes dos termos (a perspectiva onomasiológica); (ii) os conceitos são objetivos e podem ser alocados em um sistema conceptual; (iii) os conceitos deveriam ser definidos em uma definição tradicional; (iv) um termo é atribuído permanentemente a um conceito e (v) os termos e conceitos são estudados sincronicamente.¹³

Esses cinco preceitos propagados pela TGT e, em especial a forma de concepção do termo defendida por essa teoria, fez com que, a partir da década de 90, alguns autores como Rey (1979), Sager (1990), Temermann (2000), Condamines (1994/1995), Diki-Kidiri (1998) Lara (1998) e Cabré (1999/2005) passassem a questionar e a criticar alguns fundamentos da TGT, considerando-a como uma teoria insuficiente para dar conta de toda a complexidade da comunicação científica, como veremos a seguir.

¹³ *Traditional Terminology claims as its main basic tenets the following five principles: Terminology studies concepts before terms (the onomalogical perspective); concepts are clear-cut and can be attributed a place in a concept system; concepts should be defined in a traditional definition; a term is assigned permanently to a concept; and terms and concepts are studied synchronically.*

1.2.1. Críticas à Teoria Geral da Terminologia e as justificativas de sua insuficiência

Como já apontamos, a partir da década de 90, muitos autores começaram a questionar os princípios da TGT, reforçando a ideia da ineficiência ou insuficiência, na forma como Wüster a concebeu.

Uma das principais críticas dirigidas a essa teoria é o fato de que, como assinala Cabré (2003), a teoria wüsteriana não dava conta de explicar os termos em sua complexidade conceitual, estrutural e funcional e principalmente no uso dos termos em situações comunicativas.

Como ressalta Sager (1990, p.08), dado o fato de que essa teoria terminológica tinha como propósito a prescrição do "bom uso" dos termos, na verdade, tratava-se de uma teoria voltada para uma língua artificial, sem preocupação ou qualquer correspondência com a língua natural e com as situações de utilização desses termos em sua interface social.

Essa visão simplista, como reforça o autor, começou a ser desafiada dando origem às correntes modernas da Terminologia e, em especial à Teoria Comunicativa da Terminologia- TCT, criada por Cabré em 1999.

Passamos agora a apresentar algumas das críticas feitas à TGT e o porquê de estudiosos como Sager, Meyer e Cabré, entre outros, acreditarem que essa teoria não valorizava e analisava os termos em toda a sua essência.

a) JUAN C. SAGER

Um dos principais questionamentos feitos por Sager (1990), é sobre o status de disciplina atribuído à Terminologia, pois, de acordo com esse autor, a Terminologia é uma série de práticas que, embora tenha desenvolvido metodologias, não possui um fim em si mesma, mas sim "meios para um fim", ou seja, está sempre relacionada a outras disciplinas como a tradução, a documentação, entre outras.

Entretanto, como ressalta Temmerman (2000, p. 23), ao afirmar que a Terminologia não é uma disciplina dado ao fato de que, ao contrário de outras disciplinas, "não dá um passo mais longe e não estabelece conhecimento sobre as coisas”:

Sager nega à Terminologia o status de disciplina, porém não atesta – como estamos fazendo aqui – que a disciplina da Terminologia poderia estudar o vocabulário da comunicação das línguas de especialidade com vistas a contribuir para o entendimento da natureza do pensamento científico, do pensamento criativo na ciência e do papel da linguagem nesse contexto. Se for possível afastar-se do contexto limitador da prática normatizadora e de sua abordagem reducionista, a Terminologia poderia contribuir para o desenvolvimento das ciências cognitivas e da sociolinguística¹⁴ (TEMMERMAN, 2000, p. 23).

Em outras palavras, se deixarmos de ver a Terminologia como uma prática reducionista e sistemática, que se limita à busca da padronização, entenderemos o

¹⁴ *Sager denies Terminology the status of a discipline but he does not add - as we are doing here - that the discipline of Terminology might study the vocabulary of special language communication for the sake of contributing to the understanding of the nature of scientific thinking, creative thinking in science and role language plays in this. If one manages to break away from the limiting context of standardisation practice and its reductionist approach, Terminology could contribute to the development of the cognitive sciences and to sociolinguistics.*

quanto poderia "contribuir para o desenvolvimento das ciências cognitivas e sociolinguísticas".

Quanto aos princípios que embasaram a TGT, Sager os questiona e os complementa da seguinte forma:

- Acrescenta a dimensão comunicativa ao lado das dimensões cognitiva e linguística, tradicionalmente consideradas pela Terminologia. De acordo com o autor, os termos deveriam ser estudados em textos e não como rótulos ou termos isolados de seus contextos, como ocorria com a Terminologia tradicional;
- Apresenta a distinção entre quatro tipos de conceitos: entidades, atividades, características e relações;
- Reconhece a existência de relações complexas que não podem ser convenientemente capturadas pelas estruturas genéricas e partitivas simples, isto é, entendia que algumas relações complexas como as relações de causa (causado por); de pertencimento ou resultado (ser produto de algo); de propriedade (ser próprio de algo); de medida quantitativa; de função (instrumento para), etc.
- Incorpora aspectos da multidimensionalidade aplicada à classificação facetada, de forma a indicar um conceito de subdivisão feito com base nas características particulares de cada referente.
- Reconhece a relevância dos níveis de compreensão ao afirmar que o usuário leigo, ou não-especialista, necessita de mais informações do que as transmitidas na definição terminológica, sugerindo que se apresente uma definição enciclopédica que contextualize melhor o termo.

- Concebe o processo de terminologização, ou seja, de estabelecimento de uma terminologia, como um processo que ocorre no decorrer do tempo, uma vez que acredita que a evolução dos conceitos vem acompanhada por etapas de nomeação e, sendo assim, em seu desenvolvimento, o conhecimento dos conceitos sobre as disciplinas podem alterar, assim como as designações podem mudar até que se fixem de forma permanente.

Nesse sentido, podemos concluir que para Sager os termos, em sua designação e conceitos, não são unidades estanques e sim unidades mutáveis que podem oscilar desde seu surgimento até o momento de sua fixação em um determinado campo de conhecimento e, para nós particularmente, até depois de sua fixação, o que se justifica pelos neologismos terminológicos.

B) INGRID MEYER

Uma das principais críticas que Meyer faz a respeito dos fundamentos da TGT é sobre a ineficiência das definições, ou seja, segundo a autora, a definição intensional não era suficiente para que um aprendiz ou qualquer outra pessoa que não dominasse ou conhecesse, anteriormente, determinado termo, pudesse identificar o objeto em questão, representado pelo termo definido.

Meyer defende, em primeiro lugar, a incorporação de informações enciclopédicas às definições dos termos, o que denomina de contextos ricos em conhecimento, pois, seria uma forma de auxiliar a compreensão de outros usuários de Terminologia (não especialistas), que consultassem um banco de dados terminológico

para saber o significado de um termo, mas que não possuíssem qualquer referência anterior sobre ele.

Outra posição defendida pela autora é a multidimensionalidade dos termos, questão não muito explorada na teoria wüsteriana. De acordo com esse aspecto, a noção de biunivocidade apontada por Wüster não se sustenta, uma vez que os termos são unidades complexas que apresentam mais de uma dimensão e, conseqüentemente, seus conceitos podem ser subclassificados em mais de uma forma (mais de uma dimensão), dependendo da característica conceitual utilizada como base de sua classificação. (BROWER & MEYER, 1990, p. 188, apud TEMMERMAN, 2000, p. 31).

Meyer também salienta o fato de que a Terminologia, totalmente diferente da visão sistemática e restrita apontada pela teoria tradicional, pode otimizar a comunicação em linguagem especializada, considerando a diversidade e possibilidades de inovação e criatividade linguística em pesquisas científicas como um possível objeto de estudo.

C) MARIA TERESA CABRÉ

De acordo com Cabré, muitos são os fatores que reforçam a ineficiência da TGT.

Dentre eles podemos elencar o fato de que:

- Ao afirmar a validade universal do conceito, nega que se possa atribuir diferentes conceitualizações a um mesmo objeto da realidade;
- Ao atestar que o conceito preexiste à denominação, só concebe a metodologia de trabalho a partir do ponto de vista do especialista, mas não do ponto de vista do terminólogo com formação linguística e nem do tradutor;

- Propõe como objetivo principal a normalização, embora não negue a descrição como um possível passo prévio, e por isso não contempla a descrição dos termos como um propósito distinto ao da normalização;
- Advoga que observação dos termos só se pressupõe a partir de uma base conceitual, negando a possibilidade de observá-los considerando os pontos de vista mais próprios das outras disciplinas que estão envolvidas na explicação dos termos;
- Ao considerar um cópulus de observação totalmente homogêneo, não pode dar conta da variação que se produz tanto da observação de âmbitos temáticos distintos, como da inclusão, no cópulus, de dados procedentes do cópulus de natureza real e não normalizados;
- A TGT observa os dados terminológicos fora do contexto em que as unidades denominativas e designativas aparecem no dicionário especializado. Contemplar as unidades em contextos conduz a uma visão distinta dos mesmos;
- Ao considerar que a Terminologia é uma matéria totalmente alheia à língua natural, passa a considerá-la como se fosse um léxico artificial, dando a esta o mesmo status das nomenclaturas e dos símbolos universais, criados artificialmente por consenso dos especialistas, visando a uma finalidade específica, mas que não coincidem com nenhuma outra língua viva;
- Quando concebe os termos como pertencentes ao campo da língua natural, desconsidera as características que possuem as unidades próprias da língua: suas relações textuais e discursivas e as possibilidades de variação em função das características de representação de cada âmbito e das especialidades das situações comunicativas;

- Como consequência do ponto apresentado anteriormente, não percebem nas unidades terminológicas nem variação denominativa, com exceção da variação geográfica correspondente a uma mesma língua em estados distintos, nem a variação conceitual, isto é, um mesmo conceito concebido e às vezes nomeado, a partir de pontos de vista diferentes (CABRÉ, 2003, p. 177-178).

Esses, entre outros aspectos, comprovaram que a TGT, embora seja uma teoria totalmente coerente de acordo com o objetivo para a qual foi criada, não dava conta de descrever os termos como unidades voltadas para as situações de comunicação, e fizeram com que Cabré criasse uma nova teoria – TCT, conforme já nominamos anteriormente, que pode ser definida, segundo palavras da própria autora, "como uma teoria das unidades terminológicas, de base cognitiva e propósitos comunicativos".¹⁵ (CABRÉ, 2009, p. 11), como detalhamos melhor no item a seguir.

1.2.2. Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 1999/2005)

A TCT criada por Cabré, na década de 1990, surgiu com um objetivo principal: preencher as lacunas deixadas pela TGT, em especial no que se relaciona ao caráter interdisciplinar desta e a concepção de poliedricidade do termo.

Podendo ser entendida como a “Teoria de las puertas”, isto é, uma teoria que concebia os termos como uma unidade multidimensional e constituída por “portas ou vertentes” diversas, propiciando olhares e pontos de vista diferentes, dependendo da “porta pela qual se adentrava”. O que vem a comprovar que um objeto, como é o caso do termo, pode ser abordado de acordo com distintas disciplinas ou perspectivas.

¹⁵ *Una teoria lingüística de las unidades terminológicas, de base cognitiva y propósito comunicativos.*

Em outras palavras, nessa teoria, Cabré ressalta o fato de que um único termo pode ter múltiplas conceitualizações ou traços diferentes de um mesmo conceito, dependendo da posição ou lugar de observação. Se o termo for observado de acordo com o ponto de vista linguístico, os resultados obtidos serão diversos dos que seriam obtidos se os mesmos fossem observados sob o ponto de vista cognitivo, ou sob o comunicativo.

Convém ressaltar que, como aponta a autora, seu objetivo ao criar a “Teoria de las puertas” não era propor uma nova teoria da Terminologia. Tratava-se de sugerir uma “teoria dos termos”, os verdadeiros objetos de análise e de discussão da TCT.

A seguir, apresentamos as particularidades ou princípios que fundamentam e caracterizam a TCT, o que justifica a escolha dessa teoria como embasamento teórico de nosso trabalho:

a) concepção da Terminologia como uma disciplina de caráter interdisciplinar, integrada por fundamentos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da comunicação e das ciências sociais, que por sua vez inspiram o princípio da poliedricidade da unidade terminológica;

b) interdisciplinaridade de tripla base: linguística; cognitiva e semiótica; comunicativa e social;

c) inclui em seus fundamentos elementos procedentes de diferentes disciplinas e integra-os em um campo próprio e específico;

d) assume o fato de que toda matéria interdisciplinar, ainda que seja um todo integrado, pode ser analisada priorizando algum dos ângulos de sua multidisciplinaridade, cujo objetivo é a análise do termo;

e) multifuncionalidade, o que permite que se possa propor uma diversidade de objetivos, e que, em função do objetivo que se pretenda alcançar, possa atualizar diversamente sua poliedricidade;

f) recompilação de termos e a confecção de dicionário, sendo a mais conhecida das aplicações terminológicas;

g) atividade terminológica por meio da sua utilidade em relação à solução de problemas relacionados à informação e à comunicação.

De acordo com esse princípio, o objetivo da atividade terminológica é justamente solucionar os problemas relacionados às necessidades de informação e de comunicação, o que significa que, acima de ser prescrever normas ou orientar o determinado uso e significado de determinada unidade terminológica, a Terminologia deve ser antes de tudo útil e eficaz na resolução dos problemas de seus consulentes e necessidades comunicativas;

h) convicção de que a importância social da Terminologia está determinada pelas características da sociedade atual, marcada pela extensão do conhecimento especializado e pelo plurilinguismo necessário;

i) variabilidade da prática terminológica uma vez que se diversifica, necessariamente, segundo contextos, finalidades, recursos e disciplinas que pretende abranger.¹⁶

Conforme explanado, a TCT é uma teoria bastante completa, que pretende dar conta de descrever, explicar e tratar o termo considerando toda sua riqueza e complexidade. Ademais constitui-se na diferença e na diversidade, características essas

¹⁶ Cabré (2005, p. 70 -71)

que consideramos como sendo uma riqueza e não como um problema da comunicação especializada.

1.3. O dicionário como produto lexicográfico e terminológico

Antes de passarmos a discorrer sobre o dicionário como um produto lexicográfico e terminológico, convém que se reflita um pouco sobre os conceitos de língua comum ou geral e linguagem de especialidade, uma vez que é justamente nesse aspecto que se encontra a principal diferença entre o dicionário geral (como resultado de um trabalho lexicográfico) e o dicionário terminológico ou especializado (como resultado de um trabalho terminográfico).

1.3.1. Língua comum e língua de especialidade

De acordo com Alves (2006), o português ampliou-se ao longo dos séculos, tanto no âmbito das unidades lexicais da língua comum, quanto nas línguas de especialidade, com unidades específicas de determinado domínio.

Isso ocorre porque mesmo no léxico especializado, definido por Barros (2004) como o conjunto de elementos linguísticos pertencentes à determinada área especializada, o léxico reflete a realidade de vida de um povo, e por conseguinte, está sujeito a expandir-se a fim de acompanhar as necessidades comunicativas dessa comunidade.

Várias designações têm sido comumente apontadas ao conceito de línguas de especialidade. Descamps (1977), por exemplo, apresenta as seguintes designações para essa expressão: discurso temático, discurso científico, discurso de domínio, discurso

funcional, discurso específico, língua instrumental, língua profissional, linguagem de ofícios, língua técnica ou língua de especialidade, sendo esta última definida como um subsistema na parte interior do sistema total da língua, correspondente a apenas uma parcela desse grande acervo lexical.

Segundo Gil (2003), as línguas de especialidade podem ser definidas como o conjunto de elementos linguísticos comuns na comunicação entre especialistas de determinado domínio, e também entre especialistas e um público em vias de especialização, isto é, estudantes que objetivam especializar-se numa determinada área de conhecimento.

Pode ainda estar associada a “domínios de experiência” e “campos de experiência”, que se referem aos “laços que indivíduos de uma mesma comunidade linguística estabelecem com o mundo que os rodeia e a sociedade em que estão integrados” (GIL, 2003, p. 114-115).

Considerada como tal, as línguas de especialidade estariam sempre relacionadas a um campo de investigação, isto é, a língua utilizada em determinado âmbito de estudo: Química, Biologia, Lexicografia, etc.

Entretanto, como apontam Galisson e Coste (1983) e como nós também a concebemos, a expressão línguas de especialidade abrange o campo das línguas científicas, ou seja, vinculadas a campos de experiências ou domínios com objetos e métodos de investigação específicos, como é o caso da Física, Matemática, Química, entre outros, as línguas técnicas, subordinadas a um domínio especialista, tais como a área de sensoriamento remoto, da informática, entre outras e as línguas profissionais ou de ofícios, relacionadas a profissões como a linguagem jurídica, a da medicina, e assim por diante.

No entanto, como ressalta Gil (2003, p. 116), convém destacar que “as línguas de especialidade utilizam um fundo lexical que se encontra também na língua comum, mas em acepções específicas, tendo em conta a ciência a que dizem respeito”.

Sendo assim, a exemplo de Cabré (2005), entendemos as línguas de especialidade ou especializadas como um subgrupo ou parte do léxico da língua natural, mas que se tornam especializadas de acordo com o contexto ou âmbito no qual se inserem, adquirindo assim características e significações próprias desse meio.

Como exemplo disso, podemos citar a unidade terminológica “vírus” que apresenta significados totalmente diferentes quando inseridas no domínio da medicina ou da informática, por exemplo.

Essa distinção entre língua comum ou geral e língua de especialidade tem consistido na principal justificativa da diferença entre o dicionário geral e o dicionário terminológico ou especializado e também entre a Terminologia/Terminografia e Lexicologia/Lexicografia.

Uma das justificativas desse raciocínio, conforme aponta Gil (2003), consiste no fato de que, assim como afirmam Bergholtz e Tarp (1995), não há um consenso na distinção entre língua geral e língua de especialidade, uma vez que para alguns autores, como Cabré, por exemplo, as línguas de especialidade são subconjuntos da língua geral, funcionando como um tipo de variedade linguística. Outros defendem o contrário, ou seja, é a língua geral que é um subconjunto das línguas de especialidade, pois, qualquer língua de especialidade utiliza tanto as unidades lexicais da língua geral, quanto os termos próprios e específicos a determinado domínio.

Incluimo-nos no primeiro grupo apresentado, isto é, entendemos as línguas de especialidade como um subconjunto da língua geral, e não o contrário. Ainda a respeito

dessa discussão, Nadin (2008) nos chama a atenção para o uso da expressão “Unidade de conhecimento especializado” e para a discussão teórica proposta por Cabré (1999, 2005) com a criação da TCT.

Procurando definir o objeto de estudo da TCT, Cabré (1999, p 123) esclarece que:

O objeto de estudo desta teoria são as unidades terminológicas propriamente ditas que fazem parte da língua natural e da gramática de cada língua. Dentro desta gramática, os termos não são unidades autônomas que formam um léxico especializado e diferenciado, e sim que podem ser descritas como módulos de traços associados às unidades léxicas, referidas como unidades denominativo-conceituais, dotadas de capacidade de referência, podendo exercer funções distintas. Estas unidades que não são inicialmente, nem palavras nem termos, mas apenas potencialmente termos ou não-termos, podem pertencer a âmbitos diferentes¹⁷ (CABRÉ, 1999, p. 23).

Assim, compreendendo o termo como uma unidade lexical que pode ser utilizada em contextos especializados, propõe-se a denominá-lo como “Unidade de Conhecimento Especializado” (UCE), quer dizer, um conceito muito mais amplo que abrange desde as “unidades terminológicas”, até as “unidades fraseológicas especializadas” e as “unidades de discurso”, que não se classificam como termos, e sim como unidades recorrentes no discurso especializado (SILVA, 2008, p. 84).

De uma maneira geral, o conceito de UCE compreende as unidades, lexicais ou não, de uma língua geral que, num dado contexto, pode transmitir significados

¹⁷ *El objeto de estudio de esta teoría son las unidades terminológicas propiamente dichas, unidades que forman parte del lenguaje natural y de la gramática que describe cada lengua. Dentro de esta gramática, los términos no son unidades autónoma que forman un léxico especializado diferenciado, sino que pueden describirse como módulos de rasgos asociados a las unidades léxicas, que se describen como unidades denominativo-conceptuales, dotadas de capacidad de referencia, que pueden ejercer funciones distintas. Estas unidades, que no son inicialmente ni palabras ni términos sino sólo potencialmente términos o no términos, pueden pertenecer a ámbitos distintos.*

especializados em determinado espaço de conhecimento, assim, como aponta Silva (2008), os valores dessas UCEs são ativados pragmaticamente.

Nesse sentido, tendo em consideração o exposto, passamos a refletir sobre os dicionários e suas tipologias.

1.3.2. Dicionário: definição, função e estrutura

A Lexicografia tem sido definida, no decorrer do tempo, como a ciência, disciplina ou prática que tem por produto final a elaboração ou confecção de um dicionário.

De acordo com o Oxford English Dictionary (OED), a palavra dicionário é derivada da palavra latina “*dictionarius*”, usada em 1225 pelo poeta e gramático inglês Joannes de Garlandia (John of Garland) como o título de uma coleção de vocábulos latinos (BÉJOINT, 2000, p. 06).

As origens ou surgimento do dicionário, conforme esse autor, são muito mais antigas do que geralmente se afirma. De fato: “Listas sumérias datadas do terceiro milênio A.C. podem ser consideradas como os ancestrais dos nossos dicionários; entretanto muitos dicionários orais também podem ter existido antes do surgimento da escrita¹⁸ (BÉJOINT, 2000, p. 92). Contudo, conforme destaca esse autor

O incentivo para a criação de dicionários não é o mesmo em todas as sociedades. Em algumas sociedades, "proto-dicionários" parecem ter sido usados para a instrução de futuros administradores (Sumérios); em outras sociedades, eles eram elaborados para as relações comerciais e administrativas com outras comunidades (Egito), para a

¹⁸ *sumerian lists dating back to the third millennium BC have been found that can be considered as the ancestors of our dictionaries. There may even have been oral dictionaries before the development of writing systems [...].*

poesia (como alguns dicionários antigos do árabe), ou para padres¹⁹ (BÉJOINT, 2000, p. 92).

Convém ressaltar que, mesmo sendo criados para fins diferentes, os dicionários, em geral, surgiram sempre com uma função principal: esclarecer as dúvidas e suprir as necessidades de informação de seus consulentes.

Landau (1989) destaca que o dicionário é comumente definido como o “agrupamento de informações que esclarecem as dúvidas sobre uma palavra desconhecida”. Assim, segundo esse autor, “a ênfase é destinada à palavra, e todas as informações fornecidas relacionam-se diretamente ao significado, pronúncia, uso ou história da palavra”²⁰ (LANDAU, 1989, p. 6).

Conforme essa concepção, o dicionário, entre outras funções, deve descrever o léxico de uma língua, desde suas características estruturais (morfológicas e sintáticas) até as informações semânticas e pragmáticas (significado, contexto e informações históricas).

Nessa mesma linha de pensamento, Porto Dapena (2002, p. 42-43) descreve o dicionário como uma obra de consulta que consiste em uma descrição do léxico, sendo sempre determinado de acordo com quatro variáveis: o número e extensão das entradas; o modo de estudá-las; a ordenação apresentada e o suporte dessa descrição.

Nesse sentido, para esse autor, o dicionário seria organizado como um grande arquivo em que cada ficha corresponderia a um verbete, no qual se estudaria determinada unidade lexical.

¹⁹ *The incentive for the creation of dictionaries is not the same in all societies. In some, "proto-dictionaries" seem to have been used for the instruction of future administrators (Summer); in others they were designed for commercial or administrative relations with other communities (Egypt), for poetry (as some early dictionaries of Arabic), or for priests.*

²⁰ *The emphasis is on the word, and all the information given bears directly on the meaning, pronunciation, use, or history of the word.*

Seguindo esse raciocínio, o dicionário funcionaria como uma obra de consulta a que todos têm acesso e recorrem em momentos de dúvida a respeito de interpretações, significados, além de esclarecer dúvidas sobre ortografia, gramática, entre outras.

Para Zgusta (1971, p. 17), o dicionário consiste numa lista sistemática e ordenada de formas linguísticas socializadas e compiladas a partir dos hábitos discursivos de uma comunidade, propiciando ao leitor poder entender o significado de cada forma linguística utilizada e dos fatores relevantes, relacionados a essas unidades lexicais e sua função na sociedade.

A definição de dicionário apontada por Zgusta está diretamente relacionada à concepção de Biderman (2001), para a qual, muito mais que um instrumento ou ferramenta de consulta, o dicionário é um instrumento cultural, pois, além de descrever o léxico de uma determinada língua, reflete os valores sociais e culturais de um povo.

Com isso, como já ressaltara Rey-Debove (1971) e Dubois e Dubois (1971):

Um dicionário é principalmente um instrumento para ser usado quando se precisa de um pouco de informação sobre uma palavra em particular, sobre a linguagem em geral, ou sobre o mundo. Durante o processo de consulta, os usuários aprendem, ou verificam, algo que eles não sabiam, ou haviam se esquecido momentaneamente. Os dicionários são instrumentos de auto-aprendizagem, e eles têm as características de todos os livros didáticos: contêm definições, dão informações que se apresentam como o conhecimento e as opiniões da comunidade em geral - em oposição ao conhecimento e as opiniões do lexicógrafo²¹. (REY-DEBOVE, 1971, p. 23)

²¹ *A dictionary is primarily an instrument to be used when one needs a piece of information about a word in particular, about the language in general, or about the world. During the consultation process, the users learn, or verify, something that they did not know, or had momentarily forgotten. Dictionaries are instruments for self-teaching, and they have the characteristics of all didactic books: they contain definitions, they give information which is presented as the knowledge and opinions of the community in general - as opposed to the knowledge and opinions of the lexicographer.*

Entendido como uma fonte ou instrumento de consulta, o dicionário deve, acima de tudo, ser projetado para atender às necessidades de um público específico, e essa preocupação com o usuário deve estar patente desde a organização da macroestrutura, até as informações e apresentação da microestrutura, de forma a facilitar a consulta e compreensão, por parte do usuário, das informações apresentadas.

A esse respeito convém destacar que há mais de 15 anos tem sido desenvolvida no Centro de Lexicografia da Escola Aarhus of Business, na Dinamarca, uma teoria lexicográfica integrada denominada Teoria da Função ou Teoria Funcional da Lexicografia.

De acordo com essa teoria, o dicionário deve ser idealizado tendo como foco as necessidades dos usuários, sendo essas necessidades relacionadas não só para um tipo de usuário específico, mas também para o tipo de situação social que motiva o usuário a ter um tipo específico de necessidades lexicograficamente relevantes que induzem à consulta do dicionário (TARP, 2010).

Seguindo esse raciocínio, os dicionários, sejam eles gerais ou especializados são ferramentas produzidas e utilizadas para satisfazer alguns tipos específicos de necessidades humanas, seja saber sobre o significado, ortografia, pronúncia, emprego ou contexto de utilização de uma determinada unidade lexical (UL) ou unidade terminológica (UT).

Desse modo, todo e qualquer dicionário deveria ser planejado e desenvolvido de forma a cumprir o objetivo e função a que se propõe, e auxiliar a um público-alvo, para o qual foi projetado. Isto é, os dicionários, em especial os dicionários terminológicos (por seu caráter mais pontual e conciso) devem cumprir dois princípios básicos: o princípio da adequação e o princípio da qualidade.

O **princípio de adequação** está relacionado diretamente ao consulente e à função da obra. Envolve desde o planejamento e organização do mapa conceitual ou árvore de campo, à seleção das entradas, organização macro e microestrutural do dicionário e também ao meio social e forma de apresentação dessa obra (impresso, eletrônico ou on-line)

Nesse sentido, podemos dizer que dicionário qualificado é aquele que cumpre a função e objetivo para o qual foi criado, sendo que esse deve estar previamente definido em seu prólogo, embora saibamos que nenhum dicionário, por mais completo que seja, pode responder a todas as necessidades do usuário, mesmo porque essas necessidades são variadas, inconstantes e impossíveis de serem supridas totalmente.

Já o **princípio da qualidade** está relacionado aos objetivos do dicionário, ou seja, com que e para que propósito esse dicionário foi criado. Consideramos que esse é o ponto crucial e, portanto, o "calcanhar de Aquiles" do lexicógrafo ou terminógrafo, dado ao fato de ser esse o principal motivo das inúmeras críticas feitas nos trabalhos metalexográficos, que insistem em rotular e criticar, por variados motivos, os dicionários em geral, classificando-os como "bons ou ruins, adequados ou não-adequados". A respeito disso, Xatara et al (2011), fazendo referência a Johnson, autor do primeiro dicionário moderno de inglês, faz a seguinte observação:

Todos os autores costumam ter direito a algum elogio, só os que fazem dicionário que não. Os metalexógrafos têm criticado de maneira insistente os lexicógrafos, esquecendo muitas vezes que o dicionário é também um empreendimento comercial e que precisa equilibrar os esforços (XATARA ET AL, 2011, p. 09).

Desse modo, correndo o risco de receber as críticas e classificações que certamente virão, esclarecemos o que, para nós, faz com que um dicionário tenha

qualidade ou, como diremos doravante, torna um dicionário "qualificado". Primeiramente, dicionário qualificado é aquele que, obedecendo a princípios metodológicos previamente definidos, disponibiliza ao consulente, por meio de uma organização macro e microestrutural bastante acessível, lógica e organizada, as informações a que se propôs. Ou seja, se o lexicógrafo se propôs a apresentar determinados tipos de informações de forma sistematicamente organizadas, deve cumprir esse requisito em todo o dicionário.

Isso não quer dizer que todos os verbetes devam, necessariamente, apresentar sempre as mesmas e todas as informações, no entanto, essa assistemática deve ser bem explanada na apresentação da obra.

Em segundo lugar, dicionário qualificado é aquele que, conhecendo as necessidades específicas do público a que se destina, apresenta uma estruturação coerente, coesa e simples almejando suprir essas necessidades, não se propondo a atingir ou oferecer algo que o lexicógrafo ou terminógrafo, como ser racional que se espera que seja, sabe que é impossível apresentar.

Enfim, considerando o que foi exposto acima, consideramos que o DLB cumpre esses dois requisitos porque:

- 1- Foi previamente planejado e projetado para abranger todos os campos de determinado âmbito de estudo (a Lexicografia), como podemos exemplificar em nosso mapa conceitual ou árvore de campo, que será melhor explicado ao apresentarmos a macroestrutura do dicionário, na seção a seguir.
- 2- Tem um perfil de usuário claramente definido e, por esse motivo, direcionou-se, exatamente a esse tipo de destinatários.

Com isso, como todas as necessidades desses consulentes são pontuais, a organização da macroestrutura bem como as informações apresentadas na microestrutura do verbete foram elaboradas considerando o conhecimento prévio e habilidades desse grupo restrito, não havendo necessidade de apresentar uma grande gama de informações como é o caso dos dicionários de língua geral, que têm como foco um público leigo.

3- As entradas selecionadas são unidades terminológicas mais frequentes e representativas do âmbito da Lexicografia, retiradas de um corpus especializado constituído por textos voltados para a Lexicografia e com diversas tipologias (artigos, resumos, resenhas, relatórios, livros, teses e dissertações) eleitos mediante pesquisas e leituras constante durante os três anos de coleta, e por meio da utilização de dois programas computacionais: WordSmith Tools e Terminus, considerando, principalmente, dois critérios de seleção: a frequência e representatividade no corpus.

4- Tem uma função e objetivos delimitados, ou seja, almeja auxiliar na compreensão e produção de estudantes e especialistas da área da Lexicografia, considerando suas necessidades e dúvidas específicas. Sendo assim, embora apresentemos um número restrito de verbetes, dedicamos especial atenção às informações apresentadas em cada um dos verbetes de forma a atender as particularidades desse tipo de obra.

5- Seguimos a uma metodologia bastante coerente que é a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e que apresenta princípios claramente definidos; sendo assim, o modelo do DLB foi construído embasado nos critérios de Cabré (1999, 2005). Consideramos também a metodologia de trabalho lexicográfico, em

especial os pressupostos de Biderman (1984), Haensch(1982), Rey-Debove (1971), Bergenholtz e Tarp (2010), Hartmann e James (1998), Landau (2001), Borba (2003), entre outros.

6- Objetivamos, na elaboração do dicionário, apresentar uma organização macro e microestrutural bastante simplificada de modo a facilitar o acesso e compreensão das informações apresentadas às entradas do dicionário.

Nesse sentido, tendo em mente as considerações acima expostas e, propondo uma adaptação do quadro apresentado por Nadin (2011), o DLB deverá possuir as seguintes características:

Quadro 1: Características do DLB

Língua materna dos possíveis usuários:	- Falantes de português
Necessidades específicas que procura atender:	Dúvidas sobre o significado das unidades lexicais especializadas; Definições apresentadas por diferentes autores; Contextos de utilização dessas unidades; Dúvidas sobre sinônimos
Objetivos principais do dicionário:	Esclarecer dúvidas pontuais de estudantes e profissionais da área da Lexicografia, sobre significado e definições das unidades lexicais especializadas utilizadas nesse âmbito de estudo, e auxiliá-los na prática de compreensão e produção.
Informações apresentadas na microestrutura dos verbetes:	Definição adaptada de acordo com as diferentes definições apresentadas no corpús de análise; Contextos "ricos em conhecimento", segundo a proposta de Meyer (2001);

Tipo de dicionário:	Remissivas;
	Notas explicativas
	Dicionário para compreensão e produção (Dicionário ativo/passivo de Lexicografia Especializada ou Dicionário ativo/passivo terminográfico).

1.3.2.1 Estrutura e componentes de um dicionário

O dicionário é composto, basicamente, por três estruturas: textos externos, macroestrutura e microestrutura.

Discorreremos, neste capítulo, sobre a macro e microestrutura do dicionário geral, tendo como objetivo contrastar, em especial, a microestrutura do dicionário geral e do dicionário especializado, para que possamos compreender, como se estruturará a macro e microestrutura do DLB.

1.3.2.1.1 Macroestrutura

A macroestrutura pode ser definida como a organização e ordenação das entradas que compõem um dicionário, seguindo um critério que garanta sua funcionabilidade e acessibilidade.

A macroestrutura, geralmente, é organizada em ordem alfabética e semasiológica; entretanto, também pode ser organizada em ordem onomasiológica ou por campos conceituais.

De forma esquemática, a exemplo do que apresenta Welker (2004, p. 81) podemos dizer que a macroestrutura de um dicionário diz respeito:

- À seleção das entradas ou nomenclatura, o que inclui desde os critérios de lematização²² ao número de verbetes apresentados;
- Ao arranjo das entradas (ordem alfabética ou temática):
- Forma de apresentação das entradas e subentradas, o que se relaciona diretamente aos critérios de homonímia e polissemia das unidades lexicais elencadas;
- Formato dos verbetes;
- Ilustrações ou gráficos apresentados no corpo do dicionário.

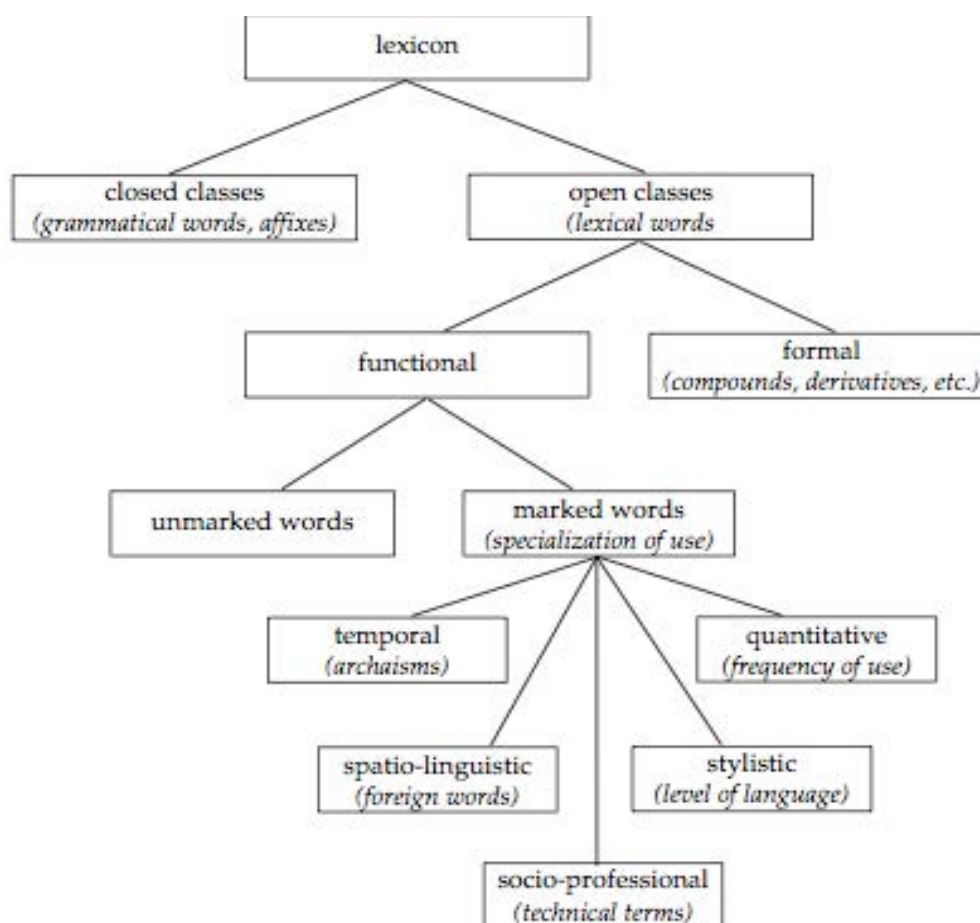
Considerando os critérios acima mencionados passamos a descrever a macroestrutura do DLB quanto:

A) Seleção das entradas

Wooldridge (1977, apud ABECASSIS, 2008), ao estudar sobre a escolha da nomenclatura nos primeiros dicionários, classifica o léxico lematizado nos dicionários conforme o esquema a seguir

²² Critério que consiste em apresentar a unidade lematizada de acordo com sua forma canônica: verbos no infinitivo e sintagmas nominais no masculino singular.

Figura 1: Léxico lematizado nos dicionários – Wooldridge (1977)
(adaptado de Wooldridge 1977: 83, apud ABICASSIS, 2008, p. 03)

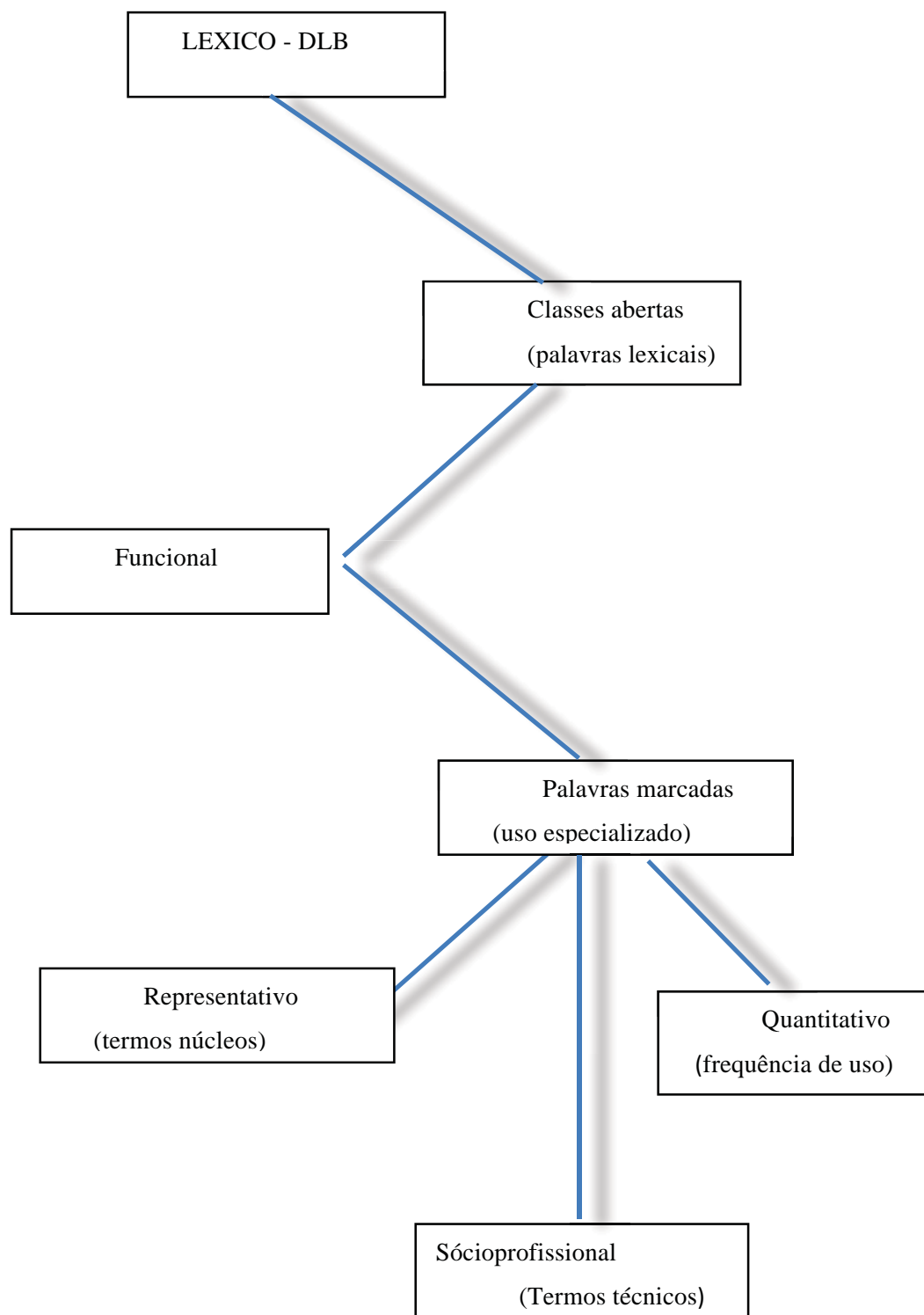


Tendo em vista a classificação apontada acima, o léxico a ser abordado no DLB pode ser assim explicado: as unidades terminológicas definidas são palavras lexicais (classes abertas), escolhidas de acordo com um critério funcional, ou seja, voltado para o uso, a função desses termos em um âmbito específico e, por isso mesmo são palavras marcadas, isto é com um uso especializado.

Quanto à forma de seleção, as UTs lematizadas foram selecionadas de acordo com um critério representativo, ou seja, selecionamos os termos núcleos que aparecem senão em todos, ao menos na maioria dos textos do corpus e também de acordo com um critério quantitativo, isto é, os mais frequentes no corpus, além de todos serem termos

técnicos utilizados no âmbito sócio-profissional da Lexicografia. Para melhor exemplificação do que apontamos, podemos esquematizá-lo da seguinte forma:

Figura 2: Léxico lematizado no DLB (adaptado de Wooldridge 1977, p. 83)



Para Haensch (1982), os princípios para a seleção dos lemas se estruturam de acordo com cinco critérios: (i) frequência de uso; (ii) representatividade da unidade léxica dentro do vocabulário registrado; (iii) relação com o diassistema de referência; (iv) de acordo com um critério purista ou diaintegrativo; (v) omissão ou inclusão de vozes que constituem tabus sociais.

No entanto, para a seleção da nomenclatura do DLB, como já dissemos anteriormente, só consideramos dois critérios (representatividade e frequência) que, em resumo se refere apenas ao critério de frequência de uso apontado por Haensch.

Passamos, agora, a explicar os princípios de seleção apontados por Haensch e porque eles não se adequam à nossa pesquisa.

Um dos princípios apresentados pelo autor é a **representatividade da unidade léxica dentro do vocabulário registrado**, ou seja, refere-se às palavras que não são as mais frequentes no cópús selecionado, mas que é importante que sejam incluídas na nomenclatura do dicionário. Segundo Haensch, nesse critério considera-se o uso, as necessidades e a forma de prestígio de uma palavra.

Apesar de achar esse critério extremamente lógico e interessante, não o consideramos para nossa pesquisa porque, como temos um número relativamente grande de textos e como nossa proposta é apresentar um número restrito de verbetes, estabelecemos uma média de corte proporcional ao tamanho total das palavras do cópús; por isso não incluímos as palavras de baixa frequência, em especial as hápax legomena.

Outro dos critérios elencados refere-se à **relação com o diassistema de referência**, isto é, eleição das unidades lexicais a comporem a nomenclatura do dicionário, mediante a consideração das variantes diatópicas de uma língua. Esse

critério não se aplica a nossa pesquisa porque nosso intuito não é a criação de um dicionário regional e tampoco um dicionário da língua geral e, sendo assim, não diferenciamos ou selecionamos as UTs por variedades de prestígio ou regiões em que essas unidades são utilizadas.

Quanto ao **critério purista ou diaintegrativo**, que se refere à inclusão ou não, de estrangeirismos no dicionário, constatamos que, no nosso caso, muitos dos termos utilizados na Lexicografia brasileira são empréstimos, tais como *front-matter* e *hápax legomena* ou são empréstimos adaptados como *lexie* que se origina do francês, como por exemplo: *lexie*, e, sendo assim, não adotamos esse critério purista apresentado pelo autor.

Um quarto princípio para a seleção das entradas é a **omissão ou inclusão de vozes que constituem tabus sociais**, tais como referência a partes do corpo ou denotação sexual, palavrões, palavras consideradas preconceituosas, nomes de doenças, etc.

Para nossa pesquisa esse critério é irrelevante, uma vez que trabalhamos como unidades especializadas de determinando âmbito sócio-profissional e, por isso, não se constituem em tabus, sejam eles de nenhuma forma.

O critério principal apresentado pelo autor é a **frequência de uso**, que é, sem dúvida, o critério mais utilizado para a seleção da nomenclatura; entretanto, como ressalta o autor, não deve ser considerado isoladamente, pois, nem sempre uma análise estatística pode ser representativa de uma língua.

Conforme Haensch (1982), uma forma de superar essa limitação, seria realizar uma pesquisa sociolinguística e psicolinguística de forma a verificar, no uso, as unidades lexicais utilizadas em uma determinada comunidade linguística.

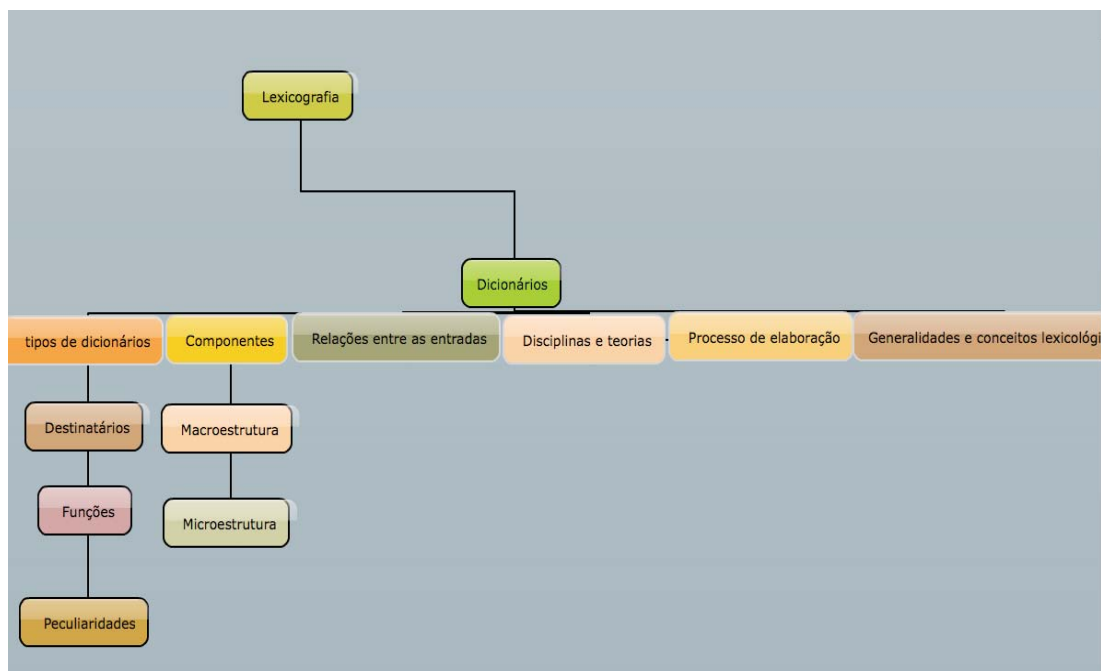
Consideramos, para o nosso objetivo, que esse é o princípio mais interessante e coerente dos apontados por Haensch e, por isso o adotamos para nosso trabalho e, tendo em vista o que o autor destaca sobre a ineficiência desse critério quantitativo baseado em frequência para atestar a representatividade de uma língua e sobre a realização de uma pesquisa baseada no uso, como forma de superar essa limitação, acrescentamos além desse critério de frequência de uso, um critério baseado na representatividade que, a nosso ver, refere-se à seleção dos termos-núcleos, mediante a uma análise possibilitada pelo programa Wordsmith Tools.

B) Processo de constituição da nomenclatura do Dicionário de Lexicografia Brasileira

Considerando o exposto anteriormente e voltando-nos para o processo de seleção dos lemas para compor a nomenclatura do dicionário, organizamo-nos da seguinte forma:

Primeiramente, construímos um cópús constituído por uma coletânea de 300 textos especializados do âmbito da Lexicografia, com base na leitura prévia desses textos e por meio de uma análise preliminar, utilizando a ferramenta WordList do programa computacional Wordsmith Tools e o método de extração de termos por ponderação do programa computacional Terminus, iniciamos o processo de elaboração da estrutura conceitual do domínio da Lexicografia, que consistiu basicamente na seguinte ordenação:

Figura 3: Mapa conceitual - DLB



A partir dessa estrutura conceitual, selecionamos do cópuz um número de 200 termos para compor a macroestrutura do dicionário, tendo como preocupação selecionar as unidades lexicais que contemplassem todos os campos apresentados nesse esquema conceitual.

Como nossa proposta é apresentar um modelo de sistematização lexicográfica para o DLB e não a obra completa, restringimo-nos, a um total de 50 verbetes mais frequentes elaborados a partir dos 200 termos previamente selecionados.

De forma esquemática, seguimos os seguintes passos para a seleção da nomenclatura do DLB:

(i) Em primeiro lugar, organização da estrutura conceitual a ser abordada no dicionário, por meio da leitura prévia dos textos especializados, (ii) em seguida extraímos as UTs do cópuz, com base na ferramenta Wordlist do programa computacional Wordsmith Tools, (iii) cruzamos e comparamos as duas listas de termos

anteriormente selecionadas, a fim de verificar os termos em comum e os termos mais recorrentes nas duas listas e, por fim, (iv) criamos a nomenclatura definitiva do dicionário.

C) O arranjo das entradas

Segundo a prática lexicográfica tradicional, os dicionários de língua geral geralmente seguem um método de organização alfabética e semasiológica, como um critério de praticidade e facilidade na hora da consulta.

Entretanto, sabemos que muitos dicionários, principalmente os dicionários especializados seguem outra forma de arranjo das entradas, podendo estas serem organizadas por campos semânticos e também de forma onomasiológica, ou seja, que vai em direção oposta à ordenação semasiológica, isto é, do significado para o significante.

De acordo com Welker (2004, p. 82 - 83), a ordenação alfabética em um dicionário geral pode ser organizada de três formas: (i) organização linear, ou seja, seguindo estritamente a ordem alfabética; (ii) ordenação alfabética em agrupamentos, isto é, organização em blocos que incluem um lema principal e seus sublemas; (iii) seguindo uma ordenação não estritamente alfabética com agrupamentos, ou seja, dentro de um bloco se organizam-se, alfabeticamente, lexemas que se relacionam com o lexema principal, sem seguir uma ordem linear.

No caso do DLB, optamos por seguir a ordem alfabética estritamente linear, como aponta Welker, pois, mesmo sabendo que essa organização tem vários problemas, como afirma Rey (1977) ao falar do "absurdo conceitual e linguístico de tal

organização", ainda acreditamos que essa é a maneira mais prática e fácil de apresentação e ordenação das entradas e também de fácil acessibilidade das informações disponibilizadas na obra.

1.3.2.1.2 Microestrutura

Segundo a definição clássica de Rey-Debove (1971, p. 21), entende-se por microestrutura o conjunto das informações ordenadas de cada verbete, apresentadas após a entrada. No entanto, para Wiegand (1989a) essa definição apresentada por Rey-Debove não apresenta informações suficientes para que se tenha uma real compreensão do que seja a microestrutura.

De acordo com esse autor também não existe uma padronização absoluta sobre as informações apresentadas nos verbetes, uma vez que, segundo o autor, para diferentes tipos de lemas podem existir diferentes tipos de microestruturas.

No entanto, convém ressaltar que Rey-Debove já havia destacado que nem sempre é possível apresentar os mesmos tipos de informações para todas as entradas, o que a autora denomina de grau zero de informação.

Conforme Wiegand, deve-se distinguir, a princípio, microestrutura abstrata,²³ que corresponde ao plano de informações que resultará na microestrutura concreta. Já a microestrutura concreta seria aquela que se vê no verbete, ou seja, a forma concreta como as informações sobre o lema são apresentadas.

²³ Podemos entender microestrutura abstrata como o plano de informações ou equação sêmica de que falava Rey-Debove (1971).

1.3.2.1.3. Organização dos verbetes

Entendemos verbete como o conjunto das informações de cunho fonético/fonológico, sintático, morfológico, semântico e pragmático que são apresentadas sobre (e depois da) entrada. De acordo com Barbosa (1995), verbete é a "junção da entrada + o enunciado lexicográfico"; assim para a autora:

A microestrutura de base [...] é composta das informações ordenadas que seguem a entrada e têm uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada [...] (BARBOSA, 1995, p. 266).

Como ressalta Barbosa, é imprescindível manter uma regularidade nas informações apresentadas no verbete, de forma que essa organização auxilie na compreensão das informações veiculadas.

Essa necessidade de padronização já foi apontada por Rey-Debove (1971, p. 21), pois, segundo a autora as informações apresentadas nos verbetes devem ser organizadas de forma padronizada e constante; porém, como nem sempre é possível apresentar as mesmas informações para todas as entradas, a autora admite um grau zero de informação, como destaca Welker (2004, p. 107).

A respeito das informações que devem constar em um verbete, Hausmann e Wiegand (1989, p. 341, apud Welker, 2004, p. 107) apontam que as informações mais importantes são: (a) informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão), (b) informação que identifica o lema na diacronia (etimologia) (c) marcas de uso, (d) informações explicativas (principalmente, a definição, às vezes descrições enciclopédicas), (e) informações sintagmáticas (construção, colocações, exemplos), (f) informações paradigmáticas (sinônimos,

antônimos, etc), (g) observações (por exemplo, sobre uso do lema), (h) ilustrações (desenhos, gráficos), (i) elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos), (j) remissões e (l) símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições).

As informações apresentadas por Hausmann e Wiegand se referem, geralmente, aos verbetes de dicionários de língua geral e não aos dicionários terminológicos; entretanto, como aponta Finatto (2001, p.81), nesse tipo de dicionário, além da definição, usualmente encontramos informações como: (a) informações enciclopédicas, (b) informações históricas, (c) avaliações, (d) discussões, (e) em alguns casos instruções ou justificativas sobre a utilização de determinado termo.

Entretanto, embora todas essas informações sejam de suma importância para a organização da microestrutura; a definição pode ser considerada como o ponto crucial e mais importante na organização do verbete, pois é na definição e, por meio desta, que o lexicógrafo ou terminógrafo externaliza seus conhecimentos, dando vida e forma a uma realidade abstrata que é o significado de uma unidade lexical ou terminológica.

Pensando em estabelecer uma padronização e auxiliar na compreensão e processo de realização da definição lexicográfica, Guerra (2003) estabelece alguns parâmetros ou condições para que se elabore uma "boa" definição.

I) Condições que uma definição deve cumprir

De acordo com a autora supracitada, ao se elaborar a definição da entrada em um dicionário de língua geral, o lexicógrafo deve levar em conta alguns requisitos, de forma que se obtenha uma definição adequada. Tais requisitos são:

a) A unidade léxica definida não deve ser representada na definição

Entretanto, constatamos que essa regra nem sempre é cumprida, pois é comum encontrarmos, com frequência, a unidade lexical definida, nas definições dos dicionários.

b) A definição deve evitar apresentar alguma ideologia

A neutralidade é um dos objetivos mais perseguidos pelos lexicógrafos, no entanto, o que se constata por meio das análises de dicionários é que esse objetivo é praticamente inalcançável.

Autores como Seco e Casares defendem que todo dicionário deve ser fruto da imparcialidade e da neutralidade do lexicógrafo, que deve evitar refletir em sua obra tendências políticas, credos religiosos etc. Porém, como é de conhecimento comum, o dicionário é, além de tudo, um produto social, nasce pela e para a sociedade e, sendo assim, é reflexo da cultura, pensamentos, ideologias e desejo dessa comunidade, representada pelo lexicógrafo que o confecciona.

Além disso, a concepção de um dicionário é permeada por muitas questões tais como: exigências editoriais, processo e pessoas envolvidas na redação do dicionário, público a que se destina, etc.

Outro fator, para nós o mais importante deles, é o fato de que o lexicógrafo é um ser social por si só, que possui suas ideologias e concepção de mundo previamente determinadas e, sendo assim, a transmissão ideológica, mais visível na redação das definições, poderá ser feita de forma consciente ou inconsciente, mas nunca neutro.

c) a definição deve participar das características de uma língua de sua época e as palavras devem ser claras e precisas

Quanto à clareza e precisão das definições nos dicionários, acreditamos que é um critério palpável na maioria dos dicionários. Quanto ao critério da atemporalidade, não acreditamos que seja possível, dado ao fato de que o dicionário reflete as características da língua no tempo e no meio no qual se insere.

No caso dos dicionários especializados acreditamos que, assim como ocorre com os dicionários gerais, é muito difícil cumprir todos esses requisitos; entretanto, acreditamos que, devido ao fato de descreverem ou definirem termos de um domínio sócio-profissional determinado se torne mais fácil cumprir requisitos como: clareza, concisão, precisão e atemporalidade.

Entretanto, o critério de não apresentar nenhuma ideologia também não é possível, dado aos mesmos fatos que apresentamos ao falar sobre o dicionário geral, mesmo porque, o simples fato de selecionar as palavras que utilizará para definir um termo, já se trata de uma opção pessoal e, por isso mesmo, é reflexo de uma convicção do que acredita ser melhor ou mais adequado, e portanto ideológico.

1.3.3. Peculiaridades entre a microestrutura do dicionário geral e a microestrutura do dicionário especializado

Uma primeira, e acreditamos, principal diferenciação entre o dicionário geral e o especializado consiste na língua trabalhada por eles.

Segundo Haensch (1982, p. 153), na comparação entre dicionário geral e dicionários especializados, pode-se observar que há vários critérios e características que

os diferem, entretanto, uma característica comum aos dicionários tanto gerais quanto os especializados é que é impossível que representem o léxico em sua totalidade.

Como destaca esse autor, mesmo para os dicionários especializados, que têm por característica apresentar apenas uma parcela reduzida do léxico, será difícil abarcá-lo na sua totalidade parcial. (HAENSCH, 1982, p. 153).

Para Béjoint (2000), o dicionário geral (ou *general purpose dictionary*) deve incluir todos, ou ao menos uma parcela representativa dos elementos de um léxico, incluindo os itens obsoletos e arcaicos, o que para Biderman (1984a) é uma característica dos *thesaurus* e não dos dicionários de língua geral.

De acordo com Bugueño-Miranda e Farias (2011) o dicionário geral deve fornecer ao menos dois tipos de informações: (a) informações sobre a significação das palavras e (b) informações sobre a ortografia, porém, considerando o tipo de usuário visado, esse programa de informações pode (e até deve) ser ampliado.

Entretanto, a respeito dos dicionários especializados, como é o caso de nossa proposta, Tarp (2010, p. 52) aponta que, considerando o tipo de usuário almejado, e as dúvidas comumente apresentadas por eles, é possível determinar as informações necessárias que os dicionários especializados são projetados para satisfazer e, dessa forma, determinar a possível função dessas obras.

Segundo Sanromán (2001), uma das diferenciações atribuídas por alguns autores ao dicionário geral e ao especializado é a caracterização do modelo lexicográfico como sendo de natureza predominantemente semasiológica, enquanto o especializado seria caracterizado pela orientação onomasiológica, o que não corresponde à verdade, dado ao fato de que é perfeitamente possível que o dicionário geral apresente uma organização onomasiológica ou por campos temáticos. Assim, segundo esse autor:

Reduzir o trabalho lexicográfico apenas à produção de dicionários de orientação semasiológica, especialmente orientados para a descodificação textual significa desconhecer o que de mais importante se está a fazer neste momento na área da lexicografia (SANROMÁN, 2001, p. 243-244).

No entanto, convém ressaltar que, obviamente, existem diferenças entre os produtos frutos do trabalho lexicográfico e do trabalho terminográfico, porém, as diferenças entre um dicionário especializado e um da língua geral não está somente no tipo de unidades lexicais repertoriadas na macroestrutura, mas, também, no tipo de definição utilizada para caracterizar e identificar a lexia apresentada como palavra-entrada do verbete, e na organização da microestrutura.

A esse respeito, Finatto (2001, p. 81) destaca que “a microestrutura”²⁴ ou verbete do dicionário terminológico, também à semelhança do que ocorre na lexicografia geral, pode ser considerada seu núcleo principal, quer por seu conteúdo, quer por sua forma”.

Apresentamos a seguir as diferenças e peculiaridades da microestrutura do dicionário terminológico, segundo Finatto (2001, p. 81-83), procurando contrastar essas características com as peculiaridades da microestrutura do dicionário geral, como o conhecemos. Desse modo:

²⁴ Definiremos melhor o conceito de macro e microestrutura no sexto capítulo, ao discorrer sobre a organização do DLB.

Tabela 1: Peculiaridades da microestrutura do dicionário terminológico e do dicionário geral

Dicionário terminológico	Dicionário geral
o centro da microestrutura tende a ser uma definição, porém, além da definição da unidade terminológica podemos encontrar informações enciclopédicas, históricas, avaliações, discussões, explicações ou justificativas de usos para o emprego de determinado termo;	o centro da microestrutura também é a definição, sendo esta uma paráfrase do significado da palavra-entrada. Além da definição, encontramos outras informações complementares: classe gramatical, informações sintáticas, marcações de número (plural), sinônimos e antônimos, exemplos e colocações a respeito do uso de uma unidade lexical. Entretanto, as informações enciclopédicas e históricas, geralmente são apresentadas nas enciclopédias, e não no dicionário geral;
a indicação do termo que encabeça o verbete sofre um processo de lematização distinto da forma tradicional da Lexicografia, assim, nesse tipo de dicionário é comum lematizarem termos no plural, no feminino e os verbos podem vir flexionados;	o processo de lematização segue a forma canônica da Lexicografia, ou seja: singulares masculinos para os substantivos e o infinitivo para os verbos;
Na microestrutura terminológica é comum a indicação de remissivas, com sinônimos, parônimos, antônimos, termos relacionados ou aproximados, a fim de construir pequenos conjuntos de termos interrelacionados, tanto como forma de complementar a informação, quanto pela necessidade de indicar a oposição, como um caráter funcional de complementaridade;	Na microestrutura do dicionário geral as remissivas remetem apenas às unidades lexicais consideradas sinônimas, mas não há indicação de sinonímia, antonímia, ou outras relações;
Geralmente, a microestrutura do verbete	Geralmente, a microestrutura do dicionário geral

<p>terminológico traz pelo menos uma definição, que corresponde a um ou mais significados do termo; em alguns casos, como nos glossários de algumas normas técnicas, pode haver, apenas a indicação de um sinônimo ou a apresentação de um contexto de uso do mesmo;</p>	<p>apresenta várias acepções que corresponde a significados distintos ou traços distintos do significado de uma mesma unidade lexical;</p>
<p>Outro traço peculiar da microestrutura terminológica é o modo como trata os múltiplos significados. Na maioria das vezes, é rara a indicação formal de polissemia, havendo uma tendência maior para a apresentação de homonímia;</p>	<p>No dicionário geral é comum o tratamento da polissemia, sendo esta claramente apresentada na forma de organização da microestrutura do verbete, isto é, uma única entrada e diferentes aceções para as palavras polissêmicas, entradas diferentes para as palavras homonímicas;</p>
<p>Em alguns casos na microestrutura do dicionário terminológico, o dicionarista pode acrescentar à definição, ou como nota explicativa, comentários e julgamentos que considera conveniente apresentar.</p>	<p>Normalmente esse tipo de informação não figura na microestrutura do dicionário geral.</p>

Para que possamos compreender melhor as informações apresentadas na microestrutura dos dicionários gerais, novamente recorreremos à Biderman (1984), que assim descreve o verbete:

Todo verbete tem um formato típico: após a palavra-entrada na sua forma canônica ou lema, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma. Segue-se uma paráfrase do significado, ou das várias acepções de sentido no caso de palavras polissêmicas; ou ainda as construções e/ou usos, no caso de palavras instrumentais. A seguir, vêm outras informações gramaticais sobre a palavra-entrada do tipo: plural irregular, formas verbais irregulares etc. [...] Fornecem-se também informações sobre a pronúncia e especificidades fônicas da

palavra [...]. Esse tipo de informação é particularmente importante no caso de um idioma em que a escrita se distanciou muito da língua falada como ocorre com o inglês. Enfim, é útil cruzar referências entre si. Assim, por exemplo, aponta-se para vocábulos que compõem o campo léxico da palavra-entrada, fornecendo-se um esquema da sua rede de significações, tanto dos lexemas de sentido próximo - os sinônimos - como das palavras de significado oposto - os antônimos (BIDERMAN, 1984b, p. 31).

Como depreendemos da explanação de Finatto (2001), e como procuramos exemplificar ao contrastar as informações sobre a microestrutura do dicionário terminológico com as características da microestrutura do dicionário geral, muitas são as diferenças entre a microestrutura desses dois tipos de dicionários.

1.4. Terminologia versus Lexicografia: diferenças e similaridades

Quando se trata de estabelecer uma diferença entre Lexicografia e Terminologia/Terminografia, podemos dizer que a Lexicografia pode ser entendida como a ciência que tem por fim específico a criação de dicionários. Sendo assim, muito mais que uma prática, ou um trabalho artesanal, a Lexicografia se utiliza de teorias que aliadas a uma metodologia aplicada e considerando as necessidades dos usuários, dão origem a um produto final, o dicionário.

Como fruto do trabalho lexicográfico podemos citar os dicionários gerais de língua (monolíngues, bilíngues e plurilíngues) e os dicionários especiais, que embora sejam produtos de uma mesma ciência, refletem realidades distintas de um léxico comum.

Por outro lado temos a Terminologia, também considerada uma disciplina aplicada que tem como produto final os dicionários especializados ou terminológicos,

glossários e bancos de dados terminológicos que ao contrário dos dicionários de língua geral, refletem e registram o léxico de determinado domínio ou área de conhecimento, sendo por isso mais concisos e restritos que os dicionários gerais.

Segundo Pérez-Hernández (2002, p. 59), ao se tentar estabelecer uma “clara” divisão entre Lexicografia e Terminologia, a maioria dos autores evidencia uma relação paralela entre a Lexicologia como sendo o estudo do léxico de uma língua natural, e a Lexicografia como sendo a parte aplicada da Lexicologia, centrada na elaboração de dicionários.

Já a Terminologia é entendida como a área de estudo teórico e metodológico e a Terminografia como a vertente aplicada da Terminologia, encarregada da elaboração de dicionários especializados. Sendo assim, numa relação de equivalência, a Lexicografia seria a aplicação da Lexicologia, assim como a Terminografia seria a aplicação da Terminologia.

Andrade (2001, p. 129), por sua vez, defende que a Terminologia é, na verdade, o ramo das especialidades dentro da Lexicologia, pois seu objeto é justamente as linguagens especializadas. Dessa forma, enquanto a Lexicologia trata da palavra e de seu conteúdo conceitual na língua geral, a Terminologia se ocupa do termo, ou seja, da unidade especializada dentro dessa língua geral.

Rey (1995) destaca que, embora tenham objetivos, metodologias e objetos diferentes, Lexicografia e Terminologia possuem relações bastante estreitas entre si, dado o fato de que a realidade lexicográfica e terminológica é construída por uma relação de interfaces, uma vez que estas se apropriam dos conhecimentos de outras áreas de conhecimento, como a Linguística e a Lexicologia para constituir seus objetos. E nesse entremeio há a Terminografia, considerada a aplicação prática da Terminologia.

De acordo com Krieger (2006), Lexicografia e Terminologia possuem identidades, propósitos e problemáticas específicas, que se definem de acordo com seus objetos de estudo: a unidade lexical no caso da Lexicografia e o termo na Terminologia.

No entanto, como ressalta a autora, essa separação não é totalmente rígida e não se mantém na prática, mesmo porque, com a evolução tecnológica e o constante avanço e a inserção da ciência na sociedade, a prática lexicográfica sofre o que a autora aponta como “efeitos da vulgarização terminológica”, ou seja, termos que saem das área de especialidade e são empregados diariamente em contextos gerais e comuns na comunicação social. E, conseqüentemente, torna-se cada dia mais comum unidades lexicais da língua geral passarem a assumir um valor terminológico ao “integrar esferas conceptuais de algum domínio de saber especializado” (KRIEGER 2006, p. 161), pois, como advogam Krieger e Finatto (2004):

o estatuto terminológico de uma unidade lexical define-se por sua dimensão conceitual. Conseqüentemente, o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que o integra a determinado campo de especialidade (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 78).

Objetivando tornar mais compreensível a distinção entre Lexicografia e Terminologia, apontamos os pressupostos de Bergenholtz e Kaufmann (1997, p. 92-93), que procuram traçar uma série de diferenças entre Lexicografia e Terminologia, atribuídas por diferentes autores durante os últimos anos.

Convém ressaltar que algumas delas, a nosso ver, são bastante equivocadas ou insuficientes. Vejamos:

Tabela 2: Comparação entre Lexicografia e Terminologia/Terminografia (adaptado de Bergholtz e Kaufmann, 1997, p. 92-93)

Lexicografia	Terminologia/ Terminografia
Lida com a descrição das palavras da língua geral	Concentra-se na descrição de termos especializados
Macroestrutura alfabética e semasiológica	Macroestrutura sistemática (onomasiológica) ²⁵
É descritiva	É prescritiva
O público-alvo é leigo	O público-alvo é o especialista
Abordagem semasiológica	Abordagem onomasiológica
Os informantes podem ser qualquer falante nativo	Os informantes são especialistas
Apresentação de dados em dicionários impressos	Uso de computadores e bases de dados, sendo seus resultados principalmente apresentados em dicionários eletrônicos
Metodologia diacrônica	Metodologia sincrônica
Há polissemia	Não há polissemia, mas às vezes há um mesmo conceito para mais de um termo
As palavras não são trabalhadas de forma sistemática, ou seja, dentro de um campo sistemático	Existe um campo sistemático como ponto de partida para todo o trabalho terminográfico
Utilização de métodos linguísticos	Descrição das relações conceituais
Trabalha-se com signos linguísticos	Trabalha-se com conceitos e termos

Analisando os dados elencados na tabela acima, podemos comprovar, a exemplo do que afirma Bergholtz e Kaufmann (1997, p. 93), que a maioria desses argumentos podem ser facilmente rejeitados. Assim, com base nos preceitos dos autores supracitados, apresentamos nossa compreensão sobre as semelhanças e diferenças entre Lexicografia e Terminologia, a saber:

Tabela 3: Paralelo entre Lexicografia e Terminologia

Lexicografia	Terminologia
Analisa, descreve e define as unidades lexicais da língua geral	Seleciona, analisa e define os termos de determinado âmbito de especialidade
Macroestrutura alfabética e semasiológica, mas também, em alguns casos, pode apresentar uma macroestrutura ordenada por campos temáticos.	Macroestrutura sistemática e onomasiológica, mas também pode apresentar uma organização macroestrutural alfabética.
Descritiva e prescritiva	Prescritiva e descritiva
Público-alvo é leigo	Público-alvo é o especialista, o tradutor e os estudantes e aprendizes
Abordagem semasiológica	Abordagem onomasiológica e semasiológica
Os informantes podem ser qualquer falante nativo	Os informantes são especialistas
Apresentação de dados em dicionários impressos, eletrônicos e on-line	Apresentação de dados em dicionários impressos, eletrônicos e on-line
Trabalha com os dados numa perspectiva	Metodologia com os dados numa perspectiva

²⁵Abordaremos melhor a questão da onomasiologia e semasiologia na análise de dados, no quinto capítulo e também no sexto capítulo, ao descrevermos a macro e microestrutura do dicionário.

diacrônica	sincrônica
Há polissemia e sinonímia	Há polissemia e sinonímia
As Uls não são trabalhadas dentro de um domínio de conhecimento, porém, é perfeitamente possível que um dicionário lexicográfico seja organizado por campos temáticos	A delimitação de um campo sistemático ou âmbito de especialidade é o ponto de partida para todo trabalho terminológico
Trabalha com unidades lexicais e seus significados.	Trabalha com conceitos e termos, sendo o termo uma unidade lexical, que adquire esse status conforme seu uso e significado.

Ainda a respeito dessa diferenciação, Alberts (2001, p. 78 -79) aponta que o objetivo da Lexicografia geral é documentar, descrever e preservar o léxico da língua geral, enquanto a Terminologia concentra-se na representação de uma linguagem para fins específicos.

Assim, consoante com a autora, uma das diferenças fundamentais entre Lexicografia e Terminologia/Terminografia está na forma como recolhe, concebe e trata sua matéria-prima, ou seja, o léxico:

O lexicógrafo, em princípio, recolhe "todas" as palavras de uma língua, a fim de classificá-las de várias maneiras. Uma vez coletada as palavras, ele começa a diferenciá-las por seus significados. Seu dicionário ideal abrange todas as palavras e todos os seus significados, embora, na prática, ele vai produzir vários tipos de subconjuntos para diversos usos. O terminólogo começa a partir de uma posição mais estreita, ele só está interessado em subconjuntos do léxico, que constituem o vocabulário (ou terminologia) de linguagens especializadas (os campos e domínios) (ALBERTS, 2001, p. 78 -79).

Essas características podem ser melhor compreendidas observando as diferenças e similaridades expostas na tabela abaixo, a partir dos preceitos dessa mesma autora:

Tabela 4: Diferenças e semelhanças entre Lexicografia e Terminologia (adaptado de Alberts, 2001, p. 83-84)

Lexicografia	Terminologia
A teoria e a prática da compilação e edição de dicionários gerais.	A teoria e a prática da compilação e edição de dicionários terminológicos.
Utiliza princípios e procedimentos básicos para a compilação e edição de dicionários gerais.	Utiliza princípios e procedimentos básicos para a compilação e edição de dicionários técnicos.
Diz respeito à elaboração de dicionários gerais.	Diz respeito à elaboração de dicionários técnicos.
Ponto de partida: a linguagem (por exemplo, Inglês, francês, alemão, Tsonga, polonês, Venda, Holandês, Frisian) para promover a comunicação entre os usuários da mesma língua ou falantes de línguas diferentes.	Ponto de partida: um campo ou disciplina (por exemplo, física, zoologia, psicologia, ...) ou um domínio (música, arte, jornalismo, ...) para promover a comunicação entre os especialistas da área e leigos.
Interessado na forma falada e escrita da língua geral.	Interessados principalmente na forma escrita da linguagem técnica.
Abordagem descritiva para documentar, descrever e preservar a língua em todas as suas facetas e registros.	Abordagem prescritiva para documentar e descrever os conceitos de um campo / domínio por meio de definições de termos, para padronização.
Documenta as palavras de uma língua, de acordo com as regras de ortografia da língua dada.	Documenta os termos de um campo de acordo com a ortografia da variedade-padrão da língua dada.
Documenta todas as palavras de determinado idioma (por exemplo, palavras coloquiais, gíria, uso dialectal, palavras arcaicas, literatura, palavras vulgares).	Documenta os termos de um campo (por exemplo, termos científicos (ciências naturais e da vida), termos tecnológicos, ciências humanas, ciências comerciais, jargão (por exemplo, do local de trabalho, esporte, ...) ou de domínio um domínio (por exemplo, jornalismo, música, arte)
Tem uma abordagem semasiológica, que parte da palavra para o seu significado.	Tem uma abordagem onomasiológica que parte dos conceitos para suas denominações.
Conotações emocionais podem estar relacionadas às unidades lexicais, resultando na mudança de sentido.	Termos são exatos. Um conceito é igual a um termo. Não há conotações emocionais ligados ao termo atribuído.
Tipologia: monolíngues bilíngues ou multilíngues ou dicionários gerais explicativos.	Tipologia: monolíngue, bilíngues ou multilíngue ou dicionários técnicos explicativos.
Macroestrutura: alfabética, retrógrada, unidirecional, bidirecional, back matter, front matter.	Macroestrutura: alfabética, unidirecional, bidirecional, back matter, front matter.
Microestrutura: informação explícita: parte do discurso, plural, diminutivo, pretérito, graus de comparação, as formas flexionadas. Informação implícita: informação contextual, colocações. Classes de informação: ortografia; fonologia; lema; classe de palavras (partes do discurso); flexão, morfemas (caso, número, grau de comparação, de modo, tempo, forma (ativa e passiva); morfemas derivacionais; informação semântica (definição semântica / significado da palavra), o contexto semanticamente relevante (contexto e palavra contextual); exemplos de uso; relações semânticas (primitivos semânticos, marcações de campo especializado).	Microestrutura: informação explícita: parte do discurso (principalmente substantivos e verbos), plural. Informações implícitas: informação contextual; Lema; classe de palavras (partes do discurso); classificação sintática (estrutura de superfície); informação semântica (definição semântica / significado da palavra), o contexto semanticamente relevante (contexto e palavra contextual); exemplos de uso; relações semânticas (primitivos semânticos, marcações de campo especializado).

De acordo com as características apresentadas por Alberts (2001), entre Lexicografia e Terminologia há vários pontos de intersecção, o que comprova o fato de

que estas são ciências ou disciplinas que se complementam, mais que se excluem e, sendo assim, conforme atesta Cabré (1993, p. 84), entendemos que o que na realidade separa a Terminologia da Lexicografia é a concepção que ambas as disciplinas possuem da linguagem.

Em outras palavras, a Lexicografia concentra seu estudo nas unidades lexicais e não concebe o significado sem que este esteja vinculado a uma palavra. Quanto à Terminologia, especialmente a teoria tradicional da Terminologia, concentra sua atenção nos conceitos, que considera prévios à expressão léxica, e que podem ser concebidos de forma independente à denominação terminológica que recebem em cada língua.

Outro ponto que vale a pena destacar é a evolução na concepção de Terminologia e Lexicografia de acordo com o passar do tempo. Atualmente é clara a constatação de que as diferenças entre Lexicografia e Terminologia não são tão rígidas e díspares como as da tabela apresentadas por Bergenholtz e Kaufmann (1997). Isso se pode comprovar observando as distinções apresentadas por Drame (2006):

Tabela 5: Comparação entre Lexicografia e Terminologia (adaptado de Drame 2006)

	Lexicografia	Terminologia
Variedade da linguagem	GPL (linguagem de uso geral)	SPL (linguagem de uso especializado)
GPL – língua com um propósito geral ou de uso geral	SPL (Lexicografia de uso especializado)	
SPL – uso com um propósito especializado ou uso especializado		
Objeto	Ampla área de conhecimento Domínio delimitado	Uso de um domínio delimitado dentro e um sistema de classificação.
Método de trabalho	Baseado na palavra Baseado no conceito	Baseado no conceito
Apresentação ao usuário	Alfabético Estilo thesaurus/ sistemático	Estilo thesaurus/ sistemático Alfabético

Apresentação das entradas	Polissêmicos/ homônimos juntos Sinônimos separados	Polissêmicos/ homônimos separados sinônimos (mesmo campo do objeto) juntos.
Orientação	Descritivo	Descritivo e prescritivo (dependendo do domínio)

Entre as mudanças de concepção de Lexicografia e Terminografia ocorridas no decorrer do tempo, chamamos a atenção para o fato de se admitir que as obras lexicográficas atuais possam trabalhar com um léxico de uso especializado, ter como objeto o léxico de determinado âmbito e apresentarem uma estrutura organizada onomasiológica e sistematicamente, o que as caracterizaria como frutos da Lexicografia especializada, que em nosso entendimento, apresenta-se como sinônimo de Terminografia, como discutiremos a seguir.

1.4.1. Terminografia versus Lexicografia Especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados

De acordo com a divisão tradicional entre os produtos e atribuições da Lexicografia e da Terminologia/Terminografia dizemos que a Lexicografia tem como objetivo a produção de dicionários gerais e especiais, enquanto a Terminologia se dedica aos dicionários especializados ou terminológicos. Sendo assim, qual o produto da Lexicografia Especializada? Quais suas atribuições? Qual a diferença entre Lexicografia Especializada e Terminografia?

São diversos os posicionamentos a respeito da relação entre Terminografia e Lexicografia Especializada. Para alguns, Lexicografia Especializada e Terminografia são técnicas, ciências ou disciplinas independentes, para outros são técnicas que,

embora diferentes, possuem pontos de intersecção e há ainda os que afirmam que são sinônimos, isto é, variantes denominativas para uma mesma atividade.

Segundo Kudashev (2007, p. 157-158), a oposição entre Lexicografia e Terminografia surgiu juntamente com a introdução do termo Terminografia na norma ISO 1087, em 1975, para substituir os termos Lexicografia terminológica e Lexicografia especializada.

Entretanto, como aponta o autor, o objetivo principal da criação desse termo não era apresentar uma forma culta para a Lexicografia terminológica e, sim, como comprovam Hartmann e James (1998): o termo Terminografia foi criado em alusão à analogia Lexicologia/Lxicografia, isto é, assim como a Lexicografia é a parte prática da Lexicologia, a Terminografia deveria ser a parte prática e aplicada da Terminologia.

Conforme Burkhanov (1998, p. 240, apud KUDASHEV, 2007, p. 157), “o objetivo principal deste termo era enfatizar que lexicografia só deve lidar com a descrição do vocabulário geral, ao passo que a descrição da terminologia deve ser explicada por outra disciplina”.²⁶

Podemos depreender das informações acima, que ainda que tenha surgido com um objetivo diferente, o termo Terminografia tornou-se, na verdade, um substitutivo para a Lexicografia Terminológica ou Especializada como nomeiam algumas vertentes, ainda que não sejam disciplinas totalmente equivalentes.

Nessa linha de raciocínio, apresentamos os pressupostos de Ciobanu (2003, p. 60), para a qual o termo Terminografia tem sido usado como sinônimos para a “Lexicografia de linguagens especiais, Lexicografia terminológica, LSP (Specialized

²⁶ *The primary aim of this term was to emphasize that lexicography should only deal with the description of the general vocabulary, whereas the description of terminology should be accounted for by another discipline.*

Pedagogical Lexicography), Lexicografia para fins específicos ou Lexicografia Especializada”, porém, conforme destaca a autora, embora os termos mencionados acima tenham sido considerados sinônimos, convém ressaltar que para alguns especialistas, como por exemplo, os terminógrafos da Escola de Viena, Terminografia e Lexicografia Especializada ou para fins específicos (LSP) são disciplinas diferentes. Segundo Ciobanu (2003), essa posição é correta se considerarmos que formalmente e etimologicamente os termos Lexicografia e Terminografia são diferentes.

Uma ideia semelhante é defendida por Schierholz (2012) que aponta que a Terminografia (ou trabalho terminológico) é entendida como uma prática de coleta e apresentação de dados terminológicos em dicionários de especialidade e bancos de dados terminológicos. Segundo esse autor, consta como sinônimo do termo Terminografia, o termo Lexicografia Terminológica, mas não Lexicografia de Especialidade ou Lexicografia Especializada.

Conforme Schierholz (2012), a Lexicografia de especialidade ou Lexicografia Especializada faz parte da Lexicografia e tem mais de mil anos como prática cultural independente na Europa. Seu objeto é, em geral, o dicionário de especialidade, sendo este voltado para especialistas, leigos ou aprendizes em questões especializadas.

A fim de atingir seu objetivo, o dicionário de especialidade contém um índice de verbetes especializados (em ordem alfabética ou outra ordem) e, para cada verbete há, geralmente, informações linguísticas ou enciclopédicas. A estrutura tradicional (verbetes com lema e informações lexicográficas como informações morfológicas e sintáticas, sinonímia, marcas de uso e exemplos) é frequentemente deixada de lado nos dicionários de especialidade.

Essa posição defendida por Schierholz (2012) em muito se aproxima da concepção de Marzá (2012) para a qual a Lexicografia Especializada é uma teoria embasada especialmente nos pressupostos de Cabré (1993/1999), a partir da proposta da TCT e da constatação de que faltava à Terminologia um aspecto mais voltado para a comunicação.

De acordo com essa autora, a Lexicografia Especializada pode ser entendida como a Terminografia, mas em um sentido mais amplo, de base Linguística e comunicativa e que, por sua vez se sustenta em três pilares básicos: linguagem de especialidade, Terminologia (entendida a partir da TCT de Cabré, 1999) e Linguística de Córpus.

Analisando o exposto, constatamos que para os autores supracitados, Terminografia e Lexicografia Especializada em alguns pontos se assemelham, mas não são equivalentes e por essa razão, não são uma única técnica ou disciplina.

De acordo com Cluver (1992, 32, apud ALBERTS, 2001, p. 73), a diferença entre Lexicografia geral e Lexicografia técnica (Terminografia) está na variedade de linguagem descrita por cada uma. Desse modo, o trabalho e os objetivos dos lexicógrafos e dos terminógrafos são, em muitos aspectos complementares, mas não idênticos.

A esse respeito, Tarp (2000, p.194) atesta que, se de fato é atribuição da Lexicografia registrar e documentar o léxico da língua geral ao passo que a Terminografia se encarregaria do léxico de um domínio específico, então realmente essas duas áreas seriam disciplinas claramente distintas; entretanto, se considerarmos que os lexicógrafos especializados utilizam grande parte da metodologia seguida por muitos terminólogos/terminógrafos, Lexicografia Especializada e Terminografia têm

muito em comum. Nesse sentido, para esse autor, a Terminografia pode ser considerada um subcampo da Lexicografia. Esse mesmo raciocínio já tinha sido apresentado em Bergenholtz e Tarp (1994).

Para explicar a relação entre Terminografia e Lexicografia Especializada Bergenholtz (1995, apud HUMBLEY, 1997, p. 14) apresenta três diferentes proposições: (i) a primeira apresenta os objetivos da Terminografia como uma descrição da língua especializada e os da Lexicografia como uma descrição da língua geral; (ii) a segunda apresenta a Terminografia como parte da Terminologia e a Lexicografia Especializada como pertencente à Lexicografia, dessa forma, deixa bem claro que existem tarefas e métodos paralelos entre essas disciplinas e (iii) a terceira posição apresenta Lexicografia Especializada e Terminografia em uma posição de equivalência, ou seja, como uma única disciplina, com denominações diferentes. (HUMBLEY, 1997, p. 14).

Essa mesma posição é defendida por Bergenholtz e Tarp (2010):

Ainda entendemos a terminografia como sendo sinônimo de lexicografia especializada. Nem todos os colegas concordam, nem a maioria dos lexicógrafos, que entendem a lexicografia como sendo parte da Linguística, nem a maioria dos terminógrafos, que dizem haver grandes diferenças, porém indefinidas, em relação à lexicografia especializada. Na verdade, a discussão é outra: financiamento de pesquisa, influência e posições nas universidades, e a defesa de uma opinião acerca de duas tradições que produzem ferramentas para solucionar os mesmos tipos de problemas²⁷ (BERGENHOLTZ & TARP, 2010, p. 29).

²⁷ *We still see terminography as a synonym of specialised lexicography. Not all colleagues agree, nor the majority of lexicographers, who see lexicography as a part of linguistics, and most terminography neither, who claim there are large but unclear differences in relation to specialised lexicography. In reality, it is a discussion about something else, about research funding, about influence and positions at universities, and about defending a position concerning two traditions in making tools to solve exactly the same types of problems.*

Nessa mesma linha de raciocínio, Finatto (2014, p. 248) destaca que, seguindo o conceito geralmente empregado na Terminologia brasileira, podemos utilizar a expressão Lexicografia das linguagens de especialidade como sinônimo de Lexicografia especializada ou Terminografia, referindo-se à disciplina que se encarrega da descrição linguística, conceitual e pragmática das UTs de um ou mais domínios, com o objetivo de produzir um dicionário, glossário ou vocabulário especializado.

Neste trabalho, também concebemos Lexicografia Especializada como sinônimo de Terminografia, uma vez que as duas têm um mesmo objeto de estudo (o léxico), um mesmo produto e um mesmo objetivo, que é a criação de dicionários especializados.

Comprendemos que a Lexicografia Especializada ou de domínios especiais se encontra em relação de inclusão entre Lexicografia e Terminologia, assim como se evidencia a relação de inclusão entre língua geral e língua especializada. Sendo assim, os termos Terminografia e Lexicografia Especializada são apenas variantes denominativas para nomear uma única disciplina, prática ou atividade, a criação de dicionários especializados.

...

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa: os pressupostos da Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Lexicografia Especializada e suas intersecções. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada para desenvolvimento deste trabalho.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, temos por objetivo descrever a metodologia de trabalho utilizada para desenvolvimento dessa pesquisa: (i) critérios de seleção dos textos e constituição do *córpus*; (ii) descrição, classificação e catalogação do *córpus*; (iii) autores abordados; (iv) processo de extração dos termos e seleção da nomenclatura do dicionário; (v) a construção do banco de dados do DLB; (vi) estruturação e apresentação da macroestrutura do dicionário.

2.1. Critérios de seleção dos textos e constituição do *córpus*

A preocupação com a constituição do *córpus*, em especial com a seleção dos textos que o constituirão, é um dos pontos principais no desenvolvimento de pesquisas que tenham como produto final um dicionário, seja ele geral ou especializado.

No caso desta pesquisa, que tem como produto final um dicionário especializado da Lexicografia em uso no Brasil, pautamos-nos nos pressupostos de Cabré (1993, 2007) a respeito do trabalho terminológico/terminográfico e a constituição de *córpus* especializados e também nos pressupostos da TCT, sobre a qual estruturamos o trabalho.

Segundo Cabré (1993, p. 270), antes de se iniciar qualquer trabalho terminológico, considerando-se que já se saiba a temática que se deseja abordar, a função inicial do terminólogo (e estendemos nosso leque de forma a abranger também o

lexicógrafo) é se informar sobre a documentação que poderá ter à sua disposição para a realização de seu projeto.

Essa documentação inclui trabalhos terminológicos sobre o mesmo âmbito, dicionários, manuais e outras obras especializadas sobre o mesmo conteúdo e, no nosso caso, textos especializados no âmbito da Lexicografia.

Após essa etapa, começa-se a selecionar e organizar as informações necessárias ao trabalho terminográfico, que podem ser segmentadas da seguinte forma: (i) avaliação e seleção das obras que considera mais relevantes de acordo com as informações que se deseja obter, (ii) seleção da documentação (fundamentação teórica) que permita obter os conhecimentos necessários para trabalhar com o tema escolhido, (iii) extração dos dados retirando-os dos documentos (textos especializados) previamente selecionados, (iv) utilização da documentação de consulta para verificar os dados levantados e complementar as informações extraídas dos documentos selecionados.

Estabelecida a documentação a ser utilizada para o desenvolvimento do trabalho, passamos à seleção e constituição do *corp*us de análise.

De acordo com Cabré (2007, p. 89), para se chegar à delimitação exata sobre a constituição do *corp*us e, acima de tudo sobre sua dimensão, podemos nos nortear em perguntas como: Para que se constitui o *corp*us que vamos elaborar? Que finalidade esse *corp*us deve cumprir? A que estudos linguísticos ou contribuições queremos que dê lugar?

Desse modo, tendo como base o exposto anteriormente e tendo em mente os objetivos e função desta pesquisa, apresentamos os critérios de seleção por nós considerados para justificar tanto o tamanho do *corp*us, quanto a seleção dos textos especializados que os compõem.

Para a seleção dos textos, pautamos-nos em critérios como:

- Textos de diversas tipologias textuais para que se pudesse verificar o uso e a ocorrência de um mesmo termo em diferentes contextos;
- Uma quantidade relativamente grande de textos, de forma que o *cópus* pudesse ser uma amostra significativa dos termos utilizados no âmbito da Lexicografia;
- Textos escritos por autores brasileiros ou estrangeiros, na modalidade do português do Brasil;
- Autores significativos da Lexicografia no Brasil, que fazem parte do Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, da Anpoll, ou que tenham produções vinculadas (coautoria) a alguns desses autores;
- Textos disponibilizados na internet ou publicados em livros e revistas especializadas no recorte temporal de 1980 a 2013.

Definidos esses critérios, passamos à seleção dos textos e à compilação do *cópus*.

A respeito da constituição de um *cópus* especializado, Cabré (2007, p. 89-90) ressalta que, antes de elaborá-lo, devemos nos atentar, primeiramente, para uma questão essencial que consiste na concepção e definição de texto especializado e de como este pode ser caracterizado e diferenciado dos textos gerais.

Tendo clara essa questão, a autora aponta os passos e critérios que devem ser seguidos para a constituição do *cópus*. Para melhor entendimento, apresentamos ordenadamente os critérios e como os mesmos se relacionam ao nosso trabalho:

1- Definição dos tipos de textos especializados que devemos escolher para que o *cópus* se torne suficientemente equilibrado.

Relacionado a esse critério, ressaltamos que, para constituir nosso *cópus*, selecionamos textos escritos por especialistas em Lexicografia e publicados em meios (revistas, internet, periódicos) também voltados para especialistas ou estudantes dessa área, e constituídos pelas tipologias textuais: artigos, resenhas, resumos, relatórios, livros, dissertações e teses.

Quanto às teses e dissertações, consideramos publicações de 2000 a 2013, por ser somente a partir do ano 2000 que se passou a exigir a obrigatoriedade da digitalização das teses e a disponibilidade das mesmas no sistema de bibliotecas *on line* das universidades brasileiras.

2- Delimitação da quantidade de textos que irão compor o *cópus* de forma que possa ser uma amostra representativa de determinado domínio de especialidade e que possa nos dar possibilidades de analisar um tema determinado previamente.

Conforme ressalta Berber Sardinha (2000, p. 342), na sua essência, um *cópus*, seja de que tipo for, é tido como representativo de uma linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele, ou como diz Leech (1991, p. 27, apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 342), o *cópus* possui uma função representativa.

Entretanto, mesmo tendo como certo de que todo *cópus* é uma amostra representativa de uma língua, considerando o objetivo para que se propõe, sabemos que esse critério de representatividade muitas vezes pode não ser o suficiente para a seleção da nomenclatura de um dicionário e, por isso, não deve ser o único a ser considerado quando se pensa em criar uma obra lexicográfica ou terminográfica.

Para autores, como Leech (1991, p. 27, apud Berber Sardinha, 2000, p.342), por exemplo, o critério da representatividade está relacionado ao tamanho ou extensão do córpus, ou seja, quanto maior for sua extensão, mais representativo será.

Entretanto, como ressalta Sinclair (1991), o córpus pode ser entendido como a "amostra de uma população cuja dimensão se desconhece". Em outras palavras, é impossível determinar ou quantificar a língua como um todo e, desse modo, não se pode estabelecer com precisão qual seria a extensão de uma amostra representativa dela.

Sendo assim, conforme Berber Sardinha (2000), não existem critérios objetivos para determinar a representatividade de um córpus. Mesmo porque, antes de se determinar se um córpus é representativo ou não, há que se considerar duas questões fundamentais: Do que e para quem esse córpus é representativo?

No caso do nosso córpus, tendo conhecimento da quantidade de trabalhos sobre Lexicografia publicados no Brasil durante o período de 1980 a 2013, estabelecemos um média de corte e restringir esses textos a um número de 300 publicações, o que para nós, consiste em uma amostra representativa desse domínio específico.

Segundo Berber Sardinha (2000, p. 345), embora a extensão do córpus seja um critério essencial para se determinar a representatividade de um córpus, não existem muitas pesquisas com o objetivo de definir critérios de extensão de um córpus.

Muitos autores têm postulado diferentes tamanhos para os córpus e para o que consideram um córpus representativo. Uma classificação é apresentada por Berber Sardinha baseada na observação dos córpus utilizados em quatro anos de conferências de Linguística de Córpus.

De acordo com esse autor, em critério de extensão, o córpus pode assim ser classificado:

Tabela 6: Classificação do corpus segundo sua extensão(adaptado de Berber Sardinha, 2000, p 185)

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio – grande
10 milhões ou mais	Grande

Nesse caso, aceitando o ônus de uma possível e errônea generalização, como usuários desse corpus e como membros dessa comunidade de especialistas, consideramos nosso corpus como uma amostra representativa do domínio da Lexicografia no Brasil.

2.1.1. Descrição, classificação e catalogação do corpus

Muitas definições de corpus já foram apresentadas no decorrer da evolução de pesquisas com corpus. Uma das definições mais completas foi apresentada por Sanches (1995, apud BERBER SARDINHA, 2000), segundo o qual o corpus pode ser definido como:

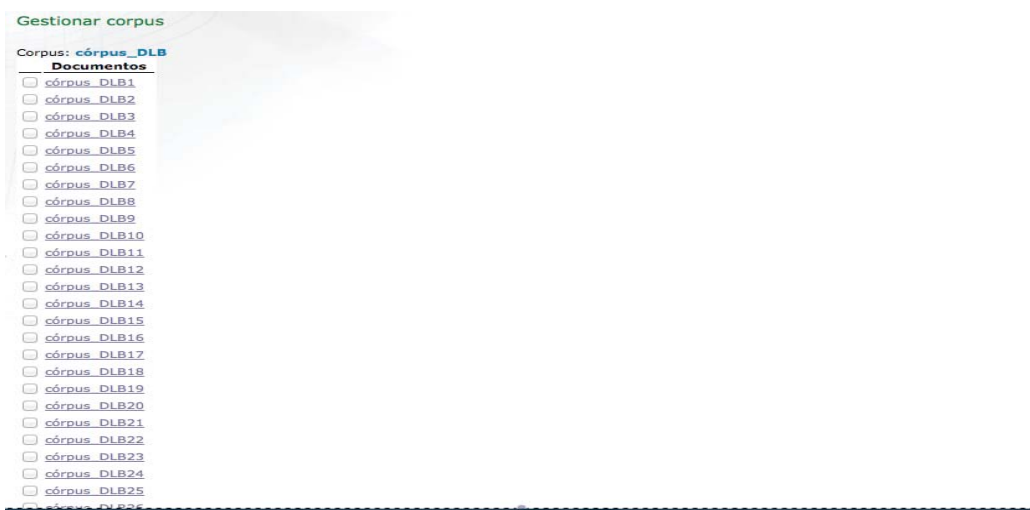
Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHES, 1995, p. 8-9, apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 338).

Como podemos depreender da explanação anterior, o córpus é um conjunto de dados linguísticos, ou textos naturais organizados de forma a ser uma amostra representativa de uma língua ou domínio dela, e também que tenha a propriedade de ser manipulável por programas computadorizados em pesquisas Linguísticas.

O córpus do Dicionário de Lexicografia Brasileira, denominado CÓRPUS_DLB, foi projetado para, entre outras coisas, cumprir dois objetivos: ser uma amostra representativa de determinado domínio e ser manipulável por programas computacionais: o Wordsmith Tools e o Terminus.²⁸

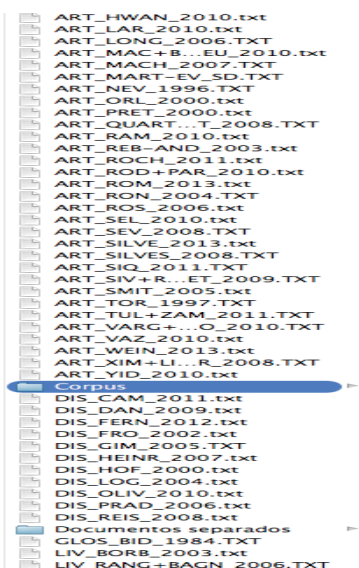
Esses dois programas computacionais foram utilizados para a extração dos termos e análise dos dados. Vejamos um exemplo dessa sistematização, nas figuras 2 e 3:

Figura 4: Organização do Córpus de acordo com o programa Terminus



²⁸ O programa computacional Wordsmith Tools, criado em 1996, na Universidade de Liverpool - Reino Unido, tem como objetivo atuar como uma ferramenta para auxiliar na análise automática de córpus. Dentre os recursos mais importantes desse programa podemos elencar as ferramentas WordList, Concord e KeyWords, entretanto, neste trabalho, utilizamos somente a ferramenta WordList, para a extração dos termos. O Terminus é um programa computacional criado para o grupo IULATERM, do Instituto de Linguística Aplicada - IULA, da Universidade Pompeu Fabra - Barcelona, foi projetado para o desenvolvimento de trabalhos terminológicos. Devido ao variado número de ferramentas que oferece, o Terminus é um programa bastante completo, que permite o desenvolvimento de trabalhos terminográficos individuais ou em equipe tais como: pesquisa, criação e exploração de córpus textuais, extração de termos, criação de projetos, glossários, bases de dados, bem como a criação e edição de dicionários.

Figura 5: Organização do Córpus de acordo com o programa Wordsmith Tools)



No entanto, convém ressaltar que, embora consideremos bastante satisfatório o resultado final obtido com a utilização dos dois programas supracitados, alguns problemas e incompatibilidades se manifestaram no decorrer da pesquisa, a saber:

1. Ainda que o formato de texto padrão exigido para o processamento dos dados seja o txt, os dois programas trabalham com versões diferentes, por isso foi necessário organizar dois córpus de análise: uma versão em txt Unicode para trabalhar com o Wordsmith Tools e uma versão em txt Utf8, para trabalhar com o Términus.

2. Mesmo tendo sido projetado para trabalhar com várias línguas, o programa Terminus não reconhecia os acentos próprios da língua portuguesa e, por esse motivo, tivemos que acrescentar uma lista de inclusão com os acentos e as outras classes de palavras não reconhecidas, tais como pronomes, preposições e artigos.

3. Para a extração dos termos, em primeiro lugar, selecionamos as ULs por ordem de frequência, porém, o Wordsmith Tools seleciona os dados do córpus verificando a frequência total em relação a quantidade de palavras do córpus, ao passo

que o Terminus seleciona os termos por ponderação, isto é, as unidades que tenham mais probabilidade de serem termos. Sendo assim, as Uls selecionadas pelos dois programas não coincidiram totalmente, sendo necessário comparar as listas e selecionar, manualmente, as unidades em comum e que mais se adequavam ao nosso objetivo.

4. Por ser um programa desenvolvido para trabalhos terminológicos, os contextos fornecidos pelo Terminus são bastante concisos; como nosso objetivo era selecionar contextos definitórios mais extensos, tivemos que selecionar os contextos do programa Wordsmith Tools e inserir manualmente todos os contextos. O problema é que muitos deles desformatavam quando inseridos na plataforma do Terminus, sendo preciso conferi-los e compará-los com o texto original.

Esses foram os principais impasses com os quais nos deparamos ao criar os verbetes do DLB, porém, acreditamos que esses empecilhos ou pontos fracos se converteram em ganhos ao final do trabalho, uma vez que nos fez buscar formas alternativas para contornar tais situações.

Quanto às formas de classificação do cópuz, destacamos que vários são os nomes utilizados para classificar e definir os cópuz de acordo com seus conteúdos e propósitos. As principais classificações são apresentadas em Berber Sardinha (2000, p. 340 a 342), a saber:

■ **Modo**

Falado: composto de porções de falas transcritas.

Escrito: composto de textos escritos, impressos ou não.

■ **Tempo**

Sincrônico: compreende um período de tempo.

Diacrônico: compreende vários períodos de tempo.

Contemporâneo: representa o período corrente.

Histórico: representa um período de tempo passado.

■ Seleção

De amostragem (*sample corpus*): composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo.

Monitor: a composição é reciclada para refletir o estado atual de uma língua. Opõe-se a corpora de amostragem.

Dinâmico ou orgânico: o crescimento e permitidos, qualifica o cópua monitor.

Estático: oposto ao dinâmico, caracteriza o cópua de amostragem.

Equilibrado (*balanced*): os componentes (gêneros, textos, etc.) são distribuídos em quantidades semelhantes (por exemplo, mesmo número de textos por gênero).

■ Conteúdo

Especializado: os textos são de tipos específicos (gêneros ou registros definidos).

Regional ou dialetal: os textos provenientes são de uma ou mais variedades socioLinguísticas específicas.

Multilíngue: inclui idiomas diferentes.

■ Autoria

De aprendiz: os autores dos textos não são falantes nativos.

De língua nativa: os autores são falantes nativos.

■ Disposição interna

Paralelo: os textos são comparáveis (por exemplo, original e tradução).

Alinhado: as traduções aparecem abaixo de cada linha no original.

■ Finalidade

De estudo: o córpis se pretende descrever.

De referência: usado para fins de contraste com o córpis de estudo.

De treinamento ou teste: construído para permitir o desenvolvimento de aplicações e ferramentas de análise.

Sendo assim, as características do DLB são, segundo Berber Sardinha(2000, p. 345):

Tabela 7: Classificação do CÓRPIS_DLB

Modo:	escrito
Tempo:	sincrônico
Seleção:	de amostragem e estático
Conteúdo:	especializado
Autoria:	a princípio nosso objetivo era apresentar apenas autores brasileiros no córpis, porém, entendemos que era impossível ignorar autores estrangeiros que possuem extrema importância e influência na Lexicografia no Brasil, como é o caso de autores como: Humblé, Welker e Bugueño-Miranda. Sendo assim, nosso córpis são todos escritos no português do Brasil, mas nem todos os autores são falantes nativos.
Disposição interna:	balanceado. .
Finalidade:	de estudo.

A respeito das tipologias textuais apresentadas em nosso córpis, ressaltamos que não constituem um córpis balanceado, isto é, não temos a mesma quantidade de textos para cada tipologia apresentada. Isso se justifica pela maior produção e disponibilidade de algumas delas, como é o caso dos artigos.

A escolha dos autores abordados na pesquisa se baseou no fato de se dedicarem a escrever textos voltados para a Lexicografia brasileira, não importando suas nacionalidades.

A princípio nossa intenção era ter no córpis apenas autores brasileiros, ou seja, um córpis com falantes nativos; entretanto constatamos que isso não seria possível, pois

não se pode desconsiderar a influência e importância que alguns autores estrangeiros têm na Lexicografia brasileira, como é o caso de autores como: Humblé, Welker e Bugueño-Miranda, entre outros.

Essa influência se torna ainda mais visível quando observamos como suas formações influenciam na escrita de seus textos e, em especial para a propagação na variabilidade das unidades lexicais especializadas na Lexicografia corrente no Brasil. Entretanto, como pudemos constatar no decorrer de nossa pesquisa e, como será mais bem explicado em nosso capítulo de análises, não somente os autores estrangeiros contribuem para essa variação, tampouco esta sempre se relacione à formação ou escola lexicográfica que segue determinado autor.

Para melhor visualização e conhecimento dos autores que fazem parte de nosso corpus, traçamos uma breve descrição sobre os mesmos de acordo com as seguintes características: (i) campo de atuação – Lexicografia, Metalexicografia ou Terminologia/Terminografia, (ii) formação (escola) lexicográfica – espanhola, inglesa, francesa, alemã ou portuguesa/brasileira, (iii) período de produção (publicação no corpus) – de 1980 a 2000, 1980 a 2013 ou de 2000 a 2013, (iv) enfoques do trabalho – prescritivo e ativo, prescritivo e passivo, descritivo e ativo, descritivo e passivo, (v) características do trabalho – maior preocupação com o usuário ou maior preocupação com os aspectos estruturais da obra.

Depois de informar todos esses aspectos pudemos descrever os autores presentes em nosso corpus da seguinte forma:

Tabela 8: autores presentes no corpus²⁹

Autor	CRITÉRIOS				
	1	2	3	4	5
Abreu	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Aranda	Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Babini	Terminologia	francesa	2000 a 2013	prescritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Bagno	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Barbosa	Terminologia Lexicografia	francesa	1980 a 2013	descritivo/ ativo prescritivo/ativo	Preocupação com o usuário
Barros (D)	Lexicografia	francesa	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Battisti	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Beneduzi	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo / ativo prescritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Bevilacqua	Terminologia	espanhola	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Biderman	Lexicografia Terminologia	francesa	1980 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Bizzocchi	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Borba	Lexicografia	francesa	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Braga	Terminologia Lexicologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Brangel	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Bugueño-Miranda	Lexicografia Metalexigrafia	alemã	2000 a 2013	prescritivo/ passivo descritivo/ativo	Preocupação com aspectos estruturais
Cano	Terminologia Terminografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Cardoso	Lexicologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Coelho	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Coroa	Terminografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Correia	Terminologia	portuguesa	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Damin	Lexicografia Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Dantas	Terminologia Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais

²⁹ Destacamos que as informações apresentadas nesse quadro foram obtidas por meio de consulta ao currículo lattes dos professores.

Duran	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Durão	Lexicografia	espanhola	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Farias	Lexicografia	brasileira	1980 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Faulstich	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Finatto	Terminologia/ Terminografia Lexicografia	brasileira	1980 a 2013	descritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Fornari	Terminografia	brasileira	1980 a 2013	prescritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Fromm	Terminologia/T erminografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Garcia	Terminologia/T erminografia Lexicografia	brasileira	1980 a 2013	descritivo/ passivo	preocupação com aspectos estruturais
Godoi	Lexicografia Terminografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Guerra	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Henriques	Lexicografia Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Hernandez	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Hofling	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Humblé	Lexicografia Metalexigrafia	francesa	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Hwang	Lexicografia	brasileira-	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Ignácio	Lexicografia	brasileira	1980 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Isquierdo	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Krieger	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Lara	Lexicografia Terminologia/T erminografia	espanhola	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Leipnitz	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Longo	Lexicografia Terminologia	brasileira -	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Maciel	Terminologia/T erminografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Machado	Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário

Murakawa	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Neves	Lexicografia	brasileira	1980 a 2000	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Parreira	Lexicografia	brasileira -	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Pontes	Terminologia Metalexigrafia	brasileira- orientadora Ieda	1980 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Preti	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Romão	Lexicografia	alemã	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Sabino	Lexicografia	brasileira -	1980 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Sanromán	Lexicografia	portuguesa	2000 a 2013	prescritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Santos	Lexicografia	brasileira-	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Selistre	Lexicografia	brasileira-	2000 a 2013	prescritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Serra	Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Severo	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Silva (B)	Lexicografia	inglesa	2000 a 2013	prescritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Silva (Nadin)	Lexicografia Terminologia	espanhola	2000 a 2013	descritivo / ativo prescritivo/ ativo	Preocupação com o usuário
Siqueira	Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Farias V.	Lexicografia Terminologia	brasileira	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Strehler	Lexicografia Terminologia	francesa	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Torrão	Metalexigrafia	portuguesa	1980 a 2000	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Tullio	Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com o usuário
Weininger	Metalexigrafia	alemã	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Welker	Lexicografia Metalexigrafia	francesa/ alemã	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Xatara	Lexicografia	francesa	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Yida	Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Zanatta	Lexicografia Metalexigrafia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ passivo	Preocupação com aspectos estruturais
Zavaglia (A)	Lexicografia	francesa	2000 a 2013	descritivo / ativo	Preocupação com o usuário
Zavaglia (C)	Lexicografia	brasileira	2000 a 2013	descritivo/ ativo	Preocupação com o usuário

2.2. O subcórpus: constituição do córpus de variação

Para análise dos dados, além do córpus constituído por textos especializados, organizamos também um subcórpus com os termos variantes encontrados nos textos. Após a seleção desses termos, passamos a pesquisar os contextos definitórios a fim de compreender e explicar os traços distintivos que nos permitiu diferenciar e classificá-los em variantes com ou sem consequências cognitivas.

2.3. Processo de extração dos termos e seleção da nomenclatura do DLB³⁰

Sobre as possibilidades de exploração e análise de córpus, Cabré (2007) destaca que os textos especializados que compõem um córpus podem ser processados de forma bruta ou linguisticamente. Assim, se optarmos por processá-lo linguisticamente, devemos contar com ferramentas e recursos de análise e processamento automático de dados.

Para a extração de termos do DLB, contamos com dois programas e ferramentas de extração e análise de dados: o programa Terminus e o programa Wordsmith Tools, conforme mencionamos anteriormente.

Passamos agora a descrever como efetivou a extração dos candidatos a termos e a constituição da nomenclatura do DLB, de acordo com esses dois programas.

2.3.1. Extração dos termos utilizando o programa Wordsmith Tools

O processo de extração dos candidatos a termos utilizando programa Wordsmith Tools consistiu basicamente na utilização da ferramenta WordList. O método de

³⁰ Neste capítulo, enfocamos o processo de seleção dos termos e constituição da nomenclatura do DLB de uma forma mais breve e generalizada, dado ao fato que, preferimos apresentar uma descrição mais aprofundada desse processo ao descrever a macro e microestrutura do dicionário, no sexto capítulo.

extração utilizando a ferramenta WordList consistiu em selecionar as unidades mais frequentes no cópuz analisado.

Como nosso cópuz tem um tamanho total de aproximadamente 45 milhões de palavras, estabelecemos uma média de corte aleatória, que consistiu em considerar a totalidade da frequência relativa do cópuz, ou seja, retiramos os termos que tinham a média de 0.01 na frequência relativa, o que equivale a 288 ocorrências na frequência absoluta dos termos no cópuz.

Com base nesse critério selecionamos as unidades terminológicas mais frequentes e criamos uma lista de palavras, ou seja, uma nomenclatura provisória.

Em seguida, utilizando essa mesma ferramenta, observamos os termos-núcleo, isto é,

que ocorriam senão em todos, ao menos na maioria dos 300 textos que

compunham o cópuz e criamos uma segunda lista de palavras. Vejamos:

Figura 6: Nomenclatura provisória 1- termos mais frequentes do cópuz

N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
1	DICIONÁRIO	13,487	0.48	277	92.33	
2	LÍNGUA	10,387	0.37	291	97.00	
3	PALAVRAS	5,488	0.19	284	94.67	
4	EXEMPLO	4,345	0.15	275	91.67	
5	DEFINIÇÃO	3,708	0.13	232	77.33	
6	LÉXICO	3,051	0.11	247	82.33	
7	LEXICOGRAFIA	2,989	0.11	241	80.33	
8	SENTIDO	2,372	0.08	242	80.67	
9	VERBETE	2,310	0.08	199	66.33	
10	TERMO	2,241	0.08	196	65.33	
11	SIGNIFICADO	2,052	0.07	222	74.00	
12	ENTRADA	1,663	0.06	189	63.00	
13	CONTEXTO	1,662	0.06	211	70.33	
14	TERMINOLOGIA	1,531	0.05	179	59.67	
15	VOÇABULÁRIO	1,278	0.05	187	62.33	
16	CONCEITO	1,183	0.04	178	59.33	
17	SEMÂNTICA	1,076	0.04	181	60.33	
18	MICROESTRUTURA	1,043	0.04	138	46.00	
19	CONSULENTE	993	0.04	149	49.67	
20	EQUIVALENTE	821	0.03	110	36.67	
21	ACEPÇÃO	774	0.03	129	43.00	
22	DOMÍNIO	751	0.03	141	47.00	
23	USUÁRIOS	719	0.03	134	44.67	
24	LEXICÓGRAFO	704	0.02	158	52.67	
25	LEXICOLOGIA	686	0.02	142	47.33	
26	NOMENCLATURA	647	0.02	138	46.00	
27	LEXEMAS	574	0.02	72	24.00	
28	MACROESTRUTURA	563	0.02	112	37.33	
29	SINÓNIMOS	529	0.02	125	41.67	
30	LEXEMA	478	0.02	64	21.33	
31	COLOCAÇÕES	473	0.02	58	19.33	
32	POLISSEMIA	463	0.02	87	29.00	
33	GLOSSÁRIO	422	0.01	61	20.33	

Figura 7: nomenclatura provisória 2- termos-núcleo do córpus

N	Word	Freq.	% Texts	% Lemmas Set
1	DICIONÁRIO	13,487	0.48	277 92.33
2	LÍNGUA	10,387	0.37	291 97.00
3	DICIONÁRIOS	9,052	0.32	272 90.67
4	EXEMPLO	4,345	0.15	275 91.67
5	DEFINIÇÃO	3,708	0.13	232 77.33
6	PALAVRA	3,556	0.13	248 82.67
7	LÉXICO	3,051	0.11	247 82.33
8	LEXICOGRAFIA	2,989	0.11	241 80.33
9	VERBETES	2,950	0.10	205 68.33
10	INFORMAÇÕES	2,933	0.10	225 75.00
11	SENTIDO	2,372	0.08	242 80.67
12	RELAÇÃO	2,343	0.08	258 86.00
13	VERBETE	2,310	0.08	199 66.33
14	UNIDADES	2,300	0.08	206 68.67
15	LEXICAL	2,281	0.08	222 74.00
16	OBRAS	2,263	0.08	238 79.33
17	ACESSO	2,251	0.08	148 49.33
18	TERMO	2,241	0.08	196 65.33
19	EXEMPLOS	2,184	0.08	224 74.67
20	SIGNIFICADO	2,052	0.07	222 74.00
21	CÓRPUS	2,041	0.07	186 62.00
22	LEXICAIS	1,863	0.07	199 66.33
23	INFORMAÇÃO	1,813	0.06	200 66.67
24	TEXTO	1,797	0.06	219 73.00
25	LEXICOGRÁFICA	1,794	0.06	208 69.33
26	UNIDADE	1,704	0.06	188 62.67
27	ENTRADA	1,663	0.06	189 63.00
28	PARTIR	1,663	0.06	241 80.33
29	CONTEXTO	1,662	0.06	211 70.33
30	CONJUNTO	1,651	0.06	225 75.00
31	TERMINOLOGIA	1,531	0.05	179 59.67
32	SEMPRE	1,386	0.05	234 78.00
33	MEIO	1,384	0.05	213 71.00

2.3.2. Extração dos termos utilizando o programa Terminus

O processo de extração utilizando o programa Terminus nos possibilitou compilar várias listas de palavras ou nomenclaturas provisórias, uma vez que nos permitiu extrair os candidatos a termo por meio de diferentes formas de análise e também extrair Ngramas ou unidades poliléxicas,³¹ o que não nos permitia o programa Wordsmith Tools.³²

A princípio, extraímos uma lista provisória de candidatos a termos com os 500 mais frequentes do córpus.

³¹ Denomina-se Ngramas ou unidades poliléxicas as construções linguísticas formadas por mais de uma palavra ou núcleo significativo. Alguns autores denominam essa construção de unidades compostas.

³² Ressaltamos que sabemos que é possível obter colocados ou unidades poliléxicas utilizando o programa Wordsmith Tools, entretanto essa seleção seria, de alguma forma orientada, o que não ocorre com o programa Terminus, uma vez que o mesmo faz, automaticamente, a seleção dos colocados, sem que necessitemos escolher uma das palavras que os compõem.

Em segundo lugar, extraímos outra lista provisória organizada por padrão sintático, de forma a, posteriormente, organizar todos os termos selecionados em uma única lista.

Figura 8: Nomenclatura provisória 3- termos selecionados por frequência

Rank	Forma	Lema	Frecuencia	Ponderación
1	<input type="checkbox"/> análise	análise	2072	405145.728349
2	<input type="checkbox"/> língua	língua	10105	348913.938143
3	<input type="checkbox"/> sintagma	sintagma	255	307809.968352
4	<input type="checkbox"/> verbal	verbal	406	146059.114799
5	<input type="checkbox"/> sintagmas	sintagma	247	133822.455539
6	<input type="checkbox"/> línguas	língua	2431	128380.511037
7	<input type="checkbox"/> fonética	fonético	180	93965.206195
8	<input type="checkbox"/> aférese	aférese	111	88347.633442
9	<input type="checkbox"/> lexicografia	lexicografia	2759	78991.463971
10	<input type="checkbox"/> adjetivos	adjetivo	112	60112.718068
11	<input type="checkbox"/> lingüísticos	lingüístico	472	56315.126228
12	<input type="checkbox"/> norma	norma	647	55843.888269
13	<input type="checkbox"/> abreviaturas	abreviatura	239	47483.682227
14	<input type="checkbox"/> alfabética	alfabético	393	45848.418802
15	<input type="checkbox"/> lingüísticas	lingüístico	360	43278.568218
16	<input type="checkbox"/> aspecto	aspecto	423	41657.526351
17	<input type="checkbox"/> conteúdo	conteúdo	654	40271.859344
18	<input type="checkbox"/> acepções	acepção	1053	32511.888864
19	<input type="checkbox"/> corpus	corpus	1848	31913.318976
20	<input type="checkbox"/> codificação	codificação	376	30850.431896
21	<input type="checkbox"/> fato	fato	1637	30056.900554
22	<input type="checkbox"/> sistema	sistema	1302	28481.137196
23	<input type="checkbox"/> atlas	atlas	70	28073.324071
24	<input type="checkbox"/> http	http	693	27307.525707
25	<input type="checkbox"/> artigo	artigo	735	26291.817730
26	<input type="checkbox"/> orig	orig	1162	26210.711100
27	<input type="checkbox"/> analógico	analógico	156	25061.042217
28	<input type="checkbox"/> acepção	acepção	758	23389.119364
29	<input type="checkbox"/> apócope	apócope	46	22004.772200
30	<input type="checkbox"/> sinonímia	sinonímia	300	21159.474300
31	<input type="checkbox"/> lexicógrafo	lexicógrafo	679	20411.823684
32	<input type="checkbox"/> itens	item	1007	20344.834758

Figura 9: Nomenclatura provisória 4- termos seleccionados por padrão sintático-substantivos

NO - (1.000000)

Rank	Forma	Lema	Frecuencia	Ponderación
1	<input type="checkbox"/> análise	análise	2072	405145.728349
2	<input type="checkbox"/> língua	língua	10105	348913.938143
3	<input type="checkbox"/> sintagma	sintagma	255	307809.968352
4	<input type="checkbox"/> verbal	verbal	406	146059.114799
5	<input type="checkbox"/> sintagmas	sintagma	247	133822.455539
6	<input type="checkbox"/> línguas	língua	2431	128380.511037
7	<input type="checkbox"/> fonética	fonético	180	93965.206195
8	<input type="checkbox"/> aférese	aférese	111	88347.633442
9	<input type="checkbox"/> lexicografia	lexicografia	2759	78991.463971
10	<input type="checkbox"/> adjetivos	adjetivo	112	60112.718068
11	<input type="checkbox"/> lingüísticos	lingüístico	472	56315.126228
12	<input type="checkbox"/> norma	norma	647	55843.888269
13	<input type="checkbox"/> abreviaturas	abreviatura	239	47483.682227
14	<input type="checkbox"/> alfabética	alfabético	393	45848.418802
15	<input type="checkbox"/> lingüísticas	lingüístico	360	43278.568218
16	<input type="checkbox"/> aspecto	aspecto	423	41657.526351
17	<input type="checkbox"/> conteúdo	conteúdo	654	40271.859344
18	<input type="checkbox"/> acepções	acepção	1053	32511.888864
19	<input type="checkbox"/> corpus	corpus	1848	31913.318976
20	<input type="checkbox"/> codificação	codificação	376	30850.431896
21	<input type="checkbox"/> fato	fato	1637	30056.900554
22	<input type="checkbox"/> sistema	sistema	1302	28481.137196
23	<input type="checkbox"/> atlas	atlas	70	28073.324071
24	<input type="checkbox"/> http	http	693	27307.525707
25	<input type="checkbox"/> artigo	artigo	735	26291.817730
26	<input type="checkbox"/> orig	orig	1162	26210.711100
27	<input type="checkbox"/> analógico	analógico	156	25061.042217
28	<input type="checkbox"/> acepção	acepção	758	23389.119364

Figura 10: Nomenclatura provisória 5- termos seleccionados por padrão sintático-substantivos+adjetivo

NO AD - (0.109434)

Rank	Forma	Lema	Frecuencia	Ponderación
1	<input type="checkbox"/> falante nativo	falante nativo	46	2080.578044
2	<input type="checkbox"/> ordem alfabética	ordem alfabético	248	2080.416571
3	<input type="checkbox"/> sintagma nominal	sintagma nominal	28	1918.491232
4	<input type="checkbox"/> sistema linguístico	sistema linguístico	73	1720.760811
5	<input type="checkbox"/> signo linguístico	signo linguístico	60	1508.828560
6	<input type="checkbox"/> dicionário semasiológico	dicionário semasiológico	77	1071.417500
7	<input type="checkbox"/> sintagma verbal	sintagma verbal	8	1029.447340
8	<input type="checkbox"/> dicionários semasiológicos	dicionário semasiológico	129	1022.069687
9	<input type="checkbox"/> comunidade linguística	comunidade linguístico	83	936.478270
10	<input type="checkbox"/> dicionário onomasiológico	dicionário onomasiológico	48	917.978065
11	<input type="checkbox"/> dicionário terminológico	dicionário terminológico	84	912.935354
12	<input type="checkbox"/> nome abstrato	nome abstrato	71	911.200086
13	<input type="checkbox"/> sintagmas nominais	sintagma nominal	29	906.931398
14	<input type="checkbox"/> dicionários bilíngues	dicionário bilíngue	73	814.947340
15	<input type="checkbox"/> sintagma livre	sintagma livre	22	789.155235
16	<input type="checkbox"/> adjetivos relacionais	adjetivo relacional	13	725.704841
17	<input type="checkbox"/> conjugação verbal	conjugação verbal	29	718.374875
18	<input type="checkbox"/> verbetes consultados	verbe consultado	852	705.936631
19	<input type="checkbox"/> forma verbal	forma verbal	26	655.396254
20	<input type="checkbox"/> valência verbal	valência verbal	23	600.995972
21	<input type="checkbox"/> adjetivo determinante	adjetivo determinante	5	577.404371
22	<input type="checkbox"/> fato linguístico	fato linguístico	20	527.944095
23	<input type="checkbox"/> ocorrência lexical	ocorrência lexical	52	502.894610
24	<input type="checkbox"/> urn adjetivo	urn adjetivo	5	484.374633
25	<input type="checkbox"/> dicionários analisados	dicionário analisado	75	483.374035
26	<input type="checkbox"/> campo lexical	campo lexical	49	479.160937
27	<input type="checkbox"/> obra lexicográfica	obra lexicográfico	329	474.977218
28	<input type="checkbox"/> conteúdo semântico	conteúdo semântico	76	467.166496
29	<input type="checkbox"/> léxico comum	léxico comum	36	438.650515
30	<input type="checkbox"/> sintagma preposicionado	sintagma preposicionado	12	429.234959
31	<input type="checkbox"/> uso linguístico	uso linguístico	17	423.910321

Em nosso dicionário, optamos por apresentar apenas sintagmas nominais e verbais, por isso utilizamos as seguintes seleções de padrão sintático: NO (nome/substantivo); V (verbo) e NO AD (nome mais adjetivo), que são as siglas utilizadas pelo programa Terminus.

Utilizando essa ferramenta selecionamos os termos poliléxicos constituídos de 2 ou 3 unidades, que comumente são as construções mais frequentes no âmbito da Lexicografia, tais como: marcas de uso, definição analítica, definição sinonímica, entre outras, como podemos observar na figura que se segue:

Figura 11: Nomenclatura provisória 6 - extração de Ngramas ou termos poliléxicos

<input type="checkbox"/>	lexicografia pedagógica
<input type="checkbox"/>	variação terminológica
<input type="checkbox"/>	dicionários monolíngües
<input type="checkbox"/>	falsos cognatos
<input type="checkbox"/>	dicionário geral
<input type="checkbox"/>	tratamento lexicográfico
<input type="checkbox"/>	dicionários semasiológicos
<input type="checkbox"/>	prática lexicográfica
<input type="checkbox"/>	lexicografia bilíngüe
<input type="checkbox"/>	dicionário bilingue
<input type="checkbox"/>	comentário semântico
<input type="checkbox"/>	categoria gramatical

De posse desses dados, organizamos outra lista com os termos poliléxicos do corpus. Encerrado esse processo, obtivemos várias listas de palavras ou nomeclaturas provisórias: (i) Wordlist com as unidades mais frequentes, (ii) wordlist com os termos-núcleos, (iii) termos extraídos por ponderação (frequência), (iv) termos extraídos por padrão sintático, (v) extração de Ngramas ou termos poliléxicos.

Em seguida, vinculamos todos essas listas e criamos a nomenclatura definitiva do DLB, que conta com um total de 200 termos, conforme discriminado na tabela que segue.

Para melhor compreensão da relação entre as variantes denominativas elencadas na nomenclatura do DLB, apresentamos os símbolos e as relações por eles representadas:

= sinonímia (igualdade)

≠ não são sinônimos (A é diferente de B)

- \subset está contido (A está contido em B)
 \supset contém (A contém B)
 \cap intersecção (A e B possuem traços em comum)

Tabela 9: . Nomenclatura do DLB organizada considerando a relação entre as variantes denominativas

A

Abonação

Acepção

Acervo lexical

Âmbito = domínio

Artigo lexicográfico = verbete

B

Back matter

C

Cabeça do verbete

Campo conceitual

Circularidade \subset definição circular

Colocações

Comentário de conteúdo

Comentário de forma

Comentário semântico

Conceito

Consulente = usuário

Contexto

D

Definição

Definição analítica = definição hiperonímica= definição aristotélica

Definição antonímica

Definição aproximativa

Definição enciclopédica

Definição enumerativa

Definição instanciativa

Definição lexicográfica

Definição linguística

Definição meronímica

Definição metonímica

Definição sinonímica

Definição terminológica

Dicionário

Dicionário ativo

Dicionário bidirecional \subset dicionário bifocal

Dicionário bifuncional \cap dicionário bifocal

Dicionário bilíngue \neq dicionário bidirecional

Dicionário científico

Dicionário comum

Dicionário contemporâneo

Dicionário de língua \supset dicionário geral

Dicionário de usos

Dicionário diacrônico

Dicionário escolar

Dicionário especial

Dicionário especializado = dicionário terminológico

Dicionário etimológico

Dicionário geral \cap dicionário padrão

Dicionário híbrido

Dicionário ideológico

Dicionário infantil

Dicionário inverso

Dicionário misto

Dicionário monolíngue = dicionário unilíngue

Dicionário multilíngue = dicionário plurilíngue

Dicionário onomasiológico

Dicionário passivo

Dicionário pedagógico \neq dicionário escolar

Dicionário reverso

Dicionário semasiológico \cap dicionário padrão

Dicionário semasiológico

Dicionário semibilíngue

Dicionário sincrônico

Dicionarista \neq lexicógrafo

E

Enciclopédia

Entrada = palavra-entrada = lema = signo-lemma

Entrada secundária

Enunciado lexicográfico

Equação sêmica

Equivalentes

Exemplo

Expressão idiomática

F

Forma canônica

Forma lematizada

Front matter

G

Glossário \neq vocabulário

Glossemática

H**Hápax legomena****Hiperestrutura****Hiperonímia****hiperônimo****Hiponímia****Hipônimo****Homonímia****Homonímia estrutura****Homônimo****I****Iconoestrutura****Item lexical = unidade lexical****L****Lematização****Lexema****Lexema complexo****Lexia****Lexia simples****Lexia composta****Lexia complexa****Lexicalização****Léxico****Léxico ativo****Léxico passivo****Léxico especial****Léxico especializado****Léxico geral****Lexicografia****Lexicografia bilíngue**

Lexicografía Didáctica ≠ Lexicografía Pedagógica

Lexicografía escolar

Lexicografía especializada ≠ Terminografía

Lexicografía infantil

Lexicografía monolíngüe

Lexicografía práctica

Lexicografía teórica

Lexicografía terminológica

Lexicología

M

Macroestructura ⊃ nomenclatura

Marca de uso = marca lexicográfica = rótulo = rubrica

Medioestructura

Megaestructura

Meronimia

Metalexigrafía

Metalexigrafía pedagógica

Metonimia

Microestructura

Microestructura abstracta

Microestructura básica = microestructura simples

Microestructura concreta

Microestructura compleja

Middle matter

N

Neología

Neologismo

Nominata = nomenclatura

O

Obra lexicográfica

Ordenação alfabética

Ordenação onomasiológica

Ordenação semasiológica

Ordenação sistemática

P

Paráfrase

Paráfrase analítica

Paráfrase definitiva

Paráfrase explanatória

Paráfrase opaca

Paráfrase sinonímica

Polissemia

Pós comentário de conteúdo

Pós comentário de forma

Pré comentário de conteúdo

Pré comentário de forma

R

Remissiva

Repertório léxico

Repertório lexicográfico

Rubrica

S

Seleção lexical

Sema

Semema

Sentido

Significado

Sinonímia

Sinônimo

Subclasse

Subcategoria

Subentrada

Superestrutura

T

Terminógrafo

Terminología

Terminólogo

Termo = unidade terminológica = unidade especializada

Termo-entrada

Termo-núcleo

Textos externos

Thesaurus

U

Unidade de conhecimento especializado

unidade lexicográfica

unidade monoléxica

unidade poliléxica

V

Vocabulário ativo

Vocabulário passivo

Vocabulário técnico

Vocabulário científico

2.4. Criação da macroestrutura e a organização microestrutural dos verbetes

Para a criação da macroestrutura do dicionário, assim como para a organização da microestrutura dos verbetes utilizamos o programa Terminus.

Com ele nos foi possível ordenar alfabeticamente e semasiologicamente a nomenclatura selecionada, bem como escolher a melhor forma de apresentação ou visualização das entradas.

Quanto à organização

, selecionamos os campos ou informações que gostaríamos de apresentar na ficha terminológica disponibilizada pelo programa Terminus e, por meio da análise dos contextos de cada uma das entradas, preenchemos todos esses campos e, com isso, elaboramos a base de dados do dicionário.³³ Confira a ficha terminológica na figura 10:

Figura 12: Microestrutura abstrata- Ficha terminológica- Terminus

Termo		
Glossário: Dicionário de Lexicografia Brasileira		
Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira		
Autor/a do termo: Lucimara Alves		
Informação básica		
Id: 53663		
Termo:		
Língua:		
Categoria gramatical:		
Fonte do termo:		
Tipo de fonte:		
Área temática:		
Definição		
Fonte:		
Contextos		
Remissivas		
Termo	Tipo de remissão	Fonte
Notas		

³³ Optamos por apresentar uma explicação mais detalhada sobre a organização do banco de dados, no sexto capítulo, ao descrevermos a macro e microestrutura do dicionário.

Destacamos que todas as informações preenchidas foram retiradas por meio da análise dos dados com o programa Terminus, com exceção dos contextos definitórios, que extraímos utilizando a ferramenta Concord do programa WordSmith Tools, uma vez que necessitávamos de contextos mais longos e completos, o que não seria possível com o primeiro programa, já que apresenta contextos curtos, geralmente apenas um período, característicos dos dicionários especializados.

Sendo assim, selecionamos os contextos nos textos especializados, copiamos e o colamos na ficha terminológica, respeitando e mantendo a escrita tal qual constava no texto original.

...

Neste capítulo, tivemos como objetivo apresentar a metodologia de pesquisa utilizada para o desenvolvimento deste trabalho, relatando cada uma de suas etapas, desde a criação do projeto de pesquisa até a organização final do dicionário.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise dos dados, discutindo sobre a variabilidade das definições e informações a respeito das unidades especializadas utilizadas no âmbito da Lexicografia e suas possíveis causas.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS: A VARIABILIDADE TERMINOLÓGICA NA LEXICOGRAFIA BRASILEIRA

Neste capítulo, temos por objetivo discorrer sobre a variabilidade terminológica denominativa na Lexicografia corrente no Brasil: como se verifica e quais os fatores ou causas podem justificar essa variância.

3.1. Variação terminológica

A variação terminológica por muito tempo foi considerada um dos grandes problemas da comunicação especializada. Para alguns autores, a ausência da biunivocidade é uma prova de que a Terminologia há muito não cumpre, ou na verdade nunca cumpriu, o papel de sistematização e padronização terminológica.

Essa temática começou a ser discutida, inicialmente, pelos pesquisadores da Escola de Quebec, nos anos 80, cuja preocupação devia-se, sobretudo, com a variação terminológica causada pelo bilinguismo existente no Canadá.

Esses estudos deram origem à Socioterminologia, que criticava a política de normalização proposta pela Terminologia e o caráter fechado e restrito dos dicionários e glossários terminológicos que não consideravam toda a riqueza e diversidade do termo nos contextos de produção do léxico especializado. A isso se deve o reconhecimento da variação terminológica nos discursos especializados.

Já a proposta da Teoria Sociocognitiva da Terminologia reformulada por Temmerman (2000) propõe a integração dos princípios da Semântica cognitiva em uma teoria sobre a linguagem especializada, funcionando como um modelo alternativo que

desse conta de entender e explicar os processos de categorização e os variados elementos cognitivos e comunicativos existentes na comunicação especializada.

Conforme destaca Cabré (2008, p. 19-20), além da variabilidade inerente ao termo, a variação terminológica também pode ser explicada pelas condições e mecanismos psicognitivos muito complexos e que não são alheios aos valores culturais interiorizados pelos falantes de uma comunidade.

Dessa maneira, a percepção, categorização e compreensão da realidade é mediada por filtros interiorizados na memória de cada falante. Esses filtros de caráter psicológico, antropológico e sociológico por serem inseridos em contextos históricos e sociais podem fazer com que um mesmo objeto possa ser visto e compreendido de diferentes pontos de vista.

Ao estudar as tendências da variação terminológica no português do Brasil, Faulstich (1997, p. 145, JESUS e BARROS, 2005, p. 171) atesta que, na Terminologia, “as variantes comportam-se como variáveis dependentes, mantendo uma relação de concorrência”.

De acordo com Faulstich (2002, p. 68), as variantes terminológicas podem ser divididas em dois grupos: variantes terminológicas linguísticas e variantes de registro, conforme apresentamos a seguir.

a) **Variantes terminológicas linguísticas:** quando um fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação. Dividem-se em:

- Variação fonológica – quando o registro pode ocorrer de formas decalcadas na fala.

- Variante morfológica – que representa alternância na estrutura de ordem morfológica, mas que não há alteração no conceito.

- Variante sintática – alternância entre duas construções sintagmáticas.
- Variante lexical – quando algum item da estrutura lexical da unidade terminológica complexa sofre apagamento ou mudança de posição, sem alterar o conceito.
- Variante gráfica – apresenta forma gráfica diversificada das convenções da língua culta.

b) **Variantes terminológicas de registro:** aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos. Dividem-se em:

- Variante geográfica – ocorre no plano horizontal de diferentes regiões onde se fala a mesma língua.
- Variante de discurso – decorre por meio da comunicação que se estabelece entre os elaboradores e os usuários dos textos científicos e técnicos.
- Variante temporal – configura-se quando, depois de concorrerem juntas durante um período de tempo, uma forma é fixada como a preferida em detrimento da outra denominação utilizada.

Embora a classificação das variantes terminológicas apresentadas por Faulstich seja bastante completa e coerente, neste trabalho, preferimos adotar e embasar-nos na classificação das variantes apresentadas por Freixa (2002), Cabré (2008) e por Fernandez-Silva (2010).

De acordo com essas autoras, as variantes terminológicas podem ser classificadas em “conceituais”, quer dizer, quando ocorre variação nos conceitos atribuídos a um termo ou item lexical e “denominativas”, ou seja, quando há variação e alteração na forma de um termo, ocasionando mais de uma denominação. Segundo

Cabré (2008) e Fernandez-Silva (2010), a variação denominativa pode ocorrer com ou sem consequências cognitivas, conforme explicaremos melhor nas subseções a seguir.

A esse respeito, Cabré (2008, p. 24) esclarece que as relações entre realidade, objeto, conceito e termo podem ser observadas e classificadas a partir dos seguintes dados do discurso, expostos na tabela que segue:

Tabela 10: Relações entre realidade, objeto, conceito e termo (adaptado de Cabré (2008, p. 24))

Plano dos objetos individuais	Plano das classes dos objetos	Plano conceitual	Plano terminológico
Conjunto dos objetos individuais	Um objeto discriminado	Um conceito	Um termo
Conjunto dos objetos individuais	Vários objetos discriminados	Vários conceitos	Vários termos distintos ou formalmente iguais (homonímia)
Conjunto dos objetos individuais	Um objeto discriminado	Um conceito	Vários termos (sinônimos) sem consequências cognitivas)
Conjunto dos objetos individuais	Um objeto discriminado	Um conceito	Vários termos (sinônimos) com consequências cognitivas

Fernandez-Silva (2010) propõe uma adaptação da tabela 10 para explicar as variações terminológicas denominativas. De acordo com essa autora é possível distinguir dois tipos de variações que ocorrem na relação entre o conceito e o significado de um termo: a variação denominativa sem consequências cognitivas e a variação denominativa com consequências cognitivas, como podemos ver a seguir:

Tabela 11: Tipologia das variações denominativas (adaptado de Fernandez-Silva, 2010, p. 61)

Plano cognitivo		Plano linguístico			exemplos
variação denominativa sem consequência cognitivas	Um conceito	Vários termos	Forma distinta	Zona de produção/área de produção	
			Mesmo significado		
variação denominativa com consequências cognitivas	Um conceito	Vários termos	Forma distinta	Zona de produção/zona de cultivo	
			Significado distinto		

Esse assunto será melhor explorado ao descrevermos os tipos de variação denominativa, nos itens a seguir.

3.1.1. A variação denominativa

O fenômeno da variação terminológica tem sido amplamente discutido a partir de diferentes posturas teóricas. No decorrer dos anos a variação deixou de ser considerado um problema da comunicação especializada e com isso ampliaram-se os estudos e surgiram novas pesquisas e descobertas relacionadas a esse tema.

Dentre as formas de variação terminológica, a mais comum é a denominativa, ou seja, termos variantes sendo atribuídos a um mesmo conceito, em uma mesma área de especialidade.

No âmbito da Lexicografia, área de especialidade de nossa pesquisa, constata-se que a variação terminológica conceitual e denominativa são bastante comuns, como podemos exemplificar utilizando os pressupostos de Barbosa (2001), ao se referir às variações terminológicas dos termos glossário, dicionário e vocabulário.

Considerando o conjunto de obras lexicográficas e terminológico-terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceptuais, denominativas, definicionais dos tipos desses textos, não obstante o estágio avançado em que se encontram, neste fim de século, as pesquisas das ciências da palavra, nessas áreas, não obstante, igualmente, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual (BARBOSA, 2001, p. 26).

Comungamos com o raciocínio da autora e apontamos que não é apenas no Brasil que ainda não foi possível estabelecer uma terminologia da Lexicografia uniforme e consensual. Na verdade, nem mesmo acreditamos que isso seja possível, devido à grande complexidade subjacente ao assunto.

Nesse sentido, a exemplo do que afirma Tercedor (2004, p. 199), a variação denominativa não deve ser vista como uma falta de conscientização terminológica ou como ausência de conhecimento por parte do especialista, mas sim como uma forma de revelar diferentes traços e formas de se conceber uma mesma realidade, pois, conforme ressalta Freixa (2002, p. 363):

As denominações denominam conceitos, mas também significam; tradicionalmente se tem afirmado que o termo tem um significado objetivo, neutro e somente denotativo, e os dados analisados deixam claro a existência de mudanças ou variações semânticas nas diferentes maneiras de se denominar um mesmo conceito³⁴ (FREIXA, 2002, p. 363).

³⁴ *Les denominacions denominem conceptes, però també signifiquen; tradicionalment s'ha afirmat que el terme té un significat objectiu, neutre i només denotatiu, i les dades analitzades deixen veure l'existència de canvis semàntics en les maneres diferents de denominar un mateix concepte.*

Sobre as possíveis causas da variação denominativa, Freixa (2002) aponta que, em geral, elas podem ser classificadas de acordo com os seguintes tipos e subtipos:

Tabela 12: Causas da variação denominativa (adaptado de Freixa, 2002, p. 150)

TIPO	SUBTIPOS
1. Causas prévias	A redundância linguística A arbitrariedade do signo linguístico As possibilidades de variação
2. Causas dialetais	Variação geográfica Variação cronológica Variação social
3. Causas funcionais	Adequação ao nível da língua Adequação ao nível de especialização
4. Causas discursivas	Evitar a repetição Economia linguística Criatividade, ênfase e expressividade
5. Causas interlinguísticas	Convivência do termo "local" com o empréstimo de outra língua Diversidade de propostas alternativas
6. Causas cognitivas	Imprecisão conceitual Distanciamento ideológica Diferenças na conceitualização

Quanto aos fatores que podem originar essas variações, Fernandez-Silva (2010) elenca os possíveis motivos, a saber:

Tabela 13: Fatores que originam a variação denominativa (adaptado de FERNANDEZ-SILVA, 2010, p. 61)

<p>1. Evolução do conhecimento Relacionada a mudança de designação de um objeto de acordo com o tempo, o que ocasiona a mudança ou surgimento de outro termo para representar um mesmo conceito. Para Freixa (2002), a evolução denominativa também está relacionada ao progresso do conhecimento.</p> <p>2. Dialetos/ culturas Refere-se à variação denominativa ocasionada pela influência das línguas faladas em diferentes países.</p> <p>3. Áreas temáticas em contexto interdisciplinar Relacionada ao âmbito ou área temática em que o termo está inserido. Esse fator se relaciona, sobretudo, com a variação conceitual dos termos.</p> <p>4. Escolas de pensamento/ ideologias Diz respeito à influência de outras escolas ou ideologias na utilização de determinado termo. É bastante comum que cada escola empregue suas próprias denominações para referir-se a conceitos idênticos e muito próximos, o que acaba ocasionando o surgimento de novas variantes.</p> <p>5. Grupos socioprofissionais Pressupõe a existência de condições socioeconômicas, socioculturais e socioprofissionais na representação dos sentidos.</p>

6. Indivíduo (perspectiva individual)

Relacionada a uma motivação subjetiva do autor, que termina por utilizar uma nova variante impulsionado por um desejo pessoal. Freixa (2002) considera que a variação denominativa individual pode dever-se à criatividade do falante, que pode criar unidades novas ou novos sentidos a palavras que teriam sentido diferente, ou que consideram mais apropriados. Em um dos trabalhos da autora, em 2005, a mesma investiga a variação denominativa de acordo com um mesmo autor (autovariação), em uma mesma obra ou obras diferentes. De acordo com essa autora, algumas variações são conscientes e desejadas, porém, algumas são inconscientes e passam despercebidas ao emissor.

Tendo como embasamento as origens e causas da variação denominativa expostas, procuramos determinar as possíveis causas de variação entre os termos apresentados em nossas análises.

3.1.1.2. Variação denominativa sem consequências cognitivas

A variação denominativa sem consequências cognitivas ocorre quando um mesmo conceito é representado por denominações formalmente distintas, mas que possuem o mesmo significado, ou seja, equivalem-se semanticamente. Sendo assim, a variação de denominação não difere na forma como o conceito é representado e nem na forma como o mesmo se projeta e como é entendido pelo receptor.

Conforme ressalta Cabré (2008, p. 28), nesse tipo de variação denominativa, o uso de uma ou de outra variante não interfere e nem produz mudanças na projeção do conceito no discurso especializado.

Como exemplos de variação denominativa sem consequências cognitivas podemos citar os termos “verbete” e “artigo lexicográfico”, considerados como formas variantes denominativas sinônimas de um mesmo conceito.

3.1.1.3 Variação denominativa com consequências cognitivas

De acordo com Fernandez-Silva (2010, p. 03), a variação denominativa com consequências cognitivas se produz quando um conceito se expressa por meio de variantes que se diferenciam não só formalmente, mas também semanticamente, uma vez que apresentam aspectos distintos do conteúdo conceitual.

Considera-se que esse tipo de variação tem consequências cognitivas particulares porque oferece uma visão particular do conceito, isto é, reflete um determinando ponto de vista.

O uso de uma ou outra variante pode representar, mesmo que inconscientemente, uma intenção cognitiva do emissor (no caso o especialista), e também influenciar na maneira como o receptor interpreta ou tem acesso ao conceito.

Nesse sentido, conforme destaca Cabré (2008, p. 29), a alteração no uso de uma variante em detrimento de outra, para designar um mesmo objeto, pode estar condicionado a uma intenção cognitiva do emissor e, por isso, tem consequências cognitivas para o receptor. Como exemplos de variantes denominativas com consequências cognitivas podemos citar as dualidades terminológicas macroestrutura/nomenclatura e Lexicografia didática/ Lexicografia pedagógica.

Convém ressaltar que, muitas vezes, o uso de uma ou outra variante em determinado contexto de produção pode passar despercebida pelo emissor, ou seja, a utilização de variantes denominativas pode ser feita de modo inconsciente, sem que o especialista se dê conta na hora de produzir seus textos.

Em outros casos, defendemos que a variação denominativa pode ter consequências cognitivas para o receptor, mas não para o emissor, ou seja, para o emissor as formas variantes utilizadas, embora sejam distintas formalmente, equivalem-

se semanticamente e, sendo assim, são sinônimas e, portanto, não há consequências cognitivas.

Entretanto, ao ter contato com os termos variantes, o receptor pode perceber traços ou matizes significativas diferentes nos conceitos apresentados e, por conseguinte, não poderão ser considerados sinônimos. Há, portanto, consequências cognitivas na forma como o receptor recebe e compreende as informações conceituais sobre os termos apresentados. Isso pode-se confirmar se observamos os pressupostos de Cabré (2008, p. 29) quando diz:

Retomando agora a concepção da unidade terminológica como um signo composto de forma (denominação) e conteúdo (significado), o que devemos perguntar é como se verifica a relação entre os conceitos e os termos, uma vez que uma mesma categoria conceitual pode se projetar em distintos termos, cada um dos quais pode transmitir um sentido distinto. Esses termos são, a grosso modo, sinônimos, mas não em sua totalidade, já que por meio da denominação nos fazem perceber uma faceta distinta do mesmo conceito que representam³⁵ (CABRÉ, 2008, p.29)

Fernandez-Silva et al (2008) propõem uma classificação preliminar dos tipos de variação denominativa com consequências cognitivas. Segundo as autoras, esse tipo de variação pode se classificar em 7 tipos: na configuração conceitual, na seleção categorial, no nível de abstração da categoria, na seleção de uma característica pertencente a uma mesma dimensão, na inclusão de uma característica adicional e no número de constituintes para expressar a mesma informação.

³⁵ *Retomando ahora la concepción de la unidad terminológica como un signo compuesto de forma (denominación) y contenido (significado), lo que cabe preguntarnos es cómo es la relación entre los conceptos y los términos a la vista de que una misma categoría conceptual puede proyectarse en distintos términos, cada uno de los cuales puede transmitir un sentido distinto. Estos términos, son a grosso modo sinónimos, pero no en su totalidade, ya que a través de la denominación nos hacen percibir una faceta distinta del mismo concepto que representan.*

Entretanto, como em nossa pesquisa deter-nos-emos apenas na classificação da variação denominativa (sem) (com) consequências cognitivas e na análise das origens e causas dessas variações, não nos aprofundaremos na classificação tipológica dos tipos de variações supracitados.

3.1.1.4. Tipos de variações terminológicas denominativas encontradas no corpus e seus critérios de detecção

Antes de descrevermos, separadamente, os tipos de variação terminológica denominativas encontradas em nosso corpus, convém apresentarmos os critérios estabelecidos para reconhecimento e classificação dos termos variantes analisados neste capítulo.

Por meio da análise de cada um dos termos variantes presentes no corpus, pudemos constatar que, em geral, podem ser classificados de acordo com duas tipologias: (i) variação denominativa sem consequências cognitivas, (ii) variação denominativa com consequências cognitivas.³⁶

Elencamos, a seguir, os critérios que utilizamos para diferenciar e classificar os termos de acordo com essas tipologias.

Tabela 14: Critérios para classificação dos termos de acordo com sua tipologia

Varição denominativa sem consequências cognitivas	Varição denominativa com consequências cognitivas.
Há alteração na forma (escrita) da UT, mas não há alteração no sentido (conceito).	Há alteração na forma (escrita) e também no sentido (conceito).
Os termos apresentam os mesmos traços semânticos .	Os termos apresentam traços semânticos diferentes, de modo que pode se evidenciar traços diferente de uma mesma UT.
O uso de uma ou outra variante não interfere	O uso de uma variante em detrimento de outra altera

³⁶ Apresentaremos, detalhadamente, os tipos de variação terminológicas denominativas nos itens a seguir.

no plano cognitivo, ou seja, na forma como o conceito é recebido e entendido.	o plano cognitivo e influencia na forma como o receptor interpreta e entende o conceito.
Os termos podem ser considerados equivalentes sinonimicamente.	Não há uma relação de sinonímia absoluta entre os termos, mas pode haver uma sinonímia relativa por inclusão ou por intersecção.

Conforme apontamos, esses foram os critérios que nos permitiram diferenciar e classificar as variantes denominativas analisadas. Descrevemos, agora, as tipologias acima mencionadas.

3.2. Análise dos dados: variação denominativa sem consequências cognitivas e suas possíveis causas

A variação denominativa sem consequências cognitivas ocorre quando há alteração apenas no plano formal dos termos, o que não acarreta em mudança no plano cognitivo, uma vez que essa variação não influencia na forma como o conceito é compreendido e processado na mente do receptor.

Nesse tipo de variação, os termos apresentam apenas dualidade terminológica, mas não há interferência no significado ou plano semântico. Dessa forma, os termos podem ser considerados sinônimos, embora saibamos de todas as implicações existentes por trás dessa nomenclatura e concordemos que não existem, de fato, sinônimos perfeitos e absolutos.

A seguir, expomos, em tabelas, os pares lexicais contextualizados que apresentam variação denominativa sem consequências cognitivas detectados no cópulus, seguidos da análise.

Ressaltamos que, para compor essa pequena amostra, selecionamos os termos por ordem de frequência no cópulus e seguimos uma ordenação alfabética para

apresentação e análise dos mesmos, porém, para efeito de melhor organização, para os termos que possuem uma mesma causa ou origem de variação, preferimos agrupá-los e apresentar uma única justificativa ao final, ressaltando as especificidades de cada variante.

Assim; a ordenação a ser seguida consiste. (i) variantes causadas por uma motivação subjetiva; (ii) variantes originadas por tendências ou escolas lexicográficas e (iii) variantes causadas por uma variação cronológica relacionada à evolução do conhecimento. Elencamos apenas esses fatores porque foram os únicos casos encontrados em nossos dados.

1) Variação causada por motivação subjetiva

A variação originada por um fator individual e, portanto, subjetiva, está sempre relacionada a um desejo e escolha pessoal do lexicógrafo. Geralmente esta se dá como um recurso estilístico ou forma de inovação e progressão textual. Em outros casos pode estar relacionada à tipologia textual ou mesmo ao público a qual está direcionado.

Acreditamos que, em alguns casos, essa variação se dê inconscientemente, uma vez que, por conhecer diferentes teorias e escolas lexicográficas, o autor não se fixa, ou mesmo não percebe que utiliza variantes em seus textos, não importando se pertencem a diferentes tendências lexicográficas.

As variantes denominativas ocasionadas por motivação subjetivas encontradas no corpus são: artigo lexicográfico e verbete; dicionário especializado e dicionário terminológico; Lexicografia Especializada e Terminografia; marca de uso, marca lexicográfica, rótulo e rubrica. Vejamos:

a) Artigo lexicográfico e verbete

Os termos **artigo lexicográfico** e **verbetes** têm sido comumente utilizados na Lexicografia brasileira, sendo empregados, na maioria das vezes, como sinônimos.

Tabela 15: contextos definitórios artigo lexicográfico e verbete

Artigo lexicográfico		Verbetes	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório ³⁷	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
HEINRICH, 2007	O verbetes , ou artigo lexicográfico, é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário, sendo formado pelo lema, que é a unidade léxica citada, e pelas informações sobre esta unidade.	HEINRICH, 2007	O verbetes comumente ocupa um parágrafo e acaba em um ponto. Também se pode caracterizar o verbetes como o registro da entrada no dicionário e, ao mesmo tempo, o conjunto das informações organizadas formalmente sobre a própria entrada.
FECHINE & PONTES, 2011	Por um lado, deve ser considerado que a transmissão do significado da unidade contida no dicionário é responsabilidade do artigo lexicográfico e não só da definição. Por outro lado, deve ser levado em consideração que o sentido é transmitido por e no artigo, o que permite dar informação qualitativa e quantitativamente superior à informação que a definição pode oferecer.” (GELPÍ e CASTILLO, 2004: 131).	FECHINE & PONTES, 2011	Conforme Pontes (2009: 100), o verbetes constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer cerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada. Portanto, além da definição da palavra, o verbetes também fornece várias outras informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras.
MURAKAWA, 2010 ^a	“Todo dicionário [...] consiste num estudo atomístico do léxico na medida em que considera isoladamente as palavras que servem de entradas”, diz Porto-Dapena (2002: 182). É a partir da palavra-entrada ou lema que se organiza o verbetes ou artigo	SILVA (P), 2006	O verbetes é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada verbetes se compõe de um lema, ou palavra-entrada, que é sua parte enunciativa.

³⁷ Todos os contextos definitórios correspondem, *ipsis litteris*, ao original do autor correspondente.

lexicográfico que oferece uma série de informações sobre a unidade lexical em estudo, informações que se referem a múltiplos aspectos, mas que têm sua prioridade no aspecto semântico. Desta forma, pode se dizer como Dubois e Dubois (1971: 84), que o verbete de um dicionário é um enunciado que tem como sujeito a palavra-entrada e como predicado a definição. Esta, por sua vez, é o centro de todo o **artigo lexicográfico**.

DAMIM, 2005

Em, o verbete e sua estrutura, podemos encontrar uma explicação para as seguintes partes do verbete: entrada, entrada secundária, rubricas, definições, predicação, série sinonímica, acepção, remissão, etimologia e palavras-guias. Nesse item observamos uma certa heterogeneidade daquilo que é considerado da ordem do verbete. No mesmo grupo em que são listados elementos que são, de fato, da ordem interna do **artigo lexicográfico**, são também incluídos elementos diversos, como o uso de palavras-guia, que dizem respeito à organização geral do dicionário..

FINATTO,
1996

A dimensão microestrutural corresponde ao **verbeta** ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico. E nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, podemos chamar 'signo-verbete', ou a unidade constituinte do arrolamento de signos linguísticos. Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe. A microestrutura do dicionário, ou estrutura do **verbeta**, corresponde a toda a construção do **verbeta**, incluídas eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado.

Observando as definições apresentadas, podemos constatar que **artigo lexicográfico** e **verbeta** são variantes denominativas para um mesmo conceito, ou seja, possuem formas distintas, mas um mesmo conceito e, sendo assim, não apresentam nenhuma incidência cognitiva sobre o receptor, já que recebem as mesmas informações conceituais a respeito do termo definido, podendo ser considerados sinonimicamente equivalentes.

Quanto à utilização desses termos na Lexicografia brasileira, destacamos que, embora os dois termos sejam comumente utilizados, a unidade terminológica **verbeta** é a mais frequente e comumente aceitável, ao passo que **artigo lexicográfico**, parece

consistir em um decalque da unidade terminológica *artículo lexicográfico* utilizado na Lexicografia espanhola.

b) Dicionário especializado e dicionário terminológico

A seguir, analisaremos a dualidade **dicionário especializado** e **dicionário terminológico** e sua utilização na Lexicografia brasileira:

Tabela 16: contextos definitórios – dicionário especializado e dicionário terminológico

Dicionário especializado		Dicionário terminológico	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
XATARA ET AL, 2011	Também utilizo muitos dicionários especializados, que por sua vez apresentam uma organização bastante diferente dos dicionários de língua geral. Um dicionário especializado apresenta termos, e não palavras; pode ou não, apresentar exemplos.	BARBOSA, 2001	Dicionário terminológico , baseado num trabalho terminológico que apresenta a terminologia de um domínio particular ou de domínios associados.
CAMILOTTI, 2011	Dessa forma, percebemos que uma das principais diferenças entre a Lexicografia e a Terminologia diz respeito ao léxico registrado. No caso das obras lexicográficas, encontramos o registro do léxico geral de uma língua, embora a nomenclatura do dicionário também deva contemplar aqueles termos técnico-científicos mais utilizados na comunicação das ciências e das técnicas amplamente divulgadas naquela sociedade. Já em um dicionário especializado , encontraremos o registro dos termos de uma determinada área do saber humano, organizados de acordo com as relações que mantém entre si ou, mais comumente, em ordem alfabética.	BABINI, 2006	Nesse sentido, um dicionário terminológico , nos moldes propostos por Wüster, é uma obra com caráter onomasiológico elaborada com base nas principais relações de significação mantidas entre os termos de um domínio especializado
CORREIA, 2005	Deste modo, consideramos, antes de mais, que qualquer dicionário especializado deve conter, para além da definição do conceito, equivalente(s) em outra(s) língua,	BEVILACQUA E FINATTO, 2006	A elaboração de um dicionário ou glossário de termos pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar

que facilite(m) o trabalho do tradutor, deve conter informação relativa à variação terminológica (no tempo, no espaço, no contexto social), de modo a facilitar a utilização correcta dos termos certos nos contextos certos e deve, finalmente, conter informação relativa aos contextos nos quais o termo é utilizado, de modo a possibilitar a produção de discurso especializado de qualidade.

dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico”, em uma área de saber específica. Mas também pode ser visto como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada. O produto concreto, um **dicionário terminológico**, conforme temos entendido junto ao Grupo TERMISUL, advém do reconhecimento terminológico, processo empreendido a partir de um dado *cópus* de referência, segundo uma sistemática planejada

Parece-nos perfeitamente claro que os termos **dicionário terminológico** e **dicionário especializado** sejam sinônimos e que ocorre variação denominativa sem consequências cognitivas, dado ao fato de que, a utilização de uma UT ou outro não interfere na forma como o consulente recebe a informação sobre elas, nem no entendimento a ser obtido do conceito veiculado.

c) Marca de uso, marca lexicográfica, rótulo e rubrica

Apresentamos, a seguir, as dualidades terminológicas marca de uso, marca lexicográfica, rótulo e rubrica; unidades comumente utilizadas na Lexicografia, no Brasil, embora o termo **marca de uso** seja o mais recorrente.

Tabela 17: Contextos definitórios - marca de uso e marca lexicográfica

Marca de uso		Marca lexicográfica	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
STREHLER, 2001	No caso de “bordier” tem-se <i>Suisse</i> . No caso de “porra-louca” Bras. e chulo, e no caso de “isocèle” GÉOM. Estas “observações” chamam-se marcas de uso [...].	SANTIAGO, 2012	Outro aspecto que chama atenção é relativo à utilização de marcas lexicográficas , que são paradigmas utilizados no dicionário para orientar e mostrar ao consulente as propriedades no uso das palavras e expressões. Este recurso é também denominado marca de uso ou rubrica.

<p>PONTES, 2012</p>	<p>As marcas de uso já fazem parte essencial da produção lexicográfica moderna. Registradas de forma adequada ou não, elas se apresentam desde, desde muito tempo, com uma boa frequência ou de forma acanhada, mas sempre aparecem nos dicionários de língua. Sobretudo em dicionários escolares, como afirma Fariñas (2001), as notas de uso são imprescindíveis em um dicionário escolar.</p>
---------------------	---

Tabela 18: Contextos definitórios - rótulo e rubrica

Fonte – autor e ano	Rótulo Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Rubrica Contexto definitório
<p>WELKER, 2004</p>	<p>Geralmente, os rótulos (termo empregado por Borba, 2003) são denominados <i>marcas de uso</i> no português (cf. Strehler, 1998), <i>marcas</i> no espanhol, <i>marques</i> ou <i>marques d'usage</i> no francês, <i>labels</i> no inglês.</p>	<p>KRIEGER, 2012</p>	<p>As marca de uso também chamadas de rubricas, tem a função de caracterizar palavras e expressões, indicando, condicionando e, por vezes, restringindo seu uso e emprego no contexto discursivo. Geralmente, as marcas são abreviadas e seu significado é explicitado na lista de abreviaturas.</p>
<p>BORBA, 2013</p>	<p>Num dicionário de usos uma informação importante relaciona-se com a variação tanto espacial, de uma região para outra, como social, no mesmo espaço, mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma muito irregular em nossos dicionários.</p>		

Marcas lexicográficas, rótulos, marcas de uso ou **rubrica** são variantes denominativas para um mesmo conceito. Embora correspondam a denominações diferentes, percebe-se que o conceito expresso por essas denominações é o mesmo e, dessa forma, a utilização de uma ou de outra variante não interfere na compreensão do conceito.

Nesse sentido, como pudemos comprovar, todas as variantes denominativas acima apresentadas ocorrem sem consequências cognitivas, uma vez que há alteração apenas na estrutura; plano formal, mas não no plano cognitivo.

Em termos de classificação, temos a seguinte relação entre essas variantes terminológicas nos planos linguístico e cognitivo:

Tabela 19: Relação conceitual entre as unidades artigo lexicográfico e verbete

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa sem consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta mesmo significado Sinônimos

Tabela 20: relação conceitual entre as unidades dicionário especializado e dicionário terminológico

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa sem consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta mesmo significado Sinônimos

Tabela 21: relação conceitual entre as unidades marca de uso, marca lexicográfica, rótulo e rubrica

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa sem consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta mesmo significado Sinônimos

A respeito das justificativas dessa variabilidade, podemos apontar que, tendo como embasamento as origens e causas da variação denominativa apresentadas por Freixa (2002) e Fernandez-Silva (2010), constata-se que no caso das variantes

denominativas acima apresentadas, todas foram causadas por uma motivação subjetiva como apontamos anteriormente.

Isso pode ser comprovado, principalmente, observando a dualidade artigo lexicográfico e verbete, em que dois dos autores selecionados apresentam variação denominativa em uma mesma obra, a saber: Heinrich (2007) e Fachine e Pontes (2011).

Uma prova de que a motivação individual é bastante comum como uma das principais causas de variação denominativa são afirmações como a de Welker ao referir-se ao termo metalexigrafia:

[...] para a outra acepção – a *lexicografia teórica* – emprega-se freqüentemente, em línguas como o inglês, francês e alemão, o termo *metalexigrafia*, e tendo em vista que, internacionalmente, ele é adotado por muitos, vou usá-lo também em português, assim como *metalexicógrafo* e o adjetivo *metalexigráfico* (WELKER, 2004, p.11)

Há, ainda, a preferência dos autores Bugueño-Miranda e Farias (2011) sobre a utilização do termo dicionário semasiológico³⁸ em detrimento de dicionário padrão, utilizada por Biderman (1984b) e pela grande maioria dos lexicógrafos brasileiros.

2) Variação causada pela tendência ou escola lexicográfica seguida

Algumas variações podem ser motivadas pela escola ou tendência lexicográfica seguida pelo autor que a utiliza, dado o fato de que é natural que insira em suas produções termos e conceitos próprios da escola lexicográfica a qual segue. Como

³⁸ Discutiremos melhor sobre a utilização da UL dicionário semasiológico posteriormente, ao analisarmos essa unidade.

exemplo de variante denominativa sem consequências cognitivas ocasionadas por influência de tendências lexicográficas, encontramos em nosso corpus as variantes: **entrada, palavra-entrada, lema e signo-lema.**

Tabela 22: contextos definitórios – entrada e palavra-entrada

Entrada		Palavra-entrada	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
RANGEL & BAGNO, 2006	Entrada [o mesmo que lema, cabeça de verbete, palavra-entrada] É a palavra ou expressão que encabeça o verbete, sendo o elemento a ser definido ou explicado. De acordo com a tradição lexicográfica, há um padrão de registro das entradas : o verbo no infinitivo, o substantivo e o adjetivo no singular masculino.	HOFLING ET AL, 2004	O objeto do qual o dicionário trata deve ser bem definido e delimitado: um lexema ou “unidade léxica abstrata em língua”. Podemos compará-lo com o conceito de lema que é a palavra-entrada que inicia o verbete no dicionário, a forma canônica, não-marcada de uma unidade lexical.
FINATTO, 1996	A dimensão microestrutural corresponde ao verbete ou entrada , resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico.	MURAKA WA, 2010	É a partir da palavra-entrada ou lema que se organiza o verbete ou artigo lexicográfico que oferece uma série de informações sobre a unidade lexical em estudo, informações que se referem a múltiplos aspectos, mas que têm sua prioridade no aspecto semântico.

Tabela 23: contextos definitórios – lema e signo-lema

Lema		Signo-lema	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
WELKER, 2004	Lema é sinônimo de entrada de verbete, palavra-entrada, ou simplesmente entrada. O termo não é muito comum no Brasil, mas já foi usado por Biderman (1984, p. 06), e depois, entre outros, além de Biderman (2000), por Carvalho (2001).	BUGUEÑO-MIRANDA & SELISTRE, 2008	A microestrutura de um dicionário bilíngüe passivo é todo o conjunto de informações sobre um signo lema tanto na sua condição de significante (suas particularidades fonológicas, morfológicas, etc.) quanto de significado (equivalente).
GIMENEZ, 2011	Usa-se lema , entrada ou palavra-entrada para os lexemas escolhidos que serão tratados nos dicionários. Apesar de ser uma forma criticada, geralmente toma-se como lema a forma básica ou canônica da palavra: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos, dentre outras.	BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS, 2011b	Com base nisso, dever-se-ia estabelecer, no interior do verbete, uma equivalência ou igualdade entre o signo-lema (unidade léxica definida) e a paráfrase resultante da reescrita do seu conteúdo semântico (definição). Essa relação de igualdade é chamada por Lara (1996) de “equação sêmica” [ecuación sêmica].
KRIEGER,	Todos esses papéis são cumpridos	FARIAS, 2012	No âmbito da lexicografia, a relação

2006b	sob a aparente simplicidade de uma lista alfabética, da qual cada palavra é o lema , ou a cabeça do verbete.	de equivalência ou igualdade entre o definiendum (signo-lema) e o definiens (paráfrase definidora) é chamada de “equação sêmica” [ecuación sêmica] (cf. LARA, 1996).
BIDERMAN, 2006	No caso da unidade lexical abstrata, será melhor utilizar o termo lexema e chamar de lema sua representação canónica no dicionário. [...] A unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas que compõem um paradigma será denominada lexema/ lema . Lema é também a entrada canónica nos dicionários da língua em questão. O uso desses termos técnicos eliminaria as ambiguidades, indesejáveis em ciência.	BUGUEÑO-MIRANDA, 2013 Em relação à microestrutura, que se pode definir como o conjunto de informações acerca do signo-lema (Bugueño; Farias (2006)), todo verbete obedece a uma predicação, isto é, a uma relação “thema- rhema”, segundo Herbst; Klotz (2003, p.170), ou, como comentam Collinot; Mazière (1997, p.89), há uma função predicativa da microestrutura em relação ao lema, o que significa observar uma certa ordem.

Conforme podemos deprender das informações acima, as UTs: **entrada**, **palavra-entrada**, **lema** e **signo-lema** são exemplos claros de variação denominativa sem consequências cognitivas. Temos, nesse caso, quatro denominações diferentes para designar um mesmo conceito: unidade lexical que encabeça o verbete e sobre a qual se apresentam as informações e definições.

Os termos apresentados são variantes em seu plano formal, isto é, apresentam denominações diferentes, mas são equivalentes sinonimicamente, uma vez que representam um mesmo conceito.

Dizemos que não há consequência cognitiva nessas variações porque a utilização de denominações diferentes não influencia ou modifica a forma como o receptor recebe as informações semânticas sobre esse termo, nem na compreensão do conceito.

Sendo assim, a relação entre essas UTs pode ser assim classificada:

Tabela 24: relação conceitual entre as unidades entrada, palavra-entrada, lema e signo-lema.

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa sem conseqüências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Sinônimos
		Forma distinta	
		mesmo significado	

Quanto às causas da utilização dessas variantes por parte dos diferentes autores, vemos que há, provavelmente, duas hipóteses: (i) a primeira, como sendo a motivação individual e subjetiva por parte do autor que trata e utiliza as UTs como sinônimas e, sendo assim, emprega-as indiscriminadamente, seja como um recurso estilístico para evitar a repetição, seja como uma variação inconsciente e (ii) a segunda causa ou origem que poderia ser determinada pela escola ou tendência lexicográfica seguida por ele, fato esse constatado pela utilização da UT **signo-lema**, utilizada apenas por Bugueño-Miranda e seus estudantes e ex-estudantes, como é o caso de Farias e Selistre que, sabemos ser a Lexicografia alemã, embora siga também a Lexicografia espanhola.

3.3. Variação denominativa com conseqüências cognitivas e suas possíveis causas

Conforme pudemos constatar em nossos dados, a variação denominativa com conseqüências cognitivas também pode ser expressa de formas diferentes de acordo com dois pontos de vista: (i) o que expressam as definições apontadas pelos autores e (ii) o que expressam, literalmente, as denominações. Isso ocorre porque, como apontam Cabré (2008) e Freixa (2002), os termos não só denominam, mas acima de tudo, significam.

Outro ponto a respeito da variação denominativa com consequências cognitivas é o fato de que, às vezes, alguns traços significativos de um mesmo conceito ou conceitos distintos, relacionam-se de alguma forma, ocasionando uma relação de inclusão ou de intersecção³⁹ entre os termos.

Esta relação pode ser assim explicada: **intersecção**, quando dois conceitos se relacionam parcialmente, apresentando traços em comum e coincidindo de alguma forma e **inclusão**, quando um conceito se apresenta em uma relação de inclusão com outro conceito, isto é, uma relação de composição (formar ou fazer parte de...).

3.3.1. Variação denominativa de acordo com as definições

Dentre as variantes denominativas, pode-se perceber algumas variáveis conceituais ou traços diferentes de um mesmo conceito, uma vez que podemos observá-las tanto nas definições apresentadas pelos autores nos contextos definitórios, como também no que expressam literalmente as denominações, como apontaremos a seguir.

A exemplo do que fizemos ao discorrer sobre as causas ou origens da variação sem consequências cognitivas, agrupamos as variantes denominativas de acordo com os possíveis fatores ou causas de variação, no que segue:

1) Variação causada por motivação subjetiva

Como exemplo de variação denominativa com consequências cognitivas causadas por uma motivação subjetiva podemos citar as UTs: definição circular e

³⁹ Esta relação de inclusão e intersecção entre os termos é utilizada por Fernandez-Silva (2010), ao analisar os termos utilizados no âmbito da pescaria, nas línguas galega e francesa.

circularidade; dicionário geral, dicionário padrão, dicionário de língua e dicionário semasiológico; Lexicografia Didática e Lexicografia Pedagógica, lexicógrafo e dicionarista.

a) Definição circular e circularidade

Vejam, agora, um exemplo de variação terminológica com consequências cognitivas: **definição circular e circularidade**.

Tabela 25: Contextos definitórios – definição circular e circularidade

Definição circular		Circularidade	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
RANGEL e BAGNO, 2006	Definição circular [também denominada circularidade] Ocorre quando uma palavra-entrada é definida por um sinônimo, e vice-versa. O sinônimo definidor, quando consultado na entrada correspondente, tem seu sentido definido por aquela palavra que ele próprio definiu.	DANTAS, 2009	A circularidade ocorre pelo fato de que um termo remete a outro e vice-versa, numa relação biunívoca, não acrescentando, assim, a informação nova inicialmente demandada pelo consulente. Portanto, remissões deste tipo também contribuem para frustrar o usuário e despertar-lhe certa aversão ao ato de consultar dicionários.
BRANGEL, 2011	Apesar da tentativa de se formular uma definição seguindo os moldes da definição por gênero próximo e diferença específica, a maioria das paráfrases assume a característica do que muitos estudiosos convencionaram chamar de definição circular . Para Landau (2001, p.157), evitar a circularidade é o princípio mais importante na redação de definições lexicográficas. O autor cita dois tipos de circularidade: um primeiro tipo seria quando se define A em termos de B e B em termos de A e um segundo tipo quando simplesmente A é definido em termos de A (LANDAU, 2001, p.157). Ao também tratar da definição circular , Martínez de Souza (1995, s.v. definición circular) a concebe como uma “definição defeituosa	Brangel, 2011	Ao também tratar da definição circular, Martínez de Souza (1995, s.v. definición circular) a concebe como uma “definição defeituosa onde o definido e o definiente se remetem reciprocamente”, ou seja, o segundo tipo de circularidade apontado por Landau (2001). Este segundo tipo de definição circular, em que o objeto definido e a sua definição se remetem de modo recíproco, é o que mais vigora dentre as cores complexas.

	onde o definido e o definiente se remetem reciprocamente”.	
SANTIAGO, 2012	Neste caso, ocorre o que se pode chamar de definição circular ou circularidade. [] foi necessário consultar outro verbete para se chegar à compreensão de que seja ilusionismo, motivo pelo qual trazemos à baila o verbete prestidigitação. As definições em ambos os dicionários não dão conta plenamente de descrever o sentido da palavra, visto que definem uma palavra por outra. Ao adotar essa estratégia, isto é, a definição por sinônimo, o dicionário pode, geralmente, levar a uma circularidade, em que uma palavra x é definida por y; em seguida y é definida por z, que por sua vez é definido por x. Isto faz com que o usuário, apesar de consultar dois verbetes ou mais, muitas vezes se frustre por não encontrar o significado procurado ou, caso encontre, somente conseguirá depois de várias consultas. Entretanto, a circularidade, que se sustenta por meio de uma rede de remissivas, quando bem estruturada, pode ser um grande complemento e um importante auxílio.	FARIAS E., 1998
		Ocorre que algumas vezes esse procedimento não é seguido e nos deparamos com a circularidade , ou seja, a definição de um lexema através de outro, sendo ambos tomados como sinônimos, sugerindo inclusive a possibilidade de substituição de um pelo outro, independente do contexto.

Analisando as definições apresentadas, podemos constatar que, embora para muitos autores as concepções de **definição circular** e **circularidade** se meschem e sejam semanticamente equivalentes, o que justifica o fato de serem consideradas, por estes, como unidades sinônimas, compreendemos que, na verdade, esses termos não se correspondem sinonimicamente, uma vez que a primeira delas representa um tipo de definição, ao passo que a segunda equivale a uma propriedade.

Contata-se que há alteração tanto no plano formal, quanto no plano cognitivo, uma vez que, ainda que apresentem traços comuns, podemos compreender a **definição circular** como um enunciado parafrástico que consiste em definir a palavra-entrada por meio de seu sinônimo. Já a **circularidade** pode ser entendida como a propriedade

apresentada pela definição circular, que consiste em remeter um termo a outro, por meio de remissivas ou não, de forma que ocasione uma série de consultas ao dicionário, ou seja, um processo circular.

Nesse sentido, contrariando o que afirmam Rangel & Bagno (2006) e Santiago (2012), não entendemos **definição circular** e **circularidade** como sinônimas, e sim como processos complementares, isto é, em uma relação de inclusão.

Sendo assim, a relação entre essas UTs se dá da seguinte forma:

Tabela 26: relação conceitual entre as unidades definição circular e circularidade

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Sinônimos relativos por inclusão Circularidade \subset definição circular
		Significados aproximados, mas não idênticos	

b) Dicionário geral/ dicionário padrão/ dicionário de língua/ dicionário semasiológico

Estes termos, geralmente, são classificados como sinônimos absolutos. No entanto, se analisarmos detalhadamente cada uma das definições comumente apresentadas para essas unidades, veremos que, na realidade, não se trata sempre de sinônimos, conforme podemos verificar a seguir:

Tabela 27: Contextos definitórios – dicionário geral e dicionário padrão

Dicionário geral		Dicionário padrão	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
WELKER, 2004	O dicionário geral é aquele em que o usuário pensa quando se fala em dicionário, a saber, um dicionário cujos verbetes estão organizados em ordem alfabético e consistem em, pelo menos, lema e definição, a não ser no caso dos bilíngues, onde a definição é substituída pelo equivalente.	BIDERMAN, 1984b	O dicionário padrão da língua é um dicionário unilingue com 50.000 verbetes aproximadamente, incluindo um acervo léxico substancial, sem constituir, porém, um thesaurus que recolhe todas as palavras do léxico.
HEINRICH, 2007	Para Rey-Debove (1971, p. 14), o dicionário geral de língua é aquele que descreve o conjunto de itens lexicais, mas que pode diferir um do outro por uma maior ou menor seletividade. Sendo assim, um dicionário geral de língua pode apresentar 200.000, 100.000 ou, ainda, 50.000 palavras.	SILVA (P), 2007	[...]Formato - Dicionário geral -todo o léxico. Dicionário padrão -+/-50 mil Dicionário escolar -de 15 a 30mil Dicionário infantil -de 4 a 5 mil. dicionário geral ou tesouro tenta abranger todo o léxico de uma língua, dicionário padrão comporta em torno de 50.000 palavras-entrada.
BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS, 2011a	Em concreto, podemos dizer que o dicionário geral de língua é um dicionário cuja microestrutura deve fornecer ao menos dois tipos de informações: (a) informações sobre a significação das palavras e (b) informações sobre a ortografia. Naturalmente, segundo o tipo de usuário, esse programa de informações pode (e até deve) ser ampliado.	FARIAS E., 1998	O dicionário padrão da língua, que engloba os dicionários unilíngues, é o tipo mais comum de dicionário. Na maioria das vezes, apresenta o léxico de uma língua de forma alfabética, fornecendo sobre cada lexema informações variadas como: pronúncia, etimologia, classe gramatical, definição, exemplificação quanto ao emprego e formas sinonímicas. Fonte:
XATARA ET AL, 2011	Béjoint" afirma que o dicionário geral (ou generalpurpose dictionary) "inclui como palavras de entrada todos, ou uma parcela representativa dos elementos de um léxico, mesmo os obsoletos e arcaicos, e também todas as suas variedades na sincronia [...].Contudo, o adjetivo geral costuma ser usado mesmo quando a macroestrutura contém uma parcela bem menor do léxico". Por isso, Welker (2005) preferiu dividir os dicionários gerais em "gerais extensos" e "gerais seletivos". Biderman distingue o dicionário geral e o dicionário padrão.	XATARA ET AL, 2011	O dicionário padrão - mais seletivo que o dicionário geral (extenso) tenta descrever o léxico [...] de acordo com este modelo ideal da culta e escrita, só circunstancialmente referindo-se a padrões subcultos, ou desviantes da norma-padrão, tais como os usos dialetais, populares gíriáticos (Biderman 1998).

Tabela 28: Contextos definitórios – dicionário de língua e dicionário semasiológico

Dicionário de língua		Dicionário semasiológico	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
BORBA, 2007	Entenda-se dicionário de língua como aquele que dá informações sistemáticas sobre a estrutura e o funcionamento da língua. Assim também pode ser chamado de dicionário de usos.	FORNARI, 2009	Por fim, é importante ressaltar que a microestrutura de um dicionário semasiológico deve apresentar um conjunto de informações organizadas (cf. Haensch, 1982), de maneira que se possa reconhecer nela um programa constante de informações (cf. Jackson, 2002:81). No caso das palavras gramaticais, acreditamos que as informações imprescindíveis são: 1) instrução de uso, 2) exemplo e 3) apresentação esquemática do contexto sintático.
BIDERMAN, 2001a	O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna.	BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS, 2011a	Em todas as taxonomias já mencionadas, há o consenso sobre a existência de um genótipo chamado por Biderman (1998, p.129) "dicionário padrão" ou "dicionário geral de língua". Respeitosamente, atrevemo-nos a chamar esse tipo de dicionário de " dicionário semasiológico ", já que a sua tarefa básica é a de fornecer significados.
KRIEGER, 2008a	Especificamente, o dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas –, costuma ser considerado o “tesouro da língua”, lugar onde se guardam as palavras como indica a própria etimologia da palavra dicionário. Com isso, ele permite que uma comunidade reconheça-se a si mesma em sua história e em sua pluralidade.	BABINI, 2006	Em um dicionário semasiológico , o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico o ponto de partida é o significado.
HEINRICH, 2007	Considerando que o dicionário de língua encerra um conjunto de informações sobre a língua e que pode auxiliar no aprendizado e desenvolvimento do aluno, ele é um potencial instrumento didático. Este tipo de obra consiste em uma fonte riquíssima, indicada para se conhecer os sentidos únicos ou os vários sentidos, que uma mesma palavra pode ter, dentre muitas outras informações como: sentidos figurados, conotados, metafóricos, metonímicos e marcações de uso. Além disso, há informações linguísticas exibidas pelo dicionário, que auxiliam na aprendizagem da língua materna.	RAMALHO, 2010	Em um dicionário semasiológico tradicional, um verbete é composto de duas partes principais, o lema, sobre o qual se devem dar as informações, e a definição semântica, que contém as informações propriamente ditas, normalmente, feitas através de uma paráfrase.

Como pudemos observar, embora muitas vezes sejam tratados como sinônimos, esses tipos de dicionários apresentam características ligeiramente diferentes, ou seja, traços distintos de um mesmo conceito, o que não nos permite classificá-los como tal.

Como forma de melhor exemplificar o exposto, podemos contrapor e diferenciar as principais características dessas obras, de acordo com as definições apresentadas nos contextos retirados do cópuz:

Tabela 29: semelhanças e diferenças entre as UTs dicionário geral, padrão, de língua e semasiológico.

Dicionário geral	Dicionário padrão	Dicionário de língua	Dicionário semasiológico
Organizado em ordem alfabética e apresenta, minimamente, lema e definição;	Organizado em ordem alfabética e inclui informações sobre pronúncia, etimologia, classe gramatical e definição, entre outros;	-Apresenta informações sistemáticas e estruturais sobre a língua.	Apresenta informações sobre o lema e a definição;
Descreve o conjunto de itens lexicais de uma língua;	Dicionário unilíngue que pode conter de 50.000 a 70.000 verbetes;	-Descreve o vocabulário da língua em questão;	Tem como ponto de partida o significante do termo ou unidade lexical.
Fornecer dois tipos de informações: sobre o significado e sobre ortografia;	Mais seletivo que o dicionário geral.		
- Inclui elementos léxicos arcaicos e obsoletos.			

O dicionário geral, com podemos constatar, engloba as características apresentadas pelo dicionário de língua e dicionário semasiológico, o que nos permitiria classificá-los como sinônimos; no entanto, convém ressaltar que nem sempre um

dicionário semasiológico seria um dicionário geral ou de língua, dado ao fato de que, é perfeitamente possível, um dicionário especializado ser semasiológico.

Quanto à relação entre dicionário geral e dicionário padrão, destacamos que, devido ao caráter mais abrangente e extenso do primeiro em detrimento do caráter mais seletivo e conciso do segundo, os mesmos não podem ser considerados como sinônimos, pois, como ressalta Biderman (1998):

[...] apenas o dicionário geral da língua pode aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua. Ainda assim, esse ideal é sempre inatingível, já que o léxico cresce com progressão geométrica. O dicionário padrão registra uma parcela menor do léxico, abrangendo cerca de 50.000 verbetes ("podendo estender-se até 70.000 verbetes") (BIDERMAN, 1998, p. 129).

Ainda sobre a relação entre dicionário geral e dicionário padrão, ressaltamos que, para Heinrich (2007), o dicionário geral pode apresentar 200.000, 100.000 ou 50.000 palavras, ao passo que para Silva (P) (2007), utilizando a classificação apresentada anteriormente por Biderman (1998), o dicionário geral descreve, ou ao menos procura descrever, a maior parcela possível do léxico de uma língua em uso.

Entre os conceitos dicionário de língua e dicionário geral, podemos verificar que há uma relação de inclusão, considerando o fato de que o dicionário geral é sempre um dicionário de língua, uma vez que descreve e define o léxico de determinada língua.

Da mesma forma, são dicionários de língua os dicionários semasiológico e o padrão. Podemos dizer que, nesse caso, o **dicionário de língua** pode ser considerado o hiperônimo, ou categoria mais abrangente e, dentro dele, inserem-se os demais tipos de dicionários, inclusive os dicionários especializados ou terminológicos.

Nesse sentido, propomos a seguinte relação entre os tipos de dicionários apresentados.

Tabela 30: relação conceitual entre as unidades dicionário de língua e dicionário geral

Plano cognitivo		Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta	Sinônimos relativos por inclusão Dic. geral \subset dic. de língua.
			Significados aproximados, mas não idênticos	

Tabela 31: relação conceitual entre as unidades dicionário de língua e dicionário semasiológico

Plano cognitivo		Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta	Sinônimos relativos por intersecção Dic. de língua \cap dic. semasiológico
			Significados aproximados, mas não idênticos	

Consideramos que, embora não sejam sinônimos absolutos, semanticamente, **dicionário de língua** e **dicionário semasiológico** possuem uma relação de intersecção entre seus significados uma vez que um dicionário de língua pode ser e quase sempre é semasiológico; entretanto um **dicionário semasiológico** pode, mas não necessariamente, ser um dicionário de línguas ou um dicionário geral.

Tabela 32: relação conceitual entre as unidades dicionário geral e dicionário padrão

Plano cognitivo		Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta	Sinônimos relativos por intersecção Dic. geral \cap dic. padrão
			Significados aproximados, mas não idênticos	

Tabela 33: relação conceitual entre as unidades dicionário padrão e dicionário semasiológico

Plano cognitivo		Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Significados aproximados, mas não idênticos	Sinônimos relativos por intersecção Dic. padrão \cap dic. semasiológico

A exemplo do que apontamos ao explicar a relação entre dicionário de língua e dicionário semasiológico, consideramos que também há uma relação de intersecção entre os conceitos de **dicionário padrão** e **dicionário semasiológico**, pois, geralmente, embora não obrigatoriamente, o **dicionário padrão** seja, também, um **dicionário semasiológico**.

c) Lexicografia Pedagógica e Lexicografia Didática

Tabela 34: Contextos definitórios – Lexicografia pedagógica e Lexicografia didática

Lexicografia pedagógica		Lexicografia didática	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
KRIEGER, 2011	A lexicografia pedagógica é uma área de estudos relativamente nova, ainda muito pouco conhecida no Brasil. No entanto, vem crescendo em razão da importância do papel dos dicionários para a aprendizagem de línguas. Por ser recente, seu objeto está sendo delineado. Não obstante, pode-se dizer que seu foco reside no estudo de várias faces que constituem e envolvem os dicionários destinados à escola, relacionados ao ensino quer de primeira quer de segunda língua. Tal foco evidencia também que a lexicografia pedagógica é motivada pela consciência do potencial didático dos dicionários e, indissociavelmente, com a preocupação da adequação e da qualidade das obras usadas no ensino de línguas.	KRIEGER, 2008b	A problemática do dicionário escolar inscreve-se no âmbito do que se passou a denominar, sobretudo na Europa, de lexicografia didática . Este segmento lexicográfico relaciona-se ao surgimento de produtos específicos que intentam cobrir as necessidades de quase todos os níveis de ensino (AZORÍN, 2006). A concepção de uma lexicografia didática , como uma produção direcionada à escola é de extrema importância, sobretudo, porque há uma tendência geral de identificar como escolar os dicionários tipo mini. No entanto, a compreensão do caráter escolar costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que à sua efetiva adequação ao ensino/aprendizagem da língua. Por isto, apesar de práticas, as versões sintéticas nem sempre são as melhores para uso escolar.

ZUCCHI, 2012	[...] a Lexicografia Pedagógica , chamada também de Lexicografia de Aprendizagem, que se diferencia da Lexicografia geral por ter como objetivo a elaboração de dicionários com características específicas para um usuário aprendiz, seja ele de língua estrangeira ou de língua materna (cf. por ex. WELKER, 2008; TARP, 2006; DURÁN, 2007; BACCIN, 2009).	HEINRICH, 2007	(KRIEGER, 2005). Após o surgimento da Lexicografia Teórica, no século XX, e com o desenvolvimento da Lexicografia Prática, adequando-se às inovações tecnológicas e às necessidades dos consulentes, surgiu recentemente a Lexicografia Didática . Ainda pouco conhecido, o termo reflete uma preocupação e encerra muito conhecimento para o mundo dos dicionários, principalmente aqueles utilizados como recurso didático nas escolas. A expressão " Lexicografia Didática ", embora nova, é cada vez mais utilizada para referir dicionários escolares, destinados a servirem como obra de consulta para os alunos.
FERNANDES, 2012	A Lexicografia Pedagógica (para alófonos) é um sub-ramo da Lexicografia, que se ocupa do estudo e da concepção de dicionários cujo objetivo é responder às necessidades dos aprendizes de uma língua que não é sua língua materna. Este ramo particular é bastante complexo, pois se situa no cruzamento de várias disciplinas, como a Lexicografia, a Psicologia, a Didática.	DANTAS, 2009	Outro ramo da Lexicografia que tem apresentado um espetacular avanço é a Lexicografia Pedagógica ou Lexicografia Didática , que diz respeito às análises e considerações feitas sobre o uso do dicionário como instrumento didático, voltado para um público definido e com uma finalidade específica: o ensino-aprendizagem de línguas.
XATARA ET AL, 2008	Hernández (1998) usa o termo lexicografia didática, mas diz que "há quem prefira lexicografia pedagógica ", ou seja, ele equipara os dois termos, e considera que tal lexicografia "se refere a obras destinadas a quem ainda não há alcançado uma competência lingüística suficiente em sua língua materna ou em uma segunda língua" (1998, p. 50). A mesma idéia é defendida por Ahumada (s.d., p. 32) - que usa o termo lexicografia pedagógica. Também Hanks (2006), no verbete "Lexicografia: Visão geral", diz, num breve item sobre DPs, que eles abrangem tanto obras "para alunos escolares que são falantes nativos" quanto dicionários para estrangeiros.	TULLIO e ZAMARIAN, 2011	No caso do segmento da lexicografia projetada para a escola, também denominada de lexicografia didática , predomina a concepção de que os minidicionários são obrigatoriamente escolares. No entanto, a natureza escolar desse tipo de obra costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que sua adequação ao ensino da língua.

Embora sejam empregadas, quase sempre, como sinônimos os termos **Lexicografia pedagógica** e **Lexicografia didática** não se correspondem semanticamente.

Para alguns autores, a exemplo do que aponta Xatara et al (2008) e Dantas (2009), a **Lexicografia pedagógica** pode ser considerada como sinônimo de **Lexicografia didática** e é voltada para o dicionário como instrumento para aprendizagens de língua materna ou estrangeira.

Entretanto, para a grande maioria dos lexicógrafos brasileiros, como Zucchi, Krieger e Fernandes, entre outros, estas UTs não são equivalentes sinonimicamente, uma vez que a **Lexicografia pedagógica** se volta para ensino e aprendizagem de línguas e os dicionários para aprendizes ou *learners' dictionaries*, enquanto a **Lexicografia didática** está voltada para a escola e para o dicionário como instrumento didático, isto é, o dicionário escolar.

Sendo assim, parece-nos perfeitamente claro que não há uma relação de sinonímia entre essas UTs, uma vez que correspondem a conceitos diferentes.

Dizemos que há consequências cognitivas nessa variação devido ao fato de que as informações transmitidas pelos emissores podem ser recebidas de forma diferente para os receptores, ou seja, para Xatara et al e Dantas, por serem unidades sinônimas, não haveria qualquer incidência cognitiva na utilização de uma ou outra variante; nesse caso a consequência cognitiva seria só por parte do receptor. Por outro lado, para os outros autores, a utilização dessas variantes sempre acarretaria consequências, já que correspondem a conceitos diferentes. Nesse sentido há consequências tanto para o emissor quanto para o receptor.

A respeito da relação conceitual entre as UTs Lexicografia Pedagógica e Lexicografia Didática, constata-se que:

Tabela 35: relação conceitual entre as unidades Lexicograia Pedagógica e Lexicografia Didática

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Distintos significados Não são sinônimos

d) Lexicógrafo e dicionarista

Tabela 36: Contextos definitórios – lexicógrafo e dicionarista

Fonte – autor e ano	Lexicógrafo Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Dicionarista Contexto definitório
XATARA, 2007	Já o lexicógrafo não seria apenas um técnico, um “fazedor” de dicionários, um dicionarista. O lexicógrafo elabora, sim, dicionários, seja de que tipo for, mas o produto que apresenta ao público, é substancialmente embasado em estudos lexicológicos e metalexigráficos, ou seja, o lexicógrafo só chegará à elaboração de um dicionário, após ter refletido e analisado, com critérios claramente científicos, o tipo de unidade lexical ou palavra que ele escolherá para compor a nomenclatura de sua obra, e após ter estabelecido com rigor como será a macro e microestrutura desta obra.	FERNANDES, 2013	Ao buscar essas vozes, tentamos entender o dicionário como um gênero que é múltiplo mesmo em sua essência, posto que agrega outros gêneros, como verbetes, prefácio, bibliografia, apresentação. Também nos serviu de norte o conceito de que, como todo gênero, o dicionário é um construto social, que se ergue na confluência das necessidades de comunicação e possui regras de um contrato, que se estabelece, no seu caso, entre autor (dicionarista) e leitor (consulente).
ZAVAGLIA C., 2010c	Assim, o lexicógrafo não se confunde com um dicionarista, isto é, um simples fazedor de dicionários, que não se vale de critérios de nenhum tipo para a composição da sua obra. Ao contrário. O lexicógrafo vale-se de estudos da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática para fundamentar sua obra. De fato, a ele é dada a tarefa de classificar um item léxico quanto a sua classe gramatical (estamos no ramo da Morfologia), de contextualizá-lo e combiná-lo (Sintaxe), de identificar relações semânticas entre as unidades, tais como a sinonímia, a polissemia, a homonímia (Semântica Lexical), de	XATARA, 2007	Quem produz um dicionário pode ser um lexicógrafo, um dicionarista , um linguista, um especialista de qualquer outra área do conhecimento humano ou uma equipe de especialistas diversos. O dicionarista seria aquele profissional que executa um projeto, mas não faz estudos ou análises sobre ele. Existem mesmo os dicionaristas ocasionais, que resolvem publicar uma coletânea de dados já compilados, por exemplo. Há também editoras ou institutos que mantêm equipes de especialistas, não necessariamente lexicógrafos, para a produção de projetos internos.

	descrevê-lo discursivamente, e, conseqüentemente, de analisar esse discurso (adentramos na Análise de Discurso), de descrever as unidades lexicais no que diz respeito a sua pronúncia (Fonética), de precisar a sua origem e a evolução (Etimologia).	
XATARA ET AL, 2011	Primeiro, entendamos lexicógrafo (ou dicionarista) em sentido restrito, o profissional que prepara dicionários de língua, ou seja, os dicionários que informam como é a estrutura da língua e como ela funciona. Daí que seu campo de atuação é a língua como sistema, ao qual ele chega por investigação sistemática dos diversos discursos vigentes numa comunidade linguística num dado período. (BORBA, 2011).	BIDERMAN, 1984b
		A ordem hierárquica, assim estabelecida, depende do bom senso do lexicógrafo, e o dicionarista precisa analisar atentamente o leque de significados da palavra polissêmica, procurando captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo. Fonte:
BIDERMAN, 1984b	Os signos linguísticos polissêmicos acarretam várias dificuldades para o lexicógrafo . No passado muitos dicionários operavam da seguinte forma: indicavam primeiro o significado original, etimológico, alistando, a seguir, os significados subsequentes até os valores semânticos contemporâneos ao dicionarista.	WELKER, 2007
		Dicionários eletrônicos apresentam diversas vantagens ao usuário, principalmente as facilidades de busca. Mas a maior vantagem que eles oferece tanto aos lexicógrafos quanto aos consulentes – é a disponibilidade de espaço. Assim, eles permitem que sejam incluídas todas as informações desejadas ou necessárias. O problema é que, antes de poder incluí-las em tal obra de consulta eletrônica, o dicionarista tem que dispor delas ou elaborá-las.

Por meio das definições apresentadas, podemos perceber que a linha que diferencia os conceitos de **lexicógrafo** e **dicionarista** é bastante tênue, para alguns autores até inexistente.

Para Biderman, Welker, Borba e Fernandez, **lexicógrafo** e **dicionarista** são UTs sinônimas e dizem respeito ao profissional que prepara dicionários de língua.

Por outro lado, para autores como Xatara e Zavaglia, por **dicionarista** entende-se o profissional que elabora dicionários, mas sem formação ou preparação para isso, apenas um técnico ou um “fazedor de dicionários”, que não segue critérios científicos e

tampouco se embasa em estudos lexicológicos ou metalexigráficos para produzir seus dicionários.

Sendo assim, **lexicógrafo** e **dicionarista** não são variantes denominativas de um mesmo conceito, uma vez que o **lexicógrafo** seria o profissional, com formação e preparação específica para produzir dicionários, que, ao contrário do **dicionarista**, reflete, analisa e se dispõe de critérios científicos para elaborar suas obras.

Temos, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas, pois, embora contenham traços significativos em comum, as informações conceituais veiculadas não são as mesmas. Há, portanto, consequências cognitivas tanto para o emissor, quanto para o receptor.

A relação conceitual entre estas duas variantes denominativas pode ser assim explicada:

Tabela 37: relação conceitual entre as unidades lexicógrafo e dicionarista

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Distintos significados Não são sinônimos

Sobre as causas da variação denominativa dos termos acima apresentados, comprova-se que se trata de uma utilização subjetiva e, dessa forma, os autores fazem uso dessa variação como recurso de progressão textual, mesmo porque, ao conceberem essas UTs como equivalentes sinonimicamente, não veem problema em utilizar uma ou outra variante.

Entretanto, dado ao fato de que não o são, dizemos que há consequências cognitivas para o receptor, já que a utilização de uma ou outra variante acarreta alteração na forma como o conceito é recebido.

e) Lexicografia Especializada e Terminografia

Vejamos outro exemplo de variação terminológica presente em nosso corpus. Ressaltamos que se trata de uma dualidade bastante polêmica quanto à sua aceitação e utilização como equivalentes sinonimicamente.

Tabela 38: Contextos definitórios – Lexicografia Especializada e Terminografia

Lexicografia Especializada		Terminografia	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
FILHO, 2007a	No exemplo dado, os estudos lexicográficos estão voltados para questões do léxico comum de uma língua, sendo assim relacionados ao estudo e à montagem de dicionários. Já na terminografia, também conhecida como lexicografia especializada , está focada na análise dos termos relativos a uma linguagem especializada, que pode ser uma disciplina, uma ciência, uma técnica, e tem como objetivo final a produção de banco de dados de uma área específica do conhecimento e de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos.	HENRI QUES, 2011	A Terminografia é uma disciplina intimamente ligada à Terminologia e compreende o registro, tratamento e apresentação dos dados terminológicos obtidos em pesquisa terminológica. Difere, mas não se distancia, da Lexicografia por apresentar as informações apenas da área de conhecimento de que trata, de modo muito mais recortado ou delimitado, normalmente vinculado a um conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente da obra, tal como se tivesse sido elaborado especialmente para um segmento de usuários.
BEVILA CQUA & FINATTO, 2006	Há quem considere que a terminografia pode ser compreendida como uma lexicografia especializada (PICHT, 1993). Optamos por desviar, aqui, dessa discussão, apenas assinalando a sua existência. Afinal, entendemos que, quando se imagina que a terminografia seja uma derivação da lexicografia, colocamos em meio a um enredamento teórico e epistemológico, o qual convém ser explorado com a devida calma, em outra ocasião.	MACIEL, 2010	Mostrou-se insuficiente a concepção da terminografia como “registro, processamento e apresentação de dados resultantes de pesquisa terminológica” (ISSO 1087, 8.2) nos moldes da teoria tradicional. A atividade terminográfica adquiriu novos contornos, enriqueceu-se, aprofundou-se e passou então a ser entendida como “o resultado e a prática da descrição das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência em formato de papel ou eletrônico” (BESSÉ; NKWENTI-AZEH; SAGER, 1998).
SILVA, 2008	Essas unidades léxicas fazem parte do ensino de línguas, pois ter competência comunicativa em uma língua estrangeira significa poder usá-la em diferentes situações de comunicação; e, está incluída na Lexicografia, seja da língua comum que, a cada dia, insere mais usos especializados em suas obras, seja Lexicografia Especializada ,	KRIEGER, 2011b	As duas realidades, dicionários centrados no léxico geral e os que se voltam para o léxico especializado são, por sua vez, determinantes de duas áreas práticas e de reflexão: a lexicografia e a terminologia. Ambas mantêm um eixo comum, mas também pontos de disjunção. São ciências do léxico que se conjugam pelo fazer dicionarístico, tanto que é

	também denominada, Terminografia.		bastante comum a denominação “ terminografia ” para designar a produção de obras de referência terminológica, expressando uma busca de correspondência com a lexicografia aplicada. Ao mesmo tempo, as duas possuem identidades próprias, seja pelos seus objetos específicos - o léxico geral para a lexicografia e o especializado para a terminografia , seja pela metodologia que adotam para cumprir seus objetivos aplicados.
GIL, 2009	Certamente que a seleção de entradas e a redação dos enunciados definitórios num dicionário especializado ou num dicionário geral parecem obedecer a critérios muito distintos — e são muitos os autores a considerar lexicografia e terminologia/ lexicografia especializada como atividades muito distintas —, mas, na verdade, trata-se de variações do mesmo critério, como refere T. Cabré (CABRÉ, 1999). A diferença entre a lexicografia e a terminologia centra-se na abordagem semasiológica da primeira e onomasiológica da segunda; no entanto, tal distinção dilui-se na presença de linguistas e tradutores envolvidos na lexicografia especializada /terminografia.	SCHIER HOLZ, 2012	A Terminografia (ou trabalho terminológico) é entendida como uma prática de coleta e apresentação de dados terminológicos em dicionários de especialidade e bancos de dados terminológicos. Consta como sinônimo do termo Terminografia , o termo Lexicografia Terminológica, mas não Lexicografia de Especialidade (c.f. ARNTZ; PICHT; MAYER, 2002, p. 186).

A respeito das variantes Lexicografia Especializada e Terminografia, destacamos que, assim como apontamos no capítulo teórico, não há um consenso geral sobre a aceitação dessas duas unidades como sinônimas.

Neste trabalho, conforme já afirmamos anteriormente, consideramos Terminografia e Lexicografia Especializada como variantes denominativas para um mesmo conceito, ou seja, a disciplina que tem por objetivo a criação de dicionários especializados. Entretanto, como nossa pesquisa se baseia na análise do corpus constituído por textos escritos por autores que se voltam para a produção lexicográfica no Brasil, analisando os contextos definitórios apresentados, pudemos constatar que,

contrariando nosso posicionamento, para a maioria dos autores brasileiros Lexicografia Especializada e Terminografia não são termos equivalentes sinonimicamente.

Para autores como Filho (2007), Silva (2008) e Gil (2009) Lexicografia Especializada e Terminografia são variantes denominativas para um mesmo critério e estão focadas na análise de termos relativos a uma área de especialidade.

No entanto, para Bevilacqua e Finatto (2006), Maciel (2010), Henriques (2011), Krieger (2011) e Schierholz (2012), Terminografia e Lexicografia Especializada, embora próximas, se diferenciam em alguns aspectos e, sendo assim, não podem ser consideradas como variantes denominativas para um mesmo conceito.

Nesse sentido, considerando os dados apresentados, entendemos que temos, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas, uma vez que a utilização de uma variante em detrimento de outra, acarreta alterações tanto no plano linguístico, quanto no plano cognitivo, o que influencia na recepção e compreensão do conceito, por parte do receptor. Para tanto, temos:

Tabela 39: relação conceitual entre as unidades Lexicografia Especializada e terminografia

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa sem consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Distintos significados Não são sinônimos

2) Variação causada por evolução cronológica relacionada à evolução do conhecimento

Embora seja um dos termos mais clássicos da Lexicografia, há ainda hoje uma grande discussão a respeito da utilização dos termos **macroestrutura** e **nomenclatura** e a compreensão dos mesmos como sinônimos. Vejamos:

Tabela 40: Contextos definitórios – macroestrutura e nomenclatura

Macroestrutura		Nomenclatura	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
HEINRICH, 2007	A macroestrutura pode ser definida como o conjunto das entradas do dicionário, conjunto total de lemas de uma obra. É sinônimo de nomenclatura e nominata, também podendo ser definida como a nomenclatura da obra, ou ainda, a forma como o corpo da obra é organizado. Normalmente as entradas são ordenadas conforme a grafia. Fazem parte da macroestrutura as opções de ordenamento do conjunto de signos- lema do dicionário.	HOYOS, 2002	A macroestrutura corresponde, basicamente, à nomenclatura do dicionário, ou seja, o número de vocábulos registrados, na sequência vertical ou paradigmática. Fazem ainda parte dessa estrutura, a apresentação inicial do dicionário, qualquer tipo de introdução e os apêndices.
BUGUEÑO-MIRANDA & ZANATTA, 2008	Hartmann (2001: 64) define macroestrutura como o conjunto de entradas que geralmente é organizado de forma alfabética nos dicionários, ou, como nos thesaurus, “sequência sistemática de um sistema lógico”. Béjoint (2001) apresenta uma visão complementar a esta. Segundo o autor, o conceito de macroestrutura também pode ser usado para referir-se à maneira como as entradas são organizadas nos diferentes dicionários. Welker (2004: 80), da mesma opinião, caracteriza, macroestrutura , nessa acepção, como a organização do corpo do dicionário.	SILVA (P), 2010	O dicionário é uma obra que tem uma arquitetura especial. Um dos aspectos mais característicos do dicionário é a forma dupla de apresentação do texto lexicográfico: por um lado há a macroestrutura ou nomenclatura , uma sequência horizontal que forma os verbetes, que contém informações variadas sobre cada entrada.
BRAGA, 2010	Macroestrutura pode ser definida como a maneira como os artigos são dispostos ao longo da obra, ou seja, o formato vertical, a ordenação das entradas do documento.	DAMIM, 2011	Nos dicionários escolares, a nomenclatura é a totalidade de entradas do dicionário organizadas em ordem alfabética.

Conforme podemos depreender das informações acima, não há um consenso geral a respeito da definição de macroestrutura e sua relação com a unidade nomenclatura.

Temos, nesse caso, pelo menos três posicionamentos: (i) para um grupo de autores, como Heinrich, Silva (P), Bugueño-Miranda e Zanatta, a macroestrutura pode ser entendida como sinônimo de nomenclatura e compreende tanto o conjunto das entradas que compõe o dicionário, quanto à organização destas unidades. (ii) por outro lado, temos autores, a exemplo de Braga, Damim e Welker, para os quais a macroestrutura diz respeito somente à organização das entradas do dicionário e, sendo assim, não equivale semanticamente a UT nomenclatura, considerada como a seleção dos itens que compõem a macroestrutura e, ainda, (iii) a junção das entradas acrescidas dos textos externos, como aponta Hoyos.

Neste trabalho, embasados na afirmação de Biderman (2002, p. 87) de que “os teóricos do léxico também usam o termo macroestrutura (como nomenclatura) que refere, porém, um conceito ligeiramente distinto”, entendemos que macroestrutura e nomenclatura não são equivalentes sinonimicamente, contrariando o que vem sendo normalmente defendido pela Lexicografia em geral.

Para nós, macroestrutura diz respeito apenas à ordenação e organização das entradas no dicionário. Já a nomenclatura diz respeito à seleção vocabular, isto é, seleção das entradas que compõem a macroestrutura. Nesse sentido, nomenclatura pode ser entendida como sinônimo de nominata, mas não de macroestrutura.

Defendemos nossa posição pautando-nos no diferentes contextos e empregos da UT nomeclatura, a saber: (i) conjunto de termos técnicos ou terminologias, (ii) lista de nomes, (iii) catálogo ou até mesmo (iv) conjunto de indivíduos, ou “pessoas que gozam

de privilégios particulares; grupo de privilegiados” (HOUAISS, 2001), ao passo que o conceito de macroestrutura sempre está relacionado à estrutura e ordenação da nominata. E também nos pressupostos de Béjoint (2000, p. 13), que aponta que, embora muitos autores utilizem macroestrutura como sinônimo de nomenclatura, é preferível usar este último como sinônimo de *word-list*.

Dizemos que há consequências cognitivas nesta variação, pois nos parece perfeitamente claro que o uso de uma ou de outra variante altera não só a estrutura formal dos termos, mas também a forma como o conceito é recebido e compreendido.

Nesse caso, ainda que para alguns autores não haja nenhuma interferência no plano cognitivo, uma vez que considera estas duas variantes como equivalentes sinonimicamente, sempre haverá consequências cognitivas para o receptor, dado o fato de que ele pode considerar ângulos diferentes do conceito de nomenclatura.

Para nós, há nessas UTs uma relação de inclusão, ou seja, uma ou várias nomenclaturas podem estar inseridas dentro da macroestrutura, mas não há uma relação de sinonímia.

Nesse sentido, estas unidades assim se relacionam:

Tabela 41: relação conceitual entre as unidades macroestrutura e nomenclatura

Plano cognitivo		Plano linguístico		Classificação
Variação denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Significados aproximados, mas não idênticos	Sinônimos relativos por inclusão Nomenclatura \subset macroestrutura

A respeito das origens e causas para a variação denominativa entre macroestrutura e nomenclatura, acreditamos ser particularmente difícil apresentar uma única causa.

(i) Por um lado poderíamos dizer que essa variação é ocasionada pela influência de escolas/tendências lexicográficas, ou seja, Biderman segue a corrente francesa e Silva (P), embora tenha a formação no Brasil, foi orientada de Biderman, logo é normal que siga os mesmos preceitos. Para as duas autoras macroestrutura e nomenclatura são sinônimos. Entretanto, Braga e Hoyos também seguem a corrente francesa, e apresentam concepções diferentes a respeito destas unidades. Para a primeira, a macro refere-se somente à organização das entradas e para a segunda compreende desde a nomenclatura até a junção dos textos externos, o que preferimos denominar de megaestrutura.

Welker, Heinrich e Bugueño-Miranda seguem a corrente alemã. Para Welker, macroestrutura diz respeito só à ordenação e organização das entradas; portanto não é sinônimo de nomenclatura. Já de acordo com Bugueño-Miranda e Heinrich nomenclatura diz respeito tanto à seleção lexical quanto à organização da nomenclatura. Sendo assim, acreditamos que a formação lexicográfica não é o fator que origina a variação.

(ii) Outra origem ou causa que acreditamos ser coerentemente possível é a evolução do conhecimento. Comprovamos essa suposição analisando que, em (1984b, p. 19), Biderman aponta que macroestrutura ou nomenclatura se refere à listagem das palavras-entrada e sua organização e, dessa forma depreende-se que são sinônimas; porém, em 2002, afirma que esses termos são ligeiramente distintos, contrário do que apontara antes.

Podemos dizer que, nesse caso, a variação pode ter sido causada por uma variação cronológica, vinculada a uma evolução do conhecimento, ou seja, depois de algum tempo e devido ao desenvolvimento de outras pesquisas, Biderman pode ter

compreendido diferenças conceituais entre estas duas variantes, o que modificou a forma de concebê-las.

3.3.1.2. Variação denominativa de acordo com o que expressam literalmente as denominações

Como já dissemos anteriormente, a unidade terminológica, muito mais que definir e nomear, significa e, por conseguinte, muitas vezes a consequência cognitiva se processa no que diz literalmente a denominação utilizada.

Como exemplo de variação denominativa de acordo com o que expressam as deonomações, apontamos as Uts: **Dicionário bilíngue/bidirecional/ dicionário bifocal/ dicionário bifuncional**. Vejamos:

Também exemplo de variabilidade terminológica denominativa na Lexicografia em uso no Brasil, a UT **dicionário bilíngue** algumas vezes tem sido apresentada como relacionada ou mesmo como sinônimo de outras unidades terminológicas como **dicionário bidirecional, bifocal** ou **bifuncional**.

Embora contenham traços comuns, o que nos permite classificá-las como sinônimos relativos, como é o caso de **dicionário bilíngue** e **dicionário bidirecional**, convém destacar que nem sempre esses quatro tipos de dicionário se relacionam, mesclam-se ou se incluem de alguma forma, como depreendemos da leitura de nosso cópuz.

Visando tornar mais clara nossa afirmação, refletimos sobre as definições atribuídas a essas UTs, destacando que, em nosso cópuz, tivemos pouca ocorrência das mesmas, razão pela qual apresentamos poucos contextos definitórios; entretanto,

consideramos essas unidades de extrema importância na Lexicografia, motivo pelo qual os incluímos na nomenclatura do DLB.

Tabela 42: Contextos definitórios – Dicionário bilíngue e dicionário bidirecional

Dicionário bilíngue		Dicionário bidirecional	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
HOYOS, 2002	O dicionário bilíngue basicamente fornece ao seu usuário, equivalentes de unidades léxicas de uma língua de origem em uma língua de destino, ou seja, os significantes desta língua que podem corresponder a determinados significantes daquela.	SILVA, 2008	O termo bifocal se refere, aqui, ao dicionário que pode servir à produção e à compreensão de textos – dicionário bifuncional – por um lado e, por outro, o dicionário que está pensado para o usuário falante da língua A e para o usuário falante da língua B (português e espanhol) - dicionário bidirecional . O termo bifocal amplia, assim, sua margem de abrangência conceitual e passa a se referir não só às funções que o dicionário poderá desempenhar, mas também às direções em que a obra é organizada.
SILVA (P), 2010	O dicionário bilíngue (DB) define-se então como uma obra que fornece o equivalente ou a tradução de unidades lexicais de uma língua fonte em uma língua-alvo.	XATARA & DURAN, 2007	[...] o dicionário bilíngue monodirecional é aquele que apresenta apenas uma das direções possíveis, ou AB ou BA, enquanto o bidirecional apresenta ambas as direções.

Tabela 43: Contextos definitórios – Dicionário bifocal e dicionário bifuncional

Dicionário bifocal		Dicionário bifuncional	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório	Fonte – autor e ano	Contexto definitório
SILVA, 2008	Fuentes Morán (1997, p.51) discute sobre o tema da estrutura do dicionário bilíngue e observa que um dicionário que apresenta uma estrutura formada pelos componentes básicos – introdução, desenvolvimento e conclusão – poderia denominar-se dicionário monofocal. Em muitos casos, segundo a autora, um dicionário língua A/língua B e um dicionário língua B/língua A são organizados como uma unidade. Esse tipo de dicionário se denominaria, então, dicionário bifocal .	FARIAS, 2010	O caráter bifuncional almejado por estes dicionários é inferido pela presença de determinados elementos, como um apêndice gramatical tanto da língua portuguesa quanto da língua alemã e a apresentação do conteúdo e da estrutura da obra em ambas as línguas. Um dicionário bifuncional, contudo, é um projeto muito difícil de ser executado, posto que uma obra desse tipo deveria conter um número realmente elevado de informações tanto em nível macro quanto microestrutural em ambas as direções, a fim de converter-se em um auxílio efetivo para os falantes nativos das duas línguas nas funções

passiva e ativa concomitantemente..

SILVA, 2008 O termo bifocal se refere ao fato de que o modelo de dicionário que elaboramos está pensado para falantes de português e para falantes de espanhol (dicionário bidirecional) e para as funções de compreensão e de produção de textos (**dicionário bifuncional**).

Por meio das informações apresentadas podemos depreender que nenhuma das UTs apontadas podem ser consideradas sinônimas, uma vez que possuem informações conceituais distintas.

Essa diferença é demarcada no significado da própria denominação, em que: (i) **dicionário bilíngue**: apresenta duas línguas, normalmente utilizado nas atividades de tradução e apresenta a nomenclatura na língua A e os equivalentes na língua B; (ii) **dicionário bidirecional**: organizado em duas direções, assim todas as informações apresentadas na língua A, são apresentadas na língua B; (iii) **dicionário bifocal**: dicionário que considera dois focos: um foco no receptor, entendido como o consulente que recebe, compreende, mas não transforma a informação recebida, nesse caso o dicionário seria utilizado apenas para codificação, e o outro foco no interlocutor/produtor, entendido como o consulente que recebe, compreende, transforma e transmite, por meio das atividades de produção, as informações recebidas.

Nesse caso, o dicionário seria utilizado para codificação e decodificação e (iv) **dicionário bifuncional**: entendido como uma obra idealizada e organizada para atender a duas funções: (a) codificação, isto é, a produção e (b) decodificação - compreensão de texto.

Para Silva (2008), o termo bifocal se refere a uma classificação mais ampla do dicionário e, sendo assim, o dicionário bifocal pode referir-se tanto ao dicionário

bifuncional (direcionado à produção e à compreensão), como também ao dicionário bidirecional, que assim como o dicionário bilíngue, está organizado em duas direções - língua A e língua B, embora saibamos que o dicionário bilíngue também possa se organizar em apenas uma direção.

Considerando a definição apontada por Silva, podemos entender que há entre esses tipos de dicionários uma relação de inclusão (dicionário bifocal = dicionário bifuncional+ dicionário bidirecional):

Dicionário bidireccional \subset **dicionário bifocal**

Dicionário bifuncional \subset **dicionário bifocal**

Entretanto, em contrapartida, de acordo Farias (2010a) o dicionário bifuncional seria a categoria mais ampla e que compreende tanto o dicionário bidirecional quanto o dicionário bifocal na concepção de Silva (2008), uma vez que se organiza em duas direções (língua A e língua B) e deve ter duas funções: ativa (produção) e passiva (compreensão) ao mesmo tempo.

Sendo assim, tendo em conta as características do dicionário bifuncional apontadas por Farias (2010a), entendemos que a relação entre o dicionário bifuncional, bidirecional e bifocal, a exemplo do que depreendemos dos apontamentos de Silva (2008), se sustenta em uma relação de inclusão (dicionário bifuncional = dicionário bifocal + dicionário bidirecional).

Dicionário bidireccional \subset **dicionário bifuncional**

Dicionário bifocal \subset **dicionário bifuncional**

Nesse sentido, podemos entender que não há entre esses termos uma relação de

sinonímia absoluta, mas pode haver, no caso dos termos dicionário bifuncional e dicionário bifocal, uma relação de sinonímia relativa por intersecção, dado o fato de que algumas características dessas UTs se relacionam, mas não se correspondem totalmente.

Há, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas porque as informações semânticas transmitidas podem ser recebidas e interpretadas diferentemente, pelo receptor.

Desse modo, apresentamos a seguinte relação e classificação entre essas unidades:

Tabela 44: relação conceitual entre as unidades dicionário bilíngue e dicionário bidirecional

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Distintos significados Não são sinônimos

Tabela 45: relação conceitual entre as unidades dicionário bifuncional e dicionário bifocal

Plano cognitivo	Plano linguístico		Classificação
Varição denominativa com consequências cognitivas	1 conceito	diferentes denominações	Forma distinta Significados aproximados, mas não idênticos. Sinônimos relativos por intersecção Dic. bifuncional \cap dic. bifocal

Quanto às possíveis causas dessa variação, acreditamos que se trate de uma escolha subjetiva dos autores, mesmo porque, convém ressaltar que em um corpus de 300 textos especializados, estas variantes ocorreram apenas nos textos de Silva, (2008) e Farias (2010a) e Xatara e Duran (2007), sendo que estas últimas não apresentam a denominação dicionário bifocal.

A respeito da utilização dessas UTs, destacamos que, mesmo que não sejam denominações muito utilizadas na Lexicografia corrente do Brasil, não são unidades novas, uma vez que já foram utilizados por Landau em 1989:

Dicionários bilíngues podem ser unidirecionais (monodirecional) ou bidirecionais; ou seja, eles podem vir organizados em uma única direção, como por exemplo do inglês para o francês, ou virem combinados com outro dicionário que vai de francês para inglês. Neste caso, há realmente dois dicionários⁴⁰ (LANDAU, 1989, p. 08).

Assim como apontamos anteriormente, por meio da explanação de Landau, podemos depreender que o dicionário bilíngue não se confunde com o dicionário bidirecional, uma vez que o primeiro se refere ao número de línguas contempladas no dicionário e monodirecional ou bidirecional se refere à organização e direção dessa obra.

3.4. Outros exemplos de variação denominativa encontrados no corpus: por escolas ou tendências lexicográficas e casos polissêmicos

Por meio de nossas análises pudemos constatar, também, que muitas das variantes denominativas utilizadas na Lexicografia, no Brasil, são influenciadas por escolas ou tendências lexicográficas de outros países.

Esses exemplos são mais visíveis com os termos próprios da Lexicografia inglesa e alemã, pois os termos da Lexicografia francesa, espanhola e portuguesa há

⁴⁰ *Bilingual dictionaries may be unidirectional (monodirectional) or bidirectional; that is, they may go in one direction only, from English, let us say, to French, or be combined with another dictionary that goes from French to English. In this case there are really two dictionaries.*

muito se solidificaram na produção lexicográfica no Brasil, o que torna difícil delimitar de que escola se originaram.

A esse respeito, Freixa (2002) destaca que é bastante frequente que cada escola lexicográfica, em particular, utilize suas próprias denominações para referirem-se a conceitos idênticos e muito próximos, o que acaba aumentando o número de termos variantes.

Como exemplo de variação denominativa de acordo com a escola lexicográfica seguida, apresentamos alguns exemplos de termos próprios da Lexicografia alemã e Lexicografia inglesa. Porém, convém ressaltar que nem sempre os autores que os utilizam em suas produções têm esse tipo de formação ou seguem essa tendência lexicográfica, mas como possuem conhecimento e leitura prévia sobre a Lexicografia em geral, é natural que os utilizem em suas produções.

Como exemplo de variante denominativa originado pela vertente ou lexicográfica, podemos citar, na Lexicografia alemã, as UTs **cabeça do verbete** e **comentário de forma**.

1) Escola lexicográfica alemã

Tabela 46: contextos definitórios – cabeça do verbete

Cabeça do verbete	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
ZAVAGLIA, C., 2010c	Entende-se por esse termo todas as informações que antecedem a definição e pospõem-se ao lema ou palavra-entrada. Costumam fazer parte dela: a) As variantes ortográficas, ou seja, diferentes formas de escrita que pode ter o lema. b) A pronúncia ou ortoepia, quer dizer, como se exprime verbalmente aquela unidade lexical por meio de mecanismos de escrita. d) A indicação da etimologia é geralmente oferecida pelos monolíngues de grande porte, que chegam a ser considerados como tesouros, como é o caso do Aurélio e do Houaiss. e) A indicação das marcas de uso é geralmente oferecida pelos monolíngues, na cabeça do verbete [...].
GIMENEZ, 2005	Embora quase não utilizado no Brasil, esse conceito refere-se ao lema e às informações anteriores à definição (ou equivalentes, neste caso de dicionários

bilíngües) como variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, etimologia, marcas de uso e informações flexionais sintáticas. O mais comum é dividir o verbete simplesmente em lema e as informações sobre ele. Contudo o conceito de “**cabeça do verbete**” auxilia no caso dos lexemas polissêmicos (que são a grande maioria), pois permite diferenciar as informações que valem para todas as acepções daquelas que valem apenas para uma determinada acepção.

WELKER, 2004 Pode ser considerada a **cabeça do verbete** a junção do “lema com as informações anteriores à(s) definição (ões), a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso. HANSEN (1990: 104) tem a mesma concepção, mas usa um outro termo (Lemma-platz).

Tabela 47: contextos definitórios – comentário de forma

Comentário de forma	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
BUGUEÑO & SELISTRE, 2008	O comentário de forma , como diz seu nome, oferece todas as indicações da forma da palavra.
BUGUEÑO-MIRANDA, 2008a	[...] um verbete de um dicionário de orientação semasiológica divide-se em dois conjuntos de informações. Há um primeiro grupo de informações que dão conta do signo-lema enquanto significante (por exemplo, a divisão silábica, a transcrição fonética, etc.). Esse conjunto de informações é chamado de “ comentário de forma ” [Formkommentar]. Por outro lado, há um segundo conjunto de informações ligadas ao signo-lema enquanto significado. WIEGAND (1989) as chama de “comentário semântico” [semantischer Kommentar].
FARIAS, 2012	A distinção entre comentário de forma [Formkommentar] e comentário semântico [semantischerKommentar] é estabelecida com base em Wiegand (1989a, p. 434-440) e fundamenta-se na concepção saussuriana do signo linguístico. Assim, pois, o comentário de forma comporta informações relativas à representação gráfica e fonético-fonológica do signo-lema, enquanto o comentário semântico abriga informações referentes ao seu significado.
FORNARI, 2008	A grosso modo, comentário de forma é o conjunto de dados do signo linguístico enquanto significante e comentário semântico é o conjunto de informações do signo linguístico enquanto significado.

2) Escola lexicográfica inglesa

Além dos termos próprios da corrente lexicográfica alemã, encontramos em nosso corpus exemplos de UTs específicas da Lexicografia inglesa, mas que são utilizados correntemente na Lexicografia brasileira, tais como: **front matter**, **middle matter** e **back matter**:

Tabela 48 : contextos definitórios – front matter

Front matter	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
HEINRICH, 2007	Para Hartmann (2001), o Front Matter diz respeito à introdução do dicionário e ao índice de abreviaturas Linguísticas. Landau (2001) diz que se trata do material introdutório, de um guia de uso para o consulente, cujo objetivo é descrever da maneira mais clara possível todo tipo de informação incluída no dicionário. Fato é que o Front Matter não é considerado por muitos autores um componente canônico do dicionário. Bugueño Miranda; Farias (2007), no entanto, o consideram um componente essencial por duas razões. Em primeiro lugar porque permite informar o consulente sobre o que esperar do dicionário, e em segundo lugar, porque serve como manual de instruções para o usuário. É inegável a função essencial do Front Matter para um bom manejo da obra lexicográfica e um bom aproveitamento das informações que fornece.
FARIAS, 2008	Por fim, o front matter (ou as chamadas “partes introdutórias”) tem como funções básicas apresentar os objetivos que o dicionário pretende cumprir e funcionar como um manual de instruções de uso do mesmo (cf. FORNARI, 2008).
FORNARI, 2008	[...] o Front Matter esquematiza, organiza e explica o conteúdo do dicionário, o que só é possível na medida em que se tem parâmetros, princípios ou regras que garantam coerência aos componentes do dicionário. O termo Front Matter tem um caráter contrastivo em relação a termos como “prólogo” e “introdução”, porque pressupõe uma organização baseada em princípios teóricos e um conteúdo específico voltado para o consulente e o ato da consulta.
BUGUEÑO-MIRANDA, 2013	Finalmente, o “ front matter ” deve cumprir três funções: em primeiro lugar, assinalar o usuário ao qual o dicionário está destinado; em segundo lugar, assinalar a função do dicionário e, finalmente, servir de manual de instruções. Em relação às demais partes encontradas em muitos dicionários, que a metalexigrafia inglesa chama de “middle matter” e “back matter”, respectivamente, ainda não há trabalhos que permitam conferir a esses segmentos uma função bem determinada.

Tabela 49: contextos definitórios – middle matter

Middle matter	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
FORNARI, 2008	Middle Matter refere-se às intervenções que podem conter alguns dicionários entre a macro e a microestrutura, tais como ilustrações. Encontramos em SoAm (1983) um exemplo de Middle Matter : A macroestrutura desse dicionário é organizada em ordem alfabética, e a nominata inclui a nomenclatura dos países da América cuja língua oficial é o Espanhol (o que se justifica por ser um dicionário de americanismos). Cada vez que a seqüência alfabética chega ao nome de um desses países, há uma interrupção nos verbetes para explicar dados culturais e sociais do país em questão, através de um quadro parecido aos que corriqueiramente encontramos em livros didáticos de geografia.

Tabela 50: contextos definitórios – back matter

Back matter	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
BUGUEÑO-MIRANDA & CAMPOS, 2012	O back matter , por fim, está localizado após a nominata e traz informações como conjugação verbal, compêndios gramaticais, etc.
FORNARI, 2008	Back Matter deveria ser, por excelência, o último componente do dicionário, contendo, por exemplo, referências bibliográficas que acompanham as abonações, no caso do dicionário ter um cópuz.
DANTAS, 2009	Ainda de acordo com Welker (2004, p.79), Hartmann e James (1998, p.92) preferem fazer uma divisão da megaestrutura em front matter (textos antepostos), middle matter (textos interpostos) e back matter (textos pospostos).
FARIAS, 2010a	O dicionário possui ainda outros componentes estruturais, a saber, a medioestrutura (sistema de remissões entre as diferentes partes do dicionário) e o outside matter, que se subdivide em front (material que antecede as nomenclaturas principais), middle (material interpolado na microestrutura) e back matter (material localizado após as nomenclaturas principais).

Passamos, agora, aos casos de polissemia encontrados em nossos dados. Consideramos que a linha que delimita e diferencia a variação conceitual da polissemia é muito tênue e complexa. A exemplo de autores como Ciapúscio (1999) e Fernandez-Silva (2010), entendemos que a variação conceitual afeta o conteúdo do conceito no plano cognitivo, não necessariamente implicando em variação denominativa. Assim, é possível termos uma mesma denominação com diferentes conceitos.

Já na polissemia, as denominações são as mesmas, mas há traços ou semas em comum entre os conceitos, isto é, diferentes faces de um mesmo conceito ou conceitos extensivos.

Neste trabalho, não tivemos a intenção de nos aprofundarmos na variação conceitual, sendo assim, os exemplos que apresentamos a seguir, são considerados como polissêmicos, uma vez que é possível perceber semas em comum entre os conceitos veiculados.

Tabela 51: contextos definitórios – Lexicografia

Lexicografia	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
WELKER, 2004	O termo lexicografia tem dois sentidos: numa acepção - na qual se usa também a expressão lexicografia prática - ele designa a "ciência», «técnica", "política" ou mesmo "arte"de elaborar dicionários (cf. Biderman 1984: I, Biderman 1998: 15, Borba 2003: 15, Landau 1989, Wiegand 1989: 251, Martínez de Sousa 1995: 226ss.); para a outra acepção - a lexicografia teórica - emprega-se frequentemente, em línguas como o inglês, francês e alemão, o termo metalexigrafia, e tendo em vista que, internacionalmente, este é adotado por muitos, vou usá-lo, também em português.
FERNANDES, 2012	A Lexicografia é uma disciplina que “se ocupa da descrição do léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários, em formato papel ou eletrônico, e bases de dados lexicológicas.” Ao lado desse caráter mais prático, há também o que se chama de Lexicografia teórica ou Metalexigrafia, que busca refletir sobre as questões ligadas à prática lexicográfica.
CAMILOTTI, 2011	A Lexicografia é definida grosso modo como uma técnica de elaboração de dicionários. De fato, a técnica lexicográfica surgiu da necessidade prática de se fazer dicionários de uma maneira empírica. Porém, com os avanços dessa área da Linguística nas últimas décadas, essa definição tornou-se muito restritiva, uma vez que a Lexicografia dispõe de todos os pressupostos teóricos, objeto e metodologia específicos requeridos por uma ciência, o que contribuiu para melhoras significativas nos produtos lexicográficos contemporâneos.
ZAVAGLIA, C., 2010c	Partilho da ideia de que a Lexicografia é mais do que uma técnica e uma arte. É uma ciência; e enquanto ciência está sujeita à teoria e a etapas metodológicas. Nesse sentido, o lexicógrafo carece de conhecimentos teóricos em relação ao seu objeto de estudo, tais como o saber (i) descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas, (ii) identificar e descrever relações semânticas entre elas e ainda (iii) fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais, ou seja, suas relações pragmáticas [...].

Como podemos constatar analisando os contextos definitórios apresentados, embora possamos pensar que temos, a princípio, conceitos distintos sobre o que seja a Lexicografia, isto é: concepção de Lexicografia como arte, técnica, ciência e disciplina, percebemos que há semas em comum entre esses conceitos, uma vez que todos eles se remetem à produção de dicionários: arte de fazer dicionários, técnica de produção de dicionários, ciência voltada para a produção de dicionários ou disciplina que estuda os dicionários e sua produção.

Sendo assim, entendemos **Lexicografia** como um termo polissêmico e não como variante conceitual.

Tabela 52: contextos definitórios – Terminologia

Terminologia	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
ARAÚJO, 2011	A palavra terminologia , contudo, não é monossêmica, ou seja, não há apenas um significado a ela atribuído; ao contrário, há diversos significados a ela vinculados. Cabré (1993, p. 82) destaca que, ao menos, três acepções podem ser atribuídas à palavra terminologia : a) O conjunto de princípios e de bases conceituais que regem o estudo dos termos. b) O conjunto de diretrizes que se utilizam no trabalho terminográfico. c) O conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. De acordo com essas acepções, constata-se que a terminologia pode ser entendida: (a) como uma teoria, (b) como uma prática ou (c) como uma necessidade.
ARANDA, 2008	Krieger e Finatto (2004, p. 13) chamam a atenção para o caráter polissêmico do termo Terminologia, pelo menos em dois aspectos: 1) terminologia (grafado com t minúsculo) é o conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica; e 2) Terminologia (grafado com T maiúsculo) é a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos.
CAMILOTTI, 2011	A Terminologia , por sua vez, configura-se como um campo de estudo sobre os termos técnico-científicos. Dessa forma, a Terminologia toma como objeto de estudo as linguagens de especialidade, as quais referem-se a um determinado campo do conhecimento humano, podendo este ser científico, técnico, tecnológico, jurídico, entre outros. Os terminólogos, profissionais da Terminologia , têm como função descrever, repertoriar e, em certos casos, normalizar a terminologia de determinada área, trabalho esse que pode ser caracterizado como inter e transdisciplinar.
GIL, 2010	Por Terminologia poderá ainda entender-se quer o conjunto dos termos que formam o vocabulário de uma língua de especialidade, quer a publicação que divulga e consigna o conjunto dessas unidades terminológicas. Tem a Terminologia a sua aplicação prática na Terminografia.

A exemplo do que apontamos ao analisar a UT Lexicografia, podemos constatar que **Terminologia** é um exemplo claro de termo polissêmico.

Embora, a princípio, possa parecer que temos conceitos diferentes, a saber: disciplina interdisciplinar que estuda os termos, conjunto de unidades especializadas de um domínio e teoria ou campo de estudo sobre os termos técnico-científicos, constata-se que há semas em comum entre esses conceitos, dado o fato de que todos eles remetem ao estudo e tratamento das unidades terminológicas.

Tabela 53: contextos definitórios – léxico

Léxico	
Fonte – autor e ano	Contexto definitório
WELKER, 2004	No português, emprega-se o termo léxico , as vezes, como sinônimo de dicionário ou vocabulário (cf. Michaelis, DUP).
RANGEL & BAGNO, 2006	De modo geral, o léxico é definido como conjunto de palavras de uma língua. Há, entretanto, diversas concepções teóricas acerca dos elementos que comporiam o léxico.
REIS, 2008	O léxico pode ser entendido, grosso modo, como o conjunto de palavras de uma determinada língua. Segundo Höfling (2006a), o léxico é “o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se do acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico e cultural” (p. 32). Ainda de acordo com a autora, o léxico constitui uma forma de registrar o conhecimento e se relaciona com “o processo de nomeação e cognição da realidade” (p. 32). Höfling (2006a) conclui que o léxico pode ser identificado como “um patrimônio vocabular de uma dada comunidade Linguística ao longo de sua história” (p. 34).
BIDERMAN, 1996	Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Por outro lado, o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos.

Por meio das informações acima, podemos depreender que a UT **léxico** é um exemplo de termo polissêmico. que remete, ao menos, a dois aspectos diferentes de um mesmo conceito, isto é, conjunto ou estocagem dos signos linguísticos de uma língua.

Entendido como sinônimo de dicionário e vocabulário ou como conjunto de palavras de uma língua, contata-se que há semas em comum entre esses conceitos, isto é, o armazenamento ou estocagem dos vocábulos de uma língua e seus significados.

...

Neste capítulo, analisamos alguns exemplos de unidades terminológicas que apresentam variabilidade denominativa em nosso corpus. Tivemos por objetivo analisar apenas os casos com variação terminológica denominativa sem e com consequências denominativas, procurando apontar as possíveis causas dessa variação. Apresentamos também os casos mistos e outras causas de variação, como a influenciada por escolas e

tendências lexicográficas. Quanto à variação conceitual, destacamos que, neste trabalho não nos atemos a esse aspecto.

No próximo capítulo, apresentamos a organização do modelo do Dicionário de Lexicografia Brasileira, o perfil dos usuários e a estruturação e organização dos elementos que irão compor a microestrutura do DLB e, por fim, os paradigmas ou bases informacionais do futuro dicionário.

CAPÍTULO IV

O DESAFIO LEXICOGRÁFICO: ORGANIZAÇÃO DOS PARADIGMAS INFORMACIONAIS DO DICIONÁRIO DE LEXICOGRAFIA BRASILEIRA

Neste capítulo, temos por objetivo apresentar a organização do modelo do Dicionário de Lexicografia Brasileira, o perfil dos usuários e a estruturação e organização dos elementos que irão compor a microestrutura do DLB e, por fim, os paradigmas ou bases informacionais do futuro dicionário.

4.1. Perfil hipotético do consulente do DLB

O dicionário, independente de sua tipologia, deve estar adequado para atender as necessidades de uso de seus consulentes. Acreditamos que esse deve ser o verdadeiro objetivo de qualquer teoria lexicográfica, ou seja, cumprir sua função essencial de dirimir as necessidades concretas de determinado grupo de usuários.

Wiegand (2001) aponta que a teoria lexicográfica deve basear-se em termos e conceitos claramente definidos, de forma que, ao elaborar-se um dicionário, deve-se ter em conta que o mesmo é um objeto de uso e, nesse sentido, é essencial que se considere responder a perguntas como: Para que o dicionário pode ser utilizado? Quem pode utilizá-lo? Quando, em que situações pode ser utilizado?

Nesse sentido, de acordo com Tarp (2010, p. 81), a teoria funcional moderna determina que o objetivo da função lexicográfica é satisfazer as necessidades

específicas e lexicograficamente relevantes de um potencial usuário, necessidades essas apresentadas em específicas situações extralexigráficas. Sendo assim, a definição de função lexicográfica apontada por Tarp está intrinsecamente relacionada a quatro elementos básicos, como aponta o autor (2010, p. 42-43):

1) Satisfação: relacionado ao dicionário como fonte de uso, ou seja, como um objeto projetado para satisfazer e dar assistência a um usuário em potencial; por meio de uma seleção e apresentação de dados que faça com que a extração das informações necessárias seja obtida de forma clara, rápida e acessível.

2) Os tipos de necessidades lexicograficamente relevantes: deve-se considerar que um dicionário deve ser usado para cobrir as necessidades lexicograficamente relevantes, ou seja, devem ser excluídas da definição outros tipos de informações que não são necessárias nesse contexto.

3) Um tipo específico de potencial usuário: refere-se aos consulentes; pessoas que se beneficiam e fazem uso desse tipo de dicionário. Ressaltando-se que essa visão não se refere apenas aos usuários atuais, mas também a potenciais utilizadores, isto é, pessoas que, futuramente, poderão ter os mesmos tipos de necessidades.

Entretanto, sabemos que nem todos os usuários terão as mesmas necessidades nos mesmos tipos de situações, mesmo porque as necessidades lexicograficamente relevantes estão sempre associadas a determinados tipos potenciais de usuários e situações específicas de uso.

4) Situação de uso de um dicionário: relacionado ao que é extra ou pré-lexicográfico, não estando diretamente relacionado à consulta do dicionário em si, isto é, considera que as necessidades lexicograficamente relevantes não estão associadas apenas a um tipo específico de usuário, mas também às situações em que esses

consultantes se encontram, sendo assim, as necessidades devem ser vistas em relação a essas situações.

Relacionado a essa preocupação com o usuário, Humbley (2002) argumenta que a orientação de uso é uma abordagem que está cada vez mais no cerne da Lexicografia e da Terminografia, pois dicionários, em especial os especializados, estão sendo constantemente criados e adaptados para atender às necessidades específicas de um público também específico.

Desse modo, além de identificar o tipo de necessidades que devem ser supridas ao se elaborar uma obra lexicográfica ou terminográfica, deve-se ter em mente o perfil de consultante para qual essa obra foi projetada, Tarp (2010, p. 31) propõe que se tenha como base nove critérios a fim de traçar o perfil lexicograficamente relevante dos potenciais usuários de um dicionário:

Quadro 2: Critérios para traçar o perfil de usuário de um dicionário - Tarp (2010)

<p>Qual a língua materna dos usuários?</p> <p>Até que ponto eles dominam a língua materna?</p> <p>Até que ponto eles dominam uma língua estrangeira em particular?</p> <p>Até que ponto eles dominam determinada língua de especialidade na língua materna?</p> <p>Até que ponto eles dominam determinada língua de especialidade em língua estrangeira?</p> <p>Quanta experiência tradutória eles possuem?</p> <p>Qual a extensão de seu conhecimento de cultura geral?</p> <p>Qual a extensão de seu conhecimento de cultura em uma área de especialidade em língua estrangeira?</p> <p>Quanto eles sabem especificamente a respeito de um assunto ou de uma ciência?</p>

No caso da nossa pesquisa, para traçar o perfil hipotético dos consultantes do DLB propomos uma adaptação dos critérios apresentados acima, ou seja:

Quadro 3: Critérios para traçar o perfil de usuário do DLB

- Quanto conhecimento possui sobre a Lexicografia;
- Qual é sua língua materna;
- Quanto domina a linguagem especializada da Lexicografia;
- Quão grande é seu conhecimento sobre a Lexicografia brasileira;
- Quanta experiência possui nessa área;
- Que tipo de relação ou vínculo estabelece com a Lexicografia: trabalho ou estudo;
- Possui conhecimento prático suficiente para trabalhar com um dicionário de Lexicografia;
- Quão útil seria o DLB em seu cotidiano e porque se interessaria por esse tipo de obra;
- Em que situações utilizariam o DLB - que informações buscaria.

Assim, ressaltamos que ao atentarmos para o perfil do consulente do DLB, não consideramos um público geral, mesmo porque esta obra não se trata de um dicionário de língua comum, e sim de um dicionário especializado, com unidades lexicais específicas da área da Lexicografia.

Desse modo, temos como destinatário um público considerado de nível médio ou alto, constituído por estudantes e especialistas dessa área. Pessoas que já possuem certo conhecimento sobre a Lexicografia e sobre as unidades empregadas na mesma, que já trabalham ou mesmo produzem dicionários.

Portanto, partimos do pressuposto de que nosso público leitor não é um usuário leigo, que não conheça ou esteja a par da utilização e significado dessas lexias, mas pessoas que já possuem esse conhecimento e que recorram a nosso dicionário apenas para ter acesso a essa definição adaptada, bem como aos contextos de ocorrência e definições apresentados por outros autores nos textos especializados, que constituem nosso cópús, de forma a suprir suas dúvidas a respeito do significado e utilização de

uma determinada UT e também a fim de contrapor e selecionar as informações mais pertinentes ao seu objetivo de pesquisa.

Nosso usuário pode ser assim definido:

Quadro 4: Perfil do usuário do DLB

Público almejado: estudantes e especialistas no âmbito da Lexicografia

- Conhecimento básico sobre a teoria geral da Lexicografia;
- Domínio básico da linguagem especializada específica do âmbito;
- Conhecimento básico sobre a teoria da Lexicografia brasileira;
- Experiência prévia em relação a assuntos lexicográficos (estudo, pesquisa, trabalho);
- Executa tarefas relacionadas diretamente a esse âmbito de estudo (acadêmico ou profissional);
- Possui base teórica sobre a teoria e conceitos lexicográficos;
- Utilizaria o DLB como fonte de consulta;
- Essa obra seria importante para auxiliá-lo em tarefas e ações cotidianas de cunho acadêmico e/ou profissional;
- Utilizaria o DLB em atividades de pesquisa, compreensão e produção acadêmicas e profissionais.

Nesse contexto, tendo em mente que o usuário do DLB não é um consulente leigo e que não buscaria nesse dicionário informações formais e básicas como classe gramatical ou mesmo significado da palavra-entrada, consideramos que o DLB deva possibilitar aos estudantes e especialistas desse âmbito o que está descrito no quadro que segue:

Quadro 5: Necessidades ou funções que devem ser supridas pelo DLB

1. Visualizar e compreender as diversas variantes apresentadas para uma mesma denominação;
2. Entender a utilização e os traços que diferenciam essas variantes por meio dos contextos definitórios;
3. Compreender as possíveis causas dessa variação;
4. Observar como a utilização de uma ou outra variante pode acarretar consequências cognitivas em relação à compreensão dos conceitos;
5. Verificar a relação conceitual que se estabelece entre estas variantes de forma a compreender quando seus traços semânticos se equivalem, incluem-se ou se interseccionam;
6. Obter uma definição consensual levando em conta todos os aspectos relacionados a essas variações.

Tendo definidas as necessidades que devem ser supridas pelo Dicionário de Lexicografia Brasileira, passamos a apresentar suas características e elementos que irão compor sua microestrutura de forma a visualizar melhor as informações a serem disponibilizadas nessa obra. Ressaltamos que, como o DLB é um projeto futuro, o que apresentamos neste trabalho é o banco de dados ou paradigmas informacionais que darão forma ao DLB.

Quanto a seu formato ou suporte de apresentação, consideramos que, a princípio, pretendemos disponibilizá-lo em suporte impresso.

4.2. Elementos que irão compor a microestrutura do DLB

Considerando todas as informações apresentadas e procurando definir melhor a microestrutura do verbete do DLB, destacamos que, em nossa proposta de verbete, optamos por privilegiar as seguintes informações:

a) **TERMO/ENTRADA** - a exemplo de como ocorre com os demais dicionários gerais e especializados, o termo, lema ou entrada é apresentado em letra minúscula e negrito, seguido de ponto final.

b) **CATEGORIA GRAMATICAL** - ao contrário dos dicionários de língua geral que sempre apresentam os substantivos em sua forma masculina e singular, optamos por apresentar as classes gramaticais flexionadas da forma como se apresentam os termos. Dessa forma, graficamente são apresentadas em itálico e abreviadas: *s.m.* (substantivo masculino singular), *s.m.p.* (substantivo masculino plural), *s.f.* (substantivo feminino), *s.f.p.* (substantivo feminino plural), *adj.* (adjetivo), *v.* (verbo).

c) **DEFINIÇÃO**: optamos por apresentar uma definição que fosse um misto entre a definição lexicográfica e a terminológica, uma vez que apresentamos as características inerentes à definição lexicográfica, porém definimos termos e não unidades lexicais da língua geral.

d) **CONTEXTOS "RICOS EM CONHECIMENTO"** - embasados na proposta de Meyer (2001), apresentamos contextos mais amplos do que os normalmente apresentados nas obras terminográficas.

De acordo com Meyer (2001, p. 281) os contextos ricos em conhecimento são aqueles em que se recorre a elementos contextuais que possam auxiliar na compreensão e identificação de um item do domínio de conhecimento. (MEYER, 2001, p. 281)

Objetivamos apresentar, a exemplo do que ocorre na definição enciclopédica, contextos que definam a palavra-entrada e que, dessa forma reforcem a definição apresentada, fornecendo mais detalhes sobre a utilização do lema em contextos de uso, apresentados por diferentes autores.

A princípio pretendíamos apresentar quatro contextos para cada UT definida, entretanto, essa quantidade não pôde ser mantida em todos os verbetes, devido ao fato de que nem todos os textos apresentavam contextos definitórios.

e) **REMISSIVAS:** apresentamos o termo quem se remete o termo definido, bem como a explicação sobre como se dá essa remissão: sinônimo; sinônimo relativo por inclusão, sinônimo relativo por intersecção, não sinônimo e siglas.

f) **NOTAS EXPLICATIVAS:** utilizamos as notas explicativas como um recurso para apresentar as observações e comentários feitos pelos autores a respeito do termo definido ou para apresentar nossas observações a respeito das definições presentes nos contextos.

g) **PRÉ COMENTÁRIO DE FORMA E/OU DE CONTEÚDO:** optamos por apresentar, em algumas entradas, o pré comentário de forma e/ou de conteúdo no lugar das notas explicativas.

Sobre a utilização destes, em detrimento das outras, destacamos que as notas foram utilizadas para reforçar alguma informação que não pode ser apresentada na definição ou nos contextos definitórios. Sendo esta de nossa autoria ou dos autores presentes no corpus, podendo fazer alusão tanto aos aspectos semânticos, gramaticais ou contextuais. Já o pré comentário refere-se a uma informação curta e pontual a respeito do conteúdo semântico, gramatical ou de uso, não possui marcação de autoria e pode fazer parte da definição, mas não necessariamente.

Nesse sentido, tendo em mente o exposto, apresentamos, a seguir nosso modelo de banco de dados ou paradigmas informacionais do DLB.

4.3. Modelo do banco de dados do DLB

No modelo de banco de dados explicitado a seguir, elencamos 50 verbetes selecionados entre os 200 escolhidos para compor a nomenclatura do DLB. Para compor essa pequena amostragem selecionamos os verbetes mais frequentes e os organizamos em ordem alfabética.

Como todos as UTs, assim como os contextos definitórios foram retirados de textos especializados, apresentaremos, como apêndice do dicionário, a referência completa dos autores dos quais os contextos foram retirados.

4.3.1 Banco de dados - DLB

A

Abonação

Acepção

Artigo lexicográfico

B

Back matter

C

Cabeça do verbete

Circularidade

Comentário de forma

D**Definição****Definição analítica****Definição circular****Definição enciclopédica****Definição lexicográfica****Definição linguística****Definição sinonímica****Definição terminológica****Dicionário****Dicionário bidirecional****Dicionário bifocal****Dicionário bifuncional****Dicionário bilíngue****Dicionário de língua****Dicionário escolar****Dicionário especializado****Dicionário geral****Dicionário padrão****Dicionário semasiológico****Dicionário terminológico****Dicionarista****E****Entrada****F****Front matter****G****Glossário**

L**Lema****Lematização****Léxico****Lexicografia****Lexicografia Didática****Lexicografia especializada****Lexicografia Pedagógica****Lexicógrafo****Lexicologia****M****Macroestrutura****Marca de uso****Metalexigrafia****Microestrutura****Middle matter****N****Nomenclatura****T****Terminologia****Terminografia****V****Verbete****Vocabulário**

abonação

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: frase ou trecho, geralmente retirado de uma obra literária, para exemplificar o uso da unidade lexical definida em um contexto.

Contexto: muitos metalexícógrafos tratam exemplo autêntico como sinônimo de **abonação**; entretanto, para mim, enquanto "toda **abonação** é um exemplo autêntico, nem todo exemplo autêntico é uma **abonação**", uma vez que distingo a **abonação** como sendo aquela frase escrita por um grande escritor, podendo ser retirada de um livro ou de uma coleção de textos literários (corpus), que pode refletir, não raro, um uso idiossincrásico do autor, ao passo que exemplo é aquela frase escrita extraída de um cópua cuja origem não necessariamente é a literária, ao contrário, pode ser a jornalística, por exemplo, que reflete o uso real daquela unidade lexical.

Fonte: ZAVAGLIA, C., 2010c

Contexto: **abonação**: frase ou enunciado, extraído de um bom autor da língua, onde corre a palavra que está sendo definida e/ou explicada no dicionário. Ilustra o uso da palavra no contexto.

Fonte: BIDERMAN, 1984c

Contexto: **abonação**: exemplificação do emprego da palavra por meio de reprodução de fragmento, geralmente de obra literária. Não é substitutivo da definição, é um recurso complementar.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: **abonação**: contexto, geralmente extraído de um livro, que serve para atestar a ocorrência, o emprego ou o uso de uma palavra ou expressão pertencente a uma língua, em um determinado período.

Fonte: KRIEGER, 2012

acepção

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fuente: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: sentido ou significado atribuído à palavra- entrada, de acordo com contextos específicos. Uma única entrada pode apresentar diferentes acepções, dependendo do sentido atribuído ou dos diferentes traços significativos destacados em cada definição.

Contexto: cada um dos significados que uma palavra-entrada pode ter em um determinado contexto aceito e reconhecido pelo uso. Nos dicionários, a **acepção** aparece verbalizada por uma definição.

Fonte: KRIEGER, 2012

Contexto: **acepção**: cada um dos sentidos ou significados de uma palavra políssêmica, isto é, que tem vários valores semânticos. Cf, polissemia.

Fonte: BIDERMAN, 1984c

Contexto: **acepção** é um termo usado para referir-se a cada um dos significados que uma palavra ou expressão pode ter em diferentes contextos. Cada **acepção** é explicada por meio de uma definição. Em geral, as palavras/expressões têm mais de uma **acepção**, que, nos verbetes, frequentemente aparecem separadas por números.

Fonte: RANGEL & BAGNO,2006

Contexto: a **acepção** é cada um dos sentidos ou significados de uma palavra que compreende vários valores semânticos.

Fonte: PARREIRA, 2006

back matter

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto de textos localizados após a nomenclatura do dicionário, contendo informações adicionais geralmente sobre gramática, ortografia e, dependendo do tipo e foco do dicionário, informações específicas como tabelas, elementos e fórmulas matemáticas, entre outros.

Contexto: o **back matter** , por fim , está localizado após a nominata e traz informações como conjugação verbal , compêndios gramaticais , etc .

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & CAMPOS, 2012

Contexto: o **back matter** deveria ser, por excelência, o último componente do dicionário, contendo, por exemplo, referências bibliográficas que acompanham as abonações, no caso do dicionário ter um corpus.

Fonte: FORNARI, 2008

Contexto: ainda de acordo com Welker (2004, p.79), Hartmann e James (1998, p.92) preferem fazer uma divisão da megaestrutura em front matter (textos antepostos), middle matter (textos interpostos) e **back matter** (textos pospostos).

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: o dicionário possui ainda outros componentes estruturais, a saber, a medioestrutura (sistema de remissões entre as diferentes partes do dicionário) e o outside matter, que se subdivide em front (material que antecede as nomenclaturas principais), middle (material interpolado na microestrutura) e **back matter** (material localizado após as nomenclaturas principais).

Fuente: FARIAS (V), 2010^a

Notas:

O termo **back matter** é um empréstimo originado da Lexicografia inglesa, porém é normalmente utilizado na Lexicografia brasileira, em especial por autores como Bugueño-Miranda e seus estudantes ou ex-estudantes. É um termo utilizado por influência da escola ou tendência lexicográfica seguida.

cabeça do verbete

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto de informações apresentadas após o lema e anterior à definição, tais como: informações fonéticas, fonológicas e gramaticais e, em alguns casos, o pré-comentário de forma.

Contexto: entende-se por esse termo todas as informações que antecedem a definição e pospõem-se ao lema ou palavra-entrada. Costumam fazer parte dela: As variantes ortográficas, ou seja, diferentes formas de escrita que pode ter o lema. A pronúncia ou ortoepia, quer dizer, como se exprime verbalmente aquela unidade lexical por meio de mecanismos de escrita. A indicação da etimologia é geralmente oferecida pelos monolíngues de grande porte, que chegam a ser considerados como tesouros, como é o

caso do Aurélio e do Houaiss. A indicação das marcas de uso é geralmente oferecida pelos monolíngues, na **cabeça do verbete**, quando possuem uma única acepção ou quando as outras acepções.

Fonte: ZAVAGLIA, C., 2010c

Contexto: embora quase não utilizado no Brasil, esse conceito refere-se ao lema e às informações anteriores à definição (ou equivalentes, neste caso de dicionários bilíngues) como variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, etimologia, marcas de uso e informações flexionais sintáticas. O mais comum é dividir o verbete simplesmente em lema e as informações sobre ele. Contudo o conceito de **cabeça do verbete** auxilia no caso dos lexemas polissêmicos (que são a grande maioria), pois permite diferenciar as informações que valem para todas as acepções daquelas que valem apenas para uma determinada acepção.

Fonte: GIMENEZ, 2005

Contexto: pode ser considerada a **cabeça do verbete** a junção do "lema com as informações anteriores à(s) definição(ões), a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso. HANSEN (1990: 104) tem a mesma concepção, mas usa um outro termo (Lemma-platz).

Fonte: WELKER, 2004.

Notas:

O termo metalexiconográfico "**cabeça do verbete**" não costuma ser usado em português, e, mesmo em outras línguas, seus equivalentes são pouco difundidos. Trata-se da tradução literal do termo alemão Artikelkopf, introduzido por Wiegand (1988: 546ss.) e adotado, entre outros, por Al (1991: 2830) e Marelló (1996: 42), que empregam a tradução francesa tête de l'article. Harvey Yuill (1997) usam a termo top of the entry (WELKER, 2004, p. 110).

comentário de forma

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto de informações apresentadas anteriormente às indicações formais da palavra-entrada, normalmente acrescentando algum novo aspecto ou reforçando alguma peculiaridade da mesma.

Contexto: o [comentário de forma](#) , como diz seu nome , oferece todas as indicações da forma da palavra.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA SELISTRE, 2008

Contexto: [...] um verbete de um dicionário de orientação semasiológica divide-se em dois conjuntos de informações. Há um primeiro grupo de informações que dão conta do signo-lema enquanto significante (por exemplo, a divisão silábica, a transcrição fonética, etc.). Esse conjunto de informações é chamado de [comentário de forma](#) [Formkommentar]. Por outro lado, há um segundo conjunto de informações ligadas ao signo-lema enquanto significado. WIEGAND (1989) as chama de "comentário semântico" [semantischer Kommentar]

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA, 2008a

Contexto: a distinção entre [comentário de forma](#) [Formkommentar] e comentário semântico [semantischerKommentar] é estabelecida com base em Wiegand (1989a, p. 434-440) e fundamenta-se na concepção saussuriana do signo linguístico. Assim, pois, o [comentário de forma](#) comporta informações relativas à representação gráfica e fonético-fonológica do signo-lema, enquanto o comentário semântico abriga informações referentes ao seu significado.

Fonte: FARIAS, 2012

Contexto: a grosso modo, **comentário de forma** é o conjunto de dados do signo linguístico enquanto significante e comentário semântico é o conjunto de informações do signo linguístico enquanto significado.

Fonte: FORNARI, 2008

Notas:

O **comentário de forma** é uma tradução do termo alemão [Formkommentar], criado por Wiegand, em 1989. No Brasil esse termo passou a ser utilizado recentemente, em especial por autores como Bugueño-Miranda, Sita-Farias, Fornari, Selistre, entre outros.

definição

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado que apresenta uma paráfrase do conteúdo semântico de uma palavra-entrada ou acepção, de forma que ofereça uma descrição fiel do conceito representado.

Contexto: segundo a norma ISO 1087 (1990), a **definição** é um enunciado que descreve um conceito e que permite distingui-lo dos outros conceitos no interior de um sistema de conceitos. Para tanto, é necessário assinalar diferenças e semelhanças. Como o paradigma definicional deve conter apenas as informações necessárias à descrição conceitual, a definição pode ser amparada por um sistema de remissivas que, ao relacionar noções, permite a diferenciação de suas características (ISO 704, 2000: 18).

Fonte: BRAGA, 2003

Contexto: o termo **definição** pode ser conceituado grosso modo como o resultado da reescrita do conteúdo semântico de uma dada expressão linguística (BUSSMANN, 1983,

s.v. Defi nition; MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. definición lingüística; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. defi nition). Com base nisso, dever-se-ia estabelecer, no interior do verbete, uma equivalência ou igualdade entre o signo-lema (unidade léxica definida) e a paráfrase resultante da reescrita do seu conteúdo semântico (definição). Essa relação de igualdade é chamada por Lara (1996) de "equação sêmica" [ecuación sémica].

FOnte: BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS (V), 2011b

Contexto: a **definição** de um vocábulo vem a ser uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela Semanticamente. Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito freqüentes na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico . Tal precaução garantiria, em princípio , a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece.

Fonte: BIDERMAN, 1984b

Contexto: **definição** [também denominada enunciado definitório] é o enunciado que explicita o sentido de uma palavra/expressão.

Fonte: RANGEL & BAGNO, 2006

definição linguística

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado parafrástico que se caracteriza pela utilização de metalinguagem para explicar o sentido da palavra-entrada, bem como seu uso, em um verbete.

Contexto: **definição linguística**: em contraposição à definição enciclopédica, a definição linguística explica o sentido da palavra-entrada por meio de informações sobre o seu conteúdo semântico, os seus usos e interpretações. Fonte: RANGEL & BAGNO, 2006

Contexto: o segundo tipo de **definição** é a **linguística**, que tem por objetivo explicar ou identificar a entrada, utilizando-se da metalinguagem. Esta tipologia subdivide-se em conceitual e explicativa, sendo que, na primeira, o conteúdo significativo da entrada é expresso com outras palavras e, na segunda, ele é expresso mediante informações sobre os usos, os valores e as funções que a palavra assume. A **definição linguística** conceitual pode manifestar-se de dois modos: por meio de perífrases e por meio de sinônimos, ou seja, a partir de uma definição parafrástica- uma frase ou um sintagma-, e por uma definição sinonímica- um sinônimo, respectivamente (PORTO DAPENA, 2002).

Fonte: ROCHA, 2011

definição analítica

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado parafrástico que se caracteriza, especialmente, por apresentar e explicitar o sentido da palavra-entrada por meio de duas categorias essenciais: um

hiperônimo (genus proximum) e as diferenças específicas (differentiae specificaе). É também conhecida como hiperonímica, devido ao fato de partir sempre de um hiperônimo ou característica mais abstrata e geral, para a conceituação do lema.

Contexto: a **definição analítica** ou aristotélica tem por princípio buscar a essência das coisas, ou seja, o genus proximum, que seria algo de compreensão mais abstrata e geral que a palavra a ser definida, e também a differentiae specificaе, ou algo que especifique a palavra dentro da generalidade apresentada pelo genus proximum. Welker (2004, p.118), a respeito da definição analítica, utiliza a palavra cadeira como exemplo, em que "usa-se o genus proximum (gênero próximo), isto é, o hiperônimo, móvel e as differentiae specificaе (diferenças específicas) "para sentar-se", "encosto" e, eventualmente, outros semas."

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: **definição analítica** [também denominada aristotélica ou intensional]. Na **definição analítica**, o enunciado explicita o sentido da palavra/expressão por meio de duas partes principais: um hiperônimo (ou categoria a que a palavra pertence) e as diferenças específicas, isto é, as características próprias daquilo que está sendo definido. É a definição predominante nos dicionários.

Fonte: RANGEL & BAGNO, 2006

Contexto: em outras palavras, independentemente da teoria subjacente à sua formulação, uma **definição analítica** (como é o caso da definição por genus proximum + differentiae specificaе) deve apresentar um viés intensional e um viés extensional. O definiens, uma vez que corresponde a um conjunto suficiente de condições necessárias para que uma entidade x pertença à categoria Y, expressa a intensão do definiendum. A equivalência entre definiendum e definiens, no entanto, será estabelecida se, e somente se, a proposição expressa pelo definiens possuir exatamente a mesma referência (extensão) que o definiendum. Desse modo, poder-se-ia sustentar o argumento de que, na formulação de uma definição elucidativa, a extensão desempenha um papel mais importante que a intensão.

Fonte: FARIAS (V), 2012

Remissivas:

definição hiperonímica s.f. Córpus DLB(Sinônimo)

definição circular

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado que consiste em definir uma palavra-entrada por meio de seu sinônimo.

Contexto: [definição circular](#) [também denominada circularidade] Ocorre quando uma palavra-entrada é definida por um sinônimo, e vice-versa. O sinônimo definidor, quando consultado na entrada correspondente, tem seu sentido definido por aquela palavra que ele próprio definiu.

Fonte: RANGEL & BAGNO, 2006

Contexto: apesar da tentativa de se formular uma definição seguindo os moldes da definição por gênero próximo e diferença específica, a maioria das paráfrases assume a característica do que muitos estudiosos convencionaram chamar de [definição circular](#). Para Landau (2001, p.157), evitar a circularidade é o princípio mais importante na redação de definições lexicográficas. O autor cita dois tipos de circularidade: um primeiro tipo seria quando se define A em termos de B e B em termos de A e um segundo tipo quando simplesmente A é definido em termos de A (LANDAU, 2001, p.157). Ao também tratar da [definição circular](#), Martínez de Souza (1995, s.v. definición circular) a concebe como uma "definição defeituosa onde o definido e o definiente se

remetem reciprocamente".

Fonte: BRANGEL, 2011

Contexto: neste caso, ocorre o que se pode chamar de **definição circular** ou circularidade. [] foi necessário consultar outro verbete para se chegar à compreensão de que seja ilusionismo, motivo pelo qual trazemos à baila o verbete prestidigitação. As definições em ambos os dicionários não dão conta plenamente de descrever o sentido da palavra, visto que definem uma palavra por outra. Ao adotar essa estratégia, isto é, a definição por sinônimo, o dicionário pode, geralmente, levar a uma circularidade, em que uma palavra x é definida por y; em seguida y é definida por z, que por sua vez é definido por x. Isto faz com que o usuário, apesar de consultar dois verbetes ou mais, muitas vezes se frustre por não encontrar o significado procurado ou, caso encontre, somente conseguirá depois de várias consultas. Entretanto, a circularidade, que se sustenta por meio de uma rede de remissivas, quando bem estruturada, pode ser um grande complemento e um importante auxílio

Fonte: SANTIAGO, 2012

Remissivas:

circularidade s.f. Córpus DLB(sinônimo relativo por inclusão)

Notas:

Embora para muitos autores as concepções de **definição circular** e **circularidade** se mesquem e sejam semanticamente equivalentes, o que justifica o fato de serem consideradas, por estes, como unidades sinônimas, compreendemos que, na verdade, esses termos não se correspondem sinonimicamente, uma vez que a primeira delas representa um tipo de definição, ao passo que a segunda equivale a uma propriedade.

neste caso, uma variação com consequências cognitivas, uma vez que há alteração tanto no plano formal, quanto no plano cognitivo, pois, ainda que apresentem traços comuns, podemos compreender a **definição circular** como um enunciado parafrástico que

consiste em definir a palavra-entrada por meio de seu sinônimo. Já a **circularidade** pode ser entendida como a propriedade apresentada pela definição circular, que consiste em remeter um termo a outro, por meio de remissivas ou não, de forma que ocasione uma série de consultas ao dicionário, ou seja, um processo circular.

definição enciclopédica

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado parafrástico que se caracteriza por apresentar informações extras ou conhecimentos enciclopédicos a fim de reforçar o significado da palavra-entrada.

Contexto: a [definição](#) pode ser [enciclopédica](#), que é uma espécie de resumo de conhecimentos e figura nas enciclopédias ou em alguns dicionários, assumindo nestes, o status de informação enciclopédica.

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: a [definição enciclopédica](#) distingue-se da definição lingüística por explicar o sentido da palavra-entrada por meio de informações sobre aquilo que ela designa. Nos dicionários de língua, o uso combinado dos dois tipos de definição é bastante freqüente.

Fonte: RANGEL BAGNO, 2006

Contexto: a [definição enciclopédica](#) é aquela na qual o lexicógrafo utiliza-se de todos os elementos possíveis para identificar a realidade designada pela palavra definida. Esta definição é comumente utilizada para a designação de palavras relativas à fauna, à flora

e às terminologias.

Fonte: ROCHA, 2011

definição lexicográfica

s.f. Português

Fuente: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado parafrástico que consiste na metalinguagem do conteúdo do lema. É o elemento central do verbete e equivale, semanticamente, à palavra definida.

Contexto: Cano (2005: 123) afirma que " [definição lexicográfica](#) é todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma em um dicionário monolíngue". A expressão "todo tipo" sugere uma série de possibilidades que formam diferentes tipos de definição, levando-nos também a diferentes problemas linguísticos a serem tratados.

Fonte: FORNARI, 2009

Contexto: A [definição lexicográfica](#) constitui o elemento central do verbete e ela deve ser elaborada a partir dos contextos que são extraídos do banco de dados. Além dos aspectos teórico-lexicográficos que devem orientar a redação da definição, seguindo uma tipologia definicional, há que salientar que todas as acepções, ou seja, todos os valores polissêmicos que o lema apresente nos diversos contextos, devem vir acompanhados dos referidos contextos e da abonação completa.

Fonte: MURAKAWA, 2009

Contexto: a [definição lexicográfica](#) deve ser constituída por uma paráfrase, utilizada como equivalente de um lexema. Tal definição deve preocupar-se primeiramente em explicar o que a palavra em questão significa ("metalinguagem de conteúdo") e não o que é, como e para que se emprega ("metalinguagem de signo"). Porém, é comum

encontrarmos em nossos dicionários uma alternância entre as duas metalinguagens dentro de uma mesma definição

Fonte: BENEDUZI, 2003

definição sinonímica

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado parafrástico que consiste na explicitação e definição de uma unidade lexical por meio da utilização de seus sinônimos.

Contexto: as [definições sinonímicas](#) são as que expressam o conteúdo semântico de uma dada unidade léxica por meio da substituição dessa unidade por um ou mais sinônimos.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS (V), 2011b

Contexto: em Bugueño (2009), chamamos o emprego do sinônimo de "paráfrase explanatória sinonímica". Ulrich (2002) considera que um mecanismo parafrástico pode funcionar tanto por meio da substituição de um termo por outro (paráfrase explanatória sinonímica), como por meio da reescrita de uma unidade léxica por um conjunto delas (paráfrase explanatória analítica). No entanto, não há unanimidade de acordo com Félix Valentín Bugueño Miranda e Virginia Sita Farias em considerar a paráfrase explanatória sinonímica como um tipo de definição propriamente parafrástica. Por um lado, poder-se-ia objetar que não se fornece uma "explicação" propriamente dita, e sim, outra unidade léxica equivalente (sinônimo), de modo que o conteúdo fica elíptico, fornecendo-se uma designação. Ou seja, a sinonímia poderia ser entendida como uma classe de relação onomasiológica (HARTMANN; JAMES, 2001).

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS (V), 2011a

Contexto: a [definição sinonímica](#) pode ser considerada também uma definição extensional se se considera que entre o signo-lemma e o sinônimo existe um tertium

comparationis implícito perante o qual o signo-lema e o sinônimo são duas designações para um mesmo conteúdo.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA, 2009b

Notas:

Segundo Biderman (1993, p. 28), a [definição sinonímica](#) deve ser evitada, sempre que possível, dada a sua pouca precisão. De acordo com essa autora, devido à inexistência de sinônimos perfeitos, essa definição é sempre imperfeita, uma vez que a equação sêmica não pode ser totalmente estabelecida.

definição terminológica

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: paráfrase definitória que consiste em estabelecer as características que possam melhor representar o conceito de um termo ou expressão dentro de um campo de especialidade.

Contexto: a [definição terminológica](#), é, segundo Silva (2003, p.45) "uma operação que consiste em determinar um conjunto de caracteres que fazem parte da compreensão de um conceito", sendo a definição, por excelência, dos dicionários técnico-científicos.

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: a [definição terminológica](#) (doravante DT) se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, grosso modo, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber

técnico, científico ou tecnológico.

Fonte: FINATTO, 2002

Contexto: a **definição terminológica**, então, corresponde à expressão do saber de uma área do conhecimento humano. Uma boa definição precisa delimitar o significado de determinada unidade lexical e trazer as características essenciais do termo definido. Para este fim, muito se utilizou e ainda se utiliza o modelo clássico da definição que apresenta primeiramente o gênero próximo, ou seja, a categoria ou classe geral a qual pertence a palavra definida e a diferença específica que, como o próprio nome já diz, especifica as particularidades que diferenciam este ente de outro da sua mesma classe.

Fonte: CAMIOTTI, 2011

dicionário

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica ou livro de consulta e instrumento linguístico utilizado para resolver as dúvidas pontuais e específicas de seus consulentes e, acima de tudo, um instrumento social que descreve o léxico de uma língua e ao mesmo tempo, transmite as convicções, crenças e ideologias de um povo, por meio da seleção do léxico registrado.

Contexto: **dicionário**: Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações linguísticas sobre cada uma dessas unidades.

Fonte: BARBOSA, 2001

Contexto: um **dicionário** é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o queo faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o **dicionário** deve registrar a norma

linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a praxis linguística dessa sociedade. Por isso, a lexicografia contemporânea considera os dicionários modestos e incompletos.

Fonte: BIDERMAN, 2001c

Contexto: o **dicionário** é uma obra metalinguística que se destina à consulta, pois é o lugar de registro e legitimação das unidades que compõem o léxico. Os estudos lexicográficos o classificam ainda como uma obra mais comumente organizada em ordem alfabética, por razões estruturais e de consulta, que retrata além de informações gramaticais, semânticas e pragmáticas, conhecimentos culturais referentes à língua em que ele está inserido através das unidades lexicais que o compõem.

Fonte: SANTIAGO, 2012

Contexto: o **dicionário** é considerado o tesouro de uma língua e, muito mais que uma simples lista de palavras, pode ser um instrumento para o ensino e a aprendizagem da língua. Um **dicionário** geral procura contemplar todo o repertório léxico de uma língua e, além disso, apresenta importantes informações morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas sobre cada unidade léxica.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & BENEDUZI, 2004

dicionário bidirecional

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica organizada em duas direções, de modo que todas as informações apresentadas na língua A sejam também apresentadas na língua B e não somente os equivalentes.

Contexto: o termo bifocal se refere, aqui, ao dicionário que pode servir à produção e à compreensão de textos - dicionário bifuncional - por um lado e, por outro, o dicionário que está pensado para o usuário falante da língua A e para o usuário falante da língua B (português e espanhol) - **dicionário bidirecional**. O termo bifocal amplia, assim, sua margem de abrangência conceitual e passa a se referir não só às funções que o dicionário poderá desempenhar, mas também às direções em que a obra é organizada.

Fonte: SILVA, 2008

Contexto: [...] o **dicionário** bilíngue monodirecional é aquele que apresenta apenas uma das direções possíveis, ou AB ou BA, enquanto o **bidirecional** apresenta ambas as direções, AB e BA.

Fonte: XATARA & DURAN, 2007

Contexto: Wiegand (1996: 46) prefere bilinguístico ou monolingüístico, querendo dizer com isso que, dentro do mesmo **dicionário** - ou seja, do mesmo livro - os lemas são de duas línguas ou de uma única língua. Poder-se-ia utilizar a palavra direcional, porém, ela já costuma ser aproveitada para referir-se a outro fato: um dicionário monodirecional dirige-se aos falantes de apenas uma das duas línguas, ao passo que o **bidirecional** deve servir aos falantes de ambos os idiomas (cf. HAUSMANN, 1994: 12).

Fonte: WELKER, 2004.

dicionário bifocal

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica que considera dois focos: um foco no receptor: entendido como o consulente que recebe, compreende, mas não transforma a informação recebida, nesse caso o dicionário seria utilizado apenas para codificação, e outro foco no interlocutor/produtor: entendido como o consulente que recebe, compreende, transforma

e transmite, por meio das atividades de produção, as informações recebidas. Nesse caso o dicionário seria utilizado para codificação e decodificação.

Contexto: Fuentes Morán (1997, p.51) discute sobre o tema da estrutura do dicionário bilíngue e observa que um dicionário que apresenta uma estrutura formada pelos componentes básicos - introdução, desenvolvimento e conclusão - poderia denominar-se dicionário monofocal. Em muitos casos, segundo a autora, um dicionário língua A/língua B e um dicionário língua B/língua A são organizados como uma unidade. Esse tipo de dicionário se denominaria, então, [dicionário bifocal](#).

Fonte: SILVA, 2008

Remissivas:

dicionário bifuncional s.m. Córpus DLB(sinônimo relativo por intersecção)

Notas:

Entendemos o **dicionário bifocal** como uma obra que considera dois focos: um foco no receptor, entendido como o consulente que recebe, compreende, mas não transforma a informação recebida, nesse caso o dicionário seria utilizado apenas para codificação, e o outro foco no interlocutor/produtor, entendido como o consulente que recebe, compreende, transforma e transmite, por meio das atividades de produção, as informações recebidas. Já o **dicionário bifuncional** pode ser entendido como uma obra idealizada e organizada para atender a duas funções: (a) codificação, isto é, a produção e (b) decodificação - compreensão de texto.

A respeito da relação entre as unidades [dicionário bifocal](#) e dicionário bifuncional, podemos entender não há entre esses termos uma relação de sinonímia absoluta, mas pode haver uma relação de sinonímia relativa por intersecção, dado ao fato de que algumas características dessas UTs se relacionam, mas não se correspondem totalmente.

Há, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas porque as informações semânticas transmitidas podem ser recebidas e interpretadas diferentemente, pelo receptor.

dicionário bifuncional

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica idealizada e organizada para atender a duas funções: aquela de produção e também aquela de compreensão de texto.

Contexto: o caráter **bifuncional** almejado por estes dicionários é inferido pela presença de determinados elementos, como um apêndice gramatical tanto da língua portuguesa quanto da língua alemã e a apresentação do conteúdo e da estrutura da obra em ambas as línguas. um **dicionário bifuncional**, contudo, é um projeto muito difícil de ser executado, posto que uma obra desse tipo deveria conter um número realmente elevado de informações tanto em nível macro quanto microestrutural em ambas as direções, a fim de converter-se em um auxílio efetivo para os falantes nativos das duas línguas nas funções passiva e ativa concomitantemente.

Fonte: FARIAS (V), 2010a

Contexto: o termo bifocal se refere ao fato de que o modelo de dicionário que elaboramos está pensado para falantes de português e para falantes de espanhol (dicionário bidirecional) e para as funções de compreensão e de produção de textos (dicionário bifuncional).

Fonte: SILVA, 2008

Contexto: monofuncional: para codificação ou para decodificação. **Bifuncional**: atende as duas funções simultaneamente.

Fuente: XATARA & DURAN, 2007

Remissivas:

dicionário bifocal *s.m.* Córpus DLB(sinônimo relativo por intersecção)

Notas:

A respeito da utilização dos termos bidirecional, bifocal e [bifuncional](#), destacamos que mesmo não sendo denominações muito utilizadas na Lexicografia corrente do Brasil, não se trata unidades lexicais recentes, uma vez que já são utilizados por Landau em 1989.

dicionário bilíngue

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica que apresenta duas línguas. Normalmente é utilizado nas atividades de tradução e apresenta a nomenclatura na língua A e os equivalentes na língua B.

Contexto: [dicionário bilíngue](#): dicionário que coloca duas línguas em contato.

Fonte: XATARA & DURAN, 2007

Contexto: um [dicionário bilíngue](#) de codificação é uma obra onde o usuário procura informações sobre como expressar em língua estrangeira dada ideia ou conceito. Já um [dicionário bilíngue](#) para decodificação é uma obra onde o usuário procura descobrir o significado de palavras e expressões de língua estrangeira.

Fonte: DURAN, 2011

Contexto: o [dicionário bilíngue](#) (DB) define-se então como uma obra que fornece o equivalente ou a tradução de unidades lexicais de uma língua fonte em uma língua-alvo.

Fonte: SILVA (P), 2010

Contexto: o [dicionário bilíngue](#) basicamente fornece ao seu usuário, equivalentes de

unidades léxicas de uma língua de origem em uma língua de destino, ou seja, os significantes desta língua que podem corresponder a determinado significante daquela.

Fonte: HOYOS, 2002

dicionário de . língua

s.m Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica que tem por objetivo apresentar uma descrição do vocabulário de uma língua, explicando sua estrutura e funcionamento.

Contexto: entenda-se [dicionário de língua](#) como aquele que dá informações sistemáticas sobre a estrutura e o funcionamento da língua. Assim também pode ser chamado de dicionário de usos.

Fonte: BORBA, 2007

Contexto: o [dicionário de língua](#) faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna.

Fonte: BIDERMAN, 2001a

Contexto: especificamente, o [dicionário de língua](#) - a mais prototípica das obras lexicográficas -, costuma ser considerado o "tesouro da língua", lugar onde se guardam as palavras como indica a própria etimologia da palavra dicionário. Com isso, ele permite que uma comunidade reconheça-se a si mesma em sua história e em sua pluralidade.

Fonte: KRIEGER, 2008a

Contexto: considerando que o [dicionário de língua](#) encerra um conjunto de informações sobre a língua e que pode auxiliar no aprendizado e desenvolvimento do aluno, ele é um potencial instrumento didático. Este tipo de obra consiste em uma fonte riquíssima, indicada para se conhecer os sentidos únicos ou os vários sentidos, que uma mesma palavra pode ter, dentre muitas outras informações como: sentidos figurados, conotados, metafóricos, metonímicos e marcações de uso. Além disso, há informações linguísticas exibidas pelo dicionário, que auxiliam na aprendizagem da língua materna.

Fonte: HEINRICH, 2007

Remissivas:

dicionário geral *s.m.* *Córpus DLB* (sinônimo relativo por inclusão)

dicionário semasiológico *s.m.* *Córpus DLB* (sinônimo relativo por intersecção)

Notas:

O dicionário geral engloba as características apresentadas pelo dicionário de língua e dicionário semasiológico, o que nos permitiria classificá-los como sinônimos; no entanto, convém ressaltar que nem sempre um dicionário semasiológico seria um dicionário geral ou de língua, dado ao fato de que, é perfeitamente possível, um dicionário especializado ser semasiológico.

Entre os conceitos dicionário de língua e dicionário geral, podemos verificar que há uma relação de inclusão, considerando o fato de que o dicionário geral é sempre um dicionário de língua, uma vez que descreve e define o léxico de determinada língua.

Dizemos que há, neste caso, uma variação com consequências cognitivas, dado o fato que temos alteração tanto na forma (denominação), como também no plano cognitivo, uma vez que há interferência na compreensão do conceito.

dicionário escolar

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica de consulta que auxilia o trabalho didático em sala de aula. Pode ser monolíngue, bilíngue ou semibilíngue e tem como objetivo dirimir as dúvidas dos estudantes na aprendizagem de língua materna e de outras línguas.

Contexto: segundo Haensch (1982, p. 127), um [dicionário escolar](#) caracteriza-se como "uma obra de consulta que não deve afligir um aluno com excesso de informações e que, além disso, tem de ser conciso"; desse modo, deverá ter uma extensão reduzida. E ainda: "Geralmente, os dicionários escolares (monolíngues ou bilíngues) que são usados nos colégios e nas universidades são insuficientes tanto no que diz respeito à extensão quanto ao recrutamento das entradas" (op. cit.).

Fonte: ZAVAGLIA C., 2010c

Contexto: outro tipo de dicionário encurtado, porém mais voltado para o ensino e aprendizagem de línguas, é o [dicionário escolar](#), que, dependendo da finalidade e do tipo de usuário, pode ser monolíngue, bilíngue ou semibilíngue.

Fonte: SANTIAGO, 2012

Contexto: há quem utilize dicionários escolares, dicionários para aprendizes, dicionário pedagógico ou dicionário de aprendizagem. Essas denominações diversas apontam para as diferentes necessidades que o consulente possui e também para a tipologia dos dicionários, que podem ser monolíngues ou bilíngues. No caso deste trabalho, adotaremos a denominação [dicionário escolar](#), entendendo o mesmo como uma obra que pode ter diferentes tipologias de acordo com as necessidades dos alunos e é utilizada no ensino de língua materna e de outras disciplinas do currículo escolar.

Fonte: CAMIOTTI, 2011

Contexto: de fato, Damin e Peruzzo (2006) verificam a existência de cinco tipos de

[dicionários](#) que podem ser classificados como "[escolares](#)", uma vez que são de uma forma ou de outra apropriados "ao trabalho didático desenvolvido em sala de aula" (p.99). É evidente para essas autoras que essas obras lexicográficas etiquetadas de "escolares" se opõem de modo consistente aos dicionários de língua geral, tais como o Aurélio e Houaiss, por exemplo, que possuem mais de 100.000 verbetes. Aqueles considerados escolares, por sua vez, para essas autoras, possuem de 500 a 50.000 entradas.

Fonte: HEINRICH, 2007

dicionário especializado

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra terminológica que tem por característica registrar e descrever os termos de um domínio ou âmbito de especialidade.

Contexto: Dessa forma, percebemos que uma das principais diferenças entre a Lexicografia e a Terminologia diz respeito ao léxico registrado. No caso das obras lexicográficas, encontramos o registro do léxico geral de uma língua, embora a nomenclatura do dicionário também deva contemplar aqueles termos técnico-científicos mais utilizados na comunicação das ciências e das técnicas amplamente divulgadas naquela sociedade. Já em um [dicionário especializado](#), encontraremos o registro dos termos de uma determinada área do saber humano, organizados de acordo com as relações que mantêm entre si ou, mais comumente, em ordem alfabética.

Fonte: CAMIOTTI, 2011

Contexto: Deste modo, consideramos, antes de mais, que qualquer [dicionário especializado](#) deve conter, para além da definição do conceito, equivalente(s) em outra(s) língua, que facilite(m) o trabalho do tradutor, deve conter informação relativa à

variação terminológica (no tempo, no espaço, no contexto social), de modo a facilitar a utilização correta dos termos certos nos contextos certos e deve, finalmente, conter informação relativa aos contextos nos quais o termo é utilizado, de modo a possibilitar a produção de discurso especializado de qualidade.

Fonte: CORREIA, 2005

Remissivas:

dicionário terminológico *s.m.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

Notas:

Os termos **dicionário terminológico** e **dicionário especializado** podem ser considerados um exemplo de unidades sinónimas. Temos, neste caso, uma variação denominativa sem consequências cognitivas, dado o fato de que, a utilização de uma UT ou outra não interfere na forma como o consulente recebe a informação sobre elas, nem no entendimento a ser obtido do conceito veiculado.

dicionário geral

s.m. Português

Fonte: **Córpus DLB**

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica, geralmente organizada em ordem alfabética, que tem por objetivo registrar e descrever o vocabulário da língua geral. Caracteriza-se por tentar representar a maior parcela possível do léxico, desde unidades lexicais arcaicas, até termos técnicos e científicos.

Contexto: Para Rey-Debove (1971, p. 14), o **dicionário geral** de língua é aquele que descreve o conjunto de itens lexicais, mas que pode diferir um do outro por uma maior ou menor seletividade. Sendo assim, um **dicionário geral** de língua pode apresentar

200.000, 100.000 ou, ainda, 50.000 palavras.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: Em concreto, podemos dizer que o [dicionário geral](#) de língua é um dicionário cuja microestrutura deve fornecer ao menos dois tipos de informações: (a) informações sobre a significação das palavras e (b) informações sobre a ortografia. Naturalmente, segundo o tipo de usuário, esse programa de informações pode (e até deve) ser ampliado.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS, 2011a

Contexto: Béjoint afirma que o [dicionário geral](#) (ou general- purpose dictionary) "inclui como palavras de entrada todos, ou uma parcela representativa dos elementos de um léxico, mesmo os obsoletos e arcaicos, e também todas as suas variedades na sincronia [...]. Contudo, o adjetivo geral costuma ser usado mesmo quando a macroestrutura contém uma parcela bem menor do léxico". Por isso, Welker (2005) preferiu dividir os dicionários gerais em "gerais extensos" e "gerais seletivos". Biderman distingue o [dicionário geral](#) e o dicionário padrão (WELKER, 2011).

Fonte: (XATARA ET ALI, 2011)

Contexto: O [dicionário geral](#) é aquele que registra o léxico de uma língua em toda a sua amplitude. Sua nomenclatura compreende o léxico usual, o que pertence ao acervo comum de todos os falantes na sua variedade padrão e na sua variedade diacrônica, diafásica, diastrática e diatópica (MURAKAWA, 2011)

Fonte: XATARA ET ALI, 2011

Remissivas:

dicionário comum s.m. Córpus DLB(Sinônimo)

dicionário de língua s.m. Córpus DLB(sinônimo relativo por inclusão)

Notas:

Biderman (1998, 2001, p. 132) distingue o [dicionário geral](#) e o dicionário padrão. Sobre

o primeiro, ela diz que "apenas o dicionário geral da língua pode aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua. Ainda assim, esse ideal é sempre inatingível, já que o léxico cresce com progressão geométrica". O dicionário padrão registra uma parcela menor do léxico, abrangendo cerca de 50.000 verbetes, podendo estender-se até 70.000 verbetes.

Os termos **dicionário geral** e **dicionário comum** são exemplos de variantes denominativas sem conseqüências cognitivas. Podem ser consideradas como unidades equivalentes sinonimicamente e, sendo assim, a utilização de uma ou outra variante não interfere na forma como o consulente recebe a informação sobre elas, nem no entendimento a ser obtido do conceito veiculado.

dicionário padrão

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica unilíngue que se diferencia do dicionário de língua geral por sua menor extensão e maior seletividade, registrando uma parcela menor do léxico. Apresenta as informações geralmente apresentadas no dicionário geral e de língua.

Contexto: O **dicionário padrão** da língua é um dicionário unilingue com 50.000 verbetes aproximadamente, incluindo um acervo léxico substancial, sem constituir, porém, um thesaurus que recolhe todas as palavras do léxico.

Fonte: BIDERMAN, 1984b

Contexto: [...]formato - dicionário geral - todo o léxico. **Dicionário padrão** +/- 50 mil
 Dicionário escolar -de 15 a 30mil Dicionário infantil -de 4 a 5 mil. dicionário geral ou tesouro tenta abranger todo o léxico de uma língua, dicionário padrão comporta em torno de 50.000 palavras-entrada.

Fonte: SILVA (P), 2007

Contexto: O **dicionário padrão** da língua, que engloba os dicionários unilíngües, é o tipo mais comum de dicionário. Na maioria das vezes, apresenta o léxico de uma língua de forma alfabética, fornecendo sobre cada lexema informações variadas como: pronúncia, etimologia, classe gramatical, definição, exemplificação quanto ao emprego e formas sinonímicas.

Fonte: FARIAS (E), 1998

Contexto: O **dicionário padrão** - mais seletivo que o dicionário geral (extenso) tenta descrever o léxico [...] de acordo com este modelo ideal da culta e escrita, só circunstancialmente referindo-se a padrões subcultos, ou desviantes da norma-padrão, tais como os usos dialetais, populares gíriáticos (Biderman 1998)

Fonte: XATARA ET AL, 2011

Remissivas:

dicionário geral s.m. Córpus DLB (sinônimo relativo por intersecção)

dicionário semasiológico s.m. Córpus DLB (sinônimo relativo por intersecção)

Notas:

Em todas as taxonomias já mencionadas, há consenso sobre a existência de um genótipo chamado por Biderman (1998, p. 129) "**dicionário padrão**" ou "dicionário geral de língua". respeitosamente, atrevemo-nos a chamar esse tipo de dicionário de "dicionário semasiológico", já que a sua tarefa básica é a de fornecer significados BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS, 2011a.

Entre os termos **dicionário padrão**, **dicionário geral** e **dicionário semasiológico** consideramos que há uma relação de intersecção entre os conceitos de, pois os traços conceituais de ambos se interseccionam de alguma forma. Há entre esses termos uma variação denominativa com consequências cognitivas, uma vez que há alteração tanto no plano linguístico, quanto no plano cognitivo.

dicionário semasiológico

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica que se estrutura partindo do significante para o significado da unidade a ser definida.

Contexto: Por fim, é importante ressaltar que a microestrutura de um [dicionário semasiológico](#) deve apresentar um conjunto de informações organizadas (cf. Haensch, 1982), de maneira que se possa reconhecer nela um programa constante de informações (cf. Jackson, 2002:81). No caso das palavras gramaticais, acreditamos que as informações imprescindíveis são: 1) instrução de uso, 2) exemplo e 3) apresentação esquemática do contexto sintático.

Fonte: FORNARI, 2009

Contexto: Em um [dicionário semasiológico](#) tradicional, um verbete é composto de duas partes principais, o lema, sobre o qual se devem dar as informações, e a definição semântica, que contém as informações propriamente ditas, normalmente, feitas através de uma paráfrase.

Fonte: RAMALHO, 2010

Contexto: Em todas as taxonomias já mencionadas, há o consenso sobre a existência de um genótipo chamado por Biderman (1998, p.129) "dicionário padrão" ou "dicionário geral de língua". Respeitosamente, atrevemo-nosa chamar esse tipo de dicionário de "[dicionário semasiológico](#)", já que a sua tarefa básica é a de fornecer significados.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA & FARIAS (V), 2011a

Contexto: Em um [dicionário semasiológico](#), o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico o ponto de partida é o significado.

Fonte: BABINI, 2006

Remissivas:

dicionário padrão *s.m.* **Córpus DLB(sinônimo relativo por intersecção)**

dicionário de língua *s.m.* **Córpus DLB(sinônimo relativo por intersecção)**

Notas:

Consideramos que, embora não sejam sinônimos absolutos, semanticamente, **dicionário de língua** e **dicionário semasiológico** possuem uma relação de intersecção entre seus significados uma vez que um dicionário de língua pode ser e quase sempre é semasiológico; entretanto um **dicionário semasiológico** pode, mas não necessariamente, ser um dicionário de língua ou um dicionário geral.

Consideramos que também há uma relação de intersecção entre os conceitos de **dicionário padrão** e **dicionário semasiológico**, pois, geralmente, embora não obrigatoriamente, o **dicionário padrão** seja, também, um **dicionário semasiológico**.

Ressaltamos que, a exemplo da maioria dos autores da Lexicografia no Brasil, como Babini (2006), por exemplo, quando pensamos em **dicionário semasiológico**, consideramos sua organização ou ponto de partida, isto é, do significante para o significado. Assim, a relação ou contraposição que se considera é entre dicionário onomasiológico e semasiológico.

dicionário terminológico

s.m. Português

Fonte: **Córpus DLB**

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: ver dicionário especializado.

Contexto: [Dicionário terminológico](#), baseado num trabalho terminológico que apresenta a terminologia de um domínio particular ou de domínios associados.

Fonte: BARBOSA, 2001

Contexto: Nesse sentido, um **dicionário terminológico**, nos moldes propostos por Wüster, é uma obra com caráter onomasiológico elaborada com base nas principais relações de significação mantidas entre os termos de um domínio especializado.

Fonte: BABINI, 2006

Contexto: Se aceitarmos a concepção de um **dicionário terminológico** como "repositório de termos", e o dicionário como um "repositório de sentidos", poderemos identificar o trabalho lexicográfico com o trabalho terminológico (ou terminográfico).

Fonte: SANROMAN, 2001

Contexto: A elaboração de um dicionário ou glossário de termos pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar dúvidas sobre o sentido de um "termo técnico", em uma área de saber específica. Mas também pode ser visto como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada. O produto concreto, um **dicionário terminológico**, conforme temos entendido junto ao Grupo TERMISUL, advém do reconhecimento terminológico, processo empreendido a partir de um dado corpus de referência, segundo uma sistemática planejada.

Fonte: BEVILACQUA E FINATTO, 2006

Remissivas:

dicionário especializado s.m. Córpus DLB(Sinônimo)

dicionarista

s.m.f.

Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (generalidades e conceitos lexicológicos)

Definição: técnico ou especialista em fazer dicionários, mas que não possui formação em Ciências Humanas, em Lexicografia, tampouco fundamentação teórica específica para esse fim.

Contexto: ao buscar essas vozes, tentamos entender o dicionário como um gênero que é múltiplo mesmo em sua essência, posto que agrega outros gêneros, como verbetes, prefácio, bibliografia, apresentação. Também nos serviu de norte o conceito de que, como todo gênero, o dicionário é um construto social, que se ergue na confluência das necessidades de comunicação e possui regras de um contrato, que se estabelece, no seu caso, entre autor ([dicionarista](#)) e leitor (consulente).

Fonte: FERNANDES, 2013

Contexto: quem produz um dicionário pode ser um lexicógrafo, um [dicionarista](#), um linguista, um especialista de qualquer outra área do conhecimento humano ou uma equipe de especialistas diversos. O [dicionarista](#) seria aquele profissional que executa um projeto, mas não faz estudos ou análises sobre ele. Existem mesmo os dicionaristas ocasionais, que resolvem publicar uma coletânea de dados já compilados, por exemplo. Há também editoras ou institutos que mantêm equipes de especialistas, não necessariamente lexicógrafos, para a produção de projetos internos.

Fonte: XATARA, 2007

Contexto: a ordem hierárquica, assim estabelecida, depende do bom senso do lexicógrafo, e o [dicionarista](#) precisa analisar atentamente o leque de significados da palavra polissêmica, procurando captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo .

Fonte: BIDERMAN, 1984b

Contexto: dicionários eletrônicos apresentam diversas vantagens ao usuário, principalmente as facilidades de busca. Mas a maior vantagem que eles oferece tanto aos lexicógrafos quanto aos consulentes - é a disponibilidade de espaço. Assim, eles permitem que sejam incluídas todas as informações desejadas ou necessárias. O problema é que, antes de poder incluí-las em tal obra de consulta eletrônica, o

dicionarista tem que dispor delas ou elaborá-las.

Fonte: WELKER, 2007

Remissivas:

lexicógrafo s.m. Córpus DLB(não são sinônimos)

Notas:

Por meio das definições apresentadas, podemos perceber que a linha que diferencia os conceitos de **lexicógrafo** e **dicionarista** é bastante tênue, para alguns autores até inexistente.

Para Biderman , Welker , Borba e Fernandez , **lexicógrafo** e **dicionarista** são UTs sinônimas e dizem respeito ao profissional que prepara dicionários de língua.

Por outro lado, para autores como Xatara e Zavaglia , por **dicionarista** entende-se o profissional que elabora dicionários, mas sem formação ou preparação para isso, apenas um técnico ou um “fazedor de dicionários”, que não segue critérios científicos e tampouco se embasa em estudos lexicológicos ou metalexigógraficos para produzir seus dicionários.

Sendo assim, **lexicógrafo** e **dicionarista** não são variantes denominativas de um mesmo conceito, uma vez que o **lexicógrafo** seria o profissional, com formação e preparação específica para produzir dicionários, que, ao contrário do **dicionarista**, reflete, analisa e se dispõe de critérios científicos para elaborar suas obras.

Temos, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas, pois, embora contenham traços significativos em comum, as informações conceituais veiculadas não são as mesmas. Há, portanto, consequências cognitivas tanto para o emissor, quanto para o receptor.

entrada

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: unidade lexical que encabeça o verbete e a respeito da qual apresenta-se a definição. Geralmente, nos dicionários gerais, se apresenta em sua forma canônica - verbo no infinitivo e sintagmas nominais no masculino singular, entretanto, nos dicionários especializados o processo de lematização pode ocorrer de forma diferente - os sintagmas nominais podem ser registrados no plural e feminino e os verbos em sua forma flexionada.

Contexto: **entrada** [o mesmo que lema, cabeça de verbete, palavra-**entrada**] É a palavra ou expressão que encabeça o verbete, sendo o elemento a ser definido ou explicado. De acordo com a tradição lexicográfica, há um padrão de registro das entradas: o verbo no infinitivo, o substantivo e o adjetivo no singular masculino.

Fonte: RANGEL & BAGNO, 2006

Contexto: a dimensão microestrutural corresponde ao verbete ou **entrada**, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico.

Fonte: FINATTO, 1996

Contexto: o lema, ou **entrada**, ou palavra-entrada é a primeira palavra que aparece na ocorrência específica. Normalmente, toma-se como lema a forma canônica de um item lexical; por exemplo, o infinitivo dos verbos e o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos.

Fonte: REIS, 2008

Contexto: a lematização é um dos processos primordiais para a constituição de um dicionário [...]. Assim, o produto gerado por esse processo é o lema, também denominado pelos termos **entrada** ou palavra-**entrada**.

Fonte: DANTAS, 2009

Remissivas:

palavra-entrada *s.f.* **Cópus DLB(Sinônimo)**

lema *s.m.* **Cópus DLB(Sinônimo)**

signo-lema *s.m.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

Notas:

Conforme podemos depreender das informações acima, as UTs: **entrada**, **palavra-entrada**, **lema** e **signo-lema** são exemplos claros de variação denominativa sem conseqüências cognitivas. Temos, nesse caso, quatro denominações diferentes para designar um mesmo conceito: unidade lexical que encabeça o verbete e sobre a qual se apresentam as informações e definições.

Os termos apresentados são variantes em seu plano formal, isto é, apresentam denominações diferentes, mas são equivalentes sinonimicamente, uma vez que representam um mesmo conceito.

Dizemos que não há conseqüência cognitiva nessas variações porque a utilização de denominações diferentes não influencia ou modifica a forma como o receptor recebe as informações semânticas sobre esse termo, nem na compreensão do conceito.

front matter

s.f. Português

Fonte: **Córpus DLB**

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto de textos externos e introdutórios apresentados nos dicionários. Diz respeito às partes iniciais dessas obras, a saber: introdução, prefácio e manual e guia de instrução e manuseio do dicionário.

Contexto: para Hartmann (2001), o **Front Matter** diz respeito à introdução do dicionário e ao índice de abreviaturas lingüísticas. Landau (2001) diz que se trata do material introdutório, de um guia de uso para o consulente, cujo objetivo é descrever da maneira

mais clara possível todo tipo de informação incluída no dicionário. Fato é que o **Front Matter** não é considerado por muitos autores um componente canônico do dicionário. Bugueño Miranda; Farias (2007), no entanto, o consideram um componente essencial por duas razões. Em primeiro lugar porque permite informar o consulente sobre o que esperar do dicionário, e em segundo lugar, porque serve como manual de instruções para o usuário. É inegável a função essencial do **Front Matter** para um bom manejo da obra lexicográfica e um bom aproveitamento das informações que fornece.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA ZANATTA, 2008

Contexto: por fim, o **front matter** (ou as chamadas "partes introdutórias") tem como funções básicas apresentar os objetivos que o dicionário pretende cumprir e funcionar como um manual de instruções de uso do mesmo (cf. FORNARI, 2008).

Fonte: FARIAS (V), 2008

Contexto: [...] o **front matter** esquematiza, organiza e explica o conteúdo do dicionário, o que só é possível na medida em que se tem parâmetros, princípios ou regras que garantam coerência aos componentes do dicionário. O termo **Front Matter** tem um caráter contrastivo em relação a termos como "prólogo" e "introdução", porque pressupõe uma organização baseada em princípios teóricos e um conteúdo específico voltado para o consulente e o ato da consulta.

Fonte: FORNARI, 2008

Contexto: finalmente, o **front matter** deve cumprir três funções: em primeiro lugar, assinalar o usuário ao qual o dicionário está destinado; em segundo lugar, assinalar a função do dicionário e, finalmente, servir de manual de instruções. Em relação às demais partes encontradas em muitos dicionários, que a metalexigrafia inglesa chama de "middle matter" e "back matter", respectivamente, ainda não há trabalhos que permitam conferir a esses segmentos uma função bem determinada.

Fonte: BUGUEÑO - MIRANDA, 2013

Notas:

Termo originado da Lexicografia inglesa, mas bastante utilizado na Lexicografia

brasileira.

glossário

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (tipos de dicionários)

Definição: obra lexicográfica que contém um conjunto de termos de um domínio científico ou técnico ou mesmo sobre as unidades lexicais utilizadas em um determinado contexto, como em obras literárias. São organizados, geralmente, em ordem alfabética e incluem, em alguns casos, informações como: classe gramatical, definição, remissivas e contextos de ocorrência.

Contexto: os [glossários](#) se caracterizam por serem listas de termos técnicos ou científicos de alguma especialidade, ordenadas alfabeticamente, providas de definições. Podem ser monolíngues, bilíngues e multilíngues. Conforme Krieger e Finatto (2004), os glossários se diferenciam dos dicionários por estes possuírem uma pretensão exaustiva de coleta de termos, conferindo-lhe, dessa forma, um caráter mais pedagógico aos [glossários](#).

Fonte: FILHO, 2007

Contexto: Haensch (1982) considera glossário toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores em uma obra literária. Para Haensch, não apenas o texto literário, mas vários textos podem salientar palavras de giro difíceis e quando tais palavras aparecem em ordem alfabética no final de um texto chama-se [glossário](#). No nosso caso, o [glossário](#) de neologismos sousandradinos se enquadra nessa definição proposta por esse autor, já que se trata de um conjunto de vocábulos extraídos de um texto específico, tipicamente, poético.

Fonte: GODOI, 2007

Contexto: denomina-se **glossário** um dicionário que contém sob forma de simples definições (ou traduções) as significações das palavras raras ou pouco conhecidas.

Fonte: BARBOSA, 2001

Contexto: **glossário**: repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas. Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência.

Fonte: FAULSTICHI, 1995

léxico

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (generalidades e conceitos lexicológicos)

Definição: [termo essencialmente polissêmico que pode ser empregado em dois sentidos ou mais sentidos] conjunto de palavras que compõem o acervo linguístico de uma sociedade e sinônimo de dicionário ou vocabulário, entre outros.

Contexto: no português, emprega-se o termo léxico, as vezes, como sinônimo de dicionário ou vocabulário (cf. Michaelis, DUP).

Fuente: WELKER, 2004.

Contexto: de modo geral, o léxico é definido como conjunto de palavras de uma língua. Há, entretanto, diversas concepções teóricas acerca dos elementos que compoariam o léxico.

Fuente: RANGEL BAGNO, 2006

Contexto: o **léxico** pode ser entendido, grosso modo, como o conjunto de palavras de uma determinada língua. Segundo Höfling (2006a), o **léxico** é "o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se do acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico e cultural" (p. 32). Ainda de acordo com a autora, o **léxico** constitui uma forma de registrar o conhecimento e se relaciona com "o processo de nomeação e cognição da realidade" (p. 32). Höfling (2006a) conclui que o **léxico** pode ser identificado como "um patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história" (p. 34).

Fonte: REIS, 2008

Contexto: assim, o **léxico** é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Por outro lado, o **léxico** está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o **léxico** é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos.

Fonte: BIDERMAN, 1996

Notas:

Por meio das informações acima, podemos depreender que a UT **léxico** é um exemplo de termo polissêmico. que remete, ao menos, a dois aspectos diferentes de um mesmo conceito, isto é, conjunto ou estocagem dos signos linguísticos de uma língua.

Entendido como sinônimo de dicionário e vocabulário ou como conjunto de palavras de uma língua, contata-se que há semas em comum entre esses conceitos, isto é, o armazenamento ou estocagem dos vocábulos de uma língua e seus significados.

No entanto, ainda que para alguns autores, a unidade **léxico** também possa ser empregada como sinônimo de dicionário ou vocabulário, em nosso entendimento, o **léxico** diz respeito apenas repertório ao lexical de uma língua.

lema

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Proyecto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: ver entrada.

Contexto: é sinônimo de entrada de verbete, palavra-entrada, ou simplesmente entrada. O termo não é muito comum no Brasil, mas já foi usado por Biderman (1984, p. 06), e depois, entre outros, além de Biderman (2000), por Carvalho (2001).
Fonte: WELKER, 2004.

Contexto: usa-se lema, entrada ou palavra-entrada para os lexemas escolhidos que serão tratados nos dicionários. Apesar de ser uma forma criticada, geralmente toma-se como lema a forma básica ou canônica da palavra: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos.
Fonte: GIMENEZ, 2005

Contexto: todos esses papéis são cumpridos sob a aparente simplicidade de uma lista alfabética, da qual cada palavra é o lema, ou a cabeça do verbete.
Fonte: KRIEGER, 2006b

Contexto: no caso da unidade lexical abstrata, será melhor utilizar o termo lexema e chamar de lema sua representação canônica no dicionário. [...] A unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas que compõem um paradigma será denominada lexema/lema. Lema é também a entrada canônica nos dicionários da língua em questão. O uso desses termos técnicos eliminaria as ambigüidades, indesejáveis em ciência.
Fonte: BIDERMAN, 2006

Remissivas:

palavra-entrada s.f. Córpus DLB(Sinônimo) entrada s.f. Córpus DLB(Sinônimo)
signo-lema s.m. Córpus DLB(Sinônimo)

Notas:

O conceito de lema não é consensual. Para Hartmann (2001), o lema é uma posição na estrutura geral do dicionário que dá acesso a uma entrada e que em relação à microestrutura estabelece o "tópico" sobre o qual a entrada discorre. Hartmann (2001) afirma que alguns autores são favoráveis à inclusão de todas as informações que precedem a definição (o comentário de forma) sob a noção de lema (ZAVAGLIA C., 2011) .

Para Finatto (1993), o lema é uma forma que representa o conjunto total das formas gramaticais e morfológicas do signo tratado na microestrutura. Para Landau (2001), é a forma canônica que os falantes nativos reconhecem como paradigma gramatical. Para Hausmann (1990), ele é a forma que representa um signo, sobre o qual o dicionário fornece informações (ZAVAGLIA C., 2011).

lematização

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (processo de elaboração)

Definição: processo que consiste em reverter a unidade lexical elencada na macroestrutura do dicionário à sua forma canônica, geralmente substantivos e adjetivos no masculino singular e verbos no infinitivo.

Contexto: a **lematização** é um dos processos primordiais para a constituição de um dicionário e diz respeito à possibilidade de transformar um dado paradigma em uma forma canônica ou básica, que represente todas as variantes da palavra.

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: um outro aspecto particularmente interessante do "procedimento lexicográfico" é a **lematização**. Consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular e no masculino quando temos nomes, ou no infinito, quando se tratar de verbos.

Fonte: BEVILACQUA FINATTO, 2006

Contexto: o lema ou palavra-entrada é a palavra sobre a qual se dará a informação. O lema sempre estará registrado na forma canônica, ou seja, sofrerá o processo de **lematização**. Assim, por exemplo, não encontraremos verbos flexionados na nomenclatura do dicionário, mas apenas no infinitivo. Os substantivos e adjetivos, por sua vez, são registrados no masculino singular.

Fonte: CAMIOTTI, 2011

Contexto: vejamos, por exemplo, o caso da **lematização**. Consagrou-se apresentar toda palavra-entrada no masculino singular (nomes e adjetivos) e no infinitivo (verbos), reduzindo, assim, o léxico flexionado a um léxico inflexionado. Esse critério poupa muito espaço e foi essencial para a veiculação dos dicionários impressos. Porém, ele implica ter que ensinar o usuário como se lematiza uma palavra antes de consultá-la no dicionário. Em se tratando de uma língua estrangeira, muitas vezes o usuário não consegue fazer a **lematização**, principalmente nos casos de verbos, femininos e plurais irregulares.

Fonte: XATARA, BEVILACQUA HUMBLÉ, 2008

lexicografia

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: ciência que tem por objetivo principal a análise, reflexão e elaboração de dicionários; repertoria e organiza sistematicamente as unidades lexicais de uma língua

em dicionários gerais ou especiais.

Contexto: o termo [Lexicografia](#) tem dois sentidos: numa acepção - na qual se usa também a expressão Lexicografia prática - ele designa a "ciência», «técnica", "política" ou mesmo "arte"de elaborar dicionários (cf Biderman 1984: I, Biderman 1998: 15, Borba 2003: 15, Landau 1989, Wiegand 1989: 251, Martinez de Sousa 1995: 226ss.); para a outra acepção - a lexicografia teórica - emprega-se frequentemente, em línguas como o inglês, francês e alemão, o termo metalexigrafia, e tendo em vista que, internacionalmente, este é adotado por muitos, vou usá-lo, também em português.

Fuente: WELKER, 2004.

Contexto: a [Lexicografia](#) é uma disciplina que "se ocupa da descrição do léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários, em formato papel ou eletrônico, e bases de dados lexicológicas." Ao lado desse caráter mais prático, há também o que se chama de [Lexicografia](#) teórica ou Metalexigrafia, que busca refletir sobre as questões ligadas à prática lexicográfica.

Fonte: FERNANDES, 2012

Contexto: a [Lexicografia](#) é definida grosso modo como uma técnica de elaboração de dicionários. de fato, a técnica lexicográfica surgiu da necessidade prática de se fazer dicionários de uma maneira empírica. Porém, com os avanços dessa área da Lingüística nas últimas décadas, essa definição tornou-se muito restritiva, uma vez que a [Lexicografia](#) dispõe de todos os pressupostos teóricos, objeto e metodologia específicos requeridos por uma ciência, o que contribuiu para melhoras significativas nos produtos lexicográficos contemporâneos.

Fonte: CAMIOTTI, 2011

Contexto: partilho da ideia de que a [Lexicografia](#) é mais do que uma técnica e uma arte. É uma ciência; e enquanto ciência está sujeita à teoria e a etapas metodológicas. Nesse sentido, o lexicógrafo carece de conhecimentos teóricos em relação ao seu objeto de estudo, tais como o saber (i) descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas, (ii) identificar e descrever relações

semânticas entre elas e ainda (iii) fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais, ou seja, suas relações pragmáticas.

Fonte: ZAVAGLIA, C., 2010c

Notas:

Como podemos constatar analisando os contextos definitórios apresentados, embora possamos pensar que temos, a princípio, conceitos distintos sobre o que seja a Lexicografia, isto é: concepção de Lexicografia como arte, técnica, ciência e disciplina, percebemos que há semas em comum entre esses conceitos, uma vez que todos eles se remetem à produção de dicionários: arte de fazer dicionários, técnica de produção de dicionários, ciência voltada para a produção de dicionários ou disciplina que estuda os dicionários e sua produção.

Sendo assim, entendemos **Lexicografia** como um termo polissêmico e não como variante conceitual.

lexicografia didática

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: área da Lexicografia voltada para a produção de dicionários escolares, geralmente de língua materna, cujo objetivo é servir de fonte de consulta a estudantes.

Contexto: a problemática do dicionário escolar inscreve-se no âmbito do que se passou a denominar, sobretudo na Europa, de **Lexicografia Didática**. Este segmento lexicográfico relaciona-se ao surgimento de produtos específicos que intentam cobrir as necessidades de quase todos os níveis de ensino (AZORÍN, 2006). A concepção de uma

[Lexicografia Didática](#), como uma produção direcionada à escola é de extrema importância sobretudo porque há uma tendência geral de identificar como escolar os dicionários tipo mini. No entanto, a compreensão do caráter escolar costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que à sua efetiva adequação ao ensino/aprendizagem da língua. Por isto, apesar de práticas, as versões sintéticas nem sempre são as melhores para uso escolar (KRIEGER, 2005).

Fonte: KRIEGER, 2008b

Contexto: após o surgimento da Lexicografia Teórica, no século XX, e com o desenvolvimento da Lexicografia Prática, adequando-se às inovações tecnológicas e às necessidades dos consulentes, surgiu recentemente a [Lexicografia Didática](#). Ainda pouco conhecido, o termo reflete uma preocupação e encerra muito conhecimento para o mundo dos dicionários, principalmente aqueles utilizados como recurso didático nas escolas. A expressão "[Lexicografia Didática](#)", embora nova, é cada vez mais utilizada para referir dicionários escolares, destinados a servirem como obra de consulta para os alunos.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: outro ramo da Lexicografia que tem apresentado um espetacular avanço é a Lexicografia Pedagógica ou [Lexicografia Didática](#), que diz respeito às análises e considerações feitas sobre o uso do dicionário como instrumento didático, voltado para um público definido e com uma finalidade específica: o ensino-aprendizagem de línguas.

Fonte: DANTAS, 2009

Contexto: no caso do segmento da Lexicografia projetada para a escola, também denominada de [Lexicografia Didática](#), predomina a concepção de que os minidicionários são obrigatoriamente escolares. No entanto, a natureza escolar desse tipo de obra costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que sua adequação ao ensino da língua.

Fonte: TULLIO ZAMARIANO, 2011

Remissivas:

Lexicografia escolar *s.f.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

Lexicografia infantil *s.f.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

Lexicografia Pedagógica (não são sinônimos)

Notas:

Ao contrário de alguns autores que atestam que os termos [Lexicografia Didática](#) e Lexicografia Pedagógica são sinônimos, parece-nos perfeitamente claro que não há uma relação de sinonímia entre essas UTs, uma vez que correspondem a conceitos diferentes. Para alguns autores, a exemplo do que aponta Xatara et al (2008) e Dantas (2009), a **Lexicografia pedagógica** pode ser considerada como sinônimo de **Lexicografia didática** e é voltada para o dicionário como instrumento para aprendizagens de língua materna ou estrangeira.

Entretanto, para a grande maioria dos lexicógrafos brasileiros, como Zucchi, Krieger e Fernandes, entre outros, estas UTs não são equivalentes sinonimicamente, uma vez que a **Lexicografia pedagógica** se volta para ensino e aprendizagem de línguas e os dicionários para aprendizes ou *learners' dictionaries*, enquanto a **Lexicografia didática** está voltada para a escola e para o dicionário como instrumento didático, isto é, o dicionário escolar.

Sendo assim, parece-nos perfeitamente claro que não há uma relação de sinonímia entre essas UTs, uma vez que correspondem a conceitos diferentes.

Dizemos que há consequências cognitivas nessa variação devido ao fato de que as informações transmitidas pelos emissores podem ser recebidas de forma diferente para os receptores, ou seja, para Xatara et al e Dantas, por serem unidades sinônimas, não haveria qualquer incidência cognitiva na utilização de uma ou outra variante; nesse caso a consequência cognitiva seria só por parte do receptor. Por outro lado, para os outros autores, a utilização dessas variantes sempre acarretaria consequências, já que correspondem a conceitos diferentes. Nesse sentido há consequências tanto para o emissor quanto para o receptor.

lexicografia especializada

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: ramo da Lexicografia que tem por objetivo a produção de dicionários, vocabulários e glossários especializados.

Contexto: no exemplo dado, os estudos lexicográficos estão voltados para questões do léxico comum de uma língua, sendo assim relacionados ao estudo e à montagem de dicionários. Já na terminografia, também conhecida como lexicografia especializada, está focada na análise dos termos relativos a uma linguagem especializada, que pode ser uma disciplina, uma ciência, uma técnica, e tem como objetivo final a produção de banco de dados de uma área específica do conhecimento e de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos.

Fonte: FILHO, 2007a

Contexto: certamente que a seleção de entradas e a redação dos enunciados definitórios num dicionário especializado ou num dicionário geral parecem obedecer a critérios muito distintos - e são muitos os autores a considerar Lexicografia e Terminologia / [Lexicografia Especializada](#) como atividades muito distintas, mas, na verdade, trata-se de variações do mesmo critério, como refere T. Cabré (CABRÉ, 1999). A diferença entre a Lexicografia e a Terminologia centra-se na abordagem semasiológica da primeira e onomasiológica da segunda; no entanto, tal distinção dilui-se na presença de linguistas e tradutores envolvidos na [Lexicografia Especializada](#) / Terminografia.

Fuente: GIL, 2009

Contexto: há quem considere que a Terminografia pode ser compreendida como uma [Lexicografia Especializada](#) (PICHT, 1993). Optamos por desviar, aqui, dessa discussão, apenas assinalando a sua existência. Afinal, entendemos que, quando se imagina que a Terminografia seja uma derivação da Lexicografia, colocamo-nos em meio a um enredamento teórico e epistemológico, o qual convém ser explorado com a devida

calma, em outra ocasião.

Fonte: BEVILACQUA & FINATTO, 2006

Contexto: essas unidades léxicas fazem parte do ensino de línguas, pois ter competência comunicativa em uma língua estrangeira significa poder usá-la em diferentes situações de comunicação; e, está incluída na Lexicografia, seja da língua comum que, a cada dia, insere mais usos especializados em suas obras, seja [Lexicografia Especializada](#), também denominada, Terminografia.

Fonte: SILVA, 2008

Notas:

A respeito das variantes Lexicografia Especializada e Terminografia, destacamos que, assim como apontamos no capítulo de teoria, não há um consenso geral sobre a aceitação dessas duas unidades como sinônimas. Neste trabalho, conforme já afirmamos anteriormente, consideramos Terminografia e Lexicografia Especializada como variantes denominativas para um mesmo conceito, ou seja, a disciplina que tem por objetivo a criação de dicionários especializados. Entretanto, como nossa pesquisa se baseia na análise do corpus constituído por textos escritos por autores que se voltam para a produção lexicográfica no Brasil, analisando os contextos definitórios apresentados, pudemos constatar que, contrariando nosso posicionamento, para a maioria dos autores brasileiros Lexicografia Especializada e Terminografia não são termos equivalentes sinonimicamente.

Para autores como Filho (2007), Silva (2008) e Gil (2009) Lexicografia Especializada e Terminografia são variantes denominativas para um mesmo critério e estão focadas na análise de termos relativos a uma área de especialidade.

No entanto, para Bevilacqua e Finatto (2006), Maciel (2010), Henriques (2011), Krieger (2011) e Schierholz (2012), Terminografia e Lexicografia Especializada, embora próximas, se diferenciam em alguns aspectos e, sendo assim, não podem ser consideradas como variantes denominativas para um mesmo conceito. Nesse sentido, considerando dados apresentados, entendemos que temos, nesse caso, uma variação denominativa com consequências cognitivas, uma vez que a utilização de uma variante

em detrimento de outra, acarreta alterações tanto no plano linguístico, quanto no plano cognitivo, o que influencia na recepção e compreensão do conceito, por parte do receptor.

lexicografia pedagógica

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: área da Lexicografia que diz respeito à produção de dicionários voltados para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Contexto: a [Lexicografia Pedagógica](#) é uma área de estudos relativamente nova, ainda muito pouco conhecida no Brasil. No entanto, vem crescendo em razão da importância do papel dos dicionários para a aprendizagem de línguas. Por ser recente, seu objeto está sendo delineado. Não obstante, pode-se dizer que seu foco reside no estudo de várias faces que constituem e envolvem os dicionários destinados à escola, relacionados ao ensino quer de primeira quer de segunda língua. Tal foco evidencia também que a [Lexicografia Pedagógica](#) é motivada pela consciência do potencial didático dos dicionários e, indissociavelmente, com a preocupação da adequação e da qualidade das obras usadas no ensino de línguas. (KRIEGER, 2011, p. 103)

Fonte: CAMILOTTI, 2011

Contexto: [...] a [Lexicografia Pedagógica](#), chamada também de Lexicografia de Aprendizagem, que se diferencia da Lexicografia geral por ter como objetivo a elaboração de dicionários com características específicas para um usuário aprendiz, seja ele de língua estrangeira ou de língua materna (cf. por ex. WELKER, 2008; TARP, 2006; DURÁN, 2007; BACCIN, 2009).

Fonte: ZUCCHI, 2012

Contexto: a [Lexicografia Pedagógica](#) (para alófonos) é um sub-ramo da Lexicografia, que se ocupa do estudo e da concepção de dicionários cujo objetivo é responder às necessidades dos aprendizes de uma língua que não é sua língua materna. Este ramo particular é bastante complexo, pois se situa no cruzamento de várias disciplinas, como a Lexicografia, a Psicologia, a Didática.

Fonte: FERNANDES, 2012

Contexto: Hernández (1998) usa o termo lexicografia didática, mas diz que "há quem prefira [Lexicografia Pedagógica](#)", ou seja, ele equipara os dois termos, e considera que tal lexicografia "se refere a obras destinadas a quem ainda não há alcançado uma competência lingüística suficiente em sua língua materna ou em uma segunda língua" (1998, p. 50). A mesma idéia é defendida por Ahumada (s.d., p. 32) - que usa o termo lexicografia pedagógica. Também Hanks (2006), no verbete "Lexicografia: Visão geral", diz, num breve item sobre DPs, que eles abrangem tanto obras "para alunos escolares que são falantes nativos" quanto dicionários para estrangeiros.

Fonte: XATARA ET AL, 2008

Remissivas

Lexicografia Didática s.f. Córpus DLB (não são sinônimos)

lexicógrafo

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (generalidades e conceitos lexicológicos)

Definição: profissional, com formação em Ciências Humanas - Lexicografia, e que possui preparação específica para produzir dicionários, refletindo, analisando e

dispondo de critérios teóricos e científicos, além de estudos da morfologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática para fundamentar e concretizar sua obra.

Contexto: já o **lexicógrafo** não seria apenas um técnico, um "fazedor" de dicionários, um dicionarista. O **lexicógrafo** elabora, sim, dicionários, seja de que tipo for, mas o produto que apresenta ao público, é substancialmente embasado em estudos lexicológicos e metalexiconográficos, ou seja, o **lexicógrafo** só chegará à elaboração de um dicionário, após ter refletido e analisado, com critérios claramente científicos, o tipo de unidade lexical ou palavra que ele escolherá para compor a nomenclatura de sua obra, e após ter estabelecido com rigor como será a macro e microestrutura desta obra.

Fonte: XATARA, 2007

Contexto: assim, o **lexicógrafo** não se confunde com um dicionarista, isto é, um simples fazedor de dicionários, que não se vale de critérios de nenhum tipo para a composição da sua obra. Ao contrário, o **lexicógrafo** vale-se de estudos da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática para fundamentar sua obra. De fato, a ele é dada a tarefa de classificar um item léxico quanto a sua classe gramatical (estamos no ramo da Morfologia), de contextualizá-lo e combiná-lo (Sintaxe), de identificar relações semânticas entre as unidades, tais como a sinonímia, a polissemia, a homonímia (Semântica Lexical), de descrevê-lo discursivamente, e, conseqüentemente, de analisar esse discurso (adentramos na Análise de Discurso), de descrever as unidades lexicais no que diz respeito a sua pronúncia (Fonética), de precisa

Fonte: ZAVAGLIA C., 2010c

Contexto: primeiro, entendamos **lexicógrafo** (ou dicionarista) em sentido restrito - o profissional que prepara dicionários de língua, ou seja, os dicionários que informam como é a estrutura da língua e como ela funciona. Daí que seu campo de atuação é a língua como sistema, ao qual ele chega por investigação sistemática dos diversos discursos vigentes numa comunidade linguística num dado período. (BORBA, 2011)

Fonte: XATARA ET AL, 2011

Contexto: os signos linguísticos polissêmicos acarretam várias dificuldades para o

lexicógrafo. No passado muitos dicionários operavam da seguinte forma: indicavam primeiro o significado original, etimológico, alistando, a seguir, os significados subsequentes até os valores semânticos contemporâneos ao dicionarista.

Fonte: BIDERMAN, 1984b

Remissivas:

lexicógrafo s.m. Córpus DLB(não são sinônimos)

Notas:

Ao contrário de alguns autores, não consideramos **lexicógrafo** e dicionarista como unidades equivalentes sinonimicamente. Para nós o dicionarista é um técnico que se ocupa da produção de dicionários, mas não tem a formação e o preparo para isso, como é o caso do **lexicógrafo**.

lexicologia

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: ciência que tem por objetivo o estudo, a análise e a descrição do léxico de uma língua.

Contexto: a **Lexicologia**, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.

Fonte: BIDERMAN, 1998b

Contexto: **Lexicologia** é uma ciência que estuda o léxico e a sua organização a partir de pontos de vistas diversos. Fuente: HENRIQUES, 2011

Contexto: a [Lexicologia](#) ocupa-se de descrever a estrutura do léxico, o modo como se organiza, as regularidades apreensíveis no léxico, que têm vindo progressivamente a tornar-se mais claras para o observador.

Fonte: CORREIA, 2008

macroestrutura

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: ordenação ou organização das entradas em um dicionário, seguindo um critério sistemático que garanta sua funcionabilidade e acessibilidade. É composta pela nomenclatura (entendida como o conjunto das entradas a serem elencadas no dicionário) e a ordenação das mesmas.

Contexto: a [macroestrutura](#) pode ser definida como o conjunto das entradas do dicionário, conjunto total de lemas de uma obra. É sinónimo de nomenclatura e nominata, também podendo ser definida como a nomenclatura da obra, ou ainda, a forma como o corpo da obra é organizado. Normalmente as entradas são ordenadas conforme a grafia. Fazem parte da [macroestrutura](#) as opções de ordenamento do conjunto de signos-lema do dicionário.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: Hartmann (2001: 64) define [macroestrutura](#) como o conjunto de entradas que geralmente é organizado de forma alfabética nos dicionários, ou, como nos thesaurus, "sequência sistemática de um sistema lógico". Béjoint (2001) apresenta uma visão complementar a esta. Segundo o autor, o conceito de [macroestrutura](#) também pode ser usado para referir-se à maneira como as entradas são organizadas nos diferentes dicionários. Welker (2004: 80), da mesma opinião, caracteriza, [macroestrutura](#), nessa acepção, como a organização do corpo do dicionário.

Fonte: BUGUEÑO-MIRANDA ZANATTA, 2008

Contexto: **macroestrutura** pode ser definida como a maneira como os artigos são dispostos ao longo da obra, ou seja, o formato vertical, a ordenação das entradas do documento.

Fonte: BRAGA, 2010

Contexto: o termo **macroestrutura** pode se empregado como sinônimo de nomenclatura, isto é, o conjunto das entradas de um dicionário, geral e mais comumente organizado em ordem alfabética, submetidas a uma leitura vertical.

Fonte: ZAVAGLIA, 2010a

Remissivas:

nomenclatura s.f. Córpus DLB(sinônimo relativo por inclusão)

Notas:

Conforme podemos deprender das informações acima, não há um consenso geral a respeito da definição de macroestrutura e sua relação com a unidade nomenclatura.

Entretanto, neste trabalho, embasados na afirmação de Biderman (2002, p. 87) de que “os teóricos do léxico também usam o termo macroestrutura (como nomenclatura) que refere, porém, um conceito ligeiramente distinto”, entendemos que macroestrutura e nomenclatura não são equivalentes sinonimicamente, contrariando o que vem sendo normalmente defendido pela Lexicografia em geral.

Para nós, macroestrutura diz respeito apenas à ordenação e organização das entradas no dicionário. Já a nomenclatura diz respeito à seleção vocabular, isto é, seleção das entradas que compõem a macroestrutura. Nesse sentido, nomenclatura pode ser entendida como sinônimo de nominata, mas não de macroestrutura.

Dizemos que há consequências cognitivas nesta variação, pois nos parece perfeitamente

claro que o uso de uma ou de outra variante altera não só a estrutura formal dos termos, mas também a forma como o conceito é recebido e compreendido.

Nesse caso, ainda que para alguns autores não haja nenhuma interferência no plano cognitivo, uma vez que considera estas duas variantes como equivalentes sinonimicamente, sempre haverá consequências cognitivas para o receptor, dado o fato de que ele pode considerar ângulos diferentes do conceito de nomenclatura.

Para nós, há nessas UTs uma relação de inclusão, ou seja, uma ou várias nomenclaturas podem estar inseridas dentro da macrestrutura, mas não há uma relação de sinonímia.

marca de uso

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: informação apresentada no verbete, geralmente de forma abreviada, a respeito dos contextos e usos de uma palavra ou expressão. Seu objetivo é orientar o consulente sobre a utilização de determinada unidade léxica: contexto de emprego, restrições quanto ao uso, área geográfica em que é utilizada e outras informações conceituais que não estão explícitas na definição do lema.

Contexto: outro aspecto que chama atenção é relativo à utilização de marcas lexicográficas, que são paradigmas utilizados no dicionário para orientar e mostrar ao consulente as propriedades no uso das palavras e expressões. Este recurso é também denominado **marca de uso** ou rubrica.

Fonte: SANTIAGO, 2012

Contexto: as **marca de uso** também chamadas de rubricas, tem a função de caracterizar palavras e expressões, indicando, condicionando e, por vezes, restringindo seu uso e emprego no contexto discursivo. Geralmente, as marcas são abreviadas e seu significado e explicitado na lista de abreviaturas.

Fonte: KRIEGER, 2012

Contexto: no caso de "bordier" tem-se Suisse. No caso de "porra-louca" Bras. e chulo, e no caso de "isocèle" GÉOM. Estas "observações" chamam-se **marcas de uso** [...]

Fonte: STREHLER, 2001

Contexto: as marcas de uso já fazem parte essencial da produção lexicográfica moderna. Registradas de forma adequada ou não, elas se apresentam desde, desde muito tempo, com uma boa frequência ou de forma acanhada, mas sempre aparecem nos dicionários de língua. Sobretudo em dicionários escolares, como afirma Fariñas (2001), as notas de uso são imprescindíveis em um dicionário escolar.

Fonte: PONTES, 2012

Remissivas:

rótulo *s.m.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

marca lexicográfica *s.f.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

rubrica *s.f.* **Córpus DLB(Sinônimo)**

Notas:

Marcas lexicográficas, rótulos, marcas de uso ou rubrica são variantes denominativas para um mesmo conceito. Embora correspondam a denominações diferentes, percebe-se que o conceito expresso por essas denominações é o mesmo e, dessa forma, a utilização de uma ou de outra variante não interfere na compreensão do conceito. Temos, portanto, uma variações denominativas sem consequências cognitivas.

metalexigrafia

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: disciplina ou vertente teórica que tem por objetivo o estudo do dicionário e tudo o que se relaciona a ele: fases de produção, história, crítica e uso do dicionário.

Contexto: Wiegand (1984,15) a dividiu em quatro subáreas: história da lexicografia, teoria geral da lexicografia, pesquisa sobre o uso de dicionários e crítica de dicionários. Wiegand (1998, 89ss.), depois de discutir longamente o status da [metalexigrafia](#), ou seja, da pesquisa sobre dicionários, chegou à conclusão de que nos anos 1990 ela ainda não era uma disciplina científica autônoma, podendo ser chamada de "campo científico de pesquisas" . Já Gouws (2005, 173) entende que, no início do século XXI, ela deve ser considerada uma disciplina (científica) autônoma.

Fonte: XATARA ET AL, 2011

Contexto: diante desses desafios, a LP precisa tanto de pesquisas lexicográficas tradicionais, que produzam matéria para constituir os dicionários, quanto de pesquisas que investiguem o uso do dicionário e cujos resultados possam subsidiar decisões de projetos lexicográficos pedagógicos. Essas últimas pesquisas estão enquadradas no que se chama de [metalexigrafia](#).

Fonte: DURAN, 2008

Contexto: ao lado dessa dimensão aplicada que permite falar da produção de dicionários seja de língua materna, seja de língua estrangeira, o termo lexicografia traz consigo uma outra perspectiva que se alinha à primeira. Trata-se da Lexicografia teórica, também denominada de [Metalexigrafia](#), cuja natureza reside no estudo das inúmeras faces da

produção de dicionários.

Fonte: KRIEGER, 2012

Contexto: por lexicografia entende-se, por um lado, a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Se essa é a chamada lexicografia prática, há, por outro lado, uma outra acepção, a saber, a lexicografia teórica, ou [metalexicografia](#). Esta abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (cf. HAUSMANN, 1985, p. 368; WIEGAND, 1989, p. 258) e o estudo tipológico (cf. MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p. 253; HARTMANN JAMES, 1998, p. 86).

Fonte: WELKER, 2006a

microestrutura

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto organizado das informações que compõem o verbete de um dicionário, apresentadas após a palavra-entrada, tais como: (i) grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão, etimologia, marcas de uso; (ii) informações explicativas, ou seja, a definição do lema; (iii) uso do lema, ou seja, a sua contextualização ou ilustração, construção e colocação, expressões idiomáticas, provérbios; (iv) sinônimos, antônimos, parônimos; (v) informações semânticas sobre metáforas; (vi) informações sobre remissivas; (vii) ilustrações, gráficos, símbolos, dependendo do objetivo do dicionário.

Contexto: a [microestrutura](#) é o conjunto de informações contidas no artigo léxico, tanto o comentário de forma como o comentário semântico das palavras, compondo-se basicamente por verbete, entrada ou lema, acepção, definição, rubrica, marca de uso, exemplo e abonação.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: Rey-Debove (1971: 21) chamou de microestrutura "o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada". Segundo essa autora, a [microestrutura](#) deve ser organizada de forma constante, isto é, igual, padronizada, em todos os verbetes. Entretanto, como não existem os mesmos tipos de informação para todos os lemas, Rey-Debove admite um "grau zero de informação".

Fonte: WELKER, 2004.

Contexto: a [microestrutura](#) refere-se à "estrutura interna do verbete, a parte em que são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema, o qual, por sua vez, funciona como a entrada principal" (CARVALHO, 2001, p. 65) e apresenta dois segmentos básicos (WIEGAND, 1989, apud BUGUEÑO e FARIAS, 2006, p. 116): o comentário de forma (todas as informações relativas ao lema enquanto significante) e o comentário semântico (todas as informações relativas ao lema enquanto significado).

Fuente: BUGUEÑO-MIRANDA SELISTRE, 2008

Contexto: para se definir a macroestrutura de um dicionário, Farias (2009) propõe que se deve analisar "todas as questões relacionadas com o estabelecimento do número de unidades léxicas arroladas, com o tipo de unidade registrada e com a sua disposição no dicionário", já a denominada [microestrutura](#) trata-se da organização do conjunto de informações que compõem os verbetes.

Fonte: RAMALHO, 2010

Notas:

Para alguns autores a [microestrutura](#) compreende desde a palavra-entrada até as informações relacionadas a ela, entretanto, nós compreendemos que a [microestrutura](#) diz respeito somente às informações apresentadas após o lema que encabeça o verbete.

middle matter

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: informação apresentada entre a micro e a macroestrutura de um dicionário, geralmente com o intuito de auxiliar na compreensão do significado da palavra-entrada, como por exemplo, ilustrações, gráficos e tabelas.

Contexto: **middle matter** refere-se às intervenções que podem conter alguns dicionários entre a macro e a microestrutura, tais como ilustrações. Encontramos em SoAm (1983) um exemplo de **middle matter**: a macroestrutura desse dicionário é organizada em ordem alfabética, e a nominata inclui a nomenclatura dos países da América cuja língua oficial é o Espanhol (o que se justifica por ser um dicionário de americanismos). Cada vez que a sequência alfabética chega ao nome de um desses países, há uma interrupção nos verbetes para explicar dados culturais e sociais do país em questão, através de um quadro parecido aos que corriqueiramente encontramos em livros didáticos de geografia.

Fonte: FORNARI, 2008

Notas:

Termo originado da Lexicografia inglesa, mas normalmente aceito e utilizado na Lexicografia brasileira.

nomenclatura

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: conjunto das entradas a serem elencadas na macroestrutura de um dicionário, ordenadas, geralmente, em ordem alfabética.

Contexto: **nomenclatura** [o mesmo que macroestrutura, nominata] O termo **nomenclatura** é usado na lexicografia para referir o conjunto de entradas de um dicionário.

Fonte: RANGEL BAGNO, 2006

Contexto: nos dicionários escolares, a **nomenclatura** é a totalidade de entradas do dicionário organizadas em ordem alfabética.

Fonte: DAMIM, 2011

Contexto: o dicionário é uma obra que tem uma arquitetura especial. Um dos aspectos mais característicos do dicionário é a forma dupla de apresentação do texto lexicográfico: por um lado há a macroestrutura ou nomenclatura, uma sequência horizontal que forma os verbetes, que contêm informações variadas sobre cada entrada.

Fuente: PARREIRA, 2010

Contexto: a macroestrutura corresponde, basicamente, à nomenclatura do dicionário, ou seja, o número de vocábulos registrados, na sequência vertical ou paradigmática. Fazem ainda parte dessa estrutura, a apresentação inicial do dicionário, qualquer tipo de introdução e os apêndices.

Fonte: HOYOS, 2002

Remissivas:

macroestrutura s.f. Córpus DLB(sinônimo relativo por inclusão)

Notas:

Embora grande parte dos lexicógrafos concebam nomenclatura como sinônimo de macroestrutura, neste trabalho, entendemos **nomenclatura** como sinônimo de nominata, mas não de macroestrutura.

terminografia

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: vertente aplicada da Terminologia, que diz respeito à criação de dicionários especializados.

Contexto: a **terminografia** é uma disciplina intimamente ligada à Terminologia e compreende o registro, tratamento e apresentação dos dados terminológicos obtidos em pesquisa terminológica. Difere, mas não se distancia, da Lexicografia por apresentar as informações apenas da área de conhecimento de que trata, de modo muito mais recortado ou delimitado, normalmente vinculado a um conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente da obra, tal como se tivesse sido elaborado especialmente para um segmento de usuários.

Fonte: HENRIQUES, 2011

Contexto: mostrou-se insuficiente a concepção da **terminografia** como "registro, processamento e apresentação de dados resultantes de pesquisa terminológica" (ISSO 1087, 8.2) nos moldes da teoria tradicional. A atividade terminográfica adquiriu novos contornos, enriqueceu-se, aprofundou-se e passou então a ser entendida como "o resultado e a prática da descrição das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência em formato de papel ou eletrônico" (BESSÉ; NKWENTI-AZEH; SAGER, 1998)

Fonte: MACIEL, 2010

Contexto: as duas realidades, dicionários centrados no léxico geral e os que se voltam para o léxico especializado são, por sua vez, determinantes de duas áreas práticas e de reflexão: a lexicografia e a terminologia. Ambas mantêm um eixo comum, mas também pontos de disjunção. São ciências do léxico que se conjugam pelo fazer dicionarístico, tanto que é bastante comum a denominação "[terminografia](#)" para designar a produção de obras de referência terminológica, expressando uma busca de correspondência com a lexicografia aplicada. Ao mesmo tempo, as duas possuem identidades próprias, seja pelos seus objetos específicos - o léxico geral para a lexicografia e o especializado para a [terminografia](#), seja pela metodologia que adotam para cumprir seus objetivos aplicados.

Fonte: KRIEGER, 2011b

Contexto: a [terminografia](#) (ou trabalho terminológico) é entendida como uma prática de coleta e apresentação de dados terminológicos em dicionários de especialidade e bancos de dados terminológicos. Consta como sinônimo do termo [Terminografia](#), o termo Lexicografia Terminológica, mas não Lexicografia de Especialidade (c.f. ARNTZ; PICHT; MAYER, 2002, p. 186).

Fonte: SCHIEROLZ, 2012

terminologia

s.f. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (disciplinas e teorias)

Definição: [termo polissêmico a qual, geralmente, atribui-se três significados] 1. disciplina ou área de estudos interdisciplinar que rege o estudo dos termos técnico-científicos 2. conjunto de diretrizes e bases teórico-metodológicas necessárias para o desenvolvimento de trabalhos terminográficos 3. conjunto de termos de um determinado

domínio de especialidade.

Contexto: A palavra **terminologia**, contudo, não é monossêmica, ou seja, não há apenas um significado a ela atribuído; ao contrário, há diversos significados a ela vinculados. Cabré (1993, p. 82) destaca que, ao menos, três acepções podem ser atribuídas à palavra terminologia: a) O conjunto de princípios e de bases conceituais que regem o estudo dos termos. b) O conjunto de diretrizes que se utilizam no trabalho terminográfico. c) O conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. De acordo com essas acepções, constata-se que a **terminologia** pode ser entendida: (a) como uma teoria, (b) como uma prática ou (c) como uma necessidade.

Fonte: ARAUJO, 2011

Contexto: Kriegger e Finatto (2004, p. 13) chamam a atenção para o caráter polissêmico do termo **Terminologia**, pelo menos em dois aspectos: 1) **terminologia** (grafado com t minúsculo) é o conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica; e 2) **Terminologia** (grafado com T maiúsculo) é a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos.

Fonte: ARANDA, 2008

Contexto: A **Terminologia**, por sua vez, configura-se como um campo de estudo sobre os termos técnico-científicos. Dessa forma, a **Terminologia** toma como objeto de estudo as linguagens de especialidade, as quais referem-se a um determinado campo do conhecimento humano, podendo este ser científico, técnico, tecnológico, jurídico, entre outros. Os terminólogos, profissionais da **Terminologia**, têm como função descrever, repertoriar e, em certos casos, normalizar a **terminologia** de determinada área, trabalho esse que pode ser caracterizado como inter e transdisciplinar.

Fonte: CAMILOTTI, 2011

Contexto: por **terminologia** poderá ainda entender-se quer o conjunto dos termos que formam o vocabulário de uma língua de especialidade, quer a publicação que divulga e consigna o conjunto dessas unidades terminológicas. Tem a **Terminologia** a sua aplicação prática na Terminografia.

Fonte: GIL, 2010

Notas:

Terminologia é um exemplo claro de termo polissêmico. Embora, a princípio, possa parecer que temos conceitos diferentes, a saber: disciplina interdisciplinar que estuda os termos, conjunto de unidades especializadas de um domínio e teoria ou campo de estudo sobre os termos técnico-científicos, constata-se que há semas em comum entre esses conceitos, dado o fato de que todos eles remetem ao estudo e tratamento das unidades terminológicas.

verbeta

s.m. Português

Fuente: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (componentes)

Definição: enunciado lexicográfico ou terminológico constituído pela junção da palavra-entrada e todas as informações relacionadas a ela, tais como: informações fonéticas, fonológicas e gramaticais, definição, exemplos, colocações, marcas de uso, entre outras. É a soma da macroestrutura e da microestrutura.

Contexto: o **verbeta**, ou artigo lexicográfico, é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário, sendo formado pelo lema, que é a unidade léxica citada, e pelas informações sobre esta unidade. O **verbeta** comumente ocupa um parágrafo e acaba em um ponto. Também se pode caracterizar o **verbeta** como o registro da entrada no dicionário e, ao mesmo tempo, o conjunto das informações organizadas formalmente sobre a própria entrada.

Fonte: HEINRICH, 2007

Contexto: conforme Pontes (2009: 100), o **verbeta** constitui um enunciado

lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer cerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada." Portanto, além da definição da palavra, o **verbete** também fornece várias outras informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras.

Fonte: FECHINE PONTES, 2011

Contexto: o **verbete** é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada **verbete** se compõe de um lema, ou palavra-entrada, que é sua parte enunciativa.

Fonte: SILVA (P), 2006

Contexto: a dimensão microestrutural corresponde ao **verbete** ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico. E nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, podemos chamar 'signo-**verbete**', ou a unidade constituinte do arrolamento de signos linguísticos. Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe. A microestrutura do dicionário, ou estrutura do **verbete**, corresponde a toda a construção do **verbete**, incluindo eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado.

Fonte: FINATTO, 1996

Remissivas:

artigo lexicográfico s.m. Córpus DLB(Sinônimo)

Notas:

Como pudemos constatar, **verbete** e artigo lexicográficos são termos equivalentes sinonimicamente. Quanto à utilização desses termos na Lexicografia brasileira

destacamos que, embora os dois termos sejam comumente utilizados, a unidade terminológica verbete é a mais frequente e comumente aceitável na Lexicografia do Brasil, ao passo que artigo lexicográfico, consiste em uma tradução e adaptação da unidade terminológica artículo lexicografico utilizado na Lexicografia espanhola.

vocabulário

s.m. Português

Fonte: Córpus DLB

Tipo de fonte: Textos especializados

Projeto: Dicionário de Lexicografia Brasileira

Área temática: Lexicografia (generalidades e conceitos lexicológicos)

Definição: conjunto ou subconjunto de unidades lexicais próprias de um domínio, de uma região ou grupo sociocultural e profissional, organizado por meio de uma ordenação, geralmente alfabética, incluindo a palavra-entrada e sua definição.

Contexto: **vocabulário**: subconjunto do léxico geral de uma língua, podendo ser o conjunto dos vocábulos utilizados numa região, numa certa época, numa profissão, ou por uma pessoa, num determinado discurso. Existem, porém, diferentes concepções de vocabulário.

Fonte: RANGEL e BAGNO, 2006

Contexto: **vocabulário**: dicionário terminológico, baseado num trabalho terminológico que apresenta a terminologia de um domínio particular ou de domínios associados.
vocabulário científico: conjunto de unidades lexicais (ou termos), próprias a um domínio científico, que são utilizadas por um grupo sociocultural e profissional.
vocabulário de especialidade: **vocabulário** relativo a uma língua de especialidade (ex.: a economia).

Fonte: BARBOSA, 2001

Contexto: o **vocabulário** de uma língua compreende o conjunto de termos e de

emblemas dessa cultura. Por isso discordo de Blikstein. Não acho que a a noção de unidade cultural seja ambígua. Pelo contrário, ao invocar a cultura na representação do triângulo semiótico, Eco está legitimamente introduzindo uma outra interface que os linguistas contemporâneos (tão formalistas!) têm ignorado.

Fonte: BIDERMAN, 1998b

Contexto: se o **vocabulário** se limita a uma linguagem de um grupo social determinado, como os marginais ou agentes de polícia, por exemplo, é comum os autores serem pesquisadores, curiosos da linguagem ligados às áreas estudadas que, de repente, se tornam autores dos dicionários ou de simples relações de vocábulos técnicos relativos à atividade descrita.

Fonte: PRETI, 2000

Notas:

Consideramos a UL "vocabulário" polissêmica, uma vez que pode designar tanto a linguagem utilizada por um determinado grupo, quanto a organização e apresentação dessas unidades e de seus significados, por meio de uma lista ordenada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento de uma pesquisa, muitos são os pormenores que se apresentam, e com este trabalho não foi diferente. Até chegarmos ao resultado final, nosso texto passou por várias reformulações desde o delineamento da teoria, até a

compilação do *córpus* e a definição dos procedimentos metodológicos e a forma de análise.

Muitas foram as reflexões propiciadas por este trabalho. No desenvolvimento da pesquisa, pudemos entender a importância da Lexicografia e da Terminologia no panorama dos estudos do léxico e as transformações ocorridas durante esses anos.

Por meio dos pressupostos da TCT, foi-nos possível compreender o termo em toda a sua complexidade e, desse modo, apontar os delineamentos dessa nova e atual faceta da Terminologia em sua vertente comunicativa e social.

Esse entendimento da Terminologia como uma área multidisciplinar e heterogênea fez com que passássemos a ter outra visão sobre as unidades terminológicas, influenciando na forma de tratamento e análise dos nossos dados.

No decorrer deste trabalho alterou-se, inclusive, nosso posicionamento a respeito do problema ou motivo de pesquisa. A princípio acreditávamos que a variação terminológica devesse ser vista como um “problema” no panorama lexicográfico e, que, com isso, seria necessário e possível estabelecer uma “harmonização” entre os termos. Entretanto, nas primeiras leituras e análises já descobrimos que isso seria uma tarefa impossível e desnecessária, pois pretender propor uma padronização dos termos da Lexicografia seria voltar ao tempo e à concepção de Terminologia apregoada há muitos anos, isto é, como prescritiva, estanque e totalmente alheia aos contextos sociais e comunicativos do discurso especializado. Seria desconsiderar toda a complexidade e riqueza dos termos e não visualizá-los como unidades dinâmicas e poliédricas que são, de fato, como defende a TCT e como acreditamos hoje

Entendido esse posicionamento, compreendemos, por fim, que a variação é um fenômeno natural existente em qualquer área de conhecimento que considere os

aspectos cognitivos, sociais e comunicativos da sociedade na qual se insere, e que com a Lexicografia não poderia ser diferente.

Essa compreensão nos levou a valorizar e explorar essa riqueza lexical, e o que, a princípio, encarávamos como um problema, tornou-se um ponto forte da pesquisa e direcionou todos os resultados alcançados, inclusive a proposta do DLB.

Por meio da análise dos dados do *cópus* e impulsionados pela compreensão de que a biunivocidade dos termos não é um fato sempre possível e consumado na realidade do discurso especializado, bem como a aceitação de que a variação e a heterogeneidade são aceitáveis e passíveis de estudo de acordo com essa concepção atual e moderna da Terminologia, pudemos analisar e entender a variação terminológica denominativa e as nuances significativas por trás da escolha dessas variantes.

Muitas foram as nossas hipóteses para justificar essa variabilidade. A princípio acreditávamos que essa variação ocorria por influência dos autores estrangeiros, que empregavam termos oriundos das escolas lexicográficas de sua formação em sua produção no Brasil; porém, em nossas primeiras análises já descobrimos que mesmo os autores brasileiros e com formação lexicográfica toda feita no Brasil também recorrem, constantemente, ao uso de variantes, o que nos levou a refutar essa primeira hipótese.

A segunda hipótese a ser recusada foi a de que a variação era temporal, ou seja, processava-se no decorrer do tempo. O único termo que comprovava essa hipótese era a UT “macroestrutura” como sinônimo de “nomenclatura”, que foi reformulada por Biderman em 2002, contrariando o que a mesma autora apresentara anteriormente. Entretanto, em nossas análises comprovamos que as mesmas variantes e seus conceitos utilizados na década de 80 ou 90 permanecem até hoje, como foi o caso das outras unidades apresentadas.

Como hipóteses comprovadas, constatamos que as causas mais frequentes de variação é, em primeiro lugar, a motivação pessoal, isto é a variação ocorre por influência do autor que, impulsionado por uma necessidade e motivação subjetiva, recorre ao uso de variantes como uma forma de inovar e enriquecer seus textos ou como um recurso estilístico. Em outros casos, utilizam variantes por acreditarem que outra denominação representaria melhor o conceito apresentado. Como exemplo, podemos citar o termo “dicionário semasiológico”, apresentado por Bugueño-Miranda e Farias (2011a), como sinônimo de “dicionário geral” ou “dicionário de língua”, seguindo os pressupostos de Wiegand e da Lexicografia alemã.

Sobre o conceito de sinonímia e a apresentação de algumas unidades terminológicas como sinônimas ou equivalentes, comprovamos nossa quarta hipótese, ou seja, concluímos, como já acreditávamos antes, que muitos dos termos tomados como sinônimos na verdade não o são, exemplo: “dicionário geral” e “dicionário padrão”; “dicionário de língua” e “dicionário geral”; “dicionário geral” e “dicionário semasiológico”; “macroestrutura” e “nomenclatura”; “dicionarista” e “lexicógrafo”, entre outras.

Outra hipótese comprovada foi o fato de que a variação lexicográfica também poderia ser ocasionada por influência de escolas lexicográficas. Pudemos constatar essa influência por meio de algumas unidades utilizadas no cópuz provenientes, em especial, da escola lexicográfica alemã e inglesa, como é o caso das unidades: “cabeça do verbete”, “comentário de forma e de conteúdo”, “front matter”, “back matter”, “midle matter”, entre outras.

Tivemos em nosso cópuz exemplos de unidades que, embora fosse possível considerá-las como casos de variação conceitual, preferimos classificá-las por unidades

polissêmicas, uma vez que percebemos traços comuns entre seus conceitos, tais como para: “Terminologia”, “Lexicografia”, “léxico” e “dicionário”.

Uma das conclusões a que chegamos, e que acreditamos ser bastante interessante, é sobre a concepção de variação denominativa com consequências cognitivas e a sua ocorrência. Concluímos que, em alguns casos, a variação denominativa pode verificar-se sem consequência cognitiva para o emissor, uma vez que este concebe e trata as unidades terminológicas como sinônimas e, sendo assim, não há nenhuma modificação ou consequência na forma como o conceito é transmitido.

Em contrapartida, pode haver consequências cognitivas para o receptor, que pode perceber ou valorizar traços diferentes em um mesmo conceito e, sendo assim, a informação recebida não é a mesma transmitida pelo emissor.

Toda essa complexidade na compreensão e tratamento das informações veiculadas em um conceito dificultou e influenciou muito na elaboração do verbete do DLB, principalmente na definição a ser apresentada.

A princípio, defendíamos ser possível apresentar uma definição consensual, obtida por meio da análise dos conceitos definitórios e considerando os pressupostos da maioria dos autores apresentados; porém, constatamos que isso é muito difícil, senão impossível, em alguns casos, como, por exemplo, para as unidades terminológicas: “Lexicografia didática” e “Lexicografia pedagógica” .

A grande inconstância dos dados e incompatibilidade das definições apresentadas nos obrigou a nos posicionarmos e a propormos nossa própria definição, de acordo com nosso entendimento das leituras feitas. Isso ocorreu também com outros termos do *cópus*.

Não pudemos encontrar um consenso inclusive na quantidade de contextos definitórios apresentados. A princípio, pensávamos em apresentar quatro contextos para cada entrada elencada; entretanto, em alguns termos isso não foi possível, uma vez que nem todos os textos apresentavam definições para todos os termos selecionados para compor nossa macroestrutura.

Quanto às notas explicativas, como já dissemos ao descrever a microestrutura do dicionário, elas seriam um recurso utilizado para ressaltar alguma informação que acreditássemos ser importante e que não pudessem ser expostas nas outras partes que compõem o verbete.

Nesse sentido, como se pode perceber, embora nossa intenção fosse apresentar um verbete uniforme, com as mesmas informações em todo o dicionário, isso nem sempre foi possível, o que justifica o fato de termos alguns verbetes mais extensos, outros menos.

A preocupação com todos esses aspectos reforçou ainda mais a complexidade do processo de criação de um dicionário e a importância e riqueza do trabalho lexicográfico e terminográfico e nos levou a refletir sobre diferenças e semelhanças entre essas duas áreas do saber.

Destarte, como já apontamos em nosso capítulo de fundamentação teórica, consideramos que há mais similaridades que diferenças entre Lexicografia e Terminologia, o que comprova que são áreas complementares e não excludentes e a que a união dos conhecimentos apregoados por essas duas ciências enriqueceria em muito na qualidade dos dicionários gerais e especializados.

Convém ressaltar que somos conscientes das possíveis falhas apresentadas neste trabalho; entretanto, acreditamos que, por mais completa que seja uma pesquisa, ela

sempre deixará lacunas e está justamente nelas a justificativa para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Sendo assim, como proposta de projetos futuros, pretendemos: (i) concluir o Dicionário de Lexicografia Brasileira, apresentando os 200 termos e ampliando, assim, a nomenclatura do dicionário; (ii) explorar a variação conceitual dos termos e não apenas a variação denominativa; (iii) propor um projeto para que se instaure uma comissão de lexicógrafos para discutir e analisar em que casos é possível e necessário propor uma normalização dos termos da Lexicografia.

Entretanto, acima de tudo, esperamos que, com este trabalho, tenhamos podido contribuir para difundir a proposta de que essa união pode ser perfeitamente concretizada e que tenhamos conseguido diminuir um pouco o abismo entre Lexicografia e Terminologia, problemática essa existente mais na mente do terminólogo/terminógrafo e lexicólogo/lexicógrafo, do que entre as ciências propriamente ditas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABECASSIS, M. The Ideology of the Perfect Dictionary: How efficient can a dictionary be? *Lexikos* 18 - AFRILEX-reeks/series 18, 2008.

ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do*

léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

ALBERTS, M. Lexicography versus Terminography. *Lexikos* 11- AFRILEX-reeks/series 11, 2001.

ALVES, I. M. A renovação lexical nos domínios de especialidade. In: *Ciência e cultura*. v. 58, nº 2- São Paulo, 2006.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. In: *Ciência e cultura*. Vol. 58, nº 02. São Paulo, 2006.

BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: *Ciências da informação* - vol. 24, nº 03, 1995.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Caderno de Terminologia*, nº 01, 2001.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Acadêmica), 2004.

BÉJOINT, H. *Moderny Lexicography: An introduction*. New York: Oxford U. Press, 2000.

_____. *The Lexicography of English*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de córpus: histórico e problemática, *Delta*, v. 16, nº 2, 2000.

BERGENHOLTZ, H. Wodurch untercheidet sich Fachlexicographie von Terminographie? *Lexicographica*, nº 11, p. 37-46, 1995.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. Mehrworttermini und kollokationen in Fachwörterbüchern. In: SCHAEDEER, B. &/ BERGENHOLTZ, H. (Orgs): *Fachlexicographie. Facwissen un seine repräsentation in wörterbüchern*. Tübingen: Narr, 1994.

_____, *Manual of specialised lexicography: the preparation of specialised dictionaries*. Amsterdam: Library of Congress Cataloging – Publication Data, 1995.

_____. LSP Lexicography or Terminography? The lexicographer`s point of view. In: FUERTE – OLIVEIRA, P. A. (Org). *Specialised Dictionaries for learners*. Walter de Gruyter GMBH. S. CO-KG, Berlin – New York, 2010.

BERGENHOLTZ, H.; KAUFMANN, U. Terminography and Lexicography. A critical survey of dictionaries from a single specialised field. In: *Hermes; Journal of Linguistics*, nº 18, 1997.

BERGENHOLTZ, H.; GOUWS, R. H. What is Lexicography? *Lexikos*, nº 22 - AFRILEX-reeks/series 22, 2012.

BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. In: KRIEGER, M. G. (org). *Terminologia e Integração*. 12, nº 26, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. *A ciência da Lexicografia*. São Paulo: Alfa, 1984a.

_____. *O dicionário padrão da língua*. São Paulo: Alfa, 28 (suplemento), p. 27-43, 1984b.

_____. *A definição lexicográfica*. In: **Cadernos de Letras** (Porto Alegre) v. 10, p. 23-42, 1993.

_____. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2002.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. São Paulo: Alfa, 47, 2003.

_____. Um dicionário para o português do Brasil. In: MARIA, C. C. S. *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BORBA, F. S. Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; ZANATTA, F. *A normatividade nos dicionários gerais de Língua Portuguesa*. UFRGS, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre-RS, 2008.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. In: *Estudos da Língua(gem)*, v. 9, nº1, 2011a.

_____. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria de definição lexicográfica. São Paulo: Alfa – nº 5, vol. 1, 2011b.

BUHR, M.; KLAUS, G. (eds.). *Philosophisches Wörterbuch*. Band 1 & 2. Berlin: Das europäische Buch, 1971.

BURKHANOV, I. *Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology*. Rzeszów: Wyższa Szkoła Pedagogiczna. Price 16 PLN, 1998.

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

_____. *Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación*. Actas do VI Simposio Iberoamericano de Terminologia. Cuba, 1998.

_____. Terminologie et linguistique: la théorie des portes. In: *Terminologies nouvelles. Terminologie et diversité culturelle*, 2001.

_____. Teorías de la terminología: de la prescripción a la descripción. In: Adamo, G.; Della Valle, V. (eds). *Innovazione lessicale e terminologie specialistiche*. Serie Lessico Intellettuale Europeo, vol. 92. Florencia: Leo S. Olschki Editore, 2003.

_____. *La Terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Girona: Documenta Universitaria. Barcelona, 1999/2005.

_____. Constiur un corpus de textos de especialidad: condiciones y posibilidades. In: BALLARD, M.; PINEIRA - TRESMONTANT, C. (ed) *Les corpus en linguistique et en traductologie*. Arras: Artois Presses Université, 2007.

_____. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico em Terminologia. *Ibérica*, nº 16, 2008.

_____. La Teoria Comunicativa de la Terminología, una aproximación Lingüística a los términos. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, XIV-2, 2009.

CANO, W. M. *Teoria e Práxis de um Dicionário Escolar de Ciências*. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2001.

CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: CSIC, 1950.

CIAPUSCIO, G. Variación conceptual del término y grado de especialidad de los textos. *Revista Argentina de Linguística*, 11, 1999.

_____. *Textos especializados y Terminología*. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003.

CIOBANU, G. *Peculiarities of Terminography*. Boletim científico. Universidade Politécnica de Timisoara. Tom 2, série Limbi moderne, 2003.

CONDAMINES, A. *Terminologie et représentation des connaissances*. In: *La Banque des Mots, número especial*, 1994/1995.

CLUVER, A. D. *Die verskille en ooreenkomste tussen algemene leksikografie en vakleksikografie*. National Terminology Services, 1992.

DAMIM, C. P. O programa nacional do livro didático e a avaliação do dicionário escolar. *Revista Língua e Literatura - Frederico Westphalen*– nº 10/11, vol. 6 e 7, 2004/2005.

DAPENA, J.A.P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/libros, S.L., 2002.

DESCAMPS, J.L. *Contribution à l'analyse des discours fonctionnels - Pédagogie des langues de spécialité et lexicographie contextuelle* - Mémoire de synthèse concernant les travaux présentés en soutenance pour le Doctorat d'État. Université Paris III (Sorbonne Nouvelle), 1977.

DIKI-KIDIRI, M. *Le signifié et le concept dans la dénomination*. Apresentação em Cinquièmes journées scientifiques “La mémoire des mots”. Tunis, 1997.

DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1971.

_____, A. *Terminography and Lexicography - What is the difference?* International Trabalho Network for Terminology – TERMNET, 2006. In: www.termnet.org/.../pres_drame_term_and_lex, acesso em 23 de abril de 2014.

FARIAS, V. S. Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngües – Português-Alemão/Alemão-Português. *Revista Contigenita*, vol. 05, nº 01. Porto Alegre, 2010.

FAUSLTICH, E. *Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

_____. *Variación en Terminología. Aspectos de Socioterminología*. In: GUERREIRO RAMOS, G.; PÉREZ LAGOS, M. F. (coord.) *Panorama actual de la Terminología*. Granada: Editorial Comares, 2002.

FECHINE, L. A. R.; PONTES, A. L. A construção verbal e visual dos verbetes de um dicionário monolíngue básico em língua inglesa. In: *Revel*, Vol. 09, nº. 17, 2011.

FERNÁNDEZ, D. A. La lexicografía como disciplina Lingüística. In: Guerra, A.M. (coord.) *Lexicografía española*. España: Editorial Ariel, S. A., 2003.

FERNÁNDEZ-SILVA ET AL. La variación denominativa desde una perspectiva cognitivo-discursiva. In: Actas del XI Simposio Iberoamericano de Terminología (Riterm 2008): “*La terminología en el tercer milenio: hacia la adopción de buenas prácticas terminológicas*.” Lima, Perú del 13 al 16 de octubre de 2008- CD-ROM.

FERNÁNDEZ-SILVA, S. *Variación terminológica y cognición: factores cognitivos en la denominación del concepto especializado*. Barcelona: IULA-TDX, 2010.

_____. Variación denominativa y punto de vista. *Debate terminológico*, nº 09, 2013.

FREIXA, J. *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Barcelona: IULA-UPF, 2002.

_____. Variación terminológica: ¿por qué y para qué? *Meta*, v. 50, n. 4, 2005. - CD-ROM.

FREIXA, J ET AL. *La multiplicité des chemins dénominatifs*. *Sociologie et sociétés*, v. 38, nº 2, 2006.

FINATTO, M.J.B. Da lexicografia brasileira (1813-1991): *A microestrutura dos dicionários gerais de língua*. *Linguística - ALFAL*, vol. 08, 1996.

_____. *Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida*. Porto Alegre: Organon, nº 26, 1998.

_____. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. Tese de doutorado: UFRGS, Porto Alegre, 2001.

_____. New methods for specialized Lexicography: Brazilian approach examples. *Lexicographica*, vol. 30, 2014.

GALISSON, R., D. COSTE. *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

GAUDIN, F. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: De Boek Duculot, 2003.

GIL, I. T. M. Algumas considerações sobre línguas de especialidades e seus projetos lexicogênicos. *Máthesis*, vol. 12, 2003.

GUERRA, A. M. M. La microestructura del diccionario: la definición. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Espana: Editorial Ariel, S. A., 2003.

HAENSCH ET AL.. *La Lexicografía: de la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R. R. K. *Lexicography: Principles and Practice*. London: Academic Press Inc. LTD., 1983.

HARTMANN, R.R.K.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London/New York: Routledge, 1998.

HEINRICH, L. T. *Dicionário e ensino de língua materna: obras lexicográficas diferenciadas para necessidades distintas*. Dissertação de mestrado: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

HENRIQUES, C. C. Signo linguístico. In: *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

HOYOS, E. A. C. *Proposta de um dicionário bilíngue de valências verbais português-espanhol*. Tese de doutorado. Assis: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho- UNESP, 2002.

HUMBLEY, J. Is terminology specialized lexicography? The experience of French-Speaking countries. *Hermes, Journal of Linguistics*, n.º. 18, 1997.

_____. Nouveaux dictionnaires, nouveaux rapports avec les utilisateurs. In: *Meta*, vol. 47, n.º. 01, 2002.

HWANG, A. Lexicografia: dos primórdios à nova Lexicografia. In: HWANG, A. D; NADIN, O. L. (Orgs.) *Linguagens em Interação III: estudos do léxico*. Maringá: Clichetec, 2010.

JESUS, A. M. R.; BARROS, L. A. A variação terminológica em português no domínio da Dermatologia. *Signótica*. Goiânia, vol. 17, n.º 02, 2005.

JOSSELSOHN, H. H. Automatization of lexicography. In: *Cahiers de lexicologie*, vol. 09, 1966.

KRIEGER, M. G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: Maria Cândida T. C. Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. G ET AL. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da Lexicografia Brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, vol. 50, n.º 02, 2006.

_____. A Lexicografia brasileira do século XX: dicionários inaugurais e temáticas. In: *Anais do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

KUDASHEV, I. *Terminography vs. Lexicography Opposition Revisited*. Publikationer av VAKKI, n.º 34. Vasa, 2007.

LANDAU, S. I. *Dictionaries: the art and craft of Lexicography*. New York: Cambridge Universit Press, 2001.

LARA, L. F. *Teoria del diccionario monolingüe*. México, D.F. El colegio de México, 1998.

_____. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. V. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MALKIEL, Y. A typological classification of dictionaries on the basis of distinctive features. In: HOUSEHOLDER & SAPORTA (ed.), p. 3-24, 1962.

MARTINEZ, de S. J. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Bibliograf, S.A. 1995.

_____. *Manual básico de Lexicografía*. Asturias, Espanha: Ed. Trea, S.L, 2009.

MARZÁ, N. E. Lexicografía Especializada y Lenguajes de Especialidad: Fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. In: *Linguística*, vol. 27, 2012.

MEYER, I. Extracting knowledge-rich contexts for terminography. A conceptual and methodological framework. In: D. Borigault, C. Jacquemin y M.C. L'homme (eds.), *Recent Advances in Computational Terminology*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

MURAKAWA, C. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. In: *Terminologia Filologia Linguística* - vol.12, nº 02, 2010.

NADIN, O. L. *Das Ciências do Léxico ao léxico nas ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

_____. Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário português-espanhol de Economia. In: *TradTerm* v.18. nº1, 2011.

NUNES, J. H. *Discurso e Instrumentos Lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1996.

_____. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XIV ao XIX*. Campinas: Pontes Editores, 1ª edição, 2006.

PÉREZ HERNÁNDEZ, M. C. Terminografía y Lexicografía. In: *Estudios de Linguística Española*, v.18, 2002.

RANGEL, E. O.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2006.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española. [Online] www.rae.es, 2012.

REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

_____. *Essays on Terminology*. Benjamins Translation Library. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

REY-DEBOVE, J. *Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. The Hague, Paris, Mouton, 1971.

SAGER, J. C. *Curso Práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Fundación German Sanches Ruiperez. Jonh Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 1990.

SANROMÁN, Á. I. *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos – Universidad do Minho, 2001.

SCHIERHOLZ, S. Lexicografia de especialidade e terminografia. In: In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C.T. C. (Orgs.) *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1a ed. Campo Grande - MS: Editora UFMS, vol. VI, 2012.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. O. & SILVA, B. C. D. (Org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

_____. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: KRIEGER, M. G.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007.

SINCLAIR, J. *Corpus. Concordance. Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOUTO, M. C.; PASCUAL, J. I. P. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Espana: Editorial Ariel, S. A., 2003.

TARP, S. Theoretical challenges to Practical Specialised Lexicography. *Lexikos*, nº 10 – Afrilex-reeks/series 10, 2000.

_____. Functions of Specialised Learners`Dictionaries. In: FUERTE – OLIVEIRA, P. A. (coord.) *Specialised Dictionaries for learners*. Walter de Gruyter GMBH. S. CO-KG, Berlin – New York, 2010.

_____. Specialised lexicography: 20 years in slow motion. *Ibérica*, nº 24, p. 117-128, 2012.

_____. *Necesidad de una teoría independiente de la Lexicografía: El complejo camino de la Linguística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Círculo de

Linguística Aplicada a la comunicación 56(clac). Universidad Complutense de Madrid, 2013.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of terminology description: The sociocognitive-approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

TERCEDOR, M. Descripción y variación de la representación terminológica: el caso de la dimensión tipos de cáncer. In: *Investigar en terminología*. Granada: Comares, 2004.

VERDELHO, T. *As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004. 2ª Ed. Revista e Ampliada.

_____. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*. Rio de Janeiro: JCR, v. 13, 2006.

_____. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R.M. (Orgs.) *Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

WIEGAND, H. E. Der gegenwärtige Status der Lexikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin / New York: de Gruyter, 3v., vol 01, 1989a.

_____. *Wörterbuchforschung. Untersuchungen zur Wörterbuch- benutzung, zur Theorie, Geschichte, Kritik und Automatisierung der Lexikographie*. 1. Teilband. Berlin/New York: de Gruyter, 1989b.

_____. Was eigentlich sind Wörterbuchfunktionen? Kritische Anmerkungen zur neueren und neuesten Wörterbuchforschung. In: *Lexicographica*, vol. 17, 2001.

WOOLDRIDGE, T.R. *Les débuts de la lexicographie française. Estienne, Nicot et le Thresor de la langue françoise (1606)*. Toronto: University of Toronto Press, 1977.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: IULA, Trad. Anne- Cécile Nokerman, 1998.

XATARA, C; ET AL. *Dicionários na Teoria e na Prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica de produção científica em Lexicografia e Lexicologia*. Relatório de Livre docência. Sao José do Rio Preto: UNESP, 2009.

_____. *Dicionários Infantis: uma análise de suas microestruturas*. Relatório de Pós-Doutoramento. São José do Rio Preto: UNESP, 2010c.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. The Hague/Paris: Mouton, 1971.

www.terminus.iula.upf.edu

www.lexically.net/wordsmith

REFERÊNCIAS DO CORPUS ANALISADO

ALVES, I. M. A renovação lexical nos domínios de especialidade. In: *Ciência e cultura*. v. 58, nº 2- São Paulo, 2006.

ARANDA, C. M. Solucionando o dilema epistemológico e metodológico em obra lexicográfica de emoções e sentimentos. *Anais do CELSUL*, 2008.

ARANDA, C. M.; SILVA, M. M. A. da. Formalismo e funcionalismo: aspectos epistemológicos relevantes para a lexicografia. In: *Linguagens em Interação III: estudos do léxico*. Maringá: Clichetec, 2010.

ARAUJO, M.; SOUZA, P. H. Uma contribuição dos estudiosos da linguagem ao ensino de ciências: elaborando um dicionário terminológico das ciências naturais. In *Atas do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - I Congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias*, 2011.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. In: *Ciência e cultura*. Vol. 58, nº 02. São Paulo, 2006.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Caderno de Terminologia*, nº 01, 2001.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. São Paulo: *Alfa*, 50 (2), p. 43- 54,2006.

BIDERMAN, M. T. C. *A ciência da Lexicografia*. São Paulo: *Alfa*, 1984a.

_____. *O dicionário padrão da língua*. São Paulo: *Alfa*, 28 (suplemento), p. 27-43, 1984b.

_____. *A definição lexicográfica*. In: **Cadernos de Letras** (Porto Alegre) v. 10, p. 23-42, 1993.

_____. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2002.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. São Paulo: *Alfa*, 47, 2003.

_____. Um dicionário para o português do Brasil. In: MARIA, C. C. S. *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BORBA, F. S. Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORBA, L. C.; BUGUEÑO-MIRANDA, F. V. Análise de cinco dicionários semasiológicos de Língua Espanhola: a correlação entre o Front matter e a macro e microestrutura. In: *Extensio*. Vol. 9, nº 14, 2012.

BRAGA, R. C. G. Da produção de documentos terminológicos: algumas questões sobre a microestrutura. In: *Estudos Linguísticos*, vol. 32, São Paulo, 2003.

BRANGEL, L. M. B. Problemas concernentes às definições de cores em dicionários gerais do Português. In: *Domínios da Linguagem*, Vol. 05, nº 01, 2011.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V. O que o professor deve saber sobre a nominata do dicionário de língua. In: *Língua e Literatura*, Vol. 07, nº 10-11, 2005.

_____. O que é macroestrutura no dicionário de língua. In: KRIEGER, M. G.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007.

_____. Panorama da Lexicografia Alemã. In: *Contigentia*, Vol. 03, nº 02, 2008.

_____. Panorama da Lexicografia Brasileira de Orientação Semasiológica. In: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (orgs) *Língua e Linguagem: perspectivas de investigação*. Pelotas: EDUCAT, 2011.

_____. Balanços e perspectivas da Lexicografia. In: *Cadernos de Tradução*, Vol. 02, nº 32, 2013.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; BENEDUZZI, R. 2005 Aprendendo a ler um dicionário: análise de verbetes substantivos. In: *Língua e Literatura*, Vol. 07, nº 10-11, 2005.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; SELISTRE, I. T. O comentário de forma em dicionários bilíngues escolares passivos Inglês/Português. In: *Polifonia*, nº 15. UFMT: EDUFMT, 2008.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; ZANATTA, F. *A normatividade nos dicionários gerais de Língua Portuguesa*. UFRGS, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre-RS, 2008.

BUGUEÑO-MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. In: *Estudos da Língua(gem)*, v. 9, nº1, 2011a.

_____. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria de definição lexicográfica. São Paulo: *Alfa* – nº 5, vol. 1, 2011b.

CANO, W. M. *Teoria e Práxis de um Dicionário Escolar de Ciências*. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2001.

CORREIA, M. Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos: o caso de dois dicionários náuticos portugueses. *3ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima* - Maria Doria & ILTEC (ed.), 2005.

DANTAS, H. O. *Estudo da rede de remissivas em dicionários escolares*. Dissertação de Mestrado. Ceará: UFC, 2009.

FARIAS, V. S. Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngues – Português-Alemão/Alemão-Português. *Revista Contigenita*, vol. 05, nº 01. Porto Alegre, 2010a.

DAMIM, C. O programa nacional do livro didático e a avaliação do dicionário escolar. In: *Língua e Literatura*, Vol. 6 e 7, nº 10/11, 2004/2005.

DURAN, M. S. ; XATARA, C. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. In: *DELTA*, Vol. 23, nº 02. São Paulo, 2007a

_____. Critérios para categorização de dicionários bilíngües. In: KRIEGER, M. G.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007b.

FECHINE, L. A. R.; PONTES, A. L. A construção verbal e visual dos verbetes de um dicionário monolíngue básico em língua inglesa. In: *Revel*, Vol. 09, nº. 17, 2011.

FINATTO, M.J.B. Da lexicografia brasileira (1813-1991): *A microestrutura dos dicionários gerais de língua*. *Linguística - ALFAL*, vol. 08, 1996.

_____. *Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida*. Porto Alegre: Organon, nº 26, 1998.

_____. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. Tese de doutorado: UFRGS, Porto Alegre, 2001.

GIL, I. T. M. Algumas considerações sobre línguas de especialidades e seus projetos lexicogênicos. *Máthesis*, vol. 12, 2003.

HEINRICH, L. T. *Dicionário e ensino de língua materna: obras lexicográficas diferenciadas para necessidades distintas*. Dissertação de mestrado: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

HENRIQUES, C. C. Signo linguístico. In: *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOYOS, E. A. C. *Proposta de um dicionário bilíngue de valências verbais português-espanhol*. Tese de doutorado. Assis: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho- UNESP, 2002.

KRIEGER, M. G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: Maria Cândida T. C. Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Porque Lexicografia e Terminologia: relações textuais?. In: Anais do CELSUL, 2008

_____. Terminologia – uma entrevista com Maria da Graça Krieger. In: Revel, Vol. 09, nº 17, 2011.

_____. Dicionários escolares e ensino de língua materna. In: Estudos Linguísticos, São Paulo, Vol. 41, nº 01, 2012.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

FARIAS, V. S. Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngües – Português-Alemão/Alemão-Português. In: *Contingentia*, Vol. 05, nº 01, 2010^a

_____. Fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios: objetivos, metodologia e primeiros resultados da pesquisa. In: *Cadernos do IL*. Porto Alegre, nº 40, 2010b.

_____. Considerações preliminares sobre o pós comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. In: *ReVEL*, v. 9, nº 17, 2011

_____. Aplicação da semântica das condições de verdade à redação das definições nos dicionários semasiológicos. In: *RBLA*, Belo Horizonte, Vol. 12, nº 1, 2012

MURAKAWA, C. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. In: *Terminologia Filologia Linguística* - vol.12, nº 02, 2010.

NADIN, O. L. *Das Ciências do Léxico ao léxico nas ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

_____. Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário português-espanhol de Economia. In: *TradTerm* v.18. nº1, 2011.

RANGEL, E. O.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2006.

SANTIAGO, M. S. Análises contrastivas de microestruturas em dicionários escolares. In: *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, 2012.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. O. & SILVA, B. C. D. (Org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

_____. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: KRIEGER, M. G.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007.

TULLIO, C. M.; ZAMARIANO, M. Olhares: dicionário escolar ou dicionário de uso escolar? In: *Revista Investigações*, Vol. 24, nº 02, 201.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004. 2ª Ed. Revista e Ampliada.

_____. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*. Rio de Janeiro: JCR, v. 13, 2006.

_____. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R.M. (Orgs.) *Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

XATARA, C; ET AL. *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. UFSC/NUT, 2008, p.9-45 [e-book].

XATARA, C; ET AL. *Dicionários na Teoria e na Prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. *Dicionários Infantis: uma análise de suas microestruturas*. Relatório de Pós-Doutoramento. São José do Rio Preto: UNESP, 2010c.

ANEXOS

CÓRPUS_DLB

ART_ABR_2010

O registro de termos em dicionário
Geral de Língua. Sabrina Pereira de
Abreu.

ART_CZ_2006b

O papel do léxico na
elaboração de ontologias
computacionais: do seu resgate

			à sua disponibilização.
ART_ALV_1884	A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. Ieda Maria Alves	ART_CZ_2006c	Extração de informações de definições de uma base de conhecimento lexical: estratégias e procedimentos linguísticos.
ART_ALV_2006 ^a	A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico	ART_CZ_2007	A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores.
ART_ALV_2006b	A renovação lexical nos domínios de especialidade	ART_CZ_2010	Dicionário multilíngüe de cores: a face eletrônica.
ART_ALV-GIS_2005	Análise de palavras desusadas nos dicionários Aurélio, Houaiss e dicionários de usos do português – DUP. Gisele Alves	ART_CZ_2011	Uma análise microestrutural de dicionários escolares infantis brasileiros.
ART_AM_1989	Acertos e desacertos em dicionários bilíngües Português/Espanhol-Espanhol/Português. Vera Lúcia do Amaral.	ART_CZ+FER_2006	Construção de um corpus paralelo e alinhado Português-Italiano-Português para o domínio literário. CZ/Monique Lopes Ferraresi.
ART_AND_2004	Dialética de significação no dicionário Houaiss de sinônimos Maria Margarida de Andrade	ART_CZ+ORSI_2010 a	Proposta lexicográfica bilíngüe: semas erótico-obsenos. CZ/Vivian Orsi.
ART_AR_2008	Solucionando o dilema epistemológico e metodológico em obra lexicográfica de emoções e sentimentos. Cristiane de Melo Aranda	ART_CZ+ORSI_2010 b	Expressões idiomáticas interditas: uma proposta lexicográfica bilíngüe.
ART_AR+SILV_2010	Formalismo e Funcionalismo: aspectos epistemológicos relevantes para a Lexicografia. Cristiane de Melo Aranda/Messias Alves da Silva	ART_CZ+SILV-M_2006	Dicionário de regência verbal: uma proposta. CZ/Rosa Maria da Silva.
ART_ARAU_2011	Uma contribuição dos estudiosos da linguagem ao ensino de ciências: elaborando um dicionário terminológico das ciências naturais. Mariângela de Araujo.	ART_DAM_2005	O programa nacional do livro didático e a avaliação do dicionário escolar. Cristina Damim.
ART_ARN_2001	O tratamento sintático-semântico dos nomes em-ist/-ist nos dicionários – uma análise preliminar. Helena de F. Vidal Arnold.	ART_DAM+PER_2006	Uma descrição dos dicionários escolares do Brasil.
ART_AUB+ALV+MC C+SILV+FRAG+MEL_1992	Tradução, Lexicografia e Terminologia informatizadas. Aubert et al.	ART_DAN_2011	Aspectos linguísticos e culturais relacionados ao estudo da Lexicografia e da Terminologia da região amazônica. Ladislane Aguiar Dantas.
ART_AZ_2006	Lexicografia bilíngüe e corpora paralelos: procedimentos e critérios experimentais. Adriana Zavaglia	ART_DIAS+BEZ_1992	A gramática e o dicionário. Luiz Francisco Dias/Maria Auxiliadora Bezerra.
ART_AZ+CZ_2000	A elaboração de um dicionário trilingue temático de cromônimos italiano-português-francês: reflexões e considerações	ART_DIAS-SILV+FEL_2006	Dos olhares sobre o léxico: diferenças e semelhanças. Bento Carlos Dias da Silva/Ariani di Felippo.
ART_BAB_2006	Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. Maurício Babini	ART_DUR_2008	Métodos na pesquisa de usos de dicionários. Magali Sanches Duran.
ART_BAR_2000	O discurso do dicionário – Diana Luz Pessoa de Barros	ART_DUR_2011	Lembremos das velhas obras lexicográficas para redimensionar o papel da Lexicografia e dos novos dicionários.
ART_BARB_1992	O percurso gerativo da enunciação: a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico. Maria Aparecida Brabosa.	ART_DUR+XAT_2006	As funções da definição nos dicionários bilíngües. Magali Sanches Duran/ Claudia Maria Xatara.
ART_BARB_1995 ^a	Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. Maria	ART_DUR+XAT_2007a	Lexicografia pedagógica: atores e interfaces.

	Aparecida Barbosa		
ART_BARB_1995b	O grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll: formação e desenvolvimento.	ART_DUR+XAT_2007b	Critérios para categorização de dicionários bilíngües.
ART_BARB_1999	Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngües.	ART_DUR+XAT_2008	Reflexos da evolução do ensino de línguas na lexicografia bilíngüe.
ART_BARB_2001	Dicionário, vocabulário, glossário: concepções.	ART_DURÃO_2010	Seguindo os rastros do dicionário. Adja Barbieri Durão.
ART_BARB_2004	Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico	ART_DURÃO+ANDR_2010	O dicionário como ferramenta auxiliar para o incremento da competência lexical de estudantes de língua estrangeira. Adja Barbieri Durão/ Otávio Goes de Andrade.
ART_BARB+DICK_ORTIZ_2004	Estudos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos: relações de significação. M. A. B/Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick/ Maria Luisa Ortiz Alvarez.	ART_DURÃO+ZAC_2010	Retomando algumas designações da Lexicografia. Adja Barbieri Durão/ Regiani Aparecida dos Santos Zacarias.
ART_BARB+LAF+BARROS_1998	Questões epistemológicas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Maria Aparecida Barbosa, Antonieta Laface e Lídia Barros.	ART_DURÃO+BOLZ_2010	Abandonando clichês para descortinar um cenário favorável ao uso de dicionários na sala de aula. Adja Barbieri Durão/ Rosane Maria Bolzan.
ART_BARB+TUR+LAF+ALV+CALÇ_2001	Reflexões lexicológicas, lexicográficas e terminológicas: o papel da parassinonímia no processo de ensino/aprendizagem do léxico na língua comum e nas línguas de especialidade. M. A. B/Jeni Silva Turazza/ Antonieta Laface/ Maria Luisa Ortiz Alvarez/Guiomar Fanganiello Calçada.	ART_DURÃO+CORR_2010	A utilidade dos dicionários monolíngües e bilíngües como apoio para a produção escrita em língua estrangeira. Adja Barbieri Durão/ Juci Mara Cordeiro.
ART_BAT+GARC+MULL+KRIE_2006	O século XX: cenário dos dicionários fundadores da Lexicografia Brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. Maria da Graça Krieger/Alexandra Felderkircher Muller/ Andréia Roberta da Rocha Garcia/ Rosinalda Pereira Batista.	ART_DURÃO_BOLZ_2011	A formação docente e a realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula. Adja Balbino Durão/ Rosane Maria Bolzan.
ART_BAT+MULL_2009	O léxico do Português do Brasil em dicionários eletrônicos do século XXI.	ART_FAR (E)_1998	A relação entre léxico e dicionário. Emília Maria Peixoto Farias.
ART_BAT+MULL+KRIE_2009	A Lexicografia Brasileira do século XX: dicionários inaugurais e temáticos.	ART_FAR_2007	Uma breve história do fazer lexicográfico.
ART_BATI+NAR+POZ+POR_2008	O verbete no ensino de Língua Portuguesa. Elisa Batisti/Fabiele Stockman de Nardi/ Maria Helena Menegotto Pozenato/Sanda Cristina Porsche.	ART_FAR (E)_2009	Metáfora, dicionário e ensino.
ART_BEN_2003	Análise da definição em quatro dicionários semasiológicos da Língua Portuguesa: proposta de emendas. Renata Beneduzi.	ART_FAUST+OLIV_2007	Para que serve um dicionário analógico? Um estudo de Lexicografia comparativa. Enilde Faulstichi/Mickelle Machado de Oliveira.
ART_BEN+OLIV+MOR_2010	A construção do thesaurus eletrônico para o Português do Brasil (TEP) – Pressupostos teóricos metodológicos. Beneduzi et al.	ART_FAUST+SANT_2007	A desambiguação do item levar: uma proposta de organização de verbete. Enilde Faulstich/ Cristiane Santos.
ART_BEV_2004	Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. Cleci Regina Bevilacqua	ART_FECH+PON_2011	A construção verbal e visual dos verbetes de um dicionário básico de Língua inglesa. Lorena Américo Ribeiro Fachine/ Antonio Luciano Pontes.

ART_BEV+FIN_2006	Lexicografia Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. C. R. B/Maria José Bocorny Finatto.	ART_FER_2009	Reflexões sobre a atividade de elaboração de um dicionário bilíngue. Marília de Nazaré Ferreira.
ART_BEV+MAT_2010	Proposta de macro e microestrutura para um dicionário especial de locuções verbais- espanhol/português. Bevilacqua e Monissa Mattos	ART_FERN_2000	Dimensionamento das contribuições lexicográficas do Português do Ceará. José Alves Fernandes.
ART_BID_1980	Padronização Linguística e cultural provocada pelos meios de comunicação de massa. Maria Teresa Camargo Biderman.	ART_FILH_2007 ^a	Elaboração de um glossário de termos utilizados na teoria da metáfora conceitual. Edelberto Costa Filho.
ART_BID_1984 ^a	A ciência da Lexicografia.	ART_FILH_2007b	O registro lexicográfico de Hand e mão em dicionários bilíngües: uma análise contrastiva. Waldenor Barros Moraes Filho.
ART_BID_1984b	O dicionário padrão da língua.	ART_FIN_1996	DaA Lexicografia brasileira (1813-1991): a microestrutura dos dicionários gerais de língua. Maria José Bocorny Finatto.
ART_BID_1996	Léxico e vocabulário fundamental.	ART_FIN_1998	Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida.
ART_BID_1998a	A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do Português.	ART_FIN_2002	O papel da definição de termos técnico-científicos.
ART_BID_1998b	Dimensões da palavra.	ART_FIOR_1984	Norma e dicionário. José Luiz Fiorin.
ART_BID_2000	Aurélio: sinônimo de dicionário?	ART_FONT_2011	As informações gramaticais disponíveis no dicionário de usos do Português do Brasil. Juliana Simões Fontes.
ART_BID_2001a	As ciências do léxico.	ART_FORN_2008	Concepção e desenho do Front Matter do dicionário de falsos amigos Espanhol-Português. Michelle Kuhn Fornari.
ART_BID_2001b	O português brasileiro e o português europeu: identidade e contrastes.	ART_FORN_2009	O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes.
ART_BID_2001c	Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas.	ART_FROM_2004	Obras lexicográficas e terminológicas: definições. Guilherme Fromm.
ART_BID_2002	Análise de dois dicionários gerais do Português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss.	ART_FROM_2005	A construção do sentido em vocabulários técnicos.
ART_BID_2003	Dicionário do Português: da tradição à contemporaneidade.	ART_GARC_2007	Discurso lexicográfico: os dicionários no século XIX. Dantielli Assumpção Garcia.
ART_BID_2005	As unidades complexas do léxico.	ART_GIA_2006	O discurso do dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete: de 1881 até a atualidade. Giovana Ilíada Giacomini.
ART_BID_2006	O conhecimento, a terminologia e o dicionário.	ART_GIL_2009	Reflexões em torno de dicionário e léxico. Isabel Teresa Morais Gil.
ART_BIZ_2010	O guarda-chuva: como a unidade representada pelo vocábulo pode comportar mais de um termo. Aldo Bizzocchi.	ART_GIL_2010	Algumas considerações sobre línguas de especialidade e seus processos lexicogênicos.
ART_BORB_2006	Léxico e herança social. Francisco da Silva Borba.	ART_GOD_2007	Glossário de neologismos da obra sousandradina: uma contribuição parcelar. Eliana Godoi.
ART_BORB_2007	A informação gramatical nos	ART_GON_1996	Antigas ortografias portuguesas e

	dicionários.		paralexigrafia no século XVIII.
ART_BORB+LONG_1996	Ciência & arte & técnica: a delimitação dos sentidos num dicionário. Francisco da Silva Borba/Beatriz Nunes de Oliveira Longo.	ART_GON_2006	A marca lexicográfica “Termo do Brasil” no vocabulário português e latino de D. Rafael Bluteau. Maria Filomena Gonçalves.
ART_BRAG_2003	Da produção de documentos terminológicos: algumas questões sobre a microestrutura. Rosiane Cristina Gonçalves Braga.	ART_GUER+AND_2012	O léxico sob perspectiva: contribuição da Lexicologia para o ensino de línguas. Miriam Martinez Guerra/ Karylleila dos Santos Andrade.
ART_BRAN_2009	O léxico na perspectiva discursiva. Helena Naganime Brandão.	ART_HENR_2007	Escritores, epítetos e dicionário: uma parceria afinada. Claudio Cezar Henriques.
ART_BRANG_2011	Problemas concernentes às definições de cores em dicionários gerais do Português. Larissa Moreira Brangel.	ART_HERN_2009	Análise do léxico na perspectiva funcionalista. Maria Célia Lima Hernandes.
ART_BRANG_2013	Contribuições para a lexicografia pedagógica a partir de dados extraídos de livros didáticos	ART_HOF_2006	Uma proposta de definição padrão de nomes concretos em dicionários bilíngües. Camila Hofling.
ART_BUG_2005	O que o professor deve saber sobre a nominata do dicionário de língua. Felix Valentim Bugueño-Miranda.	ART_HOF+PAR_2006	Técnicas de utilização de dicionário como material didático na aula de LE para fins específicos. Camila Hofling/ Maria Cristina Parreira da Silva.
ART_BUG_2006	Léxico e ensino: Señas (2000) um dicionário para aprendizes de Espanhol?	ART_HUMB_2000	A influência do lexicógrafo no corpus. Philippe Humblé.
ART_BUG_2007a	O que é macroestrutura no dicionário de língua.	ART_HUMB_2002	A influência do lexicógrafo no corpus.
ART_BUG_2007b	A lexicografia de falsos amigos frente à bilíngüe: desenho de um dicionário de falsos amigos Espanhol/Português.	ART_HUMB_2004	Dicionário e ensino de línguas..
ART_BUG_2008a	Panorama da Lexicografia Alemã.	ART_HUMB_2005	Os estudos da tradução e os dicionários.
ART_BUG_2008b	Os dicionários de falsos amigos.	ART_HUMB_2008	O discurso do dicionário
ART_BUG_2009a	Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do Alemão.	ART_HWAN_2010	Rumo à nova Lexicografia. David Hwang.
ART_BUG_2009b	Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias.	ART_IGN_1996	Apresentação de verbos num dicionário gramatical de usos. Sebastião Expedito Ignácio.
ART_BUG_2010	O dicionário bilíngüe como problema linguístico e lexicográfico.	ART_IGN_2000	Palavras lexicais num dicionário de usos.
ART_BUG_2011	Panorama da Lexicografia Brasileira de orientação semasiológica.	ART_ISQ_2006	Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil. Aparecida Negri Isquardo.
ART_BUG_2013	Balances e perspectivas da Lexicografia.	ART_ISQ_2007	A propósito de dicionários de regionalismos do Português do Brasil.
ART_BUG+BEN_2005	Aprendendo a ler um dicionário: análise de verbetes substantivos. Bugueño-Miranda/ Renata Beneduzi.	ART_KIL+BOC+WIL+VIL_2012	Critérios de seleção de termos utilizados na construção de um glossário pedagógico online baseadp em corpus especializado. Cristiane Krause Kilian et al.
ART_BUG+SEL_2008	O comentário de forma em dicionários bilíngües escolares passivos Inglês/Português.	ART_KRIE_1995	Da prática significativa lexicográfica
ART_BUG+SEL_2010	Os diferentes tipos de dicionários e as tarefas de compreensão e produção de textos em Língua inglesa. Bugueño-Miranda/Isabel Tedesco Selistre.	ART_KRIE_2000	Terminologia revisitada. Maria da Graça Krieger.
ART_BUG+SIT-FAR_2008	O ensino de Português e os dicionários escolares: um segmento informativo da	ART_KRIE_2005	Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e

	microestrutura para fins de produção textual.		critérios de escolha.
ART_BUG+SIT-FAR_2011a	Da microestrutura em dicionários semasiológicos do Português e seus problemas.	ART_KRIE_2006a	Lexicografia: o léxico no dicionário.
ART_BUG+SIT-FAR_2011b	Princípios para o desenvolvimento de uma teoria de definição lexicográfica.	ART_KRIE_2006b	Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias.
ART_BUG+SIT-FAR_2011c	Demandas curriculares e Lexicografia: os dicionários são adequados para a produção textual? Bugueño-Miranda/Virginia Sita Farias.	ART_KRIE_2006c	A identidade da Terminologia e o perfil do terminólogo.
ART_BUG+ZAN_2008	A normatividade nos dicionários gerais de Língua Portuguesa. Bugueño-Miranda/Flavia Zanatta.	ART_KRIE_2007a	Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a Lexicografia didática.
ART_BUG+CAMP_2012	Análise de cinco dicionários semasiológicos de Língua Espanhola: a correlação entre o Front matter e a macro e microestrutura.	ART_KRIE_2007b	O dicionário de língua como potencial instrumento didático.
ART_BUG+OLIV+SIQ_2013	O tratamento da polissemia e da homonímia nos learner's dictionaries: subsídios da semântica cognitiva para a disposição das acepções.	ART_KRIE_2008	Por que Lexicografia e Terminologia: relações textuais?
ART_CAN_2007	Vocabulários especializados e dicionários de língua geral. Waldenice Moreira Cano.	ART_KRIE_2010	Lexicologia e Lexicografia Diacrônicas : qual o papel desse tipo de pesquisa.
ART_CARB+COIM+DIEG+WAQ+BEV_2009	Combinatórias léxicas especializadas: a importância da caracterização dos corpora textuais na sua constituição e identificação de equivalentes na língua espanhola. Carolina dos Santos Carboni/ Sue Anne Christello Coimbra/ Cléo de Souza Diegues/ Marina Leivas Waquiel/ Cleci Regina Bevilacqua.	ART_KRIE_2011	Terminologia – uma entrevista com Maria da Graça Krieger.
ART_CARD_2006	Uma abordagem de estudo da marca de uso “brasileirismo” nas obras lexicográficas. Nilza Aparecida Alves Cardoso.	ART_KRIE_2012	Dicionários escolares e ensino de língua materna.
ART_COEL_2003	Léxico, ideologia e a historiografia Linguística do século das identidades. Olga Coelho.	ART_KRIE_BEV_2011	A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área.
ART_COELH+REZ_2012	A utilização de corpus na prática lexicográfica. Carolina Medeiros Coelho/Fernanda Alvarenga Rezende.	ART_KRIE+MAC+B EV+FIN_1995	Dicionário jurídico-ambiental: relações de interlocução.
ART_COR_2000	Homonímia e polissemia- contributos para a delimitação dos conceitos. Margarita Correia.	ART_LAR_2010	O dicionário e suas disciplinas. Luis Fernando Lara.
ART_COR_2005	Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos: o caso de dois dicionários náuticos portugueses.	ART_LEF_2000	Aspectos externos e internos da aquisição lexical. Wilson J. Leffa.
ART_COR_2008	Lexicografia no início do século XXI- novas perspectivas, novos recursos e suas conseqüências.	ART_LEIP_2005	Composição de palavras em Língua Portuguesa e Alemã: dicionarização e ensino. Luciane Leipnitz.
ART_CORO_2011	Para que serve um dicionário. Maria Luiza Coroa.	ART_LONG_2006	Especificações gramaticais em dicionários: um estudo de caso. Beatriz Nunes de Oliveira Longo.
ART_COST_2007	Vocabulários ortográficos e suas contribuições para os dicionários de língua: uma abordagem crítico-contrastiva. Luiz Carlos Costa.	ART_MAC_2005	Novos horizontes para o ensino do léxico. Anna Maria Becker Maciel.
ART_CUNH_2011	A Lexicografia pedagógica e o léxico especial. Aline Luiza da Cunha.	ART_MAC+BEV+RE U_2010	Combinatórias léxicas especializadas nas linguagens legal, normativa e científica:

			proposta de estudos. Maciel/Bevilacqua/ Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.
ART_CZ_1999	A homonímia e o computador. Claudia Zavaglia.	ART_MACH_2007	A designação da palavra preconceito em dicionários atuais. Carolina de Paula Machado.
ART_CZ_2001	Elaboração de um dicionário temático de homônimos frequentes semibílingue – Português-Italiano: uma proposta.	ART_MUR_2001	Tradição lexicográfica portuguesa: Bluetau, Morais e Vieira. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.
ART_CZ_2005	Produção de ontologias específicas: a modelagem da Ontoeco.	ART_MUR_2006	Léxico e gramática no dicionário de Língua Portuguesa (1813) de Antonio Morais e Silva.
ART_CZ_2006*	Dicionário e cores.	178) ART_MUR_2007	Modelos de verbetes em dicionários clássicos da Língua Portuguesa.
ART_MUR_2009	Lexicografia e história: o português dos séculos XVI, XVII e XVIII.	ART_SIQ_2011	Análise lexicográfica de dicionários da ciência da informação. Jéssica Camargo Siqueira.
ART_MUR_2010a	Dicionário histórico do Português do Brasil: problemas e soluções.	ART_FAR(V)_2008a	Avanços no desenho de um dicionário escolar de Língua Portuguesa. Virgínia Sita Farias.
ART_MUR_2010b	Dicionário Histórico do Português do Brasil: um modelo de dicionário histórico.	ART_FAR(V)_2008b	O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de Língua Portuguesa.
ART_MUR_2012	A competência lingüística na construção de dicionários: o caso de Antonio de Morais Silva	ART_FAR(V)_2009	Considerações sobre a redação de glosas em um dicionário de falsos amigos Espanhol-Português.
ART_NAD_2011	Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário português-espanhol de Economia. Odair Luiz Nadin.	ART_FAR(V)_2010a	Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngües – Português-Alemão/Alemão-Português.
ART_NEV_1996	A prática lexicográfica: onde ciência e arte se encontram. Maria Helena Moura Neves.	ART_-FAR(V)_2010b	Fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios: objetivos, metodologia e primeiros resultados da pesquisa.
ART_NUN_1997	Formação do léxico e saber lingüístico. José Horta Nunes.	ART_FAR(V)_2010c	O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos.
ART_NUN_2003	Definição lexicográfica e ensino.	ART_FAR(V)_2011	Considerações preliminares sobre o pós comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos.
ART_NUN_2004	Levantamento bibliográfico de dicionários brasileiros de Língua Portuguesa: uma interpretação discursiva.	ART_FAR(V)_2012	Aplicação da semântica das condições de verdade à redação das definições nos dicionários semasiológicos.
ART_NUN_2008 ^a	O discurso documental na história das ideias Linguísticas e o caso dos dicionários.	ART_SIV+ROD+PET_2009	Definição, descrição e nomeação em dicionários do século XIX. Daiane Siveris/Nina Rosa Lich Rodrigues/Verli Petri.
ART_NUN_2008b	Dicionário, sociedade e língua nacional.	23ART_SMIT_2005	Competência lexical, dicionário e discurso: encontros e estranhamentos. Marisa Magnus Smith.
ART_NUN_2010	Dicionários: história, leitura e produção.	ART_STR_2001	Marcas de uso nos dicionários. René G. Streller.
ART_NUN+SELG_2003	Discurso lexicográfico: as reedições do dicionário da Língua Portuguesa de Morais e Silva. JHN/ Kátia Selgman.	ART_STR_2013	O dictionnaire suisse romande e a Lexicografia diferencial.

ART_OLIV+WEIN_2013	Densidade de informação, complexidade fonológica e suas implicações para a organização de glossários de termos técnicos da língua de sinais brasileira. Janine Soares de Oliveira e Markus Johannes Weininger .	ART_TOR_1997	A aquisição de vocabulário e o uso do dicionário. João Manuel Nunes Torrão.
ART_ORL_2000	Lexicografia discursiva. Eni Orlandi.	ART_TUL+ZAM_2011	Olhares: dicionário escolar ou dicionário de uso escolar? Cláudia Maris Tullio/ Márcia Zamariano.
ART_PAR_2006	Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngües- Francês-Português/Português-Francês. Maria Cristina Parreira da Silva.	ART_VARG+DUR_2010	A fraseologia em um dicionário bilíngue pedagógico. Mariana Daré Vargas/ Adja Balbino de Barbieri Durão.
ART_PAR_2007	Para uma tipologia geral de obras lexicográficas.	ART_VAZ_2010	O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas. Ignácio Vazques.
ART_PAR+HOF+TOSQ_2004	O dicionário como material didático na aula de língua estrangeira. Parreira et al.	ART_WELK_2005	A valência verbal em três dicionários brasileiros. Herbert Andreas Welker.
ART_PAR+MAT_2010	Lexicografia e o ensino de expressões idiomáticas da Língua Portuguesa. Parreira e Gislaíne Rodrigues Matias.	ART_WELK_2006a	Breve história da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros.
ART_PAR+MAT_2012	Breve análise discursiva em três dicionários de fraseologia	ART_WELK_2006b	Pesquisando o uso de dicionários.
ART_PER_1984	A prefixação neológica no vocabulário da propaganda contemporânea. Rony Farto Pereira.	ART_WELK_2007	Sobre Lexicografia e Tradução.
ART_PON_1999	Dicionário bilíngue Português/Francês dos termos da Linguística Aplicada. Antonio Luciano Pontes.	ART_WELK_2008a	Sobre o uso de dicionários.
ART_PON_2010*	Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros.	ART_WELK_2008b	Pesquisa sobre o uso de dicionários para aprendizes.
ART_PONT_2010b	A multimodalidade em dicionários escolares.	ART_XAT_2001	Os dicionários bilíngües e os problemas de tradução. Cláudia Maria Xatara.
ART_PRET_2000	Dicionários de gíria. Dino Pretti.	ART_XAT_2006	A interdisciplinaridade na Lexicologia e na Lexicografia.
ART_QUART_2008	A produtividade do dicionário de Língua Portuguesa para o ensino do léxico: uma proposta além do livro didático. Fernanda Quartieri dos Santos.	ART_XAT_2007	Projetos em Lexicografia bilíngue.
ART_RAM_2010	Uma visão lexicográfica sobre o dicionário multilíngue. Victor Hugo Barbosa Ramalho.	ART_XAT_2010	Dicionário do GP de Lexicologia e Lexicografia Contrastiva.
ART_REB-AND_2003	Os corpora linguísticos: uma nova forma de fazer Lexicografia. Ana Rebello de Andrade	ART_XAT+RIOS_2005	A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. Xatara/Tatiana Helena de Carvalho Rios.
ART_ROCH_2011	As expressões idiomáticas da Língua Portuguesa em dicionários monolíngües. Camila Corrêa Rocha.	ART_XAT+DUR_2008	A metalexigrafia pedagógica.
ART_RONC_2004	Crítérios para a organização de dicionários fraseológicos. Eliane Roncolato.	ART_XIM+LIM+FA R_2008	Lexicografia histórica do projeto de termos dos autos de Querella. Expedito Eloísio Ximenes/ Samuel Carvalho Lima/ Emília Peixoto Farias.
ART_ROS_2006	Palavras polissêmicas entre evento e informação e seu tratamento nos dicionários Aurélio e Houaiss. Albertina Rossi.	ART_YID_2010	A interface de dicionários regionais e estudos geolinguísticos: o verbete. Vanessa Yida.
ART_ROSA_2011	Léxico e semântica: a força e a graça na simplicidade.	ART_ZUC_2010	Dicionário monolíngüe no ensino de língua estrangeira. Angela Maria Tenório Zucchi

ART_SAB_1999	A variação ortográfica nos dicionários. Alice Maria T. Saboia.	ART_ZUC_2012	Implicações e considerações em pesquisas sobre uso de dicionários e a eficácia deste uso.
ART_SAB_2000	O processo de globalização dos dicionários e a ruptura dos padrões ortográficos da Língua Portuguesa.	RESU_BID_2003	Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa. Maria Teresa Camargo Biderman.
ART_SAB_2004	O tratamento dado aos falsos cognatos e cognatos enganosos nos dicionários bilíngües: subsídios teóricos e práticos. Marilei Amadeu Sabino.	RESU_AZ_2007	Apresentação das bases do dicionário relacional (Português-Francês) – DIRE. Adriana Zavaglia.
ART_SAB_2006*	Falsos cognatos, falsos amigos, cognatos enganadores ou enganosos? Discussões teóricas que visam à montagem de um dicionário bilíngüe.	RESU_BRAN_2011	Proposta para o tratamento lexicográfico de vocábulos de cores: estabelecendo interfaces entre Lexicografia e Semântica cognitiva. Larissa Moreira Brangel.
ART_SAB_2006b	Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática.	RES_BORB+MED_2003	Uma importante introdução à lexicografia (e à Lexicologia). Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros.
ART_SAB+SANT_2002	A norma Linguística: abonações no dicionário Aurélio. Alice Maria T. de Saboia/ Maria Aparecida dos Santos.	RES_WELK+MAT_2004	Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia.
ART_SANR_2000	Problemas de Lexicografia: para um novo dicionário Espanhol-Português. Alvaro Iriarte Sanromán.	RES_CAM_2008	O registro de brasileirismos na Lexicografia do Brasil do século XX. Fabrina Cristina Possamai Camilotti.
ART_SANR_2003	A informação sobre categoria gramatical nos dicionários bilíngües.	RES_HENR_2010	Um guia para a Lexicografia prática. Claudio Cezar Henriques.
ART_SANT_2011	Os termos técnico científicos nos dicionários escolares. Renise Cristina Santos.	RES_CARV+BAGN+RAJ_2011	Dicionários escolares: políticas, formas & usos. Kanavillil Rajagopalan.
ART_SANT-QUART_200	A produtividade do dicionário de língua portuguesa para o ensino do léxico: uma proposta além do livro didático. Fernanda Quartieri dos Santos.	RES_SILV_2013	Uma leitura dos prefácios das obras dicionarísticas da língua de sianais do Brasil. Nilce Maria da Silvan.
ART_SANTI_2012	Análises contrastivas de microestruturas em dicionários escolares. Marcio Sales Santiago.	REL_CZ_2004	Elaboração de uma Base Léxico-Ontológica Computacional (Português) do Subdomínioda Ecologia – Bloc-Eco. Claudia Zavaglia.
ART_SANTI+PON_2009	Crenças e metodologias do ensino de línguas. Santiago e Pontes.	REL_CZ_2010	Dicionários Infantis: uma análise de suas microestruturas.
ART_SEL_2010	Colocações, transferência Linguística e elaboração de dicionários bilíngües escolares (Inglês-Português/ Português-Inglês). Isabel Cristina Tedesco Selistre.	DIS_HOF_2000	Da análise crítica de definições de nomes concretos em dicionários para uma proposta de definição padrão. Camila Hoffling.
ART_SER_2010	A produção lexical nos domínios de especialidade dos plantadores de mandioca. Luis Henrique Serra.	DIS_FRO_2002	Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores. Guilherme Fromm.
ART_SEV_2008	Análise de padrões em definições lexicográficas de vocábulos que designam cores: contribuições da semântica cognitiva. Cristine Henderson Severo.	DIS_GIM_2005	Um estudo comparativo entre dicionários bilíngües Espanhol – Português. Sabrina Lafuente Gimenez.
ART_DIAS-SILV+FEL_2006	Dos olhares sobre o léxico: diferenças e semelhanças. Aríani di Felippo e Bento Carlos Dias da Silva	DIS_PRAD_2006	Uma análise das inserções dos empréstimos linguísticos da área da informática no dicionário Aurélio XXI. Daniela de Faria

ART_SILVES_2008	Bluteau e as origens da Lexicografia Moderna. João Paulo Selistre.	DIS_HEINR_2007	Prado. Dicionário e ensino de língua materna: obras lexicográficas diferenciadas para necessidades distintas. Luciana Trombini Heinrich.
DIS_REIS_2008	Uma comparação do tratamento de expressões idiomáticas em quatro dicionários bilíngües Francês / Português e Português / Francês. Simone Rosa Nunes Reis.	DIS_FERN_2012	Análise da adaptação de um dicionário bilíngüe francês-português europeu para a variante brasileira. Helena Yuriko Sakano Fernandes.
DIS_DAN_2009	Estudo da rede de remissivas em dicionários escolares. Halysson Oliveira Dantas.	TES_FIN_2001	Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Maria José Bocorny Finatto.
DIS_OLIV_2010	Confluência entre dicionário analógico e Tesouro documentário como modelo de dicionário analógico. Michelle Machado de Oliveira.	TES_CZ_2002	Análise da homonímia no Português. Claudia Zavaglia.
DIS_CAM_2011	Inclusão e tratamento de termos técnico-científicos em dicionários escolares: um estudo crítico. Fabrina Cristina Possamai Camilotti.	DIS_LOG_2004	Estratégias tradutórias em tratados franco-brasileiros: terminologia jurídica em foco. Sandra Dias Loguercio.
TES_DAM_2005	Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar. Cristina Pimentel Damim.	LIV_BORB_2003	Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia.
TES_LEI_2006	Anglicismos no Português do Brasil: um estudo lexicográfico Aurélio – Houaiss. Isabela Custódio Leitão.	LIV_WELK_2004	Dicionários: uma introdução à Lexicografia.
287) TES_LEON_2007	Contribuições para a organização de um glossário nominal da poesia de Manuel Bandeira. Luci Mary Melo Leon.	LIV_RANG+BAGN_2006	Dicionários em sala de aula.
TES_SILV_2008	Das ciências do léxico ao léxico das ciências: uma proposta de dicionário Português-Espanhol de Economia Monetária. Odair Luiz da Silva.	LIV_XAT+BEV+HUMB_2008	Lexicografia Pedagógica.
TES_JUN_2009	Princípios teóricos e metodológicos para a elaboração de um dicionário bilíngüe de verbos Português- Alemão. João Moraes Pinto Junior.	LIV_CARV+BAGN_2011	Dicionários escolares: políticas, formas e usos.
TES_CUN_2010	Proposta de um trabalho lexicográfico para as notas de rodapé da obra adaptada <i>I promessi sposi</i> de Alessandro Manzoni. Karine Marielly Rocha da Cunha	LIV_XAT+BEV+HUMB_2011	Dicionários na teoria e na prática: como e para que são feitos.
TES_ZAC_2011	Dicionário bilíngüe pedagógico Português/Inglês:Um novo parâmetro para a elaboração de Informações gramaticais. Regiani Aparecida Santos Zacarias.	LIV_KRIE_2012	Dicionários: guia de estudos e exercícios.
TES_SEL_2012	Desenho de um dicionário passivo Inglês/Português para estudantes do Ensino Médio. Isabel Cristina Tedesco Selistre.	LIV_SANR_2001	A unidade lexicográfica - Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, _____/_____/_____

Assinatura